

Luiz Sérgio

NA HORA DO
ADEUS

Irene Pacheco Machado



Neste livro, Luiz Sérgio demonstra sua profunda preocupação com os encarnados no momento sempre inesperado, apesar de se constituir na única certeza de todos nós: a chamada “morte”.

Aos leitores dos seus livros não causará espécie o cuidado desse Espírito amigo com o bem-estar dos que vão e dos que ficam. Em todas as suas obras ele tenta nos ajudar, velando por nosso adiantamento.

Luiz Sérgio nos ensina, em *Na Hora do Adeus*, a não temermos o desencarne. Uma revelação inédita para nós é a de que espíritos treinados para o socorro de recém-desencarnados imediatamente se apresentam, acompanhando-os desde o processo do desprendimento até a sua total libertação do plano físico. E essa assistência se estende a todos nós, evoluídos ou não, do mais virtuoso ao mais imperfeito, mostrando que realmente ninguém está sozinho.

Só depende de nós aceitar ou não o auxílio, porque o livre-arbítrio é respeitado pela espiritualidade.

Luiz Sérgio

NA HORA DO ADEUS

Psicografia: Irene Pacheco Machado

2ª Edição • 1997

Todos os direitos de publicação e reprodução desta obra estão reservados ao REMA — Grupo Espírita Recanto de Maria

Você recebeu essa obra gratuitamente, seria uma retribuição fraterna se fizesse uma doação no valor do livro para qualquer obra assistencial de sua escolha, ou alimentos, roupas, medicamentos a alguma pessoa carente de seu conhecimento.

OBS.: a numeração das páginas não corresponde ao original.

Capítulo I

MEU NOVO AMIGO, UM JARDINEIRO DE JESUS

No Departamento do Trabalho o movimento era intenso, um vaivém constante. Olhando aquele prédio majestoso, som, pensando na cara do materialista que, ao desencarnar, constata que os espíritas não são tão doidos quanto ele imaginava. Que surpresa, ao perceber que sua roupa de *griffe* está desintegrando-se junto ao corpo físico, por ambos pertencerem à terra! E depois, aqui não existe "pistolão" nem se fura fila. Chegamos e percorremos todos os departamentos a que temos direito.

Soraia, uma amiga espiritual, aproximando-se de mim, falou:

— Olá, Luiz, você aqui? Posso saber o porquê?

— Claro, minha linda, estou à procura de trabalho.

— Não me diga que foi despedido... Pensei que houvesse estabilidade na Universidade Maria de Nazaré! exclamou e sorriu.

— Desculpe, Soraia, estava brincando. Encontro-me em trabalho; estou iniciando um estudo sobre a hora do adeus; como devem proceder aqueles que ficam no plano físico.

— Interessante este assunto. Sempre achei também que os encarnados precisassem saber como agir nesse momento tão cheio de tristeza.

— E você, irmã, por que gosta de trabalhar aqui?

— Pertença ao grupo de trabalho Hortênsias Lilases, mas sempre que posso aqui venho ajudar. Este é um dos locais que

mais movimento têm. Mas no que pode este departamento lhe ser útil?

— É verdade, talvez até nada encontre aqui, mas é de muito proveito para o meu crescimento espiritual constatar que na hora de procurai trabalho não fiquei chorando ao lado dos meus entes queridos. Lembro-me, ainda, Soraia, de quando aqui cheguei. Estava assustado, sem saber o que me esperava.

— É isso mesmo, Sérgio, comigo também foi assim. Descarnei com vinte e um anos, em acidente de automóvel. No momento em que meu corpo físico expulsou minha alma, a minha consciência resplandeceu de luz espiritual, tornei-me um espírito liberto e parti, sem olhar para trás. Para que olhar um cano retorcido junto a uma árvore, um corpo antes belo e bem tratado em estado quase semelhante àquele amontoado de ferro velho?

— Como você se libertou tão facilmente, sendo ainda jovem?

— Eu era filha única, de pais ricos, mas desde pequena sempre busquei Jesus e Ele era o meu maior amigo. Na faculdade, chamavam-me de beata, de fanática, mas eu sempre tentava ajudar os outros. O meu próximo é Jesus junto a mim. Por isso, Luiz Sérgio, minha consciência não era uma cadeia de culpas e de remorsos.

— Eu sempre a admirei pelo carinho com que trata os estropiados que aqui chegam, mas nunca imaginei que você, quando encarnada, já fosse uma semente de luz.

— Não brinque, Luiz! De luz, eu?

— Claro, irmã, poucas pessoas têm um despertar tão lindo. As amarras da carne são como filetes cortantes, que doem e deixam marcas. Depois, Soraia, hoje em dia é muito difícil uma moça bonita como você viver espiritualmente ainda no corpo físico.

— Desencarnei há trinta anos, Luiz. Naquele tempo as meninas brincavam de bonecas e os pais não eram escravos do modernismo. Hoje é que alguns jovens estão cada vez mais presos à matéria. Não querem pensar, para não terem de buscar as verdades espirituais, que julgam aprisioná-los, roubando-lhes os gozos da carne. Estou-lhe contando a minha vida, mas não é isso o que você deseja relatar no seu livro.

— Soraia, sua presença nas páginas de um livro é um perfume que todos desejam, nem que seja um pouquinho.

Ela sorriu e logo alguém a chamou.

— Até logo mais, Luiz, e, no que desejar, o departamento estará às suas ordens.

— Obrigado.

Ela se foi e eu saí brincando com as pedras pequeninas do meu caminho. Ainda olhei para aquele belo prédio, onde o pobre, o rico, o milionário, todos procuram trabalho. Ali se dá a igualdade dos seres. A paisagem, repleta de flores, alegrava ps pássaros. Lembrei-me de Francisco de Assis e os cumprimentei:

— Bom dia, irmãos pássaros, que Deus os proteja! Eu amo vocês, muito!

— Falando sozinho? Sabia que era maluco, mas não tanto. Procurei quem falara e não encontrei. Alguém se fizera invisível para mim¹ continuei procurando, quando alguém me jogou para o alto.

— Só podia ser você mesmo! Quando é que você vai criar juízo, Rayto?

— Quando não existir nem mais um Luiz Sérgio na face da Terra, respondeu, rindo gostosamente.

— Engraçadinho...

¹ N.E. — Consultar o item 257 de *O Livro dos Espíritos*, no parágrafo referente à vista dos espíritos.

— Deixemos de brincadeira, você tem ido à Crosta?

— Tenho participado de muitos trabalhos de socorro. E você, o que tem feito? Não está mais preocupado com o tóxico?

— Luiz, não sei o que vai acontecer mais. Se o governo brasileiro não tomar urgentes resoluções, o Brasil será o campeão mundial do tóxico. Seja não o é.

— E a espiritualidade, Rayto, o que está fazendo a respeito?

— Tomando medidas drásticas, mas ficamos penalizados em saber que o país escolhido para a pátria do evangelho deseja liberar a droga. Em uma terra de famintos, a preocupação maior deveria ser com a educação, a saúde e a justiça social. Mas quero saber o tema do seu novo livro.

— Sabe, Rayto, muitos me perguntam: *Luiz Sérgio, o que faço para esquecer o meu marido que desencarnou? Dou a roupa dele? Choro ou não choro? Vou ou não vou ao cemitério? Arrumo o túmulo ou não? Corro atrás de mensagem ou o deixo viver em paz?* São tantas as perguntas, que resolvi escrever um livro, não com o intuito de ensinar, mas de ajudar os meus amigos, aqueles que não sabem o que fazer na hora do adeus.

— No meu entender, o fato mais desagradável é o encontro social no cemitério. Ao desencarnar o João ou o José, pessoas que há anos não se encontravam ficam a conversar, rindo ou relembrando os momentos finais do desencarnado.

— É sobre isso, Rayto, que desejo escrever. Vim até aqui, primeiro para recordar meus primeiros passos no mundo espiritual e também para falar com o Palário, com você e com outros que sempre me ajudaram.

Ele, sorrindo, esclareceu:

— Por mim, pode escrever um, dois ou mil livros. Estarei ao seu lado eternamente, orando pelo seu crescimento espiritual.

— Obrigado, Rayto, não é só consentimento, vou precisar de ajuda, estarei rondando as capelas e os cemitérios.

Rindo, gracejou:

— Você nunca me enganou, tem cara de vampiro mesmo!

— Não brinque, Rayto, você sabe que não vai ser fácil e depois, quero que o livro seja útil a todos.

— Luiz, na sala mil e novecentos você encontrará alguém que o ajudará. E o Rayto aqui, basta você estalar os dedos que, como servo do Cristo, o atenderei de imediato e que Deus, o Criador da vida, seja eterno em seu trabalho. Um abraço.

Depois saiu, rapidamente, saltitante. Olhei-o até desaparecer nas alamedas floridas daquela praça.

Em seguida, procurei a sala indicada pelo Rayto. Recebido por Constância, fui logo levado até Luppe, que me cumprimentou sorrindo:

— Seja bem-vindo, Luiz Sérgio, fico contente em saber que o irmão deseja ajudar os encarnados, quando eles passam por horas amargas. Mas lhe pergunto: será que o seu livro terá condição de mudar um comportamento de longos anos? O brasileiro há muito transforma a hora do adeus em momentos de desespero ou de bate-papos, rindo alto, não se importando com o corpo que ali jaz exposto para o último adeus.

— Por isso, irmã Luppe, espero que o meu livro sirva para auxiliar o desencarnado, que às vezes se debate junto ao corpo físico, pedindo socorro, e ninguém faz uma prece para ajudá-lo, simplesmente por julgar que alija não se encontra.

— Mas poucos serão aqueles que o lerão.

— Não me importo. Se ele conseguir ajudar uma só família ou um só irmão que volta para a verdadeira pátria, já me sentirei muito feliz.

Ela me deu "aquele" sorriso e depois falou:

— Você, irmão, terá a nossa permissão para mais esse trabalho, mas gostaria que alguém bastante experiente o acompanhasse. Ele executa há anos essa tarefa, e somente agora participará de um livro.

Nisso, um espírito com aparência idosa apareceu na sala.

— Que a paz de Deus esteja entre nós. Bom-dia.

— Luiz, este é Enrico, que irá acompanhá-lo. É um devotado trabalhador do Senhor.

— Como vai, Luiz Sérgio?

— Ô, amigo, como me sinto feliz em tê-lo ao meu lado! Que vontade de gritar seu nome para todo o Universo, tão alegre me encontro!

— O grito, quando chega à garganta, já se fez ouvido pelo coração. Sinto-me feliz por mais uma tarefa — falou, timidamente.

Enrico é um senhor dos seus setenta e cinco anos, e trabalhou na Crosta durante vinte anos como jardineiro. Seu olhar é cândido e amigo.

— Desejo aos três a paz do Senhor, e que tudo se transforme para a glória de Deus.

— Três? Olhei, procurando o terceiro. Enrico sorriu:

— O irmão não irá vê-lo. Ele estará ao nosso lado, mas nós não teremos condição nem de divisá-lo.

Fiquei intrigado, mas nada perguntei. Luppe ainda acrescentou:

— Trate do seu trabalho, Enrico, como bom jardineiro que é, e quando a terra desejar aprisionar a semente, faça com que ela busque a luz do Alto, só assim se libertará. O que é da terra à terra pertence. O que é luz resplandece no Universo. Que Deus os guie.

— A quem agradeço, irmã Luppe. À irmã, ao Rayto, a quem?

— A Deus, que confia em você.

Despedimo-nos e dali saímos. Tinha vontade de abraçar e beijar Enrico, tal a sua meiguice; mais parecia um "anjo" do Senhor.

— Luiz, quero que saiba que tenho uma aparência idosa mas meu coração é de um bebê, que a cada dia espera crescer espiritualmente. Busco no meu próximo o meu Deus e faço do meu dia uma conquista para o meu espírito.

Enlacei seu ombro e percorremos aqueles jardins lindíssimos, onde os pássaros cantam, transmitindo-nos muita paz.

Capítulo II

CRIANÇAS, NÃO CRESÇAM DEPRESSA

Assim que chegamos ao plano físico, Enrico comunicou-me:

— Luiz, vamos primeiro visitar uma Casa Espírita.

— Claro, companheiro, precisamos contar com a ajuda de outros irmãos.

Lá fomos nós ao encontro de Rafaela, a encarregada da disciplina que, sorrindo, recebeu-nos, colocando a sua Casa ao nosso dispor. Enrico, que a conhecia, também sorriu. Ele é possuidor do mais terno olhar que já vi. Rafaela dissertou sobre os últimos acontecimentos, sobre como estavam desencarnando irmãos por imprudência: através da droga, do álcool e da velocidade.

— Mas esses três fatos estão entrelaçados. Geralmente, a droga e o álcool provocam o desequilíbrio do motorista — falei.

Ficamos muito tristes quando ela nos levou até a enfermaria da Casa Espírita, onde alguns suicidas estavam sendo

socorridos. Muitos eram jovens, ou melhor, crianças. Olhando uma garota de seus onze anos, indaguei:

— Por que se suicidou?

— Julgava-se grávida.

— Mas com essa idade já havia iniciado vida sexual?

— Sim, mesmo ainda não havendo penetração ela brincava com o sexo. Os seus parceiros, também crianças, sem responsabilidade, julgavam-se os tais e quando o remorso lhe colheu a alma ela criou uma gravidez imaginária, apavorou-se e o único meio que encontrou foi o suicídio.

— Ela não estava grávida?

— Não, nem havia menstruado ainda.

— Coitadinha, como pôde acontecer isso? indaguei.

— Falta de orientação familiar, de disciplina de vida. Hoje os pais demonstram pressa em ver os filhos ficarem adultos e não percebem que as crianças e os jovens só têm a mente direcionada para o sexo e para os ditos prazeres da vida.

Enrico, pensativo, ouvia Rafaela, que também nos disse da sua luta para trazer ao Centro os filhos dos espíritas que dele se distanciam cada vez mais. E por quê? Simplesmente porque o mundo lá fora corre a mil por hora e nessa correria eles também vão caindo e se levantando. Nas Casas Espíritas têm de buscar o seu interior, porque a Doutrina ensina a razão da vida.

— Eu sempre me pergunto, irmã: *o que podemos fazer para trazer a criança e o jovem à Casa Espírita, ou melhor, ao Evangelho?*

— Estamos tentando criar um estudo mais dinâmico. Não podemos nos esquecer de que hoje a vida moderna dá à criança e ao jovem muitas informações que ontem nós nem ousávamos pedir. Estamos na era da informática. O computador está ficando tão popular, que poucas casas não o

possuirão. As crianças e os jovens são as maiores vítimas do consumismo. Estão vivendo numa época onde vários chamados lhes chegam, por isso o chamado espírita tem de ser mais forte e atual.

— Atual, Rafaela? Então temos de negligenciar a origem da Doutrina?

— Nunca. Para embelezar uma casa não podemos desprezar o alicerce. As obras básicas são o alicerce da nossa Doutrina. Elas são o farol, o céu, a verdade, enfim, sem elas jamais teríamos condição de trazer os jovens para a nossa Casa. O que precisamos, nós, os orientadores, é corresponder às necessidades atuais da juventude. Os dirigentes devem fugir da ingenuidade, atualizando-se com pesquisas de alto nível. Só assim o jovem e a criança não irão debandar da Casa Espírita. Hoje convivem com uma sociedade materialista; do lado de fora vivem cercados de convites que os levam a julgar que isso é aproveitar a vida. Para que o jovem e a criança tomem gosto pelos estudos espirituais, os espíritas necessitam atualizar-se para responder-lhes com precisão.

Enrico argumentou;

— Também penso que as Mocidades precisam ser dirigidas por jovens espíritas capacitados e não por jovens inexperientes. Hoje uma criança de tenra idade convive com jogos eletrônicos e até estuda computação. Negligenciar o jovem e a criança é grande erro. Eles precisam muito da Doutrina e por que não toda a diretoria de uma Casa Espírita se proclamar em prol de sua Mocidade, abordando temas atuais e fazendo-os adentrar os estudos espirituais das obras básicas, enfim, toda a literatura respeitável da Doutrina? Ficando apenas nas palestras para jovens e crianças, perderemos para os vídeos, os jogos eletrônicos e os computadores. Insistimos: se toda a diretoria se unir em prol

da juventude, a Casa sentirá a diferença, porque estará, toda ela, enfeitada de flores, que são as crianças e os jovens.

— Irmã Rafaela, a coisa está feia, as crianças de doze anos estão voltando para casa de madrugada, e o pior é que os pais julgam isso certo.

— Tem razão, irmão. O Centro Espírita dá a evangelização, mas a família tem de apresentar Jesus nas suas atitudes.

Enrico, sempre sorrindo, aduziu:

— Conversar sobre a infância e a juventude é como contemplar um jardim. Porém, para embelezá-lo, o jardineiro tem por dever usar o adubo, a terra e as ferramentas. Só a boa vontade não basta para que o jardim floresça. O jardineiro tem de livrá-lo das ervas daninhas e procurar o melhor método de fazê-lo florir. Mas agora devemos iniciar o trabalho. Espera-nos um irmão que desencarnou com *overdose*, ainda muito jovem, dezessete anos.

— Que Deus os acompanhe, estaremos aqui orando por todos.

Cumprimentamos Rafaela e dali saímos.

Capítulo III

A SOLIDÃO DE UM RECÉM-DESENCARNADO

Antes de chegarmos à "estação da morte", já ouvíamos os gritos da mãe, dos avós, dos tios, dos amigos. Todos estavam desesperados. Rogério, naquela madrugada, havia-se excedido com um coquetel de tóxicos. Fizera a mais estranha mistura e rindo, muito alegre, julgara que o jovem corpo tivesse condição de tudo agüentar, não sabendo que a indumentária física é santuário do espírito. Desde que esta não é respeitada,

inicia-se a sua decadência. Fomos chegando, devagar. Olhei aquele adolescente que na mesa da capela era um personagem solitário, por estar só com a sua consciência, pois esta, atribulada, não lhe dava sossego. Enrico saiu para buscar um dos encarregados da prece, tentando fazer alguém orar. O irmão nos relatou que já se encontrava cansado de tentar intuir alguém à prece, mas ninguém captava os seus pensamentos. Enquanto isso, o espírito do nosso amigo se debatia, num estado desesperador.

O suicídio por *overdose* é terrível e, ali, diante de muitas pessoas, um espírito sofria por demais, solitariamente. A mãe, sob altas doses de medicamentos, encontrava-se adormecida; o pai não acreditava que seu único filho tinha deixado de existir. Os familiares gritavam, não suportando a dor. Enquanto isso, várias pessoas, que compareceram apenas para cumprir uma obrigação social, sorriam e com voz baixa, para a família não ouvir, contavam a vida de Rogério: "eu sabia que esse menino iria ter esse fim. Drogava-se, bebia desde os doze anos, e os pais só lhe faziam o gosto. Ele mandava e desmandava em todos, era o filhinho do papai, dos avós, dos tios". Assim, ouvindo os comentários maledicentes sobre aquela família que agora sofria, pudemos constatar que poucos vão a um cemitério por amor e respeito ao desencamante. A obrigação social é que leva a fatos como este. O certo era que todos fossem contagiados pela dor da família. Pena que isso não aconteça, porque ouvimos até o comentário mais banal: *olhe só o vestido da fulana, será que ela pensou que isto fosse um baile?* A outra: *baile à fantasia?* Outro dizia: *não acha que o pai está chorando pouco? Sabe quem é aquele senhor? Sei, o político tal.*

Enrico passeava entre as pessoas, buscando despertar um coração piedoso, mas, pelo que vimos, aquela família rica e

poderosa tinha poucos amigos verdadeiros, porque muitos dos que ali se encontravam não podiam ser chamados de amigos. Aproximamo-nos da família enlutada, mas todos eles estavam quase dopados. Haviam tomado comprimidos e não estavam em condição de doar fluidos de amor para o desencarnado. Um grupo espiritual de oração, que trabalha nos cemitérios, tentava ajudar Rogério, mas até pessoas fazendo negócios havia. Era uma boa ocasião, porque antigos amigos ali se reencontravam.

Observei as imensas coroas de flores, as velas que queimavam, o caixão luxuoso, e pensei: *de que vale tudo isso, se o Senhor não está presente no coração das criaturas!* Mas, mesmo assim, esforçávamo-nos para auxiliar Rogério. Voltei a fitá-lo: o jovem de ontem, rico, com roupas caras, carro importado, enfim, dono do conforto, ali jazia, lutando para compreender a "morte". E isso é fato real na vida de todos os encarnados. Rogério sofria, era um suicida inconsciente, mas, por mercê de Deus, aqueles que os "vivos" julgam mortos lá estavam para ajudá-lo. Mas ele queria muito ser socorrido, ansiava pela luz do esclarecimento para que pudesse voar, e voar para bem longe dali. Nisso, entrou o sacerdote da religião daquela família. Oramos juntos. Uma brisa beijou os cabelos de Rogério e ele pareceu ter encontrado um pouco de paz. Abracei Enrico e chorei muito, penalizado pela situação de Rogério.

Mesmo aqueles que conduziam o corpo de Rogério longe se encontravam da hora do adeus. Um falava mal do jovem; outro, da riqueza da família; outro ainda, da beleza e da elegância da mãe. Mas ele, o espírito, parecia-me estar tentando salvar-se entre as bravias ondas da "morte". No cemitério, na alameda dos chamados "mortos", a brisa soprava baixinho, as campas estavam floridas, os pássaros cantavam,

enfim, era um lugar bonito, mas imantado de dor e de saudade. Muitos túmulos floridos escondiam corpos, cujos espíritos ainda se debatiam junto a eles.

— Por que, Enrico, existe tanta vaidade e tanto orgulho no coração dos homens, mesmo sabendo que um dia terão de devolver à terra o que a ela pertence? Não seria mais fácil viverem com o Cristo?

— Luiz, a Terra atingiu hoje um nível tal de tecnologia que o conforto inebriou os encarnados e estes, escravos dele, esquecem de buscar as coisas do espírito.

— Enrico, os templos religiosos estão aí, esperando por todos, e por que eles relutam em curar suas almas?

— O erro inicia-se no lar, onde os pais procuram dar conforto para os filhos, mas poucos lhes apresentam o Cristo. As maiores vítimas são os jovens: no trânsito, nos vícios, na luxúria, são eles que se matam dizendo estar aproveitando a vida.

— E Rogério, o que será dele?

— Será atendido, mas só ficará no hospital se assim o desejar. Sabemos que muitos, mesmo depois de assistidos, fogem em busca dos antigos companheiros encarnados e desencarnados. Do tóxico, não é fácil livrar-se. O homem deve lutar para que ele não lhe mate a dignidade.

— Enrico, o que me diz da liberação das drogas leves?

— É o mesmo que liberar a eutanásia e o assassinato, só muda a anua. O dano causado ao espírito é o mesmo, seja da DP² ou da dita droga leve. Há pessoas que consomem heroína, cocaína e vivem por longos anos e outras na primeira dose já desencarnam. Cada organismo reage de uma forma, mas quem tem autoridade para dizer que as drogas ditas livres, tais como

² N.E.—Droga Pesada.

o álcool, o cigarro, não causam danos? Acho que isso é conversa de traficante ou de dependente. É de se lastimar que em um país de famintos uma autoridade se preocupe tanto em liberar a maconha, com tanta coisa importante para fazer em benefício da sociedade.

Ali ficamos no jardim do adeus.

Capítulo IV

MÃE E FILHO SE DEFRONTAM

De repente, ouvi alguém me chamando. Era Salustiana:

— Luiz Sérgio, como é bom encontrar você! Não me conhece mais? Quando encarnada eu não o deixava em paz, apelava para você todas as vezes que meu filho Alfredo, completamente drogado, me agredia e aos seus irmãos, chegando até a me morder. Para acalmá-lo eu o chamava e aos Raiozinhos de Sol.

— E ele, Salustiana, já concordou em ser tratado?

— Não, Luiz, por isso aqui me encontro. Em uma das suas crises ele me agrediu tanto que vim a desencarnar. Fui socorrida, mas como posso ficar no paraíso quando meu filho vive nos umbrais da vida? Por mais que me esforçasse ele estava cada vez pior. Agora parece que tudo vai serenar, esta noite ele desencarnou, vítima da AIDS.

— Quantos anos ele tem?

— Vinte e dois, mas parece ter cinqüenta, tão maltratado foi pela vida — respondeu, com os olhos rasos de lágrimas.

— Pois vocês vão para os quintos dos infernos, abraçados com ele!

— Perdoa, Senhor, perdoa meu filho!

Olhei para aquele trapo de mulher e enlacei seu ombro com carinho, pensando: *não deve existir dor pior do que a que sofre um coração de mãe ou de pai quando um filho vive agredindo a sociedade*. Alfredo gritava, xingando-nos, mas Salustiana ia ser socorrida para ter condições de auxiliar o filho.

— Amigos, ele será ajudado?

— Sim, respondeu Enrico. Um filho de Deus não sofre eternamente, todos têm o seu dia de glória.

— Deus meu, ajuda-me a conseguir força para poder ajudar o meu filho querido, que se perdeu nas estradas dos vícios. Ajuda-me, Senhor, para que eu possa segurar as mãos do meu filho e, juntos, chegarmos a Ti. Sei, Senhor, que falhei como mãe, mas mesmo assim fui feliz, porque me confiaste um dos Teus filhos, que prometo amar eternamente.

— Todas as mães precisam de oração, porque elas moldam o caráter dos filhos. E estes precisam tanto delas!... enfatizou Enrico.

Levamos nossa amiga para o pronto-socorro da Estação do Adeus. Ao ali deixá-la seu olhar de súplica me fez estremecer; aquele olhar de mãe sofrida nos implorava que voltássemos para socorrer Alfredo. Enrico tranqüilizou-a:

— Pediremos aos Raiozinhos de Sol que ajudem seu filho, nossa tarefa hoje é outra, não temos meios para socorrê-lo. Mas Jesus está sempre presente ao lado dos que sofrem.

Ela baixou a cabeça e nos acenou:

— Até outra vez e muito obrigada.

Tive vontade de chorar, mas Enrico, o italiano de Cristo, era tão firme nas decisões que me esforcei para não me desequilibrar.

Capítulo V

POR QUE NÃO ESPERAR?

Em seguida, fomos à casa de Rogério, aquele a quem havíamos auxiliado na capela. O pai queria guardar barco, computador, guitarra, enfim, tudo do filho e a mãe estava louca para desocupar o quarto, a fim de não sofrer mais. Pedimos licença e adentramos aquela casa onde ninguém orava. Medrosos, não pisavam em Casa Espírita, tinham pavor. Eles haviam feito a sua própria religião: ganhar dinheiro e gastá-lo. Agora, na hora da dor, debatiam-se sem rumo. E aí é que chegaram as "comadres". Uma aconselhava: *acho melhor vocês não chorarem, vai fazer mal a ele*. Outra recomendava: *pega tudo o que é dele, dá para os pobres, pois isso vai ajudá-lo*. Outra dizia: *acho melhor deixar o quarto como está, para ele dormir quando tiver vontade*.

Os pais, que até aquele momento julgavam que o dinheiro era tudo na vida, defrontaram-se com ela, a imbatível "morte", e por algumas horas julgaram-se muito pequenos. Ali ficamos orando por Rogério, pedindo a Deus que ele se recuperasse logo e buscasse os locais de aprendizado. Nem bem terminamos de orar, o aspirador de pó já limpava o quarto que ele ocupara e a mãe separava tudo o que podia ser vendido, querendo afastar a saudade. Julgava destruir as lembranças, não sabendo que quando se ama verdadeiramente a saudade é lembrança que o coração gosta de reavivar. O quarto ficou limpo para os pais de Rogério; nada que lembrasse o filho ficou à vista. Perguntei a Enrico:

— É certo estar ainda o corpo intacto na cova e os familiares já mexerem nos documentos e pertences daquele que partiu?

— Luiz, acho falta de respeito, ninguém vira santo de um dia para outro e o espírito, quando deixa o corpo físico, busca, junto a ele, os apegos, as lembranças, as saudades. Não é justo o que fazem muitas pessoas: julgando ajudar, iniciam o inventário do "morto"; dão o chinelo para o fulano, o cobertor que ele tanto gostava para outro; enfim, vão-se desfazendo de tudo o que era dele. Alguém já parou para pensar o que se passa na cabeça e no coração do recém-desencarnado? Não basta a separação do corpo físico e ainda a família o deserda?

— Então deve a família guardar tudo o que foi do desencarnado?

— Não, Luiz, não é guardar, mas conservá-los por uns seis meses, para depois começar a distribuí-los. Devemos lembrar que poucos desencarnados, ao deixarem o corpo físico, sentem-se felizes e libertos. A grande maioria desencarna mal e leva para o mundo espiritual as lembranças e as saudades das suas coisas. Por que não dar um tempo para distribuir os seus pertences? Com esse gesto repentino de caridade, a família não salvará aquele que partiu, ao contrário, irá fazê-lo sofrer. Vemos viúvas desesperadas no cemitério, mas na mesma noite do enterro reviram os pertences do marido em busca de documentos com receio de não receberem a pensão. Abrem gavetas, mexem em pastas, sem qualquer respeito, só em busca do seguro, da poupança, enfim, mais preocupadas em não ficar na miséria.

— Mas em nosso país, se a família não abrir os olhos, a viúva fica até sem receber a pensão do marido!...

— Não creio que no Brasil a família não possa esperar alguns dias para buscar os seus direitos. Tem de ser logo após o enterro? Acho que não. Isso, Luiz, é muito triste. O desencarnado, doente no mundo espiritual, necessitado de conforto, tamanha a saudade no seu coração, continua com seu

perispírito muito ligado àqueles que conviveram com ele durante anos. O que não é justo é o desrespeito àquele que mudou de plano. Portanto, não é certo o que muitos vêm fazendo.

— Irmão,-mas em muitas Casas Espíritas existem orientadores que mandam a família doar tudo, para a melhoria espiritual do Desencarnado.

— Seria muito fácil se a família encarnada, quando tivesse um filho no erro, fosse aconselhada a doar tudo dele para receber a graça de vê-lo regenerado. Não, Luiz, não é assim. Para ajudar alguém que partiu, temos de buscar os abandonados da sociedade — os chamados pobres — e começar a nos preocupar com eles. É uma transformação lenta. Não é a doação de objetos que foram deixados que vai tomar caridosa a alma de quem fica. Os que assim pensam já demonstram falta de amor ao próximo. Muitas vezes esse doar prematuro traduz o desejo da família em mudar a decoração. Já vimos viúvas se desfazendo de tudo, desde as gravatas até as coleções do marido, consideradas como rivais. Esta irmã o estava ajudando? Claro que não. Estava, sim, levando-o ao desespero.

— Complicado, irmão. Muito complicado.

— Não, Luiz, complicada é a alma humana, porque tem apego às coisas da matéria.

Fez uma pausa e depois acrescentou:

— Vamos à casa de Anita e Laerte, eles se encontram desesperados.

Capítulo VI

CHORE, MAS NÃO APRISIONE

Durante o caminho, Enrico relatou o que aconteceu com Anita e Laerte:

— Lutaram para ter um filho; Anita fez vários tratamentos e quando engravidou foi uma vitória, esperando a filha com amor e deslumbramento. A menina estudou nos melhores colégios, era a filha do coração, inteligente e brilhante como seu próprio nome: Clara. Entretanto, Clara veio a desencarnar quando estava com o noivo, em um desastre automobilístico. Ele corria, dando gostosas gargalhadas, e o carro, que não foi feito para voar por não possuir asas, partiu-se ao meio.

— E os pais? perguntei.

— Logo conheceremos o seu sofrimento.

Chegamos à bela casa onde a tragédia havia feito morada. Fotos de Clara enfeitavam desde a entrada até a cozinha. Encontramos Anita deitada, com um livro de orações na mão, estática, indiferente a tudo. Laerte não demorou a chegar. Beijou a esposa e ambos choraram. Depois, ele tentou consolá-la, mas ela nada aceitava. Sua revolta era tamanha que, para ela, Deus não existia, ou, se existia, era indiferente à dor de um filho Seu. Aproximei-me de Anita e orei em silêncio, pensando: *só a prece pode aplacar a dor da separação*. Aquele coração de mãe era uma ferida aberta pela saudade.

— Querida, vamos viajar para a Europa, você gosta tanto de obras de arte, sugeri o marido.

— A dor que sentimos está dentro de nós e não nos lugares onde vivemos.

— Mas esta casa está repleta de lembranças, o sorriso de Clara, os seus passos, tudo ainda soa em nossos ouvidos e, por

mais que esperemos, ela não surgirá como fazia antes. Longe daqui será mais fácil viver.

Anita, olhando para os lados, propôs:

— Laerte, vamos nos suicidar? Assim ficaremos juntos dela.

— Querida, não é fácil tirar a própria vida e depois, para mim, é um ato de covardia.

Anita começou a gritar, gritar, numa crise de desespero. Adentrou o recinto uma enfermeira, que lhe aplicou uma injeção. Laerte saiu, cabisbaixo; encontrava-se cansado. Nós o seguimos e logo estava na porta de um dos quartos. Bateu, perguntando:

— Posso entrar, Clarinha? Filhinha, responda logo, quero dar-lhe um beijo.

Como a filha não mais estava ali para responder, foi abrindo devagar a porta. O quarto estava exatamente como Clara o havia deixado. Ele se sentou em uma cadeira à frente da escrivaninha e chorou. Depois saiu, dirigindo-se à cozinha. E nós atrás dele.

— Geni, boa-noite!

— Boa-noite, doutor Laerte. Que Deus o abençoe, respondeu a velha serviçal.

— Geni, está na hora de levar a refeição a Clara, ela já está com fome.

— Sim, senhor.

Quando eleja ia saindo, Geni falou:

— Doutor Laerte, por que o senhor não busca no Espiritismo o consolo? Só ele pode explicar o que aconteceu a Clara.

— Por favor, Geni, não é a dor que vai me levar a um lugar de ignorantes e mentirosos.

— Olha, doutor, já vi muitos pais serem por ele consolados. Será que a seu consolo não está em uma casa de gente simples, mas não ignorante nem mentirosa?

— Geni, proíbo-lhe de falar de Espiritismo nesta casa. Espiritismo é coisa do demônio, e depois, só os ignorantes o procuram.

— Tá bem, doutor Laerte, desculpe-me, só queria ajudar. No Espiritismo eles iriam ensiná-lo que em vez do senhor dar comida para sua filha, que já desencarnou, seria melhor levar para quem está morrendo de fome. O senhor já viu quantos famintos perambulando pelas ruas da cidade?

— Geni, se você não parar de falar em Espiritismo, eu lhe dou as contas. Minha filha não morreu, ela está lá no quarto. Não demore, ela já deve estar com fome. Não se esqueça do suco nem da sobremesa. Coloque na bandeja uma rosa vermelha, símbolo do nosso amor.

— Sim, senhor, concordou Geni.

Quando Laerte saiu, ela comentou com Marli, a copeira:

— Estão ficando loucos e nem percebem, não sei como ajudá-los.

— Espere que saiam, chame os espíritos e faça uma sessão aqui na cozinha.

— Marli, a Doutrina Espírita que eu estudo não força ninguém a aceitá-la.

— Sabe, Geni, para mim tudo é igual, desde que mexa com os mortos.

Geni alisou os cabelos de Marli e falou:

— Minha querida, você nunca vai entender a minha religião, principalmente com as minhas pobres palavras. Se você desejar conhecê-la é só buscá-la nos livros doutrinários, eles são muito ricos em ensinamentos!

Marli respondeu, com desdém:

— Detesto ler, gosto mesmo é de livrinho de amor.

Geni nada mais disse, logo levaria para o quarto de Clara uma farta refeição.

— Enrico, como fica Clara na espiritualidade, diante de tudo isso?

— Vamos, Sérgio, até a Colônia onde ela se encontra. Mas antes façamos uma prece para Laerte e Anita:

Ainda que no caminho da vida o socorro e a alegria lhes faltem, busquem Jesus. Ainda que considerem findas as suas esperanças, busquem Jesus. Sabem que o desespero lhes banha as almas, mesmo assim busquem Jesus. Ainda que a porta deste lar esteja fechada para o socorro, que Ele, Jesus, com o Seu raio de luz e amor a todos desta casa proteja, hoje e sempre.

o O o

No hospital em que Clara ainda convalescia, procuramos nossa irmã Dorotéia, encarregada da ala onde Clara se recuperava. Dorotéia nos colocou a par do seu estado e contou da sua revolta por não querer aceitar o tratamento. Com a devida permissão, fomos em direção ao quarto de Clara. Quando entramos, vimos uma mulher belíssima, cabelos até a cintura, loiros e sedosos, os olhos verdes, lindos como uma esmeralda. Sorri-lhe:

— Como vai, Clara?

— Péssima. Estou louca para levantar-me desta cama, mas sinto náuseas; é como se alguém estivesse forçando-me a comer sem estar com fome, pois acabei de acordar. Quero chegar até a janela e ver o jardim, que dizem ser lindo, mas algo me detém, como que desejando colocar um peso nos meus pés. Quero mudar de roupa, mas não consigo, uma força desconhecida me faz ficar com este vestido com o qual me enterraram.

De repente, começou a gritar: "papai, mamãe, Eduardo!..."

Enrico pousou a mão em sua testa e orou o *Salmo CXLIII*³, versículos 1 e 2:

Bendito seja o Senhor, minha rocha, que adestra as minhas mãos para a batalha, e os meus dedos para a guerra; minha misericórdia e minha cidadela, meu presídio e meu libertador, meu escudo e meu refúgio, que me submete os povos.

Clara aquietou-se e olhou Enrico com imenso carinho, agradecida pelo alívio que por momentos tivera.

— Procure Deus para se libertar das lembranças do plano físico, Clara — falei.

— Como fazer isso se os meus amores, pai, mãe, tios, noivo, todos ficaram? Como recomeçar diante de estranhos?

— Não existem estranhos em nossa vida, todos somos irmãos. Procure reequilibrar-se, quem sabe assim você ajuda seus pais e eles a você?

— Vocês conhecem meus pais?

Enrico, com mais conhecimento, esclareceu:

— Fomos à sua casa e lá encontramos até o seu chinelo no mesmo lugar em que você o deixou. Todas as refeições lhe são ainda servidas. Tudo o que lá é feito é para você.

— Meu Deus, por isso esse mal-estar que sinto. É como se estivesse enleada em uma teia de aranha e, por mais que eu faça, não consigo desvencilhar-me. Ajude-me a socorrer meus pais. Sei que eles estão sofrendo muito mais do que eu.

— Tem razão, mas você tem de procurar sarar. Depois a levaremos até eles para você mesma auxiliá-los.

— Sinto-me tão fraca... Não tenho condição de ajudá-los. Estou revoltada; meu noivo não morreu, por que só eu morri?

Engana-se, se você não morreu, agora é que está querendo morrer, não assumindo a nova vida que Deus lhe ofertou.

³ N.E. — Em algumas Bíblias, CXLIV

— Deus? Quem é Deus para dispor do nosso destino? Ele, que dizem ser bondoso, separa uma filha dos seus pais; uma mulher apaixonada do seu noivo? Que bondade é essa? Responda-me!

— Sim. Ele é tão bondoso que lhe dá o direito de não O compreender, cada um de nós é livre para agir como tem vontade.

Enquanto conversávamos, entrou o doutor Paulo.

— Bom-dia, irmãos, como vai Clara? Apontando para Enrico, respondeu:

— Ele segurou a minha cabeça, falou algumas coisas e eu melhorei.

Enrico sorriu e Paulo pediu que nos retirássemos e o esperássemos na sala ao lado. Despedimo-nos de Clara e saímos. Não demorou muito e o doutor Paulo encontrou-nos na sala de espera. Agradecendo a Enrico a cooperação, contou-nos sobre a luta que estavam enfrentando por causa das invocações da família de Clara.

— E o noivo, irmão, também está desesperado?

— Não. Já está namorando outra, mas Clara ainda não sabe.

— E os pais, sabem?

— Não. O que vai ser outro drama.

— Doutor, nós estivemos na casa de Clara e constatamos que o seu quarto nem foi desarrumado e que as refeições são-lhe oferecidas diariamente.

— São lamentáveis certos comportamentos dos encarnados que, na hora do adeus, não sabem como agir e, apegados às lembranças, vão dia após dia se autodestruindo, fazendo muito mal para aquele que retornou a este plano. É preciso fazer com que a família de Clara mude de atitude.

— Podemos tentar, Enrico?

— Não, Luiz, não podemos, deixemos que outros espíritos levem a família a buscar uma Casa Espírita.

— Desculpe-me, mas poucas famílias ficam na Doutrina depois que passa a saudade.

— Essas famílias, mesmo não ficando na Doutrina, passam por ela e algo aprendem. Uma das mais belas lições ensinadas pelos espíritos é a caridade. Ela é o remédio para a saudade. Os pais de Clara são espíritos comprometidos com o pretérito. O orgulho, a vaidade, o apego aos bens materiais são defeitos que carregam há muitos anos e a dor que hoje enfrentam é cobrança do passado. Quem fez chorar no ontem hoje tem os olhos transbordantes de lágrimas. Logo, com a ajuda dos amigos encarregados do consolo, eles buscarão um médium que terá condição de lhes dar algumas notícias.

— Eles irão receber mensagens de Clara?

— Agora é impossível, quem sabe daqui a alguns anos?

— Anos, irmão...? espantei-me.

— Luiz, você mesmo constatou o desequilíbrio de Clara, como podemos colocá-la para psicografar?

— É mais complicado do que se imagina uma comunicação através da psicografia, porque o desencarnado tem de aprender a escrever novamente. E a família também tem de estar preparada, nem que seja um pouco.

— É, irmão Paulo, mas existem os que brincam com coisas sublimes da Doutrina. Já imaginou o quanto é importante para uma família ter notícias do ente querido?

— Espero que na próxima visita a Clara vocês a encontrem bem melhor.

— Esperamos que sim, falei.

Enrico apertou a mão de Paulo e comentou:

— Irmão, se cada homem se conscientizasse do valor da busca espiritual, hoje não nos defrontaríamos com tantos absurdos que são cometidos pelos que ficam. Até outra vez.

— Enrico, muitos dos que se dizem espíritas ainda não conhecem o trabalho dos desencarnados, julgam que os espíritos sabem de tudo, não é mesmo?

— Você bem conhece esse problema... — disse, apontando para mim.

— Fico bastante triste quando me chamam para desatolar carro, consertá-lo e até para colocar gasolina!... Os que estão fazendo prova para vestibular também chamam e pedem para os espíritos fazerem as provas, enquanto que aqui cada um tem o seu trabalho, desempenhando aquilo que tem capacidade para fazer. Os encarnados precisam se conscientizar de que não é porque o espírito não tem mais um corpo de carne que ele aprendeu tudo, que tudo sabe. Um dia desses um marido queria, porque queria, que eu fizesse o parto da mulher dele, porque morria de ciúme dos médicos e relutava em levá-la ao hospital. Pedia e pedia para que eu fizesse o parto juntamente com Sadu, Samita, Rayto, enfim, todos os Raiozinhos de Sol.

— E vocês fizeram o parto? Quis saber, Enrico, rindo.

— Como? Apenas oramos para que o bom senso aflorasse naquele homem.

— Luiz, quando as Casas pedem para os frequentadores buscarem o estudo, muitos acham que já sabem de tudo sobre o Espiritismo, porque já leram inúmeros livros. Esse é o perigo, porque não basta ler este ou aquele livro e viver citando este ou aquele trecho. O que é preciso é buscar os livros educativos, eles, sim, os elucidarão como proceder com os espíritos. Ler os livros espíritas, os romances, está muito certo, mas eles são apenas os complementares. A raiz são as obras básicas da Codificação.

— Sabe, Enrico, espírito sofre!...

Coloquei meus braços em seus ombros e fomos caminhando, contando as nossas experiências.

Capítulo VII

DOIS ESPÍRITOS PARA DESLIGAR

Retomamos à Estação do Adeus, onde Silene estava sendo velada. Um caía ali, outro acolá, um gritava, puxando os cabelos; e ainda os sussurros e comentários. Silene estava grávida e fora assassinada pelo marido ciumento. Chegamos com dificuldade, porque os espíritos brincalhões, os zombeteiros, tudo faziam para que as pessoas ali presentes praticassem atos daquela natureza. E como se divertiam! Os encarregados das capelas tentavam ajudar Silene que, junto ao espírito que jazia em seu ventre, não conseguia libertar-se do corpo físico, tal a violência de que fora vítima. Juntamo-nos aos Samaritanos e oramos sem parar. Mas aquela hora, que deveria ser a hora do adeus, estava-se tornando um verdadeiro suplício. De um lado, médicos espirituais, socorristas e os amigos espirituais de Silene, todos oravam, procurando ajudá-la, assim como ao seu filho e, na parte física, os curiosos, que tinham ido àquele local mais para comentar o fato narrado pelos jornais. Ninguém fazia uma oração, só as velas e as flores ornavam aquela capela. Os gritos de dor e de vingança eram uma barreira para os seus amigos espirituais.

Silene, com o espírito ainda se debatendo em seu ventre, não conseguia desprender-se, tal a perturbação que sofria. Nisso, entrou o doutor Terêncio Sabóia, pedindo que todos se pusessem em oração, pois iria tentar retirar o espírito do ventre de Silene. Todos nós, cientes da nossa responsabilidade,

isolamos tanto o ambiente, que nem o cantar dos pássaros era ouvido. Ele e a enfermeira Marinette retiraram aquele perispírito com forma dominuta. Silene adormeceu, o seu laço fluídico foi desamarrado e ela foi saindo, deslizando como se fosse uma bailarina. No instante em que Silene se despreendeu, seu corpo físico deu um estremecimento, percebido por alguns que choravam desesperados diante do caixão. Eles se assustaram tanto, pensando que Silene estivesse viva, que saíram correndo. E o tumulto se fez naquela capela. Falavam que ela tentara levantar-se, abrira os olhos, que levantara os braços. A família, apavorada, chamou um médico e ele sorriu, pois o corpo já estava rígido e os olhos da alma haviam perdido o brilho da vida física. Se ele fosse vidente, teria visto os fios, que levam o brilho aos olhos, sendo desligados graças à luta dos espíritos que nas capelas trabalham. Depois que o médico deu Silene por "morta", quase ninguém quis ficar ao lado do corpo, principalmente aqueles que o viram estremecer. Pensei: *como seria bom se ela sentasse no caixão e falasse: Calem a boca, seus fofoqueiros; e voltasse a dormir o sono da vida. Já que a morte do corpo físico ronda aqueles que distantes se encontram das coisas espirituais.* Os gritos diminuíram, mas de vez em quando alguém caía pelo chão.

Vendo que ninguém fazia uma prece, cheguei perto de Onorina, uma apreciadora do Espiritismo, como gosta de dizer.

— Onorina... — chamei.

Ela olhou para os lados, segurou o peito e pensou: *meu Deus, me ajude, acho que a "defunta" está querendo entrar no meu corpo! Não deixe, por favor, meu Deus!*

Falei ao seu ouvido:

— Onorina, eu não sou a Silene, sou um amigo espiritual.

Quero pedir-lhe um favor: ore pela Silene, ela está precisando.

A mulher me pareceu um arco-íris; ficou com tanto medo que o seu rosto adquiriu várias cores.

— Meu Deus! Meu Deus! Pai nosso que estais no céu...

E assim Onorina orava, orava, orava, sem parar. Ninguém mais agtientava, pois ela não parava, com medo de ouvir novamente aquela voz nos seus ouvidos. A filha bateu em seu braço:

— Mãe, pare, todos estão cansados.

Ela nem respondeu, continuou orando o que sabia e o que não sabia. Tudo ela estava fazendo, porque "a voz" tinha-lhe pedido.

— Onorina, falou uma amiga, o que está acontecendo? Ela, mais que depressa, respondeu:

— Nada.

— Sei que você é médium, fale para nós o que viu.

— Não vi nada e nem quero ver. Senhor Jesus Cristo, ajude esta pobre mulher que precisa tanto do Senhor.

Saí de perto para não rir. Aqueles que gritaram e desmaiaram foram-se retirando, correndo das ladainhas de Onorina. Aí mesmo é que ela não parou mais. Foi quando Enrico sussurrou em seu ouvido:

— Que Deus a abençoe pela ajuda que está prestando a todos nós e que Jesus seja louvado hoje e sempre.

— Jesus seja louvado hoje e sempre, repetiu Onorina.

Repetia e repetia a frase de Enrico. A sala estava quase vazia, pois na hora do disse-que-disse todos gostam, mas na hora de louvar a Deus poucos ficam. Nisso, o espírito encarregado da capela, aproveitando a mediunidade de Onorina, fez uma oração que deixou a todos boquiabertos, pois Onorina era semi-analfabeta:

— *Pai amado, ouvi-me. Bem sabeis que esta vida é passageira e na Terra estamos para evoluir. Ajudai-nos, dai-nos força*

para aceitarmos a separação de Silene. Sabemos que jamais a esqueceremos. Um vazio se faz entre nós, pois parte uma irmã, uma filha, uma amiga. Perdoai nossa fraqueza e ajudai-nos a compreender a "morte", que ela é necessária e que a alma é levada para a morada espiritual. Tirai dos nossos corações o vazio e colocai neles a certeza de que nos reencontraremos além da matéria. Dai-nos esperança, fé e amor, e à nossa irmã, concedei a saúde espiritual e a paz.

Quem já estava saindo, fugindo das ladainhas, voltou para ouvir a oração feita por Onorina. Agora, em vez dos gritos, eram os elogios e Onorina, toda feliz, dizia:

— Obrigada, obrigada...

Em momento algum ela disse que não havia sido ela e sim um espírito. Errado isso? Claro que não. Se ela revelasse para aquele povo sem fé que eram de um espírito as suas palavras, todos iriam rir. Mas ela estava feliz, algo estranho havia-lhe acontecido.

Olhei a veste de carne, o vestido que servia o perispírito de Silene, e vi o seu duplo apagando-se, quase sem vida, juntando-se ao corpo, sentindo-se abandonado pelo espírito. Como pode um amontoado de carne, vísceras, ossos e nervos ser cultuado pelos materialistas que julgam que nada existe além do corpo físico? Será que eles nunca buscam a força que põe essa máquina a funcionar? Que guando a força — que é o espírito — está-se desligando do corpo físico, este vai enfraquecendo? Observei Silene, uma bela mulher, já ficando feia, pois o que embeleza a matéria é o espírito. E o dela, por mercê de Deus, já estava deitado no Hospital de Lucas, que paira sobre aquela Estação do Adeus. Não poderia deixar de dar um beijo em Onorina. Quando me aproximei, ela cerrou os olhos e me viu com mais nitidez. Arrepiou-se toda e falou:

— Valha-me Deus!

Beije seu rosto com carinho e falei:

— Eu amo você.

Já sem medo, ela respondeu:

— Eu também, meu filho — e começou a chorar.

Onorina chorou não de medo, mas de alegria, porque só ela sabia o que havia acontecido ali, na capela. Enrico me esperava junto aos outros e logo andávamos pelas alamedas do chamado cemitério. Com tristeza constatamos o abandono de muitos túmulos. Somente aqueles que a família paga se mantêm limpos, mas o que devia ser uma obrigação social, hoje é um comércio sujo, porque ultraja viúvas, filhos, mães e pais desesperados.

— Até quando? perguntei a Enrico. Até quando assistiremos ao que está acontecendo hoje?

Alguns espíritos, sentados sobre seus túmulos, relembavam a época em que ainda estavam presos a seus corpos. Outros lutavam para deles se libertar. Não posso dizer que foi um passeio agradável. Percorrendo as alamedas do cemitério, ou Estação do Adeus, constatamos que o encarnado não aprecia visitá-lo; seu desejo é ignorá-lo, porque ele faz com que o homem pare um pouco para indagar: *para onde vamos?* ou, *não somos nada, tudo termina aqui?* Agora, se o Espiritismo fosse ensinado nas escolas, tudo seria tão diferente! Desde criança o homem procuraria respeitar seu corpo físico para não ferir seu espírito.

Capítulo VIII

UM DESPRENDIMENTO TRANQUILO

Quando pensei que já íamos embora, Enrico levou-me a outra capela. Sollano desencarnara e seus dois filhos oravam em silêncio junto ao seu corpo. Em um aparelho de som, as músicas clássicas eram um convite à meditação e quando

alguém conversava dentro da capela, um dos filhos pedia silêncio. Era a hora da despedida. Muitos choraram baixinho quando a valsa do adeus foi tocada. Não ouvimos comentários sobre a forma do desencarne de Sollano, como também nada ouvimos sobre ele. Já estávamos curiosos. Oramos junto àquela família. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* era lido desde o primeiro capítulo e comentado pelos espíritas presentes. Quando paravam, o volume da música era aumentado para conter o possível bate-papo. Depois, cada pessoa fazia prece de acordo com seu sentimento. Busquei Sollano e fiquei contente. Já desprendido do corpo físico, ele palestrava junto a outros espíritos. Não podia estar melhor.

— Como pode isso acontecer? perguntei a Enrico.

— Meu filho, Sollano sempre foi um tarefeiro de Jesus. Na Casa Espírita que ele fundou, o alicerce foi colocado com o cimento da renúncia e as paredes, com o suor de cada fundador da Casa.

Ele, Luiz Sérgio, fez do seu lar uma oficina de Jesus. Sempre cuidou da terra que lhe fora ofertada para arar. Jamais se "aposentou", ao contrário, cada vez mais o trabalho lhe roubava as horas de lazer. Fez da Doutrina Espírita o seu ideal de vida. Todos os familiares tomaram-se espíritas através dos seus exemplos. Era digno, jamais se julgou dono da verdade ou condenou alguém por não agir como ele. O dinheiro, às vezes pouco, multiplicava-se em prol dos pobres e da Casa Espírita. Repare nos espíritos que vieram recebê-lo!

Inebriado, vi como o espírito de Sollano brilhava; os seus centros de força possuíam luminosidade radiante. Presenciei em seu corpo de carne uma luz e, intrigado, perguntei a Enrico por que o corpo físico de Sollano também brilhava.

— Foi um convívio respeitoso entre corpo e espírito durante muitos anos e Sollano limpou tanto a sua casa física, que ela

se tomou uma casa iluminada. Ele jamais descuidou de sua alma e de seu corpo. Quando os homens se conscientizarem de que o corpo físico é uma casa que também precisa de cuidados, não colocarão excessos nele.

A casa-corpo, que por alguns anos abrigou Sollano, não era hoje uma casa corroída e maltratada, não; era uma casa que agora estava vazia, mas que o seu dono soube perfumar com o amor e o trabalho. O corpo jazia frio e inerte. Os filhos e amigos o velavam, mas o espírito, junto aos outros amigos espirituais, esperava a hora do sepultamento, para depois buscar no plano mais alto um lugar para iniciar novos trabalhos, porque um espírito com Jesus é o amor em ação.

— Posso me aproximar dele?

— Pode, Luiz. Cheguei perto.

— Sollano, seja bem-vindo.

— Luiz Sérgio, irmão, que Deus o ilumine pelo consolo a tantas almas que o procuram. Fico feliz em abraçá-lo, esperando que cada vez mais o irmão busque em todos os lugares aqueles que precisam. Um dia li um dos seus livros e chorei de alegria, porque foi bom saber que a Espiritualidade Maior está sempre junto à sociedade atual, tão carente de elucidações.

Abraçou-me forte. Enrico também aproximou-se para lhe dar as boas-vindas.

Era a recepção a alguém que soube viver com dignidade.

Capítulo IX

NOVOS AMIGOS: PAMELA E PLÁCIDO

Analisando os dois mundos — o físico e o espiritual — pensei: *como pode o encarnado fugir do assunto morte? Ele teme morrer, mas não procura inteirar-se para onde foram os seus entes queridos. Será que existe inferno? Ou todos julgam que os seus amados familiares foram para o 'céu'?*

Observava o vaivém dos carros, uns um pouco velhos, outros de luxo, cujos motoristas passavam indiferentes àquele lugar; para muitos eia somente um depósito de corpos que adoeceram. Enrico, vendo-me pensativo, indagou:

— Posso saber o porquê do olhar preocupado?

— Meu bom amigo estava pensando como pode o homem encarnado julgar-se o dono do plano físico e ficar insensível diante dos fatos tristes da vida!

— É mesmo, irmão, quantos homens no poder levam o país à miséria! Será que por onde eles passam não enxergam crianças sujas, famintas e maltrapilhas? Será que eles não lêem a seção criminal do jornal, onde a escola da miséria vive formando quadrilhas? Será que eles julgam que o mundo são só as reuniões com pessoas importantes e ricas e viagens internacionais? Se alguns deles parassem para meditar, compreenderiam melhor a posição que ocupam, que por mais importante que seja não é eterna.

— É, Enrico, entristece muito o nosso coração quando visitamos lares paupérrimos, onde alguns trapos lhes servem de cobertas e a fome os maltrata muito. Depois visitamos lares ricos, onde o desperdício é constante. Todos são filhos de Deus vivendo dois pólos diferentes, uns na pobreza e outros na riqueza, todavia caminham todos para uma única estação, a da morte, a Estação do Adeus. Mas, quem deseja parar para buscar

os esclarecimentos, por que nascemos, por que adoecemos e por que "morremos"? É mais fácil pegar o carrão, colocar a gasolina e correr a duzentos por hora, como que fugindo do amanhã, que muitas vezes é o agora.

Enrico e eu falamos muito sobre a indiferença do encarnado do quanto ele foge da Doutrina Espírita por temê-la. Por quê? Simplesmente porque ela iguala os homens. E para o rico é terrível julgar que poderá ocupar, amanhã, o barraco do pobre de hoje, em uma nova existência. E mais fácil chamar os espíritas de loucos do que ainda no corpo físico buscar o plano espiritual. Saímos daquela Estação, onde constatamos alguns fatos que aqui narramos. Agora iríamos dar uma chegada no Centro Espírita onde ouviríamos algumas palestras e esperaríamos novos companheiros. No início não gostei, estava tão bom eu e Enrico... Logo ficamos a par que teríamos companhia para o novo trabalho. Enrico indagou:

— Por que você ficou preocupado ao saber que teríamos novos irmãos conosco?

— Desculpe, amigo, mas é que todas as vezes que termino um livro, o meu coração chora de saudade.

— Muito bonito, mas não é o certo. Não existe separação quando se quer bem, porque as distâncias deixam de existir. É só nos ligarmos pelo sentimento que nos une.

— Enrico, você já é evoluído, eu gosto é de afagar as pessoas, estar perto delas.

Ele deu aquele sorriso gostoso e amigo. Enlacei o seu ombro curvado e agradeci a Deus pela minha família espiritual. Quando chegamos ao auditório, uma irmã falava sobre mediunidade, alertando os médiuns da Casa sobre o perigo terrível da vaidade, mal que derruba qualquer médium. A mediunidade bem exercida permite a comunicação entre os dois planos. Ela só acontece com o fim de melhorar espiritualmente o médium e para dar a conhecer aos homens a verdade. Quando o médium não cumpre

bem sua tarefa, os bons espíritos se afastam e partem em busca de quem se mostre mais digno de sua assistência.

A orientadora encarnada continuava sua aula dizendo como deve comportar-se um médium da Doutrina Espírita. Nas obras básicas encontramos diretrizes seguras para evitar os perigos da mediunidade mal dirigida. E nelas, como uma cascata de luz, chegam-nos os ensinamentos de como conseguir edificantes resultados na prática mediúnica. Ou ele aprende a servir ou toma-se um joguete fácil nas mãos de espíritos inferiores ou zombeteiros.

Fomos avisados de que na sala treze éramos esperados, entretanto aguardamos o término daquela aula sobre mediunidade. Não podemos deixar de grafar aqui a pergunta de uma médium que ouvia a palestra. Levantou o dedinho e perguntou:

— Como faço para exercer todas as mediunidades que tenho?

— Minha irmã, faça tudo para se tornar uma tarefeira de Jesus. O Cristo nunca se preocupou com a quantidade e sim com a qualidade. Veja qual é o dom que a irmã tem mais facilidade para exercer e busque fazê-lo bem, respondeu a orientadora.

— E as outras, o que faço com elas?

— Deixe-as de reserva. Já imaginou se um bom técnico de futebol colocasse todos os bons jogadores no campo? Não sobraria espaço para eles jogarem. Assim é o médium que deseja exercer todas as mediunidades.

Ainda insistia a jovem:

— Mas eu tenho todas as mediunidades!... A orientadora indagou:

— Quem disse que a irmã é portadora de tantas mediunidades?

— Escrevi uma carta a uma médium e ela na resposta me confirmou o que eu já sabia.

— Cuidado com a vontade de pescar, pode pegar peixe podre.

A jovem não gostou das respostas, mas confesso que achei a orientadora uma excelente espírita.

Em seguida fomos em direção à sala treze. Quando lá chegamos a irmã Pérola, mentora da Casa, apresentou-nos Pamela e Plácido, nossos novos companheiros de trabalho. Enrico falou-lhes:

— Sejam bem-vindos, o trabalho nos espera.

Capítulo X

A VAIDADE E O APEGO

Nosso primeiro trabalho juntos era visitar um lar onde a dona da casa, Sibila, acabara de desencarnar. Os familiares já se encontravam de volta dos serviços fúnebres. O marido, meio perturbado, mergulhado na sua dor, permanecia calado, enquanto os três filhos discutiam o que iriam fazer com os pertences de Sibila. As duas moças, uma Jussara, outra Emi, já faziam a partilha dos pertences valiosos. As roupas chiques elas queriam, mas a maioria era colocada em caixas para serem doadas. Olhei os meus amigos de trabalho e falei a Pamela:

— Já vi tanto esse filme!... Não sei por que a pressa em desarrumar o que está arrumado.

— Acho, disse a nova companheira, que é o medo de sentir saudades. Talvez a própria dor leve a família a inventariar os pequenos pertences da vida doméstica.

— A lei é sábia, falei. Se não tivesse inventário, seria um a partilha, as brigas bem maiores.

Observando aqueles filhos invadindo a privacidade da mãe, presenciei, mais uma vez, como o homem encarnado vive fora da realidade. Jóias, retratos, cartas, roupas, tudo era vasculhado e

dividido. Enrico nada falava, andando pela casa toda. E por falar nela, que casa! Havia até um quarto de ginástica, onde Sibila mantinha seu corpo esbelto. Os objetos antigos e os quadros ainda não estavam sendo divididos.

— E Sibila, como está? perguntei a Enrico.

— Depois iremos saber, agora estamos aqui não apenas para presenciar uma família desmanchando a casa de alguém que partiu, mas para orar, pedindo a Deus que não deixe essa família inventariar, antes do tempo, os pertences de uma mulher apegada aos bens terrenos.

— Ela é apegada às suas coisas? interrogou Pamela.

— Muito. Ela e o marido viajavam bastante e em todas as suas viagens eram compradas obras de arte. O seu guarda-roupa consta de uma quantidade imensa de pares de sapatos e trajes, incluindo de passeio, esporte fino e toailete. Perfumes? Calculamos uns cento e cinqüenta frascos.

— Para que tanto? indagou Plácido.

— Dinheiro, irmão, dinheiro demais.

— Enrico, de que desencarnou Sibila? perguntei.

— Plástica. Tinha mania de fazer plástica e nessa última o coração não suportou.

Fiquei calado, mas pensei: *coitada, como deve estar furiosa por ter “morrido”* ! O plano físico para Sibila era uma eterna festa. Oramos muito, tentando fazer Jussara e Emi terem um pouco de compaixão pela mãe. Mas, que nada! As duas eram como formi-guinhas no açúcar, loucas para comer até a última porção. Silvério irmão das duas, conversava ao lado do pai, tomando umas e outras dtfses de uísque. Orávamos e orávamos, quando Emi falou:

— Estou cansada, amanhã voltaremos a separar as coisas. Meu Deus, como mamãe tinha tralha!

Voltei a pensar: *por que não esperam ao menos uma semana para a partilha? Tinham de começar na noite do enterro? Que*

gosto mais cavernoso! Elas pararam de lotear as coisas de Sibila, e nós dali fomos saindo. Ainda olhei aquela mansão com seus mil e trezentos metros de área construída. Depois de morar em um casarão daquele, o corpo de Sibila encontrou refúgio em um estreito túmulo. O que é a cova, diante da grandeza espiritual? Queira Deus que ao despir-se do corpo físico você, leitor, só leve a lembrança das coisas boas que lhe aconteceram. Na casa, muito bonita, agora faltava a sua dona, a sua proprietária, que a embelezava, que fazia as coisas funcionarem. Sibila tinha vários empregados, era uma mulher muito rica.

— Agora vamos prestar auxílio a Sibila, disse-nos Enrico.

Confesso que estava louco para saber onde ela se encontrava. Perplexo, constatei que voltávamos para a Estação do Adeus. Olhei Pamela, mas ela estava orando. Busquei Plácido e ele perguntou:

— Tem tão pouco tempo assim o desencarne da nossa irmã? Pois eu pensei que ela se encontrasse em algum dos nossos prontos-socorros.

Enrico não respondeu. Acho que ele julgava desnecessário um esclarecimento sobre o fato. Caminhando à nossa frente, pediu permissão a Vilfredo, dirigente da paz, o encarregado daquele lugar. Falei baixo para Pamela:

— O que quer dizer "da paz"?

— É que sem ela, irmão, não respiramos, morremos inertes, sem socorro, a cada minuto — respondeu Vilfredo.

Dei aquele sorriso amarelo, sem graça, envergonhado, e quem me afagou os braços? Pamela, a jovem de cabelos castanhos e olhos azuis, linda, uma boneca. Fomos levados até Sibila e ela, desesperada, gritava, gritava, julgando-se no hospital, sendo operada:

— Falta-me o ar, estou morrendo! Não posso morrer, sou tão jovem ainda!... Meu Deus, se você existe, salve-me!

Na mesma hora, dizia:

— Não jogue fora as minhas bijuterias, as minhas roupas, e as quero! Não, não, não façam isso, são as minhas cartas!

deu o direito a vocês de mexerem em meus pertences?

Os enfermeiros e os médicos tudo faziam para adormecê-las mas a cada objeto que as filhas tocavam, Sibila sentia com alfinetadas em seu corpo espiritual

— Quanto apego às coisas materiais!... — exclamou Pamela

— Minha irmã, os pertences de outrem não são nossos.

— Mas, Enrico, ela "morreu".

— Sim, ela desencarnou, Luiz, entretanto o seu espírito está vivo, consciente e lutando para compreender o que lhe aconteceu

— Coitada, a família não é espírita, por isso está dividindo tudo.

— Luiz Sérgio, não são só os outros, de outras religiões, que fazem o que vemos. Muitos espíritas julgam que beneficiam aquele que se foi ao darem os seus pertences.

— Enrico, é certo ficar com tantos sapatos, quando existem muitos pés descalços?

— Irmão, as lojas estão lotadas de pares de sapatos. Se ousarmos adentrar suas portas sem autorização do dono, pegar um par para dá-los aos pobres, a justiça será implacável contra nós. O certo é esperar um tempo porque o recém-desencanado receberá aulas sobre o desprendimento e aí, junto aos seus familiares, distribuirá a quem precisa aquilo que deixou.

— Acho fantásticas essas escolas que elucidam sobre o desapego aos bens terrenos. Soube, Enrico, por Tácia, que muitos, mesmo frequentando as aulas, relutam em dar alguns dos seus pertences. O apego é algo sério. Eu tinha uma coisa que não gostava que ninguém pegasse, era só minha. E ficava uma fera com o Cezinha quando ele a queria emprestada.

Logo após o meu desencarne eu queria que doassem tudo, como se esse gesto aliviasse a saudade que me invadia.

Enrico acrescentou:

— Cada um reage de uma maneira, você é um espírito esforçado.

— Nem tanto... — falei, envergonhado.

Os outros dois riram. Acho que não estão acostumados com o meu modo de ser. Mas eles chegam lá. A nossa Sibila estava muito perturbada; pude perceber que era linda, uma jovem senhora de seus quarenta e três anos que me parecia mais nova que os filhos, pois o Silvério já era careca e de aparência bem acabadinha. Cheguei perto dela, quando dizia:

— Não pegue meu casaco que comprei na Áustria! Por favor, espere eu sarar, eu viajo com seu pai e trago um igualzinho!

— Irmã, que Deus lhe dê a paz.

— Ô, doutor, não fale assim, vou pensar que estou morrendo. Tenho pavor da morte!

Apertei sua mão, pedindo a Deus que ela encontrasse a paz. Como um recém-desencarnado precisa de paz! Por isso os pregadores religiosos, os padres, os pastores, enfim, todos dizem: *descanse em paz*. Verdade. Feliz daquele que vive no mundo espiritual em paz com a sua consciência. Nisso, os enfermeiros foram levando Sibila. Ela ainda me olhou com carinho, como se me pedis ajuda. Por que o homem, por mais poderoso que seja, sente-se tão desesperado quando "morre"? É como se fosse para um país estrangeiro, onde ele não se preparou para visitar; está com a roupa do corpo, sem documentos e sem dinheiro. Por mais que procure um rosto conhecido, não o enxerga, porque conforme o estado emocional do recém-chegado ele não tem condição de sequer cumprimentar aqueles que o esperam, até acertar tudo. Acontece o mesmo quando chegamos de viagem. Apresentamos passaporte nossas malas são revistas

pela alfândega, enfim, primeiro vem a burocracia, depois é que vamos conhecer o lugar visitado. Até chegar nesse ponto, haja coração!

Sibila estava sendo levada para um hospital.

— Vamos acompanhá-la, convidou-nos Enrico.

Foi o que fizemos. E lá, a nossa amiga sentiu-se mais aliviada. Percebi uma lágrima beijando o seu lindo rosto. Enxuguei-a com a minha mão, ela me sorriu, falando:

— Agora é que percebi que "morri", ao ser tocada pela sua mão.

— Não entendi, falei.

— Uma pessoa viva não tem a suavidade da sua mão.

— Mas eu sou vivo!...

— Desculpe, não compreendo bem essas coisas, mas agora lhe pergunto: morri?

— Sim, você desencarnou. O espírito não morre, mas o seu corpo físico não agüentou a operação e expulsou a sua alma.

— Meu Deus, como poderei viver aqui, longe da minha família?

— Mas você não vai ficar longe da sua família, ela está logo ali, é só dar um passo, os dois mundos se entrelaçam, só os encarnados é que não percebem.

— E os outros, quem são?

— Este é Enrico, o jardineiro de Jesus, que presta assistência a quem deixa o corpo físico na terra. Este é Plácido e esta é Pamela, nossos companheiros. Eu sou Luiz Sérgio e todos nós prestamos auxílio a quem necessita.

— Obrigada, eu irei precisar muito. Não acreditava nessas coisas, era materialista. Não compreendo um Deus que mata, que se deixa ser torturado em uma cruz, que faz nascer aleijados, cegos, mudos e defeituosos.

— A irmã está confundindo Jesus com Deus, mas não vou defender o nosso Criador agora. No momento estamos preocupa-

dos é com o seu equilíbrio. Mas um dia quero reencontrá-la e vou-lhe apresentar Deus, o nosso Pai amado. É fácil ser materialista, é a chave do "tudo podemos". Ignorar o pobre e a miséria, ganhar sempre, ser esperto, enfim, o materialista muitas vezes só pensa nele.

— Tem razão, eu sempre pensei que havia sido uma das escolhidas para ser rica, e por que iria dar assistência àqueles que nem mesmo Deus quis? As religiões não têm respostas às perguntas inteligentes, todas elas só pregam a fé, fazendo do religioso um fantoche. Ele ama a Deus porque O teme, serve a igreja porque todos precisam de religião, assim dizem os religiosos.

— Irmã, o que era a morte para você?

— O fim. Julgava que, morto o corpo, tudo acabava.

— Nunca procurou saber por que algumas vidas são tão passageiras?

— Não, nem uma vez. A morte, para mim, sempre foi um tabu. Desde que nasci, nunca me faltou nada, como ia pensar em "morte", tendo tanta coisa para fazer?

— Ninguém da sua família jamais lhe falou em Deus?

— Minha mãe. Ela ajudava os padres e quando ia à Itália visitava o Papa; eu também fui recebida por ele, mas o resto nunca me aguçou a curiosidade. Volto a dizer: a minha vida era cheia de acontecimentos inesquecíveis.

— A irmã nunca fez uma prece?

— Espere... acho que sim. Quando, em uma viagem internacional, o avião nos pareceu que ia cair, lembrei-me de pedir a Deus, mesmo não acreditando n'Ele.

— Irmã, e agora, o que sente?

— Medo. Muito medo. E depois, sempre temia que com a minha morte os meus filhos se apoderassem dos meus bens.

— Por quê? Eles não podem?

— Não é bem isso. Cada um tem o que é seu. Todos eles têm casa, carro, jóias e boas roupas. Por que irão querer o que é meu? Há pouco me pareceu que tudo o que me pertencia estava sendo desarrumado e me senti tão mal!... Mas agora sinto-me mais tranqüila.

— E se, por acaso, seus filhos dessem todas as suas roupas e repartissem os seus bens?

— Confesso que ficaria furiosa. Não quero que ninguém fique com minhas roupas. A casa é grande, que guardem meus pertences em um dos quartos.

— E você ficará ao lado deles?

— Não sei como a liberdade funciona aqui, se podemos ir em casa sempre.

Enrico interrompeu nosso diálogo, aconselhando-a:

— Irmã, descanse, amanhã será um dia difícil. Primeiro vai-se recuperar, depois será elucidada sobre as coisas do espírito. Até lá, esqueça os que ficaram e busque a paz interior. É muito bom, para o recém-desencarnado, limpar a sua casa mental.

— Aprendi alguma coisa sobre meditação. Quando fui à Índia, procurei um iogue e com ele aprendi a respirar e a meditar.

- Seria muito bom para você, Sibila, começar logo a exercitar a meditação. Gostaríamos que orasse, a prece é a mão de Deus em nós. Contudo usaremos a ferramenta com a qual a irmã sabe trabalhar e, como gosta de meditar, vamos iniciar um tratamento com a mente. Cada homem possui uma imensa responsabilidade com a sua mente. Não lhe é conveniente pensar em coisas más. Ele tem de pensar somente em coisas boas. A irmã, que tem conhecimento da meditação, tem por dever usar o pensamento para o bem. Não é aconselhável

pensar em tristeza, em saudade, em perdas. A meditação vai levá-la à tranqüilidade de que tanto precisa.

— Não sei se seria capaz de meditar, estou tão perturbada...

— Vamos então orar: *Senhor, tem piedade do nosso espírito que, faminto e desesperado, deixou a veste física em busca da beleza espiritual e que jaz neste leito à espera de uma nova vida; que o nosso amanhã encontre as flores sorridentes de orvalho e as heras brilhantes pelo sol; que o nosso espírito, ainda peregrino, segure as mãos estendidas até nós, para nos levantarmos com fé em Ti, Pai amado. Ajuda-nos Senhor!*

Quando Enrico terminou a prece, Sibila ainda estava indiferente. Durante a oração ela olhava tudo ao seu redor. A prece não lhe havia tocado o coração. Jamais fizera uma prece em sua vida.

Não sei como pode alguém, nessa hora, ficar indiferente, olhando a própria roupa ou o ambiente ao seu redor. Seria tão bom se tivesse ouvido a prece de Enrico! Mas ela não encontrou Deus ainda. Por intermédio daquela irmã, percebi o quanto o homem precisa buscar a Deus. Muitos se deitam e se levantam sem se lembrar que Deus existe, mesmo sentindo a fragilidade do corpo físico, pois quem não tem uma dor de cabeça ou uma dor de dente? Continuam julgando-se donos da situação, não param para pensar o que está acontecendo nos hospitais e em muitos lares. E, assim, caminhando na terra, longe do mundo espiritual, vão amontoando iniquidades e ficando cada vez mais sem coração, presos às coisas temporais. Egoístas, avaros e vaidosos, fazem da sua vida uma vida sem amanhã. Para eles só o hoje é importante.

Estávamos diante daquela bela mulher que em busca de mais beleza encontrara o desencarne. Agora, no mundo espiritual, relutava em aceitar a verdade. Seu olhar vagava em busca de algo que lhe desse a certeza de que não morreria. Enquanto

isso, a família se livrava de tudo o que considerava inútil. O marido, fumando o seu cachimbo, pouca importância dava aos pertences da mulher. Algumas vezes seus filhos riam ao se depararem com algum objeto que eles achavam pavoroso. Olhamos a carteira da nossa irmã: os seus pertences ainda lhe eram importantes e o marido, cuidadoso, selecionava, junto ao atestado de óbito, todos os documentos que seriam requisitados para o recebimento do seguro. Se não fosse isso, até a carteira de identidade, tudo, iria para a lata do lixo. Os cartões de crédito nada mais valiam, distantes da sua dona.

Fui saindo devagar, pensando: *se todos fossem espíritas, mais fáceis seriam os desencarnes*. Não sabemos ainda por que o homem teima em não aceitar algo tão verdadeiro. É só olhar ao seu redor e pensar o que estamos fazendo aqui, para onde foram os nossos familiares que já desencarnaram, o porquê do envelhecimento que sofremos. Nada me entristece mais do que presenciar pessoas fugindo dos compromissos espirituais e ficando cada vez mais apegadas à matéria, julgando que a vida física é eterna, sem dar uma educação religiosa para os filhos, deixando de buscar no estudo as respostas de que necessitam. Gostaria de gritar para que todos os surdos pela vaidade parassem por alguns instantes e meditassem sobre a própria vida. Tenho certeza que pelo menos um friozinho na barriga alguém iria sentir e talvez buscasse Deus no seu próximo, deixando o materialismo de lado.

— Luiz, só é cego quem não deseja enxergar, os chamados estão aí — obtemperou Enrico. Não só pela nossa voz, mas em todas as religiões sérias o homem é convidado a reformular sua vida. Infeliz daquele que o emprego, a família, os amigos tomam todo o seu tempo. Esse, quando desencarnar, ficará sempre reclamando: *por que o Senhor não me deixou no corpo*

físico? Tinha ainda muito a fazer. Estava bem no meu emprego, tinha uma família bonita. O que vim fazer aqui?

— E o que lhe será respondido? perguntei.

— "A casa do pai é o Universo, a imensidade, o infinito", esclareceu.

No dia em que o encarnado descobrir isso, buscará o caminho que nos leva a Deus. Mas enquanto ele estiver apegado à sua própria vida, passará pela terra e pouco proveito tirará dela. Terá uma vida comum, sem ajudar Deus na construção do Seu reino no coração das criaturas. O homem apegado às coisas temporais nega à família o acesso às coisas de Deus. Ele se lembra do Senhor somente na hora das amarguras e mesmo nessa hora o Senhor vem em seu auxílio; Ele nunca deixa de socorrer Seus filhos.

Estávamos novamente junto à família de Sibila que, infelizmente, continuava a se desfazer dos seus pertences. Olhamos o quarto da nossa irmã em desalinho. Pensei que iríamos ajudar aquela família tão apegada à matéria, mas Enrico nos convidou a irmos embora.

Capítulo XI

GRAVE COMPROMETIMENTO

Encontrávamo-nos agora em um cemitério, onde apenas umas dez pessoas davam adeus a Roberto. Se na parte física eram poucos, na parte espiritual eram tantos que para nos aproximarmos tivemos de vencer a multidão.

— Quem é ele, Enrico?

— Um matador profissional, um homem que se alimentou de ódio. É inacreditável o que fazem os sanguinários profissionais. Como pode um ser humano chegar a matar duzentas pessoas?

Levei um susto.

— Pelo amor de Deus, o que estamos fazendo aqui?

— Pensei que o Luiz Sérgio que conheço gostaria de contar aos seus leitores o que acontece com um espírito tão comprometido como o de Roberto.

— E ele, onde está? Aí vemos apenas o seu corpo físico, se assim podemos chamar a um corpo deformado por várias perfurações a bala.

— Se você aguçar sua sensibilidade, vai encontrar o espírito de Roberto.

Eu tudo fazia para vê-lo, mas a minha curiosidade não me permitia enxergá-lo e quando o consegui, levei outro susto. Roberto apresentava um corpo físico forte, musculoso, com mais ou menos um metro e oitenta de altura. Ali, enleado ao seu físico, havia um; massa perispiritual disforme, que rugia de ódio.

— Enrico, como pôde isso acontecer?

— Roberto perdeu a forma perispiritual.

— Então o espírito retroage? indagou Plácido.

— O espírito de Roberto jamais perecerá, pois Deus o criou uma chama eterna. Entretanto, a sua veste — o perispírito — foi sendo rasgada a cada ação má cometida, respondeu-lhe Enrico.

— E como ele vai andar? Não vejo suas pernas nem seus pés.

— Irmãos, quando estamos encarnados, o perispírito serve de intermediário entre o espírito e a matéria, transmitindo ao espírito as impressões dos sentidos físicos e comunicando ao corpo as vontades do espírito. Quando morre o corpo físico, o perispírito dele se desprende, mas continua servindo ao espírito, pois é como seu intermediário para com os planos espiritual e material. Sendo o perispírito maleável, as ações do espírito são nele refletidas. Não esqueçamos que Roberto levou a morte física a mais de duzentas pessoas. O seu perispírito a cada má ação foi violentado, chegando à condição que se encontra hoje: totalmente disforme. Para reencarnar, um laço fluídico, que é a

expansão do perispírito, liga-se ao óvulo fecundado e vai dirigindo a formação do corpo físico. No caso de Roberto, a cada ato indigno o seu perispírito foi deformando-se. Ao reencarnarmos, muitas vezes voltamos com algumas lesões no perispírito, que no corpo físico se refletirão como doença ou deformidade. À medida que vivemos a moralidade no corpo físico, vão sendo repercutidas no perispírito as nossas boas ações. Com Roberto deu-se o contrário, ele só plasmou ódio no seu perispírito e hoje nem forma tem. Nós somos os arquitetos dos corpos físico e perispiritual. Deus criou o espírito imortal, mas se este não se tornar bom terá de sofrer as conseqüências dos seus atos.

Com a explicação de Enrico, pudemos melhor divisar uma forma ovóide, gosmenta, lutando para voltar a ocupar o seu espaço junto ao corpo físico. Mas cada vez que tentava, as energias do duplo, como um esmeril, queimavam-lhe ainda mais a massa perispiritual. Era uma luta do hóspede indesejável para o corpo físico e o duplo, amigo do físico, era seu guardião implacável. E o espírito doente, atordoado, pois nunca procurou Deus quando no corpo físico, agora não compreendia os fatos. Alguém fez uma oração, mas aquele homem, que se orgulhava da sua coragem e tinha sede de sangue, trancafiado no túmulo da dor, nem sabia pedir socorro. Os fios que ligam os corpos, embaraçados, não tinham condição de se acomodar. O comprometimento de Roberto para com a lei de Deus era enorme. Deus cria sem cessar e Roberto matava os Seus filhos. Aquele espírito tão mau, que se orgulhava de tirar a vida dos seus semelhantes, ali jazia inerte, sem saber como libertar-se, agora que a laje do túmulo iria prendê-lo muito mais. Aproveitando o conhecimento de Enrico, indaguei:

— E os centros de força, que ficam no perispírito, o que foi feito deles?

— Luiz, os centros de força têm a função de captar os fluidos espirituais. O fluido universal, absorvido sob a forma de fluido vital, circula por esses diversos centros de força, canalizando-o, segundo o padrão vibratório de cada pessoa, para as rodas energéticas que se encontram no duplo etérico e estas o distribuem para os órgãos que dão vitalidade ao corpo físico. Quando a nossa mente, por atos contrários à lei divina, prejudica essa harmonia, o perispírito sofre a agressão e vai-se deformando, porque a ação desequilibrante atinge os centros de força. No homem embrutecido eles se desajustam. Vivendo o corpo físico quase totalmente das reservas energéticas do duplo, os centros de força vão compensando um ou descarregando outro, enquanto o espírito desequilibrado vai cometendo seus desatinos. Quando chega o desencarne, o perispírito está deformado, as chamadas pás dos centros de força apresentam-se tão danificadas que dificilmente podemos divisá-las. Deus é quem está castigando Roberto? Claro que não. Ele é que não aproveitou o tesouro da reencarnação e usou mal a sua mente, destruindo tudo o que Deus planejou para ele.

O espírito de Roberto debatia-se como se estivesse sem ar.

— Podemos ajudá-lo? perguntei a Enrico.

— Não. Para cuidar dos ovóides há irmãos qualificados e também de alta elevação. Só esses espíritos têm condição de prestar ajuda a doentes como Roberto.

— E esses inúmeros espíritos que estão esperando por ele?

— São as suas vítimas. Mas no dia em que Roberto puder sair de junto do corpo físico eles nem o verão, será uma ação tão rápida dos técnicos, que eles, coitados, guardarão o túmulo por muitos dias até perceberem que Roberto foi levado para a chamada Colônia da Segunda Morte.

— Segunda Morte? Explique-nos, sim?

— Roberto foi assassinado e seu corpo material ficará na terra, "voltará ao pó", mas ele era tão escravo do corpo físico que, quando for retirado, sentirá como se tivesse morrido outra vez. E buscará, desesperadamente, o físico como se este fosse o seu dono.

— Existem mais casos como o de Roberto?

— Existem. Mas graças a Deus não são tantos os que deformam o seu perispírito como vemos o de Roberto.

Olhei a família que dali se retirava e ainda fitei aquele espírito, temido até pelas autoridades, todo enrolado, mais parecendo um limai. Busquei seus olhos e constatei que sua cor era meio esverdeada, mas continham tanto ódio, que baixei a cabeça e orei. A boca, imensa, apenas compunha aquele disco informe. Como pode um ser deformar o seu perispírito dessa maneira?

— Quanto tempo ele aí ficará? indagou Pamela.

— Até dispersar um pouco mais seu fluido vital, respondeu Enrico. Entretanto os socorristas o ajudarão nessa tarefa.

Fui saindo. Era demais para o meu espírito. O movimento no plano físico era pequeno, mas na espiritualidade era imenso. As vítimas daquele homem, verdadeiras feras, buscavam-no com ódio. Lembrei-me de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Capítulo IX, item 9 — *Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos:*

Em seu frenesi, o homem colérico a tudo se atira: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque lhe não obedecem. Ah! se nesses momentos pudesse ele observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia!

Se ele tivesse tentado praticar a caridade, sua vida seria outra. Enrico demorou a sair de perto de Roberto, eu, porém, adiantei-me e procurei outra capela.

Capítulo XII

O PESO DO ORGULHO E DO DESPOTISMO

Como sempre, o bate-boca era normal. Até risos eram ouvidos ao lado do corpo. Em uma sala estavam os comes e bebes, nem parecia enterro e sim uma festa. Os filhos de Laurindo choravam muito, assim como sua esposa; entretanto, os ditos amigos contavam casos, riam e de quando em vez iam abastecer-se de comidas e refrigerantes.

No plano espiritual, pelo menos uns dois metros e oitenta centímetros separavam o perispírito de Laurindo do seu corpo físico. Era como se ele estivesse em um mezanino, só que deitado em uma cama sendo tratado, enquanto o corpo, coberto de flores, era velado pela família e pelos amigos. Mesmo já separado do físico, Laurindo ainda dependia dele, pois estava ocorrendo o desligamento. Fixando bem o olhar, fui vendo que os fios que ligam o corpo perispiritual ao físico são uma expansão do perispírito. Quando ocorre o desligamento, estes fios voltam um a um para o seu real dono: o corpo perispiritual. Estando o espírito em desequilíbrio, há uma dificuldade imensa em ocorrer esse retorno e o espírito sofre até que se complete o desligamento, isto é, até que ocorra a volta de todos os elementos que pertencem ao perispírito Laurindo, que aparentava tranqüilidade, sofria como se estivesse sem ar, pois os fios me pareceram embaraçados. Nisso, entram os meus amigos e começamos a orar, tentando ajudá-lo.

— Esse come-come não está perturbando a família, Enrico?

— A família não, pois ela está também participando da festa a Laurindo sim, porque ele está-se sentindo asfisiado, custando-lhe alçar vôo. Hoje em dia até jantares são encomendados pela

família como gentileza aos amigos, para que ninguém sinta fome durante o velório.

— Você acha certo, Enrico?

— Quem sou eu para dizer não; o nosso trabalho não é criticar e sim esclarecer. Quem come ou serve algo na capela é dono de sua consciência. O que está me preocupando é que agora a capela está lotada, mas vamos ver daqui a pouco.

E como Enrico tinha razão! Logo que a noite chegou, a família foi ficando sozinha. Interessante isso, poucos têm condição de passar a noite acordados. E apenas a família sofrida vela o corpo, pois os ditos amigos sentem sono.

— Mas é duro passar a noite toda velando um corpo inerte...

— Não, Luiz, não é o corpo que precisa de companhia e sim aqueles que estão sofrendo muito. Infelizmente, poucos têm a coragem e o desprendimento para praticar um ato tão nobre de fraternidade. Até às dez da noite ainda ficam, depois disso, não conseguem. O sono para muitas pessoas é como o ar, se lhes falta, sentem-se mal. E para outros, só o fato de estarem ajudando já lhes é gratificante.

Reparei a viúva, os filhos e mais um senhor. Só eles ali ficaram, na fria e triste capela. Para Laurindo foi ótimo, depois que o silêncio se fez, ele conseguiu livrar-se do corpo físico e quando isso ocorreu, cerrou os olhos e adormeceu. Junto aos encarregados espirituais do cemitério, oramos a noite toda. As velas iam-se gastando, mas as nossas orações eram jatos de luz sobre o corpo e o perispírito de Laurindo. Bom será o dia em que todas as criaturas puderem compreender a grandeza da prece e mantiverem conduta digna em uma capela. Olhei o perispírito de Laurindo e percebi ser ele grosseiro, porém muito menos grosseiro do que o de Roberto, por isso, mesmo desencarnado, estava imantado dos elementos do mundo físico, sendo essa a causa de não conseguir alçar vôo. Perguntei aos meus amigos:

— O que Laurindo fez? Como ele era no corpo físico?

—Avaro, trapaceiro, violento, vivia agredindo os outros com palavras, pois se julgava daqueles que não levam desaforo para casa. Era duro com a família, chegava a ser mesquinho, cobrando tudo dos filhos; a mulher, coitada, não tinha direito a nada.

— Então ele não foi um homem mau, somente cri-cri, não é, Enrico? indaguei.

— Sim. Ele não matou ninguém, nunca roubou, mas levou a tristeza e a preocupação a muitos corações. No trabalho, perseguia os colegas e era delator das faltas alheias. É por causa desse apego às coisas terrenas que ele, agarrado à matéria, está encontrando dificuldade em se ver livre do corpo físico. Apesar de já estar separado do corpo de carne, ainda tem os fios ligados ao físico.

Fiquei olhando os dois corpos e pensei: como é triste o avarento! Ele não dá sequer amor à sua família, julgando que isso o enfraquece junto aos filhos. Aquele senhor, que ora tinha os olhos cheios de lágrimas, agora questionava: *por que não me dediquei à família que tanto amo? Por que não tive coragem de lhes dizer o quanto eu os amo? Por que eu julgava tanto que eles só gastavam? De tudo eu reclamava.* Sentia-se a pior das criaturas, quando sua esposa começou a recordar as horas em que ele era bondoso, preocupado com os filhos. E aquele corpo físico, velado com amor, como que expulsou as ligações que não mais tinham valor para ele. O respeito daquela viúva era grande para com o marido, mesmo tendo ele sido tão bruto para ela. O corpo inerte de Laurindo fez calar aquela voz tão dura, mas os lábios de uma mulher digna companheira lhe cobriram com o manto do amor e do respeito. Falei para o grupo:

— Tenho horror de homem que se julga o dono da esposa só sabe gritar com ela, procurando desmoralizá-la a cada momento. Acho que aquele que se julga com o direito de viver humilhando alguém é um infeliz, pois não sabe respeitar o seu próximo, as

vezes presencio homens tratando a esposa como se ela fosse débil mental. Fico com muita pena, ele se julga amado e respeitado, mas no fundo a mulher só lhe dedica companheirismo e amizade, há muito as suas grosserias mataram o seu amor. As mulheres, na sua totalidade, anseiam por delicadeza e educação.

— Bravo! Está romântico!... — brincou Plácido.

Eu apenas sorri. Quando presencio esses fatos, sinto vontade de me materializar para falar com esses *tiranos domésticos que fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como a quererem desforrar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que o chamariam à ordem, acham que pelo menos devem fazer-se temidos daqueles que lhes não podem resistir. Envaidecem-se de poderem dizer: "Aqui mando e sou obedecido ", sem lhes ocorrer que poderiam acrescentar: "E sou detestado "(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo IX, item 6).*

— Defensor das mulheres, Luiz?

— Não, Plácido, defensor da paz. Esses homens, doentes da alma, que gostam de gritar com os outros, só levam o desespero ao coração do seu próximo. Esbofeteiam filhos e vivem a agredirlos.

Terminada a tarefa, Enrico convidou-nos a visitar outro lugar e dali saímos.

Capítulo XIII

CONSOLO AOS AFLITOS

Entramos na casa de Alaidinha e a encontramos deitada em um sofá. Chorava baixinho. A doméstica da casa a cada instante lhe oferecia alguma coisa, mas, chorosa e infeliz, nada aceitava. Foi quando um grupo de senhoras adentrou a sala; foram-lhe aplicar passes. Alaidinha recebeu-as com delicadeza, julgando que pudessem aliviar-lhe a dor. Contudo, logo começaram os "conselhos":

— Alaidinha, não fique assim. Seu filho deve estar sofrendo por sua causa.

Alaidinha, chorando, respondeu:

— Por favor, não fale isso, jamais quero prejudicar meu filho, mas não consigo me alegrar.

Outra mulher retrucou:

— Você tem de tentar ir ao cinema, sair de casa, porque assim...

— Pelo amor de Deus, fale: porque assim o quê?

— Seu filho está...

E os conselhos iam chegando. A mulher, que antes estava triste, agora, além da tristeza, estava desesperada. Parecia que ela é que fora a culpada da morte prematura do filho de dezoito anos. Não aguentei, aproximei-me de Doralice e a intuí a dizer:

— Que nada, Alaidinha, chore, ponha para fora do seu coração as tristezas. Não as guarde no peito, chore, que as lágrimas serão gotas orvalhadas de saudade. Jesus não Se zangou com as verônicas porque elas estavam chorando. Quem tem o direito de mandar uma mulher-mãe buscar o sorriso quando a sua alma chora?

As outras não acreditavam no que estavam ouvindo: *Doralice indo contra nossa orientação?*

— O que faz mal ao espírito são as revoltas, as blasfêmias. As lágrimas e a saudade não irão mudar a caminhada do recém desencarnado.

Uma das mulheres, discordando de Doralice, interrogou:

— Você acha certo ela ficar deitada o dia todo, chorando?

— Ela ainda não se levantou porque o seu corpo está fraco, trêmulo de dor e de saudade. Mas se todos os dias viermos aqui aplicar-lhe um passe e orar, logo ela estará em condições de voltar a viver normalmente. No momento, ninguém tem o direito de lhe perturbar o silêncio e a dor.

Alaidinha gostou das palavras de Doralice e acentuou:

— Só quem está passando por um momento difícil pode aconselhar o outro! É fácil mandar alguém parar de chorar, o difícil é ter condição de diminuir a dor do outro. Choro porque estou sentindo muita dor e tristeza. A aflição dilacera meu coração.

— E Jesus disse: "Bem-aventurados os aflitos", completou Doralice.

Alaidinha prosseguiu:

— As preocupações do dia-a-dia, as tristezas e as dores nada são diante da aflição que estou vivendo. Sinto-me no fundo de um abismo desejando sair, mas por ter os olhos repletos de lágrimas não diviso a saída. Mas espero que Deus me dê o consolo. Minha fé em Jesus será a corda por onde buscarei a salvação.

As outras ainda tentaram dizer:

— Não chore, vai fazer mal ao espírito do seu filho. Coitadinho dele, com a sua tristeza ele está sofrendo...

Meu Deus! Quem não tem condição de ajudar deve calar-se; mais fazem mal as palavras erradas do que o silêncio. Visitar quem está sofrendo é uma bênção, mas deve ter-se o cuidado para não aumentar a dor. Quando Alaidinha se afastou por um momento, as outras duas comentaram:

— Coitada da Alaidinha, está obsediada, o filho está-lhe perturbando.

Doralice discordou da amiga, dizendo:

— Pelo amor de Deus, Alaidinha é apenas uma mãe que está sofrendo. Seu filho jamais irá obsediar a quem tanto ama.

—Coitado, ele não sabe que está perturbando a mãe, retrucou a outra.

— Por favor, vamos mudar de assunto, sugeriu Doralice.

Eu falei ao nosso grupo:

— E pena que existam pessoas que estão na Doutrina, mas ainda não a aceitam como o Consolador prometido por Jesus. A Doutrina é um lenço branco que deve secar as lágrimas e jamais levar o desespero. Quando não se tem conhecimento é preferível calar. Falar bobagens, querendo ajudar, é o mesmo que desejar nadar sem saber, Quem está sofrendo precisa do remédio da esperança. Dizer a uma mãe que ela está sendo obsediada pelo filho é levá-la ao desespero.

— É muito complicado o que pensa o homem em relação dor, disse Enrico. Ao falar "Bem-aventurados os aflitos", Jesus não quis dizer que a dor é uma felicidade, Ele quis ensinar que, bendito é aquele que mesmo em aflição tem força para buscar Criador e jamais blasfema contra Ele. Os aflitos são aqueles que passam por uma dor, como a que está sofrendo Alaidinha, ou que está atravessando um período de doença grave. As pequenas preocupações, as tristezas do dia-a-dia são incômodos para a alma, mas o ser humano delas se livra. Agora, nas aflições, só Deus e Jesus têm condição de ajudar. O homem pode dar o remédio da palavra amiga, mas só Eles curam as feridas das aflições. Se não fosse Doralice, Alaidinha teria ficado mais perturbada.

Quando terminaram de falar, fizeram uma prece e se retiraram. Alaidinha abriu *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Capítulo V, *Bem-aventurados os aflitos*, e sentiu que o livro amigo era a

mão, de Jesus amparando-a nas suas aflições. Todos nós, em silêncio, escutamos, gratificados por ter Alaidinha, uma saudosa mãe, encontrado o consolo no Evangelho querido. Quando saímos, Enrico falou:

— A Doutrina Espírita é uma doutrina de amor e esperança, pena muitos a julgarem um conto de terror. O que aconteceu com Alaidinha é um alerta para todos os que estudam a Doutrina dos Espíritos. Ficamos muito tristes quando ouvimos expositores e médiuns pregando uma doutrina de medo, que diz que todos vão para o umbral sem uma explicação sequer, só afirmando que todos têm de passar pelo umbral.

— E não é verdade? indaguei.

— Passam, nós mesmos estamos trabalhando nele. Mas poucos ficam durante anos nos vales de sofrimento. Quase todas as colônias de socorro estão nos umbrais, onde os espíritos são hospitalizados, tratados e têm condição de trabalhar. Para outras religiões existem o inferno e as penas eternas. Para a Terceira Revelação, que é a Doutrina Espírita, "há muitas moradas na casa do Pai" e os umbrais são zonas de sofrimento, por onde os espíritos imperfeitos irão passando de acordo com a sua vibração espiritual. Existem os vales de sofrimento, os vales dos ovóides, enfim, vários lugares, mas não conhecemos o "inferno" nem o umbral por onde dizem que obrigatoriamente todos têm de passar.

— Enrico, já trabalhamos em lugares horríveis, o "inferno" mesmo...

— Tais lugares existem, mas junto a eles Jesus sempre está dando a Sua assistência, e quem se propõe a dali sair logo é ajudado. Falamos isso porque estamos vendo que na Doutrina Espírita — o Consolador prometido por Jesus, uma Doutrina sem dogmas, sem talismãs, sem credices, sem amuletos, sem estátuas — muitos espíritas invigilantes estão colocando a bandeira do medo, do terror, dizendo, ao encontrar um sofrido

homem, que ele está cumprindo pena expiatória; que a mulher que leva uma surra do marido está cumprindo com os desígnios de Deus; que o filho que agride os pais é porque é um inimigo do passado.

— E não é, Enrico?

— Não, não é. Existe a lei de ação e reação. O Consolador veio para explicar o que Cristo ainda não podia esclarecer, por estarem as criaturas na infância da Humanidade. A Doutrina ensina ao homem o quanto Deus é justo, o quanto o homem é amado por Ele, por ser Seu filho.

— Para você, Enrico, não existe "carma"?

— Nem conhecemos essa palavra. Para nós o que existe é a bondade de Deus manifestada sobre todas as Suas criaturas. Cada ser tem um livro de sua vida, no qual escreve com os sentimentos que carrega no coração. A reencarnação é o reencontro de tudo o que deixamos ontem, mas não é por isso que temos de pagar nossas dívidas de maneira dura e cruel para aliviarmos as partes envolvidas. O homem recebe de Deus uma consciência adormecida e seu espírito aprendeu nas aulas da espiritualidade que precisa ser bom. E vai buscar o inimigo de ontem. Ambos terão oportunidade de pagar suas contas pretéritas com trabalho, com lealdade, com amor. Caso contrário, se ao se reencontrarem iniciarem as mesmas brigas, os mesmos erros, ou se buscarem as noitadas, as orgias da vida, caminharão para a estrada da dor. Mas a todos Deus oferta uma nova oportunidade para que os faltosos se redimam e não que matem quem os matou ontem.

— Entendi, entendi, entendi.

— Por isso sempre aconselhamos: quem não tem ainda condição de oferecer a verdade do Cristo, através da Doutrina, deve ficar com as palavras de consolação. Quem está sofrendo não vai gostar de ouvir sobre débitos passados, não vai entender o que é obsessão. O sofredor está em busca de amor e de paz. Há

hora certa para se falar de sofrimento, de provas, de expiações e não quando somos chamados a consolar quem está sofrendo. O que deve fazer um grupo ao levar o consolo a quem está passando pela dor da saudade? Orar, cantar músicas espíritas de fundo evangélico, ler alguns livros consoladores, jamais emitir opiniões próprias. Falar o menos possível. Quem está sofrendo precisa de amparo; melhor é um forte abraço do que palavras vãs.

— Enrico, a Doutrina Espírita ainda não é conhecida por alguns que dizem pertencer a ela.

— Tem razão, Luiz Sérgio, o homem, quando se torna espírita e permanece espírita verdadeiro, já abdicou de tudo o que é antidoutrinário, o que muitos não conseguem. Algumas religiões apresentam coisas palpáveis; oração para amansar marido, velas, amuletos, talismãs etc. A Doutrina só oferece uma seta que indica o caminho que vai ao Pai: o caminho de Jesus. E o homem gosta de sentir algo de concreto, que lhe faça companhia. A Doutrina dá mais que isso, só que aquele que a descobre tem de buscar Deus. É Ele, o Pai nosso de cada dia, que nos mostra os nossos erros. A luta do homem espírita não é com o próximo, é consigo mesmo, sempre buscando a consciência, único amparo verdadeiro, onde está contido o Decálogo, os mandamentos da Lei de Deus. O homem que o respeita e procura viver de acordo com ele tem mais do que amuletos, tem a Verdade que o liberta do corpo físico, fazendo dele um homem de bem. Por isso somos tão poucos...

— A Doutrina não permite muita coisa, não é, Enrico?

— Luiz, na Doutrina se respeita o livre-arbítrio, agora, nem tudo o que queremos fazer é certo e, como espíritas, conhecemos os erros e os acertos. Se erramos, erramos conscientemente.

Calei-me, para melhor fixar os ensinamentos.

Capítulo XIV

O ALIMENTO NAS CAPELAS

Deus criou os espíritos para se aperfeiçoarem incessantemente, usufruindo cada vez mais da felicidade. Deus não é o criador da infelicidade. O homem, ao longo da sua existência, constrói situações que terá de enfrentar corajosamente. É dever do ser humano lutar por sua evolução. O espírito é dono absoluto da matéria, cabendo a ela obedecê-lo. Quando ele tem força para construir no bem, procurando evitar o mal, pode transformar o próprio destino para melhor. "A caridade cobrirá a multidão de pecados" (*/ Epístola de Pedro, Cap. IV, v. 8*). Ninguém tem na testa uma tarja preta dizendo: tenho de sofrer. Ao contrário, cada um possui um órgão, o coração, que precisa cada vez mais ser transformado num relicário de amor e bondade.

Mais uma vez fomos prestar ajuda a uma irmã que estava voltando para casa: o mundo espiritual. Enrico recebeu o pedido de socorro para Leontina. Essa irmã estava hospitalizada em estado terminal de um câncer que a consumia dia após dia e a família, mesmo convivendo com seu sofrimento, acalentava a esperança de vê-la restabelecida. Partimos para o hospital. Leontina era uma mulher de seus cinquenta anos, mas antes da doença mais parecia ter trinta, porque, vaidosa e bem cuidada, possuía um corpo belo e saudável. Tinha um casal de filhos que agora lhe dava muito carinho e dedicação. No quarto, as flores compunham o ambiente, tudo muito limpo, dando à doente a tranqüilidade necessária, onde vi muitos irmãos desencarnados orando em grande recolhimento.

— São os familiares de Leontina, Enrico?

— Alguns, Luiz, outros são seus amigos, a família espiritual que veio buscá-la.

Nisso, entrou o médico encarnado. Examinou, examinou e disse aos filhos:

— Hoje ela está bem melhor.

Olhei, intrigado, para os meus amigos. Enrico nada disse, apenas sorriu, pois estava ocorrendo o desligamento. Os órgãos estavam enfraquecidos, pois em quase todos eles a doença havia chegado. O corpo da nossa irmã mais parecia uma máquina que, pouco a pouco, ia parando. Na parte material, só estavam presentes a enfermeira da família e uma irmã de Leontina. Quando a enfermeira se aproximou da doente, percebeu que sua respiração era diminuta e logo pediu socorro. Enfermeiras, médicos, todos acorreram para tentar salvá-la, mas ela apenas suspirou e, como uma sombra, seu perispírito pairou sobre o corpo físico. Depois, amparada pelos técnicos, ela se libertou, chorando de emoção. Notamos que seu perispírito, veste do espírito, estava tão doente quanto o físico. Quando ela viu o pai, a mãe e a irmã, não se conteve, abraçou-os dizendo:

— Oh! Deus, agora posso morrer em paz. A senhora sua mãe falou:

— Filha, a morte só existe para os que passam pelo mundo físico praticando iniquidades; o malvado que assassina, que destrói, que lesa, que despreza os pobres, este sim, morre de remorsos.

— Mamãe, para onde me levam?

— Você está sendo socorrida pelos enfermeiros de Jesus. Será levada para um hospital onde ficará até se sentir fortalecida.

— Mamãe, pelo amor de Deus, não agüento mais hospital, quero ficar com você.

— Ficaremos juntas, prometo.

Coitados dos que julgam que tudo acaba com a morte, pensei. Olhando a nossa irmã ao lado dos seus familiares, recordei da Parte 2^a, Capítulo III, de O Livro dos Espíritos, Questão 155:

Como se opera a separação da alma e do corpo? "Rotos os laços que a retinham, ela se desprende."

a) — *A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?*

"Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. *Estes laços se desatam, não se quebram.* "

Questão 160:

O Espírito se encontra imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

"Sim, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes aqueles seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo dos Espíritos e o *ajudam a desligar-se das faixas da matéria*. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar."

Quantos ensinamentos nos dá *O Livro dos Espíritos*] Estávamos tão pensativos que Enrico nos chamou à realidade. Se a calma reinava na parte espiritual, no mundo físico os filhos gritavam e choravam, e muitos amigos que chegavam faziam o mesmo. Voltei a olhar o mundo espiritual e com surpresa pude perceber que o desligamento total não se havia ainda completado. Leontina estava ligada ainda ao físico, mesmo estando sendo socorrida. E lembrei-me da resposta à questão 155: "Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. *Estes laços se desatam, não se quebram.* "

Sorri. Enrico perguntou-me:

— O que foi?

— Sabe, Enrico, quando falo nos meus livros que o corpo físico está ligado ao perispírito por vários laços correspondentes a cada órgão e plexos, alguns espíritas não acreditam. Se eles lerem a questão 155 de *O Livro dos Espíritos*, nela está escrito: (...) "o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam". Portanto, não é um laço só e sim vários.

— Irmão Luiz Sérgio, agora vamos daqui sair para esperar Leontina na Estação do Adeus.

— E essa choradeira, não irá desesperá-la?

— Não. Como podemos dizer a uma família que se despede de um ente querido que não chore? A revolta prejudica, mas as lágrimas são o grito de saudade e tristeza. Pedir para alguém não chorar é muita falta de piedade; o que não se deve é demonstrar desespero, gritar revoltado, cair sobre o caixão, fazer coisas contrárias ao equilíbrio. Mas chorar, mesmo alto, não prejudica ninguém.

— Irmão, e aquelas pessoas que desmaiam, gritam, arrancam os cabelos, é certo?

— Certo não é, tudo o que é exagero choca e nos leva ao ridículo, mas como podemos dizer a uma mãe, que está sofrendo pelo desencarne de um filho, que não chore, que não sinta saudade? Dor é dor e só quem a está sentindo sabe a sua intensidade.

— Irmão, então é errado dizermos a alguém para conformar-se, para não chorar?

— Acho que é jogar palavras fora, Luiz. O consolo de um abraço é mais significativo do que uma crítica em uma hora tão amarga.

— Enrico, você é demais!

Ele sorriu, meio sem jeito, e eu enlacei seu ombro. Os outros amigos também sorriram. Fomos para a capela, onde os filhos choravam muito, mas conformados. Os amigos, porém, dava pena ver o que faziam: conversavam sobre política, jogos, mulheres e bebidas. Fumavam e falavam, falavam, mais parecia uma festa. Na capela tinha de tudo, até comes e bebes. Os que velavam o corpo estavam sendo bem alimentados. Não pude deixar de sorrir: no quarto ao lado, feito para a família repousar, a comida andava solta. Com isso, os espíritos que não gostam de sair do cemitério se apraziam de lá ficar para saborear os alimentos. Um deles sentou-se perto de uma mulher que comia, comia sem parar.

— Sempre que fico nervosa só a comida me acalma, dizia.

Se ela soubesse que cada vez que buscava o alimento estava alimentando três espíritos que ainda julgam que a comida da Crosta é a melhor que existe!... As bebidas faziam com que o olhar deles brilhasse.

— Irmãos, vocês ficam sempre aqui? perguntei, aproximando-me.

Olharam-me com desprezo:

— Você é mensageiro de Jesus e vai querer nos dizer que lá nas colônias é melhor?

—Sou um discípulo do Cristo, e venho como irmão espiritual de Leontina. Agora gostaria de saber se aqui nas capelas a comida é sempre farta assim.

— Que nada, nos enterros dos pobres só sai é um cafezinho ou chá de cidreira.

O outro disse:

—Detesto chá. Agora, bacana morto a gente se farta, é bebida das finas e comida gostosa.

O terceiro falou:

— E tem a turma dos sanduíches, também gostamos muito.

— Às vezes a cervejinha corre solta, com salgadinhos e tudo. É a glória! É a glória!

— E vocês acham certo ficar aqui em busca de migalhas?

— Não é isso, não, a gente também chora junto, faz parte do nosso trabalho.

Despedi-me deles, não sem antes terem me oferecido um pedaço de pizza calabresa.

— Mas vocês comem mesmo? indaguei.

— Claro, meu chapa! Mas ela come mais que nós — e apontou para a nossa irmã que mal mastigava, engolindo tudo o que lhe era oferecido!

Voltei para junto dos outros e falei a Enrico:

— Gostei daqueles irmãos, o que podemos fazer por eles?

— Nesse trabalho que estamos realizando, viremos muitas vezes aqui, e você, todas as vezes, poderá conversar com eles. Hoje foi o primeiro passo.

— Desejo, e muito, ajudá-los. Deve ser triste, já desencarnado viver ao lado dos companheiros encarnados. Sabe, Enrico, eles comem de tudo. Agora vão para outra capela.

— Não só eles, vários ficam aqui desfrutando a companhia dos encarnados.

— Será, Enrico, que vai chegar a época em que os que comparecerem a um enterro vão conscientizar-se de que o corpo necessita de respeito?

— No dia em que a Humanidade tiver Jesus no coração. Enquanto ela não acreditar no Espiritismo, apenas cumprirá com as obrigações sociais.

— É o que muitos fazem, vão até o cemitério cumprimentar os amigos, por isso não têm um comportamento cristão, tratam os ditos mortos como se eles já não existissem.

Bem ao nosso lado uma jovem atendeu ao telefone celular, rindo e conversando como se estivesse em sua casa. Leontina às vezes se via diante do corpo, era a expansão da sua casa mental

que ia em busca dos familiares. Mas quando deparava-se com as risadas e conversas, tentava apagar as lembranças.

— Enrico, sabemos que devemos esperar vinte e quatro horas para um corpo ser enterrado, mas não acha que faz muito mal ao espírito esse disse-que-disse que ocorre em quase todas as capelas?

— É a cultura deste país que faz com que os homens não se conscientizem de que a hora do adeus é muito importante para os que ficam e para os que partem.

O amigo Plácido perguntou:

— Mas sendo a "morte" a libertação, não é certo a alegria nas capelas?

— Você já pensou, você vendo o seu corpo ali estirado, coberto de flores, sabendo que "morreu" —a morte era o seu terror —e os que ficam, que você vai morrer de saudades deles, dançando e festejando ao lado do corpo que lhe pertenceu? respondi.

Ele não pôde deixar de sorrir, dizendo:

— Luiz, desde que ocorre a separação, o espírito não está nem aí para o corpo inerte.

— Você é que pensa, Plácido. O espírito leva para o mundo espiritual as últimas sensações do corpo físico e demora muitos dias para delas se libertar. Voltemos a *O Livro dos Espíritos*, no comentário à resposta da letra "a" da questão 155 e vejamos o que nos diz:

A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses (...).

Como vemos, as capelas não são lugares de bate-papo nem de festa. Ninguém sabe como está o espírito que deixa o corpo. Será que os espíritas sabem dar o adeus como se deve dar?

Capítulo XV

A MALEDICÊNCIA

Estávamos agora junto a outro espírito recém-desencarnado. Enrico chamou-nos para começarmos a orar para Leonora. Os faladores foram-se acalmando, mas mesmo assim os ditos amigos diziam: *coitada, tão vaidosa, só pensava no corpo; vivia malhando e agora está acabada, emagreceu demais*. Outros comentavam: *E o marido não veio, eles se separaram há dois anos, dizem que ela estava de caso com um garotão. Lembra-se do escândalo com o distinto? Ela era fogo!*

Não agüentei, aproximei-me dos fofoqueiros e um deles arrepiou-se:

— Cruzes, estou todo arrepiado! Vamos parar de falar da defunta? Ela está aqui ao nosso lado!

Dei outra parada na frente deles. O outro, amedrontado, falou:

— Nem lhe conto, acho que a defunta pisou meu pé. Vou-me mandar daqui, nem vou assistir ao enterro desta vampira! E isso mesmo: vampira. Quando em vida gostava tanto de namorar que agora não quer ouvir as verdades.

Eu ia repetir o que já tinha feito antes, mas Enrico me segurou

— Agora vai virar obsessivo?

— Não posso com isso: a pessoa vir a um enterro para falar mal de quem está partindo. Se não gostava dela, por que veio?

— Luiz, temos de respeitar os pobres de amor. E esses dois irmãos são uns infelizes, porque além de caluniarem Leonora, não estão tendo um comportamento cristão.

— Enrico, é mentira o que eles estão falando?

— Sim, Luiz. Leonora separou-se do marido porque ele já tinha outra. Ela se cuidava muito apenas para reconquistá-lo. Mas os maledicentes só enxergam o que depreciam no seu próximo.

— Não me arrependi de ter interferido. Não suporto injustiça. Mesmo que ela tivesse os seus casos, na hora da sua partida todos lhe devem respeito.

Busquei Leonora e ela, mesmo socorrida, ainda ouvia e via tudo o que se passava na capela. Ali ficamos. Os dois filhos sofriam, pois amavam a mãe. Oramos muito e quando íamos saindo, ainda procurei aqueles espíritos que comem e bebem com os encarnados. Eles nos ofereceram um cachorro quente, que por sinal era enorme.

— Até outra vez.

— Até! responderam. ,

Dali fomos para outra cidade. Enrico falou:

— Agora vamos ver como desencarna um avaro. Pensei: *vem coisa por aí!*

Capítulo XVI

A AVAREZA

Entramos na casa de Ribamar. Ele ainda estava doente e todos os filhos ali se encontravam. Já vivendo mais no mundo espiritual do que no plano físico, Ribamar dizia à esposa:

— O que eles estão fazendo aqui? Não vou agüentar dar de comer a filhos, mulher, genro e netos. Manda, Maria, eles irem para suas casas e me deixarem morrer em paz.

— Mas Ribamar, eles são nossos filhos...

— Sei disso, mas o dinheiro é meu, não o dou pra ninguém.

— Meu Deus, não fale assim!

O médico chegou para vê-lo e ele logo quis saber:

— Quanto o senhor está cobrando?

— Não estou cobrando nada, sou seu amigo, respondeu o médico.

— Ainda bem, não tenho dinheiro pra nada. —Desculpe, doutor, pediu-lhe a mulher, acho que é a doença.

Ribamar ouviu o barulho de um prato que quebrou e se zangou:

— Maria, vai ver quem está quebrando nossas coisas. Faz comprar outro.

Maria correu até os familiares e pediu que não fizessem barulho. Aquela mulher sofria tanto com a usura daquele homem que dava pena. O dinheiro era todo com ele, ela jamais tivera cont conjunta, até o pão era contado. E quando precisava compra remédio, ele perdia as noites e reclamava, querendo que o deixassem morrer, pois era preferível a morte do que gastar dinheiro em vão.

— Enrico, não acredito no que estou vendo, como pode alguém ser tão avaro?

A mulher lhe trouxe uma canja. Ele, embora muito mal, estava a contar os pedaços de galinha.

— Quantos frangos você gastou nesta canja?

Maria não respondeu. Ele nem podia comer e como não o fez, falou:

— Coma o meu resto, pelo amor de Deus, não jogue nada fora.

Ribamar dormia e acordava, sempre preocupado com o dinheiro. A mulher lhe falou:

— Vamos chamar o padre.

— Não, não quero. Ele vai cobrar uma nota.

— Padre não cobra.

— Não quero, porque se ele inventar de cobrar eu não pago e não quero morrer devendo a ninguém. Maria, não quero uma flor sequer, elas custam caro. O caixão, eu quero o mais barato. Nada de gasto. E depois, não paguem para rezar missa, quem morre não precisa de nada.

Quando Maria saiu do quarto, contou para a família. O filho Alberto falou:

— Revolta-me vê-lo tão apegado ao dinheiro, mesmo sabendo que vai morrer. Ele nos privou de tanta coisa!... Para eu estudar tive de trabalhar e assim mesmo ele ainda me pedia dinheiro.

A outra filha falou:

— Você, mamãe, é que me ajudou escondido, porque ele sempre dizia: *para que investir na educação de filha-mulher? Ela vai para outro homem e eu não terei o meu dinheiro de volta*. Ficamos tristes, porque ele vai sofrer muito no inferno.

— Meus filhos, não falem assim, seu pai é bom.

— Bom, mãe? Os coitados dos empregados nunca comeram o que a gente comia.

— Esqueçam, esqueçam. Vamos cuidar dele.

— Quantas vezes eu vendia jornal, garrafas, porque queria lhe dar um vestido; os seus eram cheios de remendos, disse-lhe Alberto.

— Pelo amor de Deus, esqueçam os erros de seu pai, lembrem-se de que ele é um bom homem.

Recordei-me do *Eclesiástico*, Capítulo IV, versículo 36:

A tua mão não esteja aberta para receber, e fechada para dar.

Capítulo III, versículo 34:

Deus contempla aquele que exerce a caridade, e lembra-se dele para o futuro, e no tempo da desgraça encontrará um apoio.

Capítulo IV, versículos 1 a 3:

Filho, não prives o pobre da tua esmola, e não apartes dele os teus olhos. Não desprezes aquele que tem fome, nem exasperes o pobre na sua necessidade. Não aflijas o coração do pobre, e não difiras dar ao que está em angústia.

Capítulo XIV, versículos:

9 — *O olho do avaro não se sacia com uma porção injusta; não se fartará, enquanto não tiver consumido e secado a sua vida.*

12 — *Lembra que a morte não tarda, e que te foi intimado o ir para o sepulcro; porque é decreto deste mundo o ter infalível-mente de morrer.*

13 — *Faze bem ao teu amigo antes da morte, e, estendendo a mão, dá esmola ao pobre, segundo as tuas posses.*

16 — *Dá, e recebe, e santifica a tua alma.*

17 — *Pratica a justiça antes da tua morte, porque na sepultura não se encontram alimentos.*

É, a caridade é o único caminho que nos leva a Deus. Coitados dos avaros! Eles não sabem o que os espera.

A mulher de Ribamar dava-lhe toda a assistência e logo o padre chegou. Não pude conter o riso, quando Ribamar, abrindo os olhos, falou:

— Seu padre, quanto o senhor cobrará para me benzer?

— Filho, eu nada cobro, se sua esposa quiser, vai ofertar o que puder à paróquia, que por sinal está abandonada, precisando dos seus fiéis para consertar o telhado; as paredes precisam ser pintadas.

— Mulher, pode levar embora o seu padre, eu não preciso de reza, ainda mais quando tenho de pagar.

— Ribamar, por favor, eu nada quero a não ser ajudar a paróquia.

— Seu padre, eu não vou mais precisar da sua paróquia, pois eu vou é morrer, e depois, meu dinheiro foi ganho com muita luta. Por que o seu padre não faz o mesmo? Só rezar missa, fazer casamentos e batizados não dá dinheiro; e a sua igreja tem é de ruir, porque ninguém mais cai nessa de ajudar. Hoje, salva-se quem pode economizar.

— Por favor, Ribamar, você está ofendendo o senhor padre...

— Deixe, minha filha, isso é normal no estado dele. O padre começou a orar e Ribamar relutava:

— Por favor, eu não quero. Fala, mulher, que eu não vou pagar. Ele pode fazer as suas rezas, mas não verá um só tostão meu.

O padre, cumprindo sua tarefa, orou por Ribamar e ele adormeceu. Enrico falou:

— O apego ao dinheiro faz tão mal à alma que o ridículo nem é percebido.

Maria foi levar o padre até a porta e quis lhe dar alguns trocados para a obra da igreja. Ele sorriu e lhe falou:

— Irmã, eu orei em nome de Jesus e Ele nada deseja receber, a não ser amor.

Maria sorriu, sem graça, mas aliviada. O dinheiro naquela casa era alvo de discussões, ela quase não pegava nele.

— O que o papai já aprontou? perguntou Alberto.

— Ofendeu o senhor padre, disse que não pagaria a visita dele.

— Meu Deus, que vergonha!

— Que vergonha nada! Toda a cidade conhece o seu pão-du-rismo, ele até é conhecido como Ribamar "mão fechada", disse a filha.

— O povo de língua grande!..., falou Maria.

Nisso, todos ouviram um grito. Era Ribamar que lutava para não deixar o corpo. Naquela cama, um homem que só guardou dinheiro sofria com a morte e debatia-se para permanecer no corpo físico. Com os olhos arregalados, disse:

— Saiam daqui, suas assombrações! Odeio alma do outro mundo! Seu Prudêncio, criou vergonha e veio me pagar? A sua família mudou da cidade com a sua morte, dando-me prejuízo. Venha cá, dê-me o meu dinheiro!

Prudêncio dizia palavras amigas, mas Ribamar era um espírito difícil, nem a sua mãe foi capaz de acalmá-lo, ele relutava em desencarnar.

Lembrei-me de *O Livro dos Espíritos*, Parte 2ª, Capítulo III, questão 164:

A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

"Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria."

E Ribamar, mesmo com seu corpo expulsando o perispírito, lutava para não deixar a matéria; julgava-se seu dono absoluto. Os familiares desencarnados tudo faziam por ele, mas por ser tão apegado às coisas que lhe pertenciam, ele dizia ser mais forte do que a morte. Notamos que os laços, embora desatados, ainda permaneciam junto ao corpo físico. E o

espírito de Ribamar não só sentia as dores do físico doente, como não queria dar o salto para o mundo espiritual. Eu já estava ficando nervoso em presenciar tanta agonia. Mesmo com Ribamar dificultando o socorro, toda a equipe empenhava-se para que ele se desprendesse, porém o seu espírito vencida e ainda junto ao corpo, sem desejar partir, assistia a tudo o que ali se passava: as lágrimas de Maria, o silêncio dos filhos, nora e netos. Quando Alberto procurou o dinheiro para o enterro, Ribamar gritou:

— Não lhe dou o direito de abrir meu cofre! Como soube o segredo?

Não sabia ele que Maria, a submissa mulher, sempre lhe furtava alguns trocados para ajudar os filhos. Que desespero daquele espírito quando viu sobre a cama todos os seus documentos, dinheiro, talões de cheques! Aí a família se inteirou do quanto ele guardava nos bancos. Alberto sorriu, falando à mãe:

— Dona Maria, acabamos de ganhar na loteria!

Ô, meu filho, não fale assim, eu queria era o seu pai junto de mim.

Esta foi a única hora em que vimos Ribamar derramar uma lágrima. Naquele momento ele constatou que aquela mulher silenciosa e humilhada lhe queria muito, mas ficou uma fera quando Maria pegou o seu melhor terno para vesti-lo:

— Não façam isso! Não façam isso! É a minha melhor roupa, e na terra vai-se estragar toda!

— Enrico, por favor, não vão fazer nada por esse pobre espírito?

— Sérgio, fazer o quê? Ele reluta em ser ajudado...

— Mas ele vai ficar deitado sobre o corpo que logo irá apodrecer...

— Outra equipe virá tentar tirá-lo.

— Graças a Deus. Coitado, ele só foi avaro!

— Luiz Sérgio, o avaro é um dominador, ele desespera a família, na sua casa não há paz, ele se julga o dono de tudo. Os empregados são maltratados; geralmente eles pegam crianças pobres para criar como escravas, sem colégio, desdentadas, com roupas velhas, rasgadas e sujas, enfim, são tratadas como bichos. E você ainda acha pouco?

— Desculpe, Enrico, mas eu julgava que o avaro só fosse pão-duro.

— O avaro, quando fecha a mão, é porque há muito tem o coração fechado. De tudo e de todos ele reclama, é um ser de difícil convivência. A esposa é tratada como débil mental, tudo o que fala é criticado, pois ele é o amo e senhor.

Estávamos ainda no quarto, quando entrou uma irmã lindíssima, que falava mansamente, tentando ajudar Ribamar. Mas ele me recordou a criança que sobe na árvore, e a mãe lhe diz: "desce que você vai cair", e ela responde: "não desço, não desço". Aquele espírito recém-chegado exalava perfume por onde passava, mas o apego de Ribamar era mais forte do que o amor daquela irmã. E assim, vários outros tentaram retirá-lo dali. Percebi que os laços que prendem o espírito à matéria não haviam voltado para o perispírito, porquanto em uma desencarnação normal, tranqüila, eles vão-se enrolando nos centros de força; é como se fosse uma carretilha recebendo de volta os fios. Mas os de Ribamar estavam soltos e muitos deles bem juntos ao corpo de carne. E ele julgava que tinha vencido a "morte", apesar de não estar se sentindo bem.

Seu corpo foi levado pela funerária para ser arrumado. Mesmo não colocando as flores no caixão, uma rosa foi posta em suas mãos. Ele estava furioso, gritava muito:

— Eu não estou morto! Maria, tira-me daqui! Eu não quero esse caixão, ele deve custar uma nota! Por favor, Alberto, tira esses homens daqui! Seus urubus, vocês estão abusando de um homem debilitado pela doença. Deixa eu sarar, quebro cada um ao meio!

Ficou tão cansado que adormeceu. Outra equipe tentou retirá-lo. Ele acordou e recomeçou a gritaria. Nem Deus foi poupado.

— Ele vai ser enterrado junto ao corpo, Enrico?

— Parece que é o que vai acontecer.

— E poderá sair quando quiser?

— Temo que não, aí irá demorar mais tempo.

— Posso ir embora? Para mim basta. Acho que para meus leitores também.

Enrico olhou-me com "aquele" olhar e então falei:

— Está bem, está bem, eu fico. Seja tudo o que Deus quiser.

— Luiz Sérgio, o Capítulo III, Parte 2^a, questão 165 de *O Livro dos Espíritos* diz:

O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

"Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem."

— E no comentário à resposta:

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. (...) No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito.

— Quem desejar saber mais, leia todo o comentário relativo à questão 165, aconselhou Enrico.

Assistimos ao desespero de um espírito apegado à matéria, que não desejava ser ajudado. Ficamos até o enterro de Ribamar, que estava furioso porque algumas pessoas lhe levaram flores. Enquanto que Maria só podia enfeitar sua casa com flores de plástico.

— Que absurdo! Num país miserável como o nosso, jogar dinheiro fora... As flores apodrecem tão ligeiro!...

No momento em que viu as velas, ficou indignado:

— Quero saber quem vai pagar tudo isso! Eu é que não vou!

Por falar em vela, ri muito ao saber de uma história contada à médium. Havia um homem tão avarento, que na hora do seu desencarne, quando a mulher acendeu uma vela para colocar em sua mão, mesmo desencarnado, ele tentava apagá-la para não deixá-la queimar. Pensava: *para que queimar dinheiro? Vela custa caro*. Outro também contou que o velho pai era tão avarento que ao perceber que ia desencarnar, pediu para a mulher vesti-lo e, com dificuldade, colocou todo o dinheiro nos bolsos. Na hora em que o estavam velando na capela, notaram que ele tinha os bolsos cheios. Um dos filhos falou à mãe: *papai está tão pesado levando esse dinheiro que vou trocar com ele, dou-lhe um cheque e fico com o dinheiro*. E assim o fez.

O coitado do Ribamar não teve tempo de levar o que possuía para o túmulo e ali estava ele junto ao corpo de carne sem querer deixar no plano físico tudo o que julgava ainda ser seu. Na capela, onde quase todos os presentes só falavam mal de Ribamar, ninguém, nem Maria, lembrou-se de fazer-lhe uma oração. E os tarefeiros desencarnados precisavam tanto! Aproximei-me de Ribamar e perguntei:

— Não está cansado de ficar aí? Não acha melhor ficar com a gente?

Ele me olhou com um olhar de deboche:

— Quem é você, garoto? O que faz aqui? Não o conheço...

— Tem razão, você não me conhece, pois eu sou um espírito que deseja ajudá-lo.

— Cai fora, estou farto de ajuda! Cada ajuda é um trocado que sai.

Quando ia-me retirar, ele me chamou e falou baixinho:

— Sabe quanto ficou esta palhaçada? Fingindo ignorar a que ele se referia, indaguei:

— Que palhaçada?

— Esse enterro que a minha família me encomendou. Será que ela pensa que morri?

— Pensa, não, você morreu e acho melhor você dar no pé, já está aproximando-se o seu enterro e não vai ser nada agradável ficar trancado no túmulo.

— O que você está dizendo, moleque? Você acha que eles irão enterrar-me vivo?

— Acho. Daqui a pouco. Olhe ali a tampa do caixão, logo, logo, eles vão fechá-lo. E depois não adianta gritar, todos irão embora e o irmão ficará sozinho com essa flor que está em sua mão.

— Não brinque com coisa séria!...

— Não é brincadeira, não. Há quanto tempo os amigos espirituais estão tentando tirá-lo daí e você não quer? Na hora em que você estiver no túmulo e as baratas, as formigas, passarem pelo seu corpo físico, você não vai gostar nada.

Henrico me chamou:

— Luiz, o que está fazendo?

— Nada, só batendo um papo com Ribamar.

Quando eu voltava para junto de Enrico, Ribamar começou a gritar:

— Tire-me daqui! Que vá pró inferno o meu dinheiro, as minhas cem casas, as minhas lojas, as minhas aplicações! Eu nada mais quero! Só não quero, meu Deus, as baratas a me roerem, tenho horror a elas! E de ratos? Tenho pavor! Socorro! Socorro! Socorro!

Gritava, olhando a capela. Só então percebeu que estava sozinho, que nada do que acumulou na terra iria fazer-lhe companhia. Novamente estava Ribamar rodeado de irmãos que tudo faziam para desprendê-lo do físico. Estava difícil. Aí, alguém, como se tivesse percebido o que se passava na parte espiritual, começou a rezar o terço e muitos ô acompanharam, o que deu condição de Ribamar se desprender da matéria. Fui saindo, devagar. Nunca tinha visto coisa igual e tive vontade de gritar para os encarnados: *a caridade é o único caminho da salvação. O avaro é escravo do próprio corpo.*

Enrico alcançou-me e quis logo saber:

— O que você fez para que Ribamar mudasse de idéia?

— Nada, só lhe falei o que o esperava mais tarde. Sabia, Enrico, que ele tem pavor de baratas e de ratos?

— Luiz Sérgio, não me diga que você lhe fez medo!... Enlacei seu ombro:

— Que nada, medo não, eu lhe causei é pavor.

— Você acha certo isso?

— E você, Enrico, acha certo o coitado sofrer junto ao corpo físico?

— Ele ainda vai sofrer, pois a sua casa mental está doente.

— Dos males, o menor, não acha?

— Gosto muito de você, menino Luiz. Não cresça, só as crianças têm puro o coração.

Os dois irmãos de aprendizado sorriam e Pamela indagou-me:

— Luiz, você ficou com medo de vê-lo ser enterrado junto ao físico?

—Medo não, fiquei meio receoso, pois Deus não criou ninguém para sofrer e nós aprendemos que nascemos e vivemos para ajudar-nos uns aos outros.

Todos nós, abraçados, cantamos:

Fonte de luz, de amor e paz, Assim é Seu caminho, amado Jesus. Em cada parada existe alguém De mãos estendidas para receber. E a gente vai sem compreender Que é Jesus que vem até nós Pra nos socorrer. E junto a Ele Vamos caminhando, Levando o Evangelho, Levantando do chão O velho, o mendigo, Ou qualquer irmão. Fonte de luz e paz, Assim é Seu caminho, Amado Jesus.

Capítulo XVII

FUGA DOS COMPROMISSOS

Logo estávamos na casa de Lúcia Maria que, completamente desesperada, chorava abraçada à roupa do filho de dezessete anos que desencarnara por excesso de velocidade, após uma noite de álcool e droga — aquela que os viciados dizem que não faz mal, a "fraquinha". Droga é droga, como o nome mesmo diz. Umas são consideradas mais fortes, porque uma dose maior pode levar ao desencarne; as consideradas mais fracas vão matando pouco a pouco os neurônios, atingindo o sistema nervoso. Não há droga que faça bem. É droga qualquer substância ou produto que altera as funções do organismo; o tóxico envenena e mata. A maconha, tão defendida ultimamente, faz do seu usuário um fantoche, que fala sem parar, que ora ri, que ora entra em depressão e sonolência; tem sempre os olhos vermelhos, alucinações,

distúrbios na percepção do tempo e do espaço. Isso porque dizem que ela não faz mal... Outros defensores da maconha dizem que ela não causa dependência física e não faz mal à saúde. Isso não é verdade. Ela provoca oligospermia, isto é, diminuição de espermatozóides no sêmen, que pode cair até quarenta por cento do normal. No usuário crônico, isto é, naquele que fuma vários cigarros por dia, todos os dias, sabemos que ela causa efeitos graves no organismo. O cérebro controla, entre outras faculdades, a inteligência, o raciocínio, ou seja, tudo o que depende da mente. A maconha provoca alucinação, por alterar o funcionamento mental.

Mas ali estávamos nós na casa de Lúcia Maria, onde o seu filho único, Pedro, não desenvolvera o sentimento filial. Sempre fora cercado de carinho, recebendo do bom e do melhor: carro importado, quarto com todo o conforto, enfim, ele era o dono da vida de seus pais; pedindo e ganhando, nunca aprendera a doar, sequer o respeito aos que o amavam.

Lúcia Maria não tinha mais vontade de viver, o seu tesouro fora embora de maneira muito trágica. Abraçada aos pertences do filho, chorava desesperadamente. Notamos que o quarto estava sendo desmontado pelas tias e pela avó de Pedro, que encaixotava tudo. Só a televisão, o computador e a impressora ficaram naquele quarto. Com isso, Lúcia Maria chorava, copiosamente, como se o filho estivesse indo embora outra vez.

— O homem, com medo de sofrer, desfaz-se apressadamente dos pertences daquele que retornou à pátria espiritual, falou Enrico.

— Irmão, muitos espíritas aconselham a família a doar tudo para os pobres, para ajudar seu ente querido.

— O que ajuda o desencarnado é a caridade verdadeira. E nesses casos caridade não existe quando a família está-se desfazendo de algo que não lhe serve, e que lhe traz tristeza. Veja se eles vão dar a televisão, o sistema de informática! Não, o

que estão dando são sapatos e roupas, assim mesmo os melhores serão distribuídos entre os parentes. Nos primeiros meses, essa doação de nada vale para aquele que partiu; ao contrário, cada objeto seu que vai para outras mãos causa-lhe muita tristeza e às vezes até desespero.

— O que fazer para ajudá-lo, então?

— A família pode sair nas noites frias, levando agasalho para os carentes que jazem na sarjeta, visitar os hospitais onde crianças e jovens se encontram sofrendo; ocupar seu tempo trabalhando para os nossos irmãos necessitados. Seria muito fácil salvar alguém que partiu apenas com a doação dos seus objetos.

— Enrico, já vi famílias buscarem a Casa Espírita para levar comida ao pobre, mas quando a saudade ameniza eles somem do Centro, esquecendo a caridade. Voltam a ser orgulhosos, vaidosos, egoístas e avaros.

— Mas foi válido o tempo em que deixaram de pensar neles e buscaram Deus. O que aprenderam na Casa Espírita jamais esquecerão.

Oramos pela família de Pedro. Depois cheguei perto de Lúcia Maria e a intuí a procurar uma Casa Espírita, onde encontraria consolo para continuar vivendo. Aquela mulher rica, bonita, bem cuidada, agora ali se encontrava diante da aflição. Ela, que só vitórias alcançara na vida, jamais imaginou que seu filho, de porte atlético, bonito e rico, pudesse desencarnar. Pensava ela: *o único aborrecimento que Pedro nos dava era que ele não gostava de estudar nem trabalhar. Mas isso não era defeito, com o tempo ele iria trabalhar na empresa do pai.* Para os pais, os filhos são sempre anjos, agora para alguns filhos os pais são uns quadrados, que nada sabem da vida. Parecendo que me escutou, ela parou de chorar.

Sáímos e fomos até Pedro que, mesmo amparado, chorava e se retorcia de dor. Ele havia sofrido várias fraturas e seu cérebro

fora amassado. Perguntei ao doutor Assif, que atendia no pronto-socorro:

— Como ele está?

— Em estado desesperador, pois parte do plano físico uma emanção tão forte, que o está perturbando.

— Não existe um modo de isolá-lo?

— Estamos tentando, mas com tão pouco tempo de desencarne e a família se desfazendo das suas lembranças, cada objeto doado chega até ele em forma de desespero e perda.

— Então não se deve doar os pertences do desencarnado?

— Sim, sempre devemos doar a quem precisa; não quando os objetos ainda estão muito vivos na lembrança daquele que partiu. É triste assistirmos o que a família faz: doar, para não guardar o que não lhe interessa usar.

— Quanto tempo acha o irmão que a família deveria guardar os objetos de Pedro?

— Uns seis meses, mais ou menos, o tempo dele se recuperar um pouco.

— Pedro está muito mal?

— Sim. Sua casa mental está péssima. Ele saía de uma orgia sexual regada a álcool e droga.

—E como foi socorrido? Os vampiros drogados não o pegaram?

— Hoje estão ocorrendo tantos desencarnes por drogas e álcool que os Raiozinhos estão sempre atentos para o socorro.

— Acho, Assif, que os doidões da espiritualidade não estão dando conta de tantos viciados que vêm desencarnando, não concorda?

Ele e os meus amigos riram. Enrico respondeu:

— Luiz, então você julga que os espíritos viciados estão ficando fartos da droga, de tanto vampirizar os encarnados que para aqui voltam por causa do tóxico?

— Eu acho. Pedro que é Pedro, doidão, maluco, está num pronto-socorro, é verdade, mas sendo cuidado pelos bons espíritos e por médicos como Assif, e o que fez ele de bom? Drogou-se e abusou das menininhas, jamais teve um gesto de carinho por alguém, era vaidoso, egoísta, e o orgulho sempre lhe fez companhia.

— Sim, Luiz, mas não se esqueça de que todos somos filhos de Deus e existe alguém que ora por ele e que sempre ajudou os pobres. Venha aqui, quero mostrar-lhe algo.

Assif apertou um botão, ligando o televisor, se podemos assim denominá-lo, mais parecendo uma tela de cinema, pois tomava a parede toda, com uns seis metros de comprimento. Vimos uma bela senhora, aparentando cinquenta anos, cuidando de crianças com fogo selvagem. Ativa, com o coração repleto de saudades, ali estava Marina, a avó de Pedro, que prestava auxílio a muitos necessitados. Perguntei:

— Marina pratica a caridade há muito tempo?

— Sim, sempre foi uma obreira do Senhor não só prestando assistência aos doentes de fogo selvagem como aos doentes mentais e aos aidéticos — elucidou-nos Enrico.

— E por que não ensinou a filha a educar o Pedro?

— Lúcia Maria não é filha de Marina e sim sua nora. Todas as vezes que ela quis dizer ao filho que eles estavam criando mal o Pedro, Lúcia Maria ficava furiosa, dizia que a sogra era fanática e louca. Olhava Marina com desprezo.

— Por quê? Marina é pobre?

— Menos abastada do que Lúcia Maria, mais para classe média alta, respondeu Assif.

E ainda os encarnados ignoram a caridade... Vivem no mundo físico só em busca das conquistas materiais e quando chega a aflição não sabem como sair dela. Pedro chorava, gritava, e no seu perispírito ficou plasmada a violência dos seus atos. Fora socorrido, mas como passou pelo corpo físico e fugiu dos compromissos, agora sofria pelos abusos praticados. Os filhos de Deus não estão no plano físico fazendo turismo; a cada um Deus ofereceu uma tarefa e feliz daquele que a realiza.

— Assif, o que está faltando a essa juventude de hoje, pois ela tem de tudo e é tão infeliz?

— Por isso mesmo, ela não busca a vitória e não respeita a vida, tudo para ela está muito fácil. E sendo assim vai morrendo a cada dia na droga, no álcool, no sexo.

— É outro caso que nos faz pensar: como pode meninos de tenra idade já vivendo a problemática do sexo? E as meninas? Hoje estão mais em busca dos prazeres da carne. Um dia desses fomos até a casa de Marinalva para lhe dar assistência, pois o seu companheiro de quarenta anos tinha desencarnado. Encontramos naquela casa uma dura realidade: Eleninha, sua neta de doze anos, "picando-se", não tendo onde se ferir mais. Até os pés estavam inchados por tantas picadas. Eleninha era uma mortaviva. Com a sua idade já tinha tido uma vida sexual intensa. Aquela criança era um ser por demais infeliz. Falei para Enrico que ia tentar ajudá-la. Ele me lembrou que hoje o meu trabalho é alertar o homem sobre como proceder diante da "morte". Mas pedirei ao querido Enoque, o menino de Jesus, que ele e a turma dos Raiozinhos de Sol olhem Eleninha, pois logo, penso eu, ela desencarnará. Um corpo infantil não resiste ao que ela está fazendo. O corpo de uma criança está em desenvolvimento e pela agressão que aquele corpinho está padecendo, muito breve sofrerá as conseqüências.

— Luiz, se a família não tomar providências urgentes, as meninas serão muito infelizes. Os garotos estão brincando de

carrinho, enquanto as meninas de sete, de oito, nove anos, já estão com a sexualidade aflorada. A causa são os meios de comunicação, que até nas propagandas colocam o sexo em destaque. E os pais, procurando só proporcionar o conforto para os filhos, não acham tempo de orientá-los.

—Hoje a juventude está livre e esse excesso de liberdade está fazendo vítimas, completou Enrico.

Despedimo-nos de Assif e eu, apertando-lhe a mão, falei:

— Logo estaremos de volta para ajudar Pedro.

— Sempre serão bem-vindos. Até outra vez.

— Assif, eu amo você!

— Obrigado, amigo, e que o Senhor guie os seus passos para que suas mãos, repletas de responsabilidade, possam levar até a juventude o esclarecimento da vida além-vida. Que seus livros, que levantaram uma bandeira em prol da juventude, não só alertem os filhos como os pais também. Desejamos de todo coração que você, Luiz Sérgio, consiga adentrar os corações das crianças e dos jovens, para que eles tenham esperança no dia de amanhã. A luz do Alto é uma descoberta do espírito e feliz daquele que, mesmo encarnado, busca a luz do caminho do Mestre Jesus que, pacientemente, nos espera, mesmo quando as iniquidades do caráter nos derrubam durante a caminhada. Os jovens estão morrendo de remorso e pelos excessos, feliz daquele que se preocupa com eles. Recordem sempre que em cada lar existe uma flor tenra e frágil, precisando de ajuda para não perder o viço e a vida. Que o Senhor os acompanhe! falou, saindo da enfermaria, onde vinte jovens jaziam em seus leitos de dor.

Fui o último a sair.

Capítulo XVIII

PRONTO-SOCORRO AURA CELESTE

Olhei um a um aqueles espíritos desesperados, atônitos com a realidade da "morte". Quando já estava saindo, ouvi um lamento de dor:

— Jorge, por que fez isso? Jorge, por que fez isso? Eu não queria, eu não queria lhe tomar nada, você é o culpado, o único culpado.

Cheguei bem perto e segurei a mão de Carmem, que chorava muito. Ela não me percebeu e também eu não quis conhecer os fatos que a levaram até ali. Carmem tinha seus treze anos, uma criança que viveu além da sua idade e. que agora colhia os espinhos que plantara. Alisei seu rosto e dali saí, orando a Maria de Nazaré, para que tenha piedade de todas as mulheres, principalmente aquelas que não se dão ao respeito e que vão violentando não só o próprio corpo, porém ainda mais a sua consciência, com atos tão indignos: *tende piedade delas, Maria, porque cada gesto indigno que praticam é como uma agressão ao perispírito. Olhai por todas as mulheres, Maria.*

Os meus amigos não se encontravam na porta, o que fez com que eu fosse andando sem rumo ao redor daquele pequeno pronto-socorro. O chão era áspero e de difícil acesso. O pronto-socorro era uma estrela em noite escura, uma rosa entre espinhos. Uma cerca luminosa de proteção isolava aquele lugar de socorro do resto do umbral. Quando ia ultrapassar a cerca, Enrico me alertou:

— O que deseja, Luiz, ser presa dos espíritos menores?

— Eu, hem? Estou apenas andando, procurando esfriar a cuca. Eles moram ao lado?

— Sim, venha aqui, vamos mostrar-lhe.

Era incrível. Ao lado da luz, estava o abismo. Naquela zona escura, os trevosos e sofredores rolavam no chão e brigavam entre si, roíam as raízes das árvores sem folhas e tentavam adentrar a Casa de Jesus, o pronto-socorro.

— Por que eles não podem ser socorridos? perguntei.

— Simplesmente porque não querem mudar de vida. Eles querem é uma casa com comida, não um lugar onde possam buscar Deus.

— E vivem assim?

— Vivem na zona de sofrimento, indo sempre ao mundo físico à procura dos prazeres. Colam-se aos viciados, seja do tóxico, álcool ou sexo e os vampirizam.

— E por que aqui voltam?

— Julgam que aqui é sua casa.

— Coitados, são uns infelizes! Alguns saem daqui, Enrico?

— Sim, quando percebem que do outro lado da zona de sofrimento existe um prado verdejante, onde serão alimentados e vestidos dignamente. Mas para isso precisam usar o passaporte do amor. Não basta querer. Para toda conquista, toda vitória, tem de haver uma vontade firme, onde o coração é o grande galardão.

— Eles perturbam Assif e sua equipe?

— Muitas vezes.

— E quem defende o Pronto-Socorro Aura Celeste?

— Os Lanceiros de Maria, que trabalham com os suicidas; e hoje os que dão mais trabalho são os suicidas inconscientes, que abusam dos prazeres da carne e sofrem por isso.

Ainda vi duas garotinhas com suas roupas pretas de *cotton*, saia bem justa e curta, blusa mostrando a barriga, muitos anéis, pulseiras e colares, eram umas bruxinhas de tão enfeitadas. Tinham-nos percebido e se requebravam para chamar nossa atenção. Falei para o meu amigo Plácido:

— São para você os olhares.

— Esquece-se de que eu não sou Luiz Sérgio, o amigo da juventude?

— Sou amigo da juventude e não tóxico de adolescente.

— Chega de brincadeiras e vamos até o mundo material, lá estão precisando do grupo, falou Enrico.

— E essas meninas, quem são?

— Repare bem suas roupas e veja quem são elas.

Ao nos aproximarmos, sentimos um odor tão forte que nos causou náuseas. Aqueles corpos pareciam estar podres.

— Os corpos perispirituais também são atingidos pelas vibrações desequilibradas, esclareceu-nos Enrico.

Fomos dali saindo, cantando uma canção de amor.

Capítulo XIX

UM HOMEM SEM DEUS

Logo estávamos em uma capela chamada de especial. Reparamos o luxo do caixão, as coroas de flores, a capela repleta de gente, amigos daquele irmão que acabara de desencarnar. Ele era um político importante. A capela mais parecia a bolsa de valores, tal o barulho. Olhei Enrico e perguntei:

— O que está acontecendo aqui?

— Simplesmente é um velório com a presença de uma sociedade sem fé.

— Eles não crêem em nada?

— Crêem sim, na posição social que ocupam, no poder, no orgulho, enfim, julgam que são os donos do mundo.

Como conversavam e riam! Nem parecia que ali estava um corpo no qual se operava a separação corpo físico e

espírito. Todos os homens apresentavam-se de terno e gravata e as senhoras elegantemente vestidas. Depois de analisar aquela gente grã-fina, procuramos o Helvécio; ele, muito assustado, encontrava-se junto ao corpo sem vida. E por mais que os tarefeiros tentassem retirá-lo dali, ele relutava, parecendo ter medo da humildade dos socorristas. Todas as vezes que um deles se aproximava, ele limpava o local onde os abnegados espíritos o tocavam.

— Como é triste o homem orgulhoso! comentou Enrico.

— Triste? É ridículo! Ele nada enxerga além da roupa; para ele os trajes bem talhados são os símbolos de uma sociedade vaidosa e orgulhosa.

Oramos ao lado de Helvécio, mas o seu olhar era de crítica, considerando-nos intrusos e fanáticos.

— Saiam daqui, por favor, não os conheço e os que partilham da minha vida são escolhidos por mim. Mesmo doente tenho o direito de selecionar os meus companheiros e pelo que sei nunca os vi no meu estreito círculo de amigos.

Olhei aquela multidão e pensei: *estrito círculo de amigos?* É, ele tinha razão, ali se dois ou três eram seus amigos de verdade era muito. Percebi que os laços do seu perispírito estavam tão junto ao corpo físico que me fez pensar que Helvécio ainda se encontrava encarnado.

— Ele não morreu, Enrico? Fixando bem o olhar, respondeu-me:

— Os laços já foram desatados, mas é tão grande o seu apego às coisas materiais que, como uma cola, mantém-no preso ao corpo físico. E os laços ainda estão bem embaraçados.

— E mais um que se brincar é enterrado junto com o corpo físico.

— Os tarefeiros de Jesus vão fazer de tudo para aliviar a dor de Helvécio.

— Ele tem algum crédito? Parece-me tão egoísta...

— Deus é Pai, Luiz, e mesmo com os filhos ingratos Ele usa toda a Sua complacência.

— Deus é perdão, falou Pamela.

— Irmão Enrico, que gente sem fé! acrescentou Plácido.

Ninguém ali orava, a voz da esposa e dos filhos se misturava ao barulho provocado pelos comentários dos presentes. Mais uma vez observei o nosso irmão Helvécio que sofria com falta de ar; parecia-me afogado. O médico espiritual aproximou-se dele e colocou a mão em sua testa, aliviando-o.

— Doutor, quando posso voltar para casa?

— Quando o irmão se conscientizar de que já deixou seu corpo material, respondeu o doutor Eric.

— Como? O senhor quer dizer que eu morri?

— Não, o irmão não morreu, só o seu corpo físico deixou de servir ao seu espírito.

— Estou vendo tudo e este corpo não é meu?

— Sim, mas se aguçar a visão vai perceber que seu corpo físico se encontra deitado em um esquife.

Nesse momento, ele se deu conta da realidade e tentou dali sair, não o conseguindo. Gritava, gritava. Tentamos ajudá-lo, porém quanto mais gritava mais se embaraçava nos laços da liberdade, ou da prisão. Olhando-o em total desespero, percebemos que os laços que unem o perispírito ao corpo físico estavam sem condição de voltar para o corpo perispiritual ao qual pertencem e que graças à encarnação eles se unem ao corpo físico.

Lembrei-me da questão encontrada em *A Gênese*, Capítulo XI, item 18, que fala que os laços fluídicos, que são uma expansão do perispírito, ligam-se ao óvulo fecundado e vão

presidindo a multiplicação das células, dirigindo a formação do corpo. Quando este se completa, está inteiramente ligado ao perispírito, molécula a molécula.

Agora, não estava ocorrendo nada ali, o que se dá quando o homem bom e sem apego ao corpo desencarna. No momento em que ocorre o desligamento dos laços do perispírito com o físico, os laços, delicadamente, retornam ao perispírito e se alojam novamente nos centros de força, enleados como se fossem uma espiral. Veja o desenho:



Por que dizemos "laços" e não "laço"? alguns indagam. Porque vários laços são os intermediários: perispírito — corpo físico. E, assim, os laços partem dos centros de força que se encontram no perispírito; é ele, o perispírito, que serve de intermediário entre o espírito e o físico. Para um melhor esclarecimento, recorramos a *O Livro do Espíritos*, Parte 2ª, Capítulo III, questão 155:

Como se opera a separação da alma e do corpo? "Rotos os laços que a retinham, ela se desprende."

a) — a separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

"Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. *Estes laços se desatam, não se quebram.*"

E a explicação de Kardec:

"Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi *ioda material e sensual*, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns suicidas."

Como vimos, Helvécio, muito apegado à matéria, não queria desencarnar. Não acreditava que existisse vida além da vida corpórea. E agora não queria aceitar a realidade.

— Será que ninguém aqui vai orar? perguntei a Enrico.

— Acho que não. Quase todos os presentes pertencem ao mundo dos que julgam que a Terra é o paraíso.

— Enrico, posso tentar intuir alguém a fazer uma prece de ajuda a Helvécio?

—Pode. O que não se deve fazer é forçar alguém a orar. Deus, que é Deus, não interfere nas decisões de Seus filhos.

Afastei-me, até chegar perto de uma irmã que me parecia ter humildade. Falei em seu ouvido e ela, toda enfeitada, cabelos arrumados no cabeleireiro para aquela solenidade, nada sentiu. Até as pedras sentem a presença de um irmão quando este lhe pede ajuda, mas aquela irmã era dona dela mesma, nada existia fora do seu mundo materialista.

Procurei, procurei, até que descobri Honório, o motorista de Helvécio. Implorei-lhe, falando sobre seu patrão, o quanto ele estava sofrendo. Honório, recebendo minha intuição, iniciou um Pai-Nosso. Todos olharam para ele com espanto. O filho de Helvécio pediu-lhe que parasse, pois o pai era ateu. Honório, muito envergonhado, foi saindo, cabisbaixo. Comentou, depois, com outro motorista:

— O que me deu para fazer isso? Parece coisa do diabo. Eu ouvi um espírito de voz cavernosa me dizer: "faz uma oração, Honório, o doutor Helvécio está nas profundezas do inferno, ele grita, grita e o fogo queima-lhe a alma". Coitado, quem mandou ser tão metido e orgulhoso?

—Cruz, credo! É mesmo. Não acha melhor falar para a madame?

— Eu, hem! Ela é capaz de me mandar prender. Se ele era o cão, ela é o diabo do cão!

Não pude deixar de rir. Quando voltei para junto do grupo, Enrico me falou:

— Por que o motorista começou a orar e depois parou?

— Nem lhe conto, ele captou o meu pedido, mas o filho de Helvécio mandou que se calasse.

— Luiz, Luiz, o seu coração, repleto de carinho, muito se preocupa com os seus irmãos sofredores.

— Tem razão, irmão. Choro quando alguém sofre, preocupo-me com o sofrimento do meu próximo. Tento mudar, mas não consigo.

Enrico alisou meu cabelo, falando:

— O sentimento é um perfume que vai aumentando à medida que caminhamos com Jesus.

Helvécio me pareceu cada vez mais colado ao físico e à "bolsa de valores", tema da conversa daqueles que se encontravam no cemitério. O pessoal nem mais falava, gritava. Quando um dos amigos ali presentes referia-se à sua fortuna, ele ria, pensando: *os ricos não morrem, por isso tenho certeza que logo ficarei curado.*

— Que doença o levou ao desencarne, Enrico? quis saber Plácido.

— Um enfarto fulminante. Agora, Luiz, vamos esperar a família no lar de Helvécio.

— Não vamos esperar o enterro?

— Não, aqui não. Mas o acompanharemos de onde estivermos.

Olhei aquela multidão e pensei: *como tem neguinho que em nada crê!* Na hora que busquei um amigo para ajudar Helvécio, nem sua família lembrou-se de Deus por um instante sequer.

o O o

Que casa, a de Helvécio! Um verdadeiro palácio. Ficamos no jardim. Logo adentramos o salão. As obras de arte eram tantas que a venda de um só quadro daqueles daria para agasalhar muitos pedintes que desencarnam pelo frio. Vimos cinco empregados, todos uniformizados. A esposa, as duas filhas e o filho Helvecinho chegaram da capela.

— Estou exausta! Vocês viram o desembargador fulano de tal?

— Mamãe, é senador!

— Que gentileza...

Assim, eles, envaidecidos do enterro de Helvécio, só falavam nisso.

— Quantas flores! Toda a cidade compareceu.

— Também, papai era um grande homem.

— "Benza Deus", falei, pois vocês nem imaginam o sufoco que o grande homem está passando!

Nisso, retornei mentalmente ao cemitério e vi, debatendo-se em desespero, aquele irmão que o dinheiro dominou tanto que lhe ofuscou a consciência.

— Se agora a família reunida orasse pela paz de Helvécio, ele receberia alívio para o seu desespero, ponderou Enrico.

Mas logo o filho, as filhas e a esposa foram ao escritório de Helvécio fazer um levantamento dos seus bens. Estavam com muita pressa, não queriam perder tempo. Enquanto isso, um homem desesperado, apegado ao seu corpo já sem vida, debatia-se, sem saber o que fazer.

— Enrico, Helvécio está sofrendo só porque é egoísta? perguntou Plácido.

— Não, ele furtou a Nação. Quando andava em seu belo carro, jamais olhava as crianças mendigas que lhe estendiam as mãos em busca de ajuda. Em um país de famintos, ele jamais teve compaixão por seus irmãos que, na miséria, nada têm para comer. Helvécio passava por cima de tudo, só o dinheiro e seu conforto lhe davam alegria. E ninguém vive eternamente junto à

riqueza. Feliz do homem que faz do coração um banco repleto de amor ao próximo.

— O homem era togo, hem? falei.

— O fogo da ganância não o deixava praticar a justiça, ele fazia suas próprias leis, a todos dominava, era um homem muito influente.

— E agora, por que não usa a sua influência com os "coveiros" desencarnados, pedindo-lhes que o libertem do túmulo?

— O pior, Luiz, é que aqueles a quem ele fez tanto mal estão vampirizando-o.

— Até quando?

— Logo ele pedirá ajuda e os socorristas o libertarão.

— Por que demoram tanto? indagou Pamela.

— Simplesmente porque Helvécio não quer ser ajudado, viveu sempre tão dono da situação que agora julga que o seu dinheiro irá libertá-lo.

— Também, com uma família dessa, quem se salva?

A mulher nem parecia que acabara de enviudar. Vestira-se de preto, colar e brincos, elegantíssima. Assim como as filhas e o filho, mais parecia vestida para um desfile de modas.

— Será que ela vai chorar? perguntei.

— As lágrimas não são, necessariamente, demonstração de sentimento, respondeu-me Enrico, o que vale é o coração repleto de saudade e de amor. Se eles o amassem verdadeiramente, como o ajudariam!... Os filhos foram criados longe dos pais e não desenvolveram o amor filial. Cada um nesta casa tem o seu projeto de vida. A esposa tirava férias com ps amigos, deixando marido, casa e filhos. Os filhos não davam satisfação para os pais. Helvécio vivia mais tempo fora do que em casa, buscando projeção social. O dinheiro é o "tesouro" desta casa.

— Quando um ente querido parte, é triste ver a família devassar os seus pertences! Quanta falta de respeito! Se ninguém gosta que mexam em seus objetos, por que só o

desencarnado nada sentiria? Será que a "morte" tirou-lhe todas as imperfeições, uma delas o apego às suas coisas? Digo sempre, Enrico, a família deve esperar um tempo para jogar fora os papéis e doar os objetos daquele que se despediu do corpo físico.

Plácido, o nosso companheiro que quase não se manifestava, calado o tempo todo, perguntou a Enrico:

— Por que os espíritas não procuram orientar aqueles que buscam o consolo para que não aconteçam esses tristes fatos que estamos assistindo?

— Plácido, falei, se Helvécio nem crê em Deus, imagine se vai acreditar nos espíritos; estes são para ele as almas do outro mundo.

— O mal da Humanidade, argumentou Enrico, é que ela julga que a morte é o fim e que poder, projeção social, beleza, conforto, saúde, tudo isso é eterno. Muito materialista julga que só o vizinho adoece, sofre e desencarna; ele não, nada lhe acontecerá.

Voltei a olhar aquela família. Depois de separar tudo de Helvécio, o mordomo avisou que ia servir o jantar. Todos foram tomar banho e trocar de roupa. Quem os visse se assustaria, pois parecia que iam a uma festa.

Enrico convidou-nos a acompanhá-lo. Para aquela família nada mudou, na mesa do jantar foi retirado apenas um prato. Na verdade, acho que eles nem estavam sentindo a ausência de Helvécio. Poucas vezes ele ali estivera junto à família; estava sempre correndo atrás do dinheiro.

Olhei mais uma vez para acreditar no que via. Confesso que é demais para a minha cabeça a indiferença total por aquele que fora o chefe da família.

— Luiz, não é certo o grito, o choro, o desespero, argumentou Enrico.

— É certo a indiferença?

— Não, mas cada um reage à sua maneira. Conhecemos uma família espírita que quando um deles volta para o mundo espiritual eles cantam e festejam.

— Quê, Enrico, fazem festa? estranhou Pamela.

— Claro, Pamela, tem mais maluco por aí do que gente equilibrada, acrescentei.

— Evolução, Luiz Sérgio, corrigiu-me Plácido. Quem sabe eles são tão espiritualizados que se sentem felizes em saber que um deles foi para junto de Deus.

— Pode ser bonito, ser evolução, mas o coração quando se separa de um ente querido, bate tão forte que estremece o corpo, é a saudade que chega fazendo doer as almas daqueles que ficam e do espírito que voltou para a espiritualidade.

— Você é muito amoroso, não é, Luiz Sérgio? indagou-me Pamela.

— Sou autêntico, quando choro, choro; quando me encontro alegre, grito de felicidade. Talvez ainda sinta tudo isso porque convivo com os encarnados.

— Não, irmão, respondeu Enrico, cada ser possui a sua personalidade e feliz daquele que ama intensamente o seu próximo. Agora, voltemos ao cemitério, vamos ver o que está acontecendo com Helvécio.

o O o

Já separado do corpo físico, Helvécio relutava em aceitar a ajuda dos socorristas. Era uma cena difícil de se acreditar. Sentado na lápide com a mão no queixo, Helvécio parecia alheio, como se tivesse sofrido amnésia. Seus familiares desencarnados, também materialistas e orgulhosos, não conseguiam aproximar-se dele. Já era noite na Estação do Adeus e uma brisa suave acariciava os nossos rostos; o luar dava àquele jardim de corpos físicos em decomposição a

certeza de que Deus é soberanamente bom e justo. Enquanto estávamos ali, pedi permissão para chegar junto a Helvécio.

— Olha, Enrico, temos prestado socorro a suicidas, inconscientes ou não, e sempre que nos aproximamos deles os ajudamos.

Com a permissão de Enrico, bem ligeiro, querendo chegar logo, aproximei-me de Helvécio. Só que a brisa deixou de ser brisa e me vi num turbilhão que me apertava o corpo como se tivesse sendo agarrado por vários laços. No momento entrei em pânico, mas em seguida me reequilibrei e me vi livre das vibrações de ódio, desespero e revolta de Helvécio. Procurei o meu grupo, mas não o vi. Era como se aquele lugar, antes beijado pelo luar, tivesse sofrido uma transformação, ou fomos nós jogados no umbral. Orava com tanta fé a Jesus buscando o Seu olhar compassivo e amigo, que vi aparecer ao nosso lado uma irmã de cor bem escura, cabelos brancos, vestida de azul. Ela segurou minha mão e falou:

— Deus lhe pague, Luiz Sérgio, pela ajuda ao Helvécio.

— Ajuda? Nem cheguei perto dele, aliás não sei nem onde estamos, nem ele eu vejo mais.

Nhanhá Maria falou:

— Ele não deseja ser socorrido pelos técnicos espirituais. Estamos aqui para levar o irmão Helvécio para um hospital, porque ele sempre foi muito bom para a minha família. Trabalhamos para seus pais, nós o criamos, ou melhor, ajudamos a senhora Florinda, sua mãe.

Fitamos com carinho a sua babá, já velhinha.

— Helvécio nos deu uma casa e um salário. Quando já doente, sempre¹ nos visitava e nunca deixou nos faltar nada.

— Irmã Nhanhá Maria, ele era caridoso?

— Não, Luiz, era até muito injusto com os empregados, mas com esta velha foi muito bondoso, fazia tudo escondido da mulher, Rafaela.

— E a irmã, como irá socorrê-lo?

— Não sei, mas já estamos bem perto dele. Quanto a você, Luiz Sérgio, cerre os olhos e volte para junto dos seus irmãos.

Assim fiz, sem me despedir de Nhanhá; minha vontade de juntar-me ao grupo era bem maior do que praticar atos de boas maneiras. Ao voltar, encontrei-os orando. Enrico nada falou e eu reclamei:

— Como, Enrico, vocês me deixaram cair nessa armadilha?

— Deixamos? O irmão nem esperou as instruções, achou-se capaz de praticar auxílio sozinho!

— Desculpe-me, pensei que fosse fácil.

— Não é, Luiz. Helvécio não deseja ser ajudado e depois, a pressa é como um carro sem freio, não tem controle. Pressa é o que tem hoje a juventude, drogando-se, e por isso tudo perdendo, principalmente a dignidade. Espero que com o acontecido o irmão aprenda a se preparar melhor para prestar auxílio.

— O que aconteceu, por que me vi preso?

— Simplesmente porque a casa mental de Helvécio está repleta de laços ameaçadores, e quando ele sentiu sua presença foi o que a mente dele projetou, tentando se proteger.

— Meu Deus, livra-me sempre de todos os males. Onde ele está, que não o vejo?

— Olhe bem ali.

Helvécio continuava bem junto de nós. Só que desta vez, vimos Nhanhá Maria tentando chegar junto a ele.

— Onde eu estava, Enrico? Pareceu-me o umbral.

— Você, Luiz, entrou na faixa vibratória de Helvécio. Esse é o mundo onde ele, no momento, se encontra.

— Enrico, ele está sofrendo muito!...

— Nada podemos fazer.

Estávamos orando por Helvécio, quando vimos um grupo de quatro pessoas aproximar-se de uma sepultura. Forraram-na com pano branco, colocaram bebida, comida, enfim, muitas coisas; cantaram e fizeram prece. Helvécio, quando viu os encarnados, buscou-os, dizendo:

— Obrigado, estou morrendo de fome. O que vocês trouxeram?

Os quatro se assustaram. Ao verem Helvécio saíram correndo, pedindo ajuda. Um deles caiu em convulsão. Enrico me segurou, julgando que eu ia correndo em direção a ele para auxiliá-lo. Mas, se parado ali estava, parado fiquei. Depois do que me aconteceu, jamais terei pressa em ajudar alguém. Enrico segurou a frente do irmão que se debatia, ajudou-o a levantar-se e o levou até a porta do cemitério. Ele ia andando de olhos fechados, com medo de enxergar Helvécio outra vez.

— Enrico, ele julgou que você fosse um encarnado, pois a vibração de um bom espírito não dá medo, só tranqüilidade.

Os outros o esperavam no portão e ele partiu furioso para cima dos companheiros.

— Por que me deixaram? Um deles respondeu:

— Você viu aquele "morto"? Cheirava tão mal, e que mau aspecto!...

— Nem fale, quero esquecer o que sucedeu aqui.

— Estou é feliz, pois todos os médiuns dizem que não tenho mediunidade e hoje o que vi? Dois espíritos; um morto fresquinho e uma preta velha. Que glória!

— Eu jamais quero ver outra vez o que vimos hoje, afirmou o terceiro.

— O que você viu?

— Primeiro soprou um vento forte, depois aquele homem desesperado, louco de fome apareceu e uns braços fortes me seguraram. O lugar foi ficando enfumaçado, aí uns olhos de fogo me olharam e o vento me derrubou.

— Você viu isso tudo? Como nós não vimos?

— Ouviu, Luiz, esse é seu coleguinha, passou pelo mesmo que você, brincou Pamela.

— Por que só ele sentiu o que senti, Enrico?

— Esse irmão é um bom médium, pena que nada faça para elucidar sua alma. Gosta do Espiritismo, porém, não deseja trabalhar.

— E os outros?

— Viram e de hoje em diante ninguém vai suportá-los.

— Serão videntes de um espírito só, não é mesmo?

Todos riram. Buscamos Helvécio e vimos que ele, por mais que tentasse comer, não o conseguia. Não sabia como fazê-lo e isso o desesperava. Foi quando uma voz suave lhe chegou aos ouvidos:

— Helvecinho...

— Como pode? Só Nhanhá me chamava assim, mas ela já morreu...

Nisso, ele viu Nhanhá e ela beijou suas mãos, dizendo:

— Vim buscá-lo.

— Para onde você vai me levar? Diga que eu não morri. Estou com fome e por que não consigo comer a comida que aqueles homens trouxeram para mim?

— Primeiro, o irmão não morreu, o irmão está vivo, a morte não existe. Depois, venha comigo, que o alimentarei. Essa comida o irmão não pode saborear, não foi feita para o senhor, ela foi preparada para outros irmãozinhos.

— Nhanhá, pelo amor de Deus, tire-me desse inferno!

— Irei levá-lo, mas antes vamos orar. Lembra quando orávamos juntos?

Ele a abraçou e chorou muito.

—Faz tanto tempo... Porque, minha boa Nhanhá Maria, Deus não manda os sacerdotes contarem o que acontece após a morte?

— Eles falam, Helvécio, mas muitos homens ignoram as palavras de Deus.

— Mas eu sempre compareci a missas festivas...

— Mas nunca procurou Deus nos seus irmãos, e quando ia assisti-las nem ouvia o que pregava o sacerdote. Às vezes esperava acabar o sermão para entrar na igreja.

— Que religião é a sua, Nhanhá Maria?

—Pertenço à Casa de Deus, onde ninguém briga por religião, onde todos nós somos filhos d'Ele, onde o homem vale por aquilo que plantou na terra e no coração das pessoas.

Nhanhá Maria saiu, amparando Helvécio. E nós ficamos orando.

Capítulo XX

A FAMÍLIA EA DOCTRINA

— Vamos à capela dois para esperar João, propôs Enrico.

— Quem é ele?

— Um espírita conhecido nesta cidade, Luiz Sérgio.

A capela ainda estava vazia, mas pouco a pouco foram entrando alguns desencarnados, encarregados de preparar o ambiente. Oravam com devoção, enquanto belas flores iam enfeitando o recinto. Algum tempo depois o corpo de João Lourenço chegou, acompanhado de seus familiares. O curioso é que seu espírito não se encontrava ali.

— Onde está o espírito? perguntei a Enrico, intrigado.

— Bem perto daqui, no pronto-socorro espiritual.

— Enrico, em todos os cemitérios há um pronto-socorro igual a esse?

— Graças ao Senhor, ninguém fica desamparado.

João Lourenço orava, silenciosamente; algumas lágrimas corriam em seu rosto, principalmente quando ele se recordava do corpo físico que o servira durante sessenta anos. Enquanto João Lourenço estava tranqüilo, rodeado de parentes e amigos, seu corpo estava sendo velado com velas, crucifixo e grandes coroas. Voltamos a buscá-lo. Ele murmurava: *eu falei tanto à Isaura que desejava um serviço fúnebre simples e quem quisesse oferecer flores que revertesse a quantia em prol dos pobres!*

Quem observasse João Lourenço sendo velado não acreditaria que ali se encontrava um espírita, porque o espírita não acende velas. Quanto às flores, são dispensáveis.

— Mas não deixa de ser um gesto de carinho, disse Enrico.

— Enrico, e o caixão de luxo? quis saber Pamela.

— A família de um homem desprendido da matéria compra o mais humilde. Não é o caixão o meio de transporte que irá levar o espírito para os lugares de paz e sim a sua consciência. O luxo pertence ao plano físico. Um ser espiritualizado não é apegado às coisas perecíveis.

— E João Lourenço não é um espírita verdadeiro?

— Sim, mas não conseguiu passar a mensagem para sua família. A esposa, Isaura, nunca aceitou o Espiritismo, assim como seus três filhos.

— Ele não se esforçou?

— Não, ele se considerava tão espírita que não quis violentar o livre-arbítrio da família.

— Isso é certo, Enrico? perguntou Plácido.

— Creio que não, mas não estamos aqui para julgar a vida de João Lourenço.

Nisso, ouvimos o que diziam os seus amigos que foram prestar avúltima homenagem a João. Eles estavam indignados, pois pediram para fazer uma prece e a esposa disse que logo chegaria o padre.

— Que falta de consideração! Como pode alguém ser tão fanático ao ponto de não respeitar a religião do próprio esposo e pai?

— Luiz, o coração do homem ainda está repleto de egoísmo.

Um dos espíritas, presidente do Centro onde João trabalhava, aproximou-se do corpo e fez uma prece linda. Olhamos João. As lágrimas corriam. Pudemos ver que os laços que o mantinham no corpo físico há muito já se haviam alojado no perispírito, mas mesmo assim ele ainda estava ligado ao corpo pela mente, sentindo vibrações dos seus últimos instantes no corpo físico. Os filhos, furiosos, aproximaram-se da mãe.

— Que vergonha! Por que você convidou esse louco? Não bastou a vida toda o papai ter-nos esquecido e só ficado no Centro, ajudando pobres e dando dinheiro para a maldita construção, que não acabava nunca?

— Meus filhos, logo chegará o padre e eles irão se retirar.

João ficou tão feliz com as palavras do seu amigo Rogério que adormeceu e foi levado do pronto-socorro ao hospital, onde logo iria se recuperar. Na capela era uma falação que chegava a perturbar, não os espíritos, mas quem desejava o silêncio.

Nisso, entrou o padre. Muito simpático, olhou para o grupo de espíritas, em total recolhimento, e lhes sorriu. Quando iniciou as orações, chamou um dos espíritas para ler o Evangelho. A família ficou perplexa: *como pode o padre Emiliano misturar a sua religião com a dos loucos*

endemoninhados? Acontece que o espírita não só leu o Evangelho, como fez uma tocante preleção que emocionou os presentes. Fiquei curioso, chegando a perguntar a Enrico:

— Como pode um padre respeitar um espírita?

— Seria muito bom se todos os religiosos se dessem as mãos, como filhos de Deus que são! Padre Emiliano é irmão do presidente do Centro.

— Ah!... compreendi.

— Mesmo que não o fosse, padre Emiliano sempre conversava com João Lourenço sobre o Espiritismo e a Igreja Católica; jamais brigaram ou discordaram um do outro.

— É mesmo, Enrico? espantou-se Plácido.

— Os verdadeiros seguidores do Cristo não levantam armas para atacar o próximo, principalmente a pior delas: a língua. Esta arma é tão perigosa que o apóstolo Paulo, em *Carta a Tiago*, Capítulo III, w. 1, 6-9, escreveu:

Meus irmãos, muitos de vocês não devem se tornar mestres na Igreja, porque sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com mais rigor do que os outros. A língua é fogo. O homem é capaz de dominar todas as criaturas e tem dominado os animais selvagens, pássaros, bichos que se arrastam e peixes. Mas ninguém ainda foi capaz de dominar a língua. Ela é má, cheia de veneno mortal, ninguém a pode controlar. Usamos a língua tanto para agradecer ao Pai, como para amaldiçoar pessoas que foram criadas à semelhança de Deus.

— Será que aqueles que se dizem religiosos não leram esta passagem do Novo Testamento?

— Se leram devem achá-la ultrapassada. Quem ataca os seus companheiros de evolução não crê em Deus, julgando-se o dono da verdade.

O padre Emiliano, naquela hora, foi um arauto do Senhor e a família, que não estava respeitando a crença de João Lourenço,

sentiu-se envergonhada diante do padre, principalmente quando ele perguntou:

— Vocês avisaram os amigos de João? Ele tem muitos amigos, principalmente entre a pobreza.

A esposa nem respondeu. Assim que o padre se retirou, iniciaram os cânticos e o terço. O silêncio de Enrico fez com que nós nos mantivéssemos calados. De olhos fechados, ele orava junto aos católicos presentes. Fizemos o mesmo. Uma luz azulada saiu do corpo físico de João, era o último laço que se desprendia. Eles rezavam e rezavam, parecia que a mulher de João havia sido intuída a recitar muitas orações. E ali, na Estação do Adeus, recebemos a grande lição de que a "morte" nivela os homens. João, um espírita fiel a Jesus, um filho de Deus, não recebeu uma prece espírita, porque a família não respeitava a sua fé na Doutrina; entretanto, os espíritos que vieram recebê-lo oraram da maneira católica, dando-lhe o adeus cristão.

— Enrico, desculpe-me, mas que família!...

— Não, Luiz, não fale assim.

— Ficamos preocupados porque vários espíritas não estão lutando para levar os filhos e os netos ao Espiritismo. Sempre alegam que respeitam o seu livre-arbítrio. O que será que está acontecendo com vários presidentes de Centros, médiuns respeitáveis, freqüentadores assíduos de uma Casa Espírita, que não conseguem passar a mensagem de consolação e amor às suas famílias? O que alegam esses espíritas que não conseguem transmitir a Doutrina aos familiares?

— Não sabemos, talvez não desejem impor a sua fé, acreditar no que eles estão tentando acreditar.

— E como deve um pai de família passar a mensagem à esposa e aos filhos?

— Quando um espírita se preparar para casar com uma pessoa não-espírita, a opinião de cada um deve ser analisada, porque se ele perceber que há divergência religiosa deverá avaliar se é o

que realmente deseja. Muitas mulheres espíritas vão deixando de freqüentar a Casa Espírita à medida que o noivo proíbe, o mesmo acontecendo com o noivo, quando a noiva não é espírita. Casam, se confessam, comungam e depois, quando nascem os filhos, os batizam. Ao despertar em um deles a vontade de buscar sua antiga religião, muitas vezes já será tarde. Aí iniciarão as brigas e cada um partirá em direção à sua crença.

— E os filhos, como ficam?

— Ou seguem o pai espírita, ou a religião da mãe. O que mais se vê são exatamente pessoas que não possuem religiosidade brigarem por causa de religião. Os verdadeiros religiosos amam tanto a Jesus que fazem da sua vida uma louvação a Ele. Religiosos que batem no peito mas não se entregaram ao Cristo, estes são os perigosos, porque atacam as outras religiões sem as conhecer. Hoje, como ontem, existe uma grande prevenção contra os espíritas, mas algumas dessas religiões estão levando pessoas para as suas Casas para serem exorcizadas ou curadas. Só quem tem contato com os espíritos menores são os espíritas? E eles? Só conversam com os espíritos sublimados? Assim dizem. Não estão totalmente errados, só que muitas vezes estão tendo contato com os espíritos e nada sabem sobre eles. O espírita tem às suas mãos os livros doutrinários, que ensinam o homem a se proteger dos espíritos enganadores e lhe dão uma chave de acesso às três ordens de espíritos⁴ que compõem o mundo espiritual. Dificilmente um espírita que estuda as obras básicas será presa de espíritos embusteiros. Algumas igrejas que lutam contra os espíritas, chegando a difamá-los, devem cuidar-se. Será que os seus orientadores sabem como proceder diante de um espírito sofredor? Será que basta apenas mandá-lo retirar-se e ele se retira? Queremos ver o dia que, por agirem sem preparo, os espíritos menores perturbarem esses templos. Nas Casas

⁴ Consultar *O Livro dos Espíritos*, questão 97, Parte 2ª, Capítulo I.

Espíritas todos os dirigentes de grupos são orientados pela diretoria para estudarem as obras que tratam da mediunidade, que é a comunicação do mundo físico com o mundo espiritual, evangelizando o médium para que ele tenha sempre boas companhias.

— Enrico, até gostaria de ver o susto de alguns deles quando se manifestar um daqueles espíritos que não acreditam em Jesus, falei.

Enrico nos convidou a deixarmos os encarnados e fomos até João Lourenço. Ele nos sorriu.

— Espíritos amigos, ajudem-me a servir no plano em que me encontro.

— Sé bem-vindo, irmão, e que Deus te abençoe por tantas lágrimas que secaste e tantos nus que vestiste.

— Irmão, mas agora constatei que nada fiz pela minha família. Ela não tem religião.

— Como não tem? Ela é tão católica!

— Antes fosse. Quando Emiliano nos pedia algo para doar aos pobres, minha mulher e meus filhos ficavam furiosos. Até diziam que não acreditavam em nada.

— E esta cerimônia religiosa?

— Foi o meu amigo, padre Emiliano, quem preparou a prece e a minha mulher colocou as velas e as flores para me contrariar.

— Mas o irmão nem se aborreceu, disse Enrico.

— Graças a Deus, a minha Doutrina me amansou o espírito e me clareou o caminho da compreensão. Minha esposa é uma ótima pessoa, assim como meus filhos. Eu é que fracassei, acovardei-me, não tive coragem de lhes apresentar Jesus na plenitude dos meus atos. Era muito severo, chegando a brigar para que eles não comessem carne. Fui muito teórico, deixando de ser um verdadeiro espírita.

— Mas o irmão dava tudo para os pobres!

— Sim, fiz deles meus irmãos, mas deixei de dar aos meus filhos o pão da evangelização e para minha mulher o exemplo de um espírita verdadeiro. Fazia o culto no meu escritório, para não incomodá-los. O certo seria realizá-lo na mesa da sala e sempre convidá-los a participar. Fui covarde, eles não têm culpa.

— O que o irmão pretende fazer para ajudá-los?

— Espero que alguém me auxilie a orientá-los a buscar a religião a que melhor se adaptem. Ficar sem crer em nada é que não podem; infelizmente, só agora tenho certeza que os meus filhos em nada crêem e minha mulher apenas às vezes vai à igreja, é muito materialista.

Fomos saindo, devagar, só ficando Enrico junto a ele, naquele belo hospital da espiritualidade. Não sei sobre o que falaram, mas eu, Pamela e Plácido sentamos no jardim e ficamos orando em silêncio. Depois comecei a cantar: *Venha cá, você que está tão só, venha logo, nós precisamos de você, irmão!* Plácido e Pamela acompanharam-me e logo estávamos cercados por vários companheiros. Cantamos várias músicas até a hora em que Enrico juntou-se a nós, quando todos paramos. Ele falou:

—Continuem, está tão bonito! Nada como a música para nos embalar o espírito.

Cantamos:

Aonde vai, companheiro?

Aqui é seu lugar.

Não ande ligeiro,

Precisa descansar.

Lá fora, o mundo

De você judiou.

Depois do sono profundo

Jesus o levantou.

Os bosques floridos,

Os rios, os mares,
O nosso Querido
Nos livra dos males.

Venha cá, companheiro,
O trabalho nos espera.
Em cada mensageiro,
O despertar de uma era.

De mãos dadas e serenos
Caminhamos devagar.
Ao lado do Nazareno,
Jamais voltaremos a penar.

— Voltemos mais uma vez à Estação do Adeus nos Enrico,
após esse momento de descontração.

Capítulo XXI

O BELO DESENCARNE DE ALBA

Na capela quatro, já repleta de gente, Alba seria velada.

— Quem é Alba?

— Uma espírita atuante, fundou várias instituições de caridade,
onde crianças abandonadas eram nelas abrigadas.

Mal Enrico terminou de falar, já o corpo de Alba adentrava a sala.

— E quem é essa irmã de porte aristocrático que vem à frente
do caixão?

— É ela, Alba, respondeu-me Enrico.

— Quê, Enrico? Ela está em uma boa? Quantas horas faz que
desencarnou?

— Umas três horas, somente.

— Como pode isso?

— Muito simples, Alba sempre serviu o Senhor com bondade e mansidão. Jamais se alterou com um confrade, mesmo quando as portas se fechavam para ela. Foi uma espírita de Cristo, uma tarefeira da Doutrina.

Ao lado de seu corpo inerte, Alba sentou-se e orou. Enquanto isso, o vozerio era de causar tristeza. Do lado espiritual, cânticos e orações; no plano físico, bate-papo e indiferença com aquela que havia partido. Procuramos a família de Alba: ali estavam o filho, espírita, e alguns irmãos, não-espíritas. Alba era viúva. Quando olhou para o filho, lágrimas rolaram em seu rosto, pensando: *coitado do Tadeu, deixei-lhe uma herança de responsabilidades: cuidar de duzentas crianças. Espero, Senhor, que meu filho não nos decepcione.*

Tinha razão. Tadeu, não bastasse a dor da saudade, ainda haveria de se preocupar com o abrigo das crianças. Era casado com uma mulher materialista, mas que agora, na capela, chorava muito, pois admirava sinceramente a sogra.

— Será que a nora vai ajudar Tadeu?

— Não creio, é muito desprendimento para a cabeça dela.

— Enrico, sendo Alba tão evoluída, pois o processo do desencarne ocorreu com tanta tranqüilidade, por que seu espírito ainda se encontra aqui? perguntou Pamela.

— Porque está velando o corpo que lhe ofereceu a grande oportunidade de servir.

Admirei o semblante tranqüilo de Alba. Ninguém que a visse poderia dizer que acabara de desencarnar.

— Poucos aqui são espíritas, não é mesmo, Enrico?

— Por que pergunta?

— Há muito barulho na capela e ao espírita não é dado desconhecer o comportamento na Estação do Adeus.

— Luiz Sérgio, por mais que o homem estude sobre o mundo espiritual, muito tem ainda de lhe ser revelado. Esses irmãos que estão conversando e rindo alto não o estão fazendo por mal, e sim por pouco ainda conhecerem o Espiritismo. No dia em que todos os espíritas estudarem mais, também compreenderão melhor a problemática do desencarne.

Uma enfermeira espiritual prestou auxílio a Alba e logo ela saiu, devagar, não sem antes despedir-se da família e dos amigos. A todos fitou com carinho e agradecimento, mesmo os mais barulhentos. Nisso, a irmã Dirce iniciou preces e cânticos. A sala, beijada pela brisa do amor, dava a todos ali a certeza da vida além-túmulo. Quando parava a música, todos eram convidados a orar. E pudemos perceber que os espíritas e até mesmo as crianças espíritas, com desenvoltura, faziam as preces. Outros religiosos, entretanto, encontraram dificuldade em orar com suas próprias palavras. Uns nem quiseram, dizendo não saber. Quando Himério, um dos presentes, iniciou a sua prece, não pude deixar de rir. Ele não parava de falar, recitando uma ladainha repetitiva. Os irmãos, que se encontravam de olhos fechados, abriam-nos para ver se ele já estava terminando. O coitado fazia um discurso e não uma prece. Quando terminou, ninguém mais quis fazer prece e o vozerio voltou a perturbar o ambiente.

— Mas também Alba não se encontra mais aqui...

— É verdade, Luiz, mas o seu corpo, que logo vai se decompor, merece respeito. Amigos, eu acho que quem não sabe respeitar aquele que partiu deve ficar em casa. Ir ao cemitério apenas por obrigação social é muita pobreza de sentimento. No meu entendimento, só uma grande amizade e o respeito devem levar alguém a se despedir. Soubemos que há enterros onde se realizam até negociações, tal o desrespeito ao "morto" e à sua família saudosa.

— Enrico, gostaria de presenciar a vida de Alba na espiritualidade.

— Sim, Luiz, daqui a pouco iremos vê-la. Neste momento ela se encontra descansando; repousa, para logo mais buscar trabalho.

— Não lhe vão dar alguns dias de folga?

— Um tarefeiro de Jesus não tira férias, pois a Seara é grande e poucos são os seus trabalhadores. Acreditamos que hoje mesmo ela já estará junto aos que precisam, pois ama trabalhar para Jesus.

O corpo foi sepultado e nós nos retiramos.

Capítulo XXII

A LEI DO AMOR

Procuramos a capela um, onde o corpo de Jandira tinha acabado de chegar. Com pesar, constatamos que o seu espírito não queria deixar o físico. Ela se encontrava agoniada com as flores sobre o corpo, perto do seu nariz. Enfim, ela, que detestava cravo-de-defuntos, se achava coberta deles. O cheiro das flores perturbava-lhe o espírito.

—Por favor, amigo, peça para minha família tirar essas flores de cima do meu corpo físico. Estou-me sentindo muito mal — reclamou Jandira a um dos socorristas.

—Mas, irmã, o seu corpo não mais lhe pertence, por que tanto apego a ele?

—Não tenho apego ao corpo que morreu, mas não sei a causa de ainda sentir-me junto a ele, e as sensações da morte estão-me atormentando.

O mensageiro, além da Prece de Cáritas, fez outras orações, mas o povo que lá estava ria, conversava, e ninguém pedia

silêncio. O corpo físico de nossa irmã era um amontoado de ossos e mesmo assim ela queria ficar junto dele. Só o que lhe causava náuseas eram as flores.

— Por que as funerárias cobrem o corpo de flores? Confesso que é de um mau gosto terrível, aduziu Pamela.

— Acho que é para esconder o corpo cadavérico, respondi.

— Mas colocar perto do nariz, nas mãos, na cabeça, é demais! Não bastam as perturbações do espírito recém-desencarnado, e ainda lhe causam incômodo ao corpo físico?

— Sabe, Enrico, até agora poucos encontramos que desencarnaram como Alba, tranqüilamente, e suas famílias tendo um gesto caridoso.

Enrico nada falou, mas nós olhávamos aquela irmã agoniada pelas flores colocadas no caixão. A família fica nas mãos das funerárias que, aproveitando a dor daqueles que ficam, fazem o que lhes dá mais lucro. A conversa continuava, ninguém fazia uma prece como também nenhum religioso foi convidado a orar.

— Essa moça não vai ser retirada daqui? perguntei.

Os comentários sobre sua vida eram tantos, que lhe causavam muito mal.

— Querida irmã, deixe esse caixão repleto de flores, essa gente materialista e saia de junto do seu corpo morto, aconselhei-a.

— Jesus, socorra-me! Jesus, socorra-me! Estou vendo um morto.

— Eu não sou morto, mortos são eles, que de nada sabem. Quero ajudá-la. Por favor, vá com os socorristas para sua nova morada.

— E o meu noivo, vai ficar? Inteirado do assunto, respondi:

— Há muito o seu noivo já se foi, desde que a doença começou a se manifestar.

— Deixe-me em paz! Você é tão desagradável quanto as flores e as velas!

— Está bem, quando desejar conversar comigo é só chamar. Sou Luiz Sérgio.

Ela cerrou os olhos para não me enxergar. E nada fazia para sair de perto do seu corpo físico. Pamela, aproximando-se, falou:

— Irmã, no dia em que desencarnei, senti-me um pouco perturbada, mas a oração foi mais do que uma bênção, foi Deus junto a mim. Por que a irmã não ora?

— Não sei orar, só sei rezar a Ave-Maria e o Pai-Nosso.

— Então o faça, não se preocupe com as pessoas que vieram ver o seu corpo doente, ore para eles também.

— Você me ensina?

— Ensino. Cerre os olhos e vamos até Deus: *Pai amado, consolo daqueles que sofrem, abriga-nos em Teu coração de Pai amoroso, amparando-nos hoje e sempre.*

Uma lágrima rolou do seu rosto e ela deu um suspiro. Os técnicos aproveitaram para tirá-la dali. Quando isso aconteceu, o corpo começou a exalar um forte odor e tiveram de fechar o caixão.

— Achamos que todos os caixões deveriam ficar fechados, para que cada amigo guardasse na lembrança somente a fisionomia daquele que está partindo, e não um rosto petrificado e pálido. Há pessoas que só vão a enterros para depois ficar falando: *coitado do fulano, estava tão acabado!... Com que doença ele desencarnou?* A curiosidade é um defeito tão feio, que faz daquele que a tem um ser desagradável. A curiosidade para aprendizado é uma coisa, mas apenas para ficar sabendo da vida dos outros é maledicência, elucidou Enrico.

— Enrico, de que doença a irmã desencarnou? inquiriu Plácido.

Caímos na risada. Ele ficou envergonhado por sua curiosidade. Enrico nada respondeu, mas confesso que até eu estava querendo saber qual era a doença, porque a irmã estava muito magra.

— Irmão, perdoe-me o que ocorreu há pouco, disse Plácido, aproximando-se de Enrico.

— Esqueça e ore a Deus para que esse cruel defeito não lhe fira o espírito. A curiosidade leva o ser à maledicência. Aqueles que têm curiosidade com a vida do próximo caminham pelas veredas do disse-que-disse.

Plácido, de cabeça baixa, ouvia o nosso amigo Enrico. Pamela segurou o braço do irmão e dali saímos, levando no coração uma nova esperança de que um dia todos se conscientizem de que a "morte" não existe. O que existe é uma poda para nos embelezar o espírito; que cada descida ao túmulo é um despertar para uma nova existência. Feliz do ser que ao separar-se do corpo físico tem na consciência a certeza de que Deus é Pai dos justos e dos pecadores.

Pensei: como *seria triste se a morte existisse! Que aqueles que ficassem jamais imaginassem que um dia viriam a se encontrar com o seu ente querido! E coitado daquele que morresse, ia se tornar pó, desaparecer.* Agora, não compreendo como oram pelos mortos e não crêem nos espíritos. Mandam a alma para o inferno e não crêem nos umbrais. Falam em salvação, mas dizem que o espírito ficará deitado no túmulo junto a um corpo apodrecido à espera dos anjos. E quem são os anjos? Seres privilegiados que não dormem no túmulo? Quanta contradição! E depois falam que os espíritas é que são loucos... Existe loucura maior do que matar o espírito e mandá-lo para o inferno? E não existir reencarnação? Fácil, não? Muito fácil é não ter de pagar nossas dívidas. Mas quando Jesus saiu do túmulo, quis Ele mostrar para qualquer mortal que Deus não mata, pois é justo e

amigo. Com Sua misericórdia, perdoa os espíritos faltosos, pela lei do amor, chamada reencanação.

Capítulo XXIII

DESPERTAR TARDIO

Dia a dia enfrentamos um mundo cada vez mais materialista. Muitas famílias levam a vida longe da espiritualidade, nada querendo saber sobre a "morte". Deus é um ser tão distante delas que às vezes pronunciam o Seu nome apenas por pronunciar, sem o mínimo respeito. É comum ouvirmos dizer: *Oh! meu Deus!*, quando quebram um copo, ou quando algo não dá certo, como o bolo que queima, a doméstica que falta. Mas Ele é muito mais, por isso no *Decálogo* nos lembramos do segundo mandamento: *Não tomar o seu santo nome em vão.*

Se a família se preocupasse mais em educar os filhos na fé, não veríamos o que estamos assistindo hoje: crianças fantasiadas de adultos, com roupas de senhoras ou de mulheres fúteis, e as mães achando lindo; os filhos, em tenra idade, varando as madrugadas e tudo isso porque a família não possui uma base religiosa. Quando os avós pedem aos seus filhos que levem seus netos para serem evangelizados, os pais se revoltam, dizendo: *não queremos nossos filhos apegados ao fanatismo. A religião torna os homens fracos.* Enquanto isso, um forte vício pode estar aprisionando seu filho, que você deseja livre. Antigamente, o homem temia a Deus, é verdade, mas O respeitava. Hoje, o homem só teme a falta de dinheiro, como se isso fosse a única razão da vida. Alguns, ao lerem o nosso livro, irão dizer: *como levar as crianças para serem evangelizadas? Essas atilas de evangelização são geralmente aos sábados e nesse dia torna-se impossível acordar cedo, deixar de ir ao clube ou ao*

shopping. E assim as pobres crianças têm por companhia a pior babá que alguém possa ter: a televisão. É nela que a criança aprende a trair, a mentir, torna-se violenta, enfim, ao ver os seus ídolos diante da tela, procura imitá-los, com um cigarro na mão, na outra um copo de bebida. Não é só isso, a virgindade, que é o símbolo da pureza feminina, é tratada de maneira bastante vulgar, passando para a menina-moça a imagem de que ser virgem é um estigma e que os homens modernos não respeitam uma mulher pura. E os pais, onde se encontram? Trabalhando, jogando, indo ao chá das cinco, ou saindo de um emprego e indo para outro, acumulando afazeres, que no fim do mês aumentem seu rendimento. E os filhos, por onde andam? Aprendendo com o mundo o que o mundo depois vai-lhe cobrar com altos juros. É fácil tomar-se um jovem moderno, o difícil é passar pelo lamaçal do modernismo e não contrair doenças incuráveis, como por exemplo, as que estão maltratando demais: as doenças neurológicas, como a depressão e outras mais. Se as famílias não levantarem a bandeira em prol da moralidade, logo teremos uma sociedade doente e desesperada. Hoje, não só a droga toma conta da população, mas também a falta de moral, onde as crianças são as maiores vítimas.

— Luiz, ficamos apavorados quando um dia desses defrontamo-nos com um casal jovem que dava cerveja para o bebê. Eles riam muito porque o bebê fazia cara feia, mas logo pedia mais — disse-me Pamela.

— Isso está acontecendo quase diariamente com a droga. Jovens senhoras drogam-se junto aos filhos e gritam pela liberação da maconha.

—E o que você acha, Luiz, da maconha? perguntou-me Plácido.

— O que eu acho? Para mim, qualquer droga—como o nome mesmo diz — não presta. Isso de dizer que a maconha não traz dependência é pura mentira. Ela é o primeiro degrau para as outras.

Enrico acrescentou:

— Aquele que tem em casa um usuário da maconha é quem deve opinar. Será que o dependente não sabe o que acontece com o seu cérebro, para sair por aí dizendo que ela não faz mal? Quantas mães observam o estrago que a maconha causa no sistema neurológico de seu filho, vendo-o se afastar cada vez mais dos estudos, encontrando dificuldade em articular as palavras! Com o uso, ele vai adquirindo uma aparência de doente, fala mole, o rosto vai perdendo o viço.

Após essas elucidações, Enrico convidou-nos a irmos até a casa de Dorotéia. Encontramo-la deitada em um sofá, fumando sem parar. A cada momento, os empregados vinham trazer-lhe ora um café ora um refresco. Ela chorava, chorava, com saudade de Jaime, que havia desencarnado há dois meses com parada cardíaca. Enrico aplicou-lhe um passe e nós ficamos orando, até que ele terminasse. Estava curioso, queria saber o que acontecia com aquela irmã. Ela se levantou e fomos atrás dela. O quarto do casal mantinha-se do' mesmo modo como no dia em que Jaime desencarnara. Olhava cada objeto que pertencera ao marido e, convulsivamente, chorava sem parar. A velha serviçal lhe deu dois comprimidos e logo ela estava dormindo.

— O que vimos fazer aqui, Enrico? Ele me olhou carinhosamente:

— Ajudar Jaime.

— Jaime? Ele não se encontra bem?

— Não. O choro de revolta de Dorotéia está perturbando-o.

— E o que podemos fazer por ela?

— O auxílio já foi providenciado pela equipe de ajuda à família que se separa de um ente querido.

Nisso, entrou Míriam, sua amiga. Vendo-a adormecida, começou a orar. Após algum tempo o corpo perispiritual de Dorotéia desprende-se, cambaleante, tentando ganhar a porta, mas Enrico impediu-a de sair. Conversou com ela, falando-lhe muito sobre Jaime. Ela não chorava, gritava estridentemente. Enrico ficou orando, segurando sua cabeça. Nesse momento, entrou Jaime, amparado por duas irmãs. O olhar de súplica que ele lançou sobre a esposa era de estremecer os nossos corpos. Ela correu para seus braços:

— Querido, leve-me com você, não suporto ficar longe um dia mais!

— Dorotéia, você sempre passou meses e meses viajando, sempre me deixou sozinho com os filhos e os empregados, por que só agora está sentindo minha falta? Não será remorso?

— Não fale assim, Jaiminho, não vê que estou sofrendo porque deixei de ficar ao seu lado? Nunca imaginei que a morte o levasse tão cedo.

— Sei que você está sofrendo, mas peço-lhe: deixe-me em paz. Sua revolta chega até meu coração como uma lâmina de desespero. Ouça a nossa irmã Míriam e vá até um Centro Espírita para compreender o que é o morrer.

— Morrer? O que é morrer? Você é quem me diz isso? Até parece que está satisfeito por se encontrar longe de mim!

— Morrer, Dorotéia, é ficarmos apegados aos valores adquiridos quando estávamos no corpo de carne. Morremos para o mundo físico, mas ressuscitamos para a verdadeira vida. Morre o corpo e junto a ele a ganância e a vontade de aproveitar a vida física. Vá, Dorotéia, a uma Casa Espírita, lá você aprenderá a deixar as coisas precíveis para trás e se

ligará a outros valores que lhe darão força para amenizar a saudade.

— Jaime, você deixou o Espiritismo logo depois que casamos, por que essa conversa?

— Porque só hoje eu percebo o mal que fiz a você, a mim e aos nossos filhos. Se eu tivesse imposto a minha fé e a dos meus pais, nada disso estaria acontecendo. Mas, acovardado, fui aceitando o seu modo de vida fútil e materialista; só corri atrás do dinheiro, até do meu corpo físico esqueci-me de cuidar.

— Jaime, Jaime, por favor, não fale assim comigo!

— Dorotéia, sempre errei em relação a você, mimando-a demais e, acomodado, fiz-lhe todas as vontades. Sua futilidade me atingiu de tal maneira que também busquei só me divertir e esqueci de Deus.

— Não, não, por favor, não, meu querido!

Dorotéia abraçou-se com Jaime e, nesse momento, o corpo físico dela estremeceu, emocionado. E a querida amiga de Dorotéia a acordou.

— Miriam, por que você me acordou? Estava sonhando com o Jaime. Estranho... ele não está satisfeito comigo, culpa-me por tê-lo tirado do Espiritismo.

— É isso, amiga, ele tem razão. Se a Doutrina Espírita fosse compreendida nesta casa, hoje as coisas seriam mais fáceis.

— Você pode me levar ao Centro que frequenta?

— Poder eu posso, só quero saber se você deseja mesmo frequentar uma Casa Espírita.

— Não sei se levarei a sério, pois não acredito. Mas que vou tentar, vou. E depois, estou louca por uma mensagem de Jaime.

— Dorotéia, não vá ao Centro só atrás de mensagem. A Casa Espírita é um hospital de almas e quando o buscamos é porque

estamos precisando de cura. Alerto a irmã que nem sempre os espíritos dos nossos familiares estão ao nosso dispor para mandar mensagens.

— Quero tanto saber o que Jaime sentiu na hora da morte... Se ele pensou em mim, se sofreu por me deixar.

— Querida Dorotéia, se você deseja ir, hoje mesmo eu a levarei.

Enquanto isso, Jaime, apaixonado, olhava a mulher com os olhos rasos de lágrimas de saudade. Assim, foi saindo, levado pelas duas enfermeiras, que o haviam trazido. Dorotéia sentiu que algo estava acontecendo ao seu redor e falou a Míriam:

— Parece que eu senti o perfume de Jaime.

— Ele estava aqui. Veio pedir que você se cuide.

— Você o viu, Míriam?

— Sim, eu o vi, acompanhado de vários irmãos. Ele está muito saudoso, mas ainda preocupado com o seu estado de saúde. Ajude-o, Dorotéia, ele está precisando tanto!...

— Jaime, Jaiminho, apareça para mim. Quero vê-lo nem que seja por um minuto e uma só vez, pediu Dorotéia, apalpando tudo ao seu redor.

Não deixei de sorrir, pensando na corrida que ela iria dar se Jaime lhe aparecesse. Enrico olhava o quarto todo arrumado, como deixara Jaime.

— Dorotéia está dormindo aqui, Enrico?

— Não, Luiz, ela morre de medo. Está dormindo com a filha.

— E como ela está pedindo para ele aparecer? Acho, Enrico, que é conversa de viúva: quer porque quer, mas na hora H elas morrem de medo de espírito.

— Agora que tudo aqui está chegando ao normal, vamos a outro trabalho.

— E Dorotéia, vai ou não buscar o consolo em um Centro Espírita?

— Agora, Luiz Sérgio, tudo vai ficar mais fácil, breve ela estará estudando a Doutrina e o consolo chegará ao seu coração.

— Será, Enrico, que essa mulher orgulhosa, vaidosa, vai-se dar bem em uma Casa Espírita, onde só se fala em humildade e caridade?

— Os doentes é que precisam de médico e Dorotéia é uma irmã muito doente. O orgulho, a avareza, a vaidade são como chagas na alma que só a fé tem força para curar.

Ali, a dor da saudade se alojara, e onde antes Jaime era o marido que trazia dinheiro para casa, hoje ele fazia falta. Era um pedaço daquela família que desaparecera de repente.

— Só o Espiritismo tem condição de dar ao homem elucidações sobre como proceder na hora da despedida.

Enrico foi saindo daquela casa e eu, Pamela e Plácido o acompanhamos.

Capítulo XXIV

À ESPERA DE UM ENTE QUERIDO

De volta a um dos cemitérios mais bonitos do Brasil, muito bem cuidado, apresentando os túmulos todos iguais, olhei o pátio com suas cruzes e reparei que muitos espíritos ali conversavam, alguns sentados na grama, outros passeando de mãos dadas.

— Por que eles gostam de passear aqui? Existem tantos belos parques, montanhas, enfim, lugares lindos lá fora! exclamei.

— Luiz, você acha feio este lugar? Ele é lindo!

— Pode ser lindo, Plácido, mas cada campa representa o fim de uma época em nossas vidas.

— Tem razão, Luiz, o túmulo é a porta pela qual adentramos o mundo espiritual.

Não me contive e me aproximei de uma irmã, de seus quarenta anos, que passeava de mãos dadas com uma moça de vinte e dois anos, mais ou menos.

— Boa-tarde, irmãs. Que dia lindo! Henriqueta, a mãe, respondeu-me:

— Boa-tarde. Tem razão, o dia está belo, a brisa acaricia o nosso corpo, tocando em nosso coração, despertando nele o amor a Deus, pois em cada gesto da natureza Ele se manifesta.

— As irmãs gostam de passear nesta Estação?

— Não, querido irmão, encontramos aqui à espera do nosso querido Antero, que muito em breve retornará à sua verdadeira pátria.

— E por que vocês não estão junto dele?

— É que se toma doloroso assistir ao desligamento dos laços, principalmente quando a pessoa está aparentando saúde.

— Como? Pode-me relatar isso?

— Sim, Antero é um homem de negócios, conceituado empresário, porém jamais se preocupou com a saúde, e esta não se encontra nada bem.

— A irmã não pode ajudá-lo?

— Não, irmão, o corpo de Antero está-se tornando uma casa velha e sem condição de lhe abrigar a alma, que logo se libertará. E como espírito liberto do corpo perecível, esperamos que bem receba o chamado de Deus.

— Quanto tempo faz que a irmã desencarnou?

— Cinco anos.

— E a sua filha?

— Menos de um ano.

— E o Antero ficou sozinho?

— Não. Com dois anos do meu desencarne ele se casou de novo e é muito feliz, tem uma filhinha.

— E por que ele vai desencarnar?

— Irmão, o seu fluido vital está diminuto, todos nós temos o tempo certo de nascer e de voltar para o mundo espiritual.

Despedi-me delas e juntei-me ao grupo, que se aproximava da capela mais simples da Estação.

— Enrico, perguntei, por quanto tempo ainda Antero ficará em seu corpo de carne?

— Ele ainda tem fluido vital para dois meses. Mas é possível que desencarne antes, pois os seus órgãos vitais estão muito mal.

— Mas Enrico, constatei que Antero construiu agora um lindo edifício, empreendeu vários negócios em total êxito e tudo terá de largar?

— É pena, Luiz, que o encarnado nada faça para compreender o valor da encamação e viva correndo em busca do ouro, sem procurar o embelezamento de sua alma. Antero sofreu muito com a volta da esposa para o inundo espiritual e ainda mais com o da filha, que desencarnou por acidente na flor da idade. Mesmo assim, continua pensando que a vida é somente ganhar dinheiro.

— Mas ele é um bom homem, ótimo marido, excelente pai.

— Sim, bom ele é, mas o dinheiro fez dele uma presa, lutando a cada dia para acumular mais bens. Jamais lembrou-se de que todos nós precisamos buscar a Deus para melhor compreendermos a vida e a morte.

Calamo-nos, sem argumentos.

Capítulo XXV

CAIO COLHE O QUE PLANTOU

Um jovem se debatia junto ao corpo e a família gritava, em total desespero. Os técnicos, ao lado do espírito e dos corpos de Caio, tudo faziam para que ele compreendesse o que estava ocorrendo. Apavorado, notando tudo o que se passava, Caio sofria vendo a mãe e o pai chorarem. A capela era um soar de gritos e revolta.

— Onde está Deus, que não compreende a dor de uma mãe? Meu filho tão jovem, bonito e bom é levado sem piedade!

— O que aconteceu ao jovem, Enrico?

— Droga. Drogou-se a tal ponto que o corpo físico explodiu.

— E os pais sabem que foi a droga que o "matou"?

— Saber, sabem, mas relutam em aceitar o que os médicos disseram.

— E o atestado de óbito?

— Parada cardíaca. Jamais esses pais iriam aceitar um atestado que comprovasse a dependência do filho.

Caio se debatia no corpo repleto de fluido vital.

— E agora, o que fazer, como dispersar esse fluido?

— Para esses casos existem equipes de alto gabarito para atuar no perispírito.

Caio sofria como se estivesse ainda encarnado. Plácido indagou:

— Ele está mesmo desencarnado? Os laços me parecem tão amarrados ainda!...

— Se vocês olharem bem, verão que Caio cometeu suicídio, os seus laços não se desataram, romperam-se, e isto causa dores terríveis ao espírito.

Fixei a vista em Caio e vi que os fios, destruídos pela violência da *overdose*, estavam todos embaraçados, sem direção a tomar. A família nada fazia para ajudá-lo. Eram lágrimas, gritos e revolta. E os "amigos" que ali se encontravam só falavam mal do garoto. Diziam que era viciado desde os dez anos, que batia na mãe e nas irmãs, que furtava a família. E Caio os ouvia; queria levantar-se, mas a *overdose* tinha atingido tanto o cérebro, que este se encontrava em desequilíbrio. Os ditos amigos criticavam-no, mas quando se aproximavam da família de Caio, diziam: *que pena, um menino tão bonzinho!*

— Como pode alguém ser tão hipócrita? indagou Pamela.

Os vizinhos não gostavam de Caio, pois ele provocava escândalos e mais escândalos. Ali ficamos e ninguém orava. O sofrimento de Caio era imenso, mesmo quando o sacerdote orou por ele, pois longe de Deus esteve a vida toda. Zangou-se com as orações do sacerdote. Enquanto este falava sobre o Evangelho, Caio era só indiferença.

— Enrico, se Caio se conscientizasse de que a prece ajuda, seria beneficiado, mas agindo assim, jamais irá receber auxílio.

— Sim, Luiz, se ele se lembrasse de Deus agora, sua dor seria aliviada.

Entretanto, Caio, enfurecido, desejou agredir o sacerdote, mas o seu estado de fraqueza não lhe permitia fazer absolutamente nada. Era um doente em estado desesperador. Naquela capela humilde e fria, só o rancor fazia companhia a Caio. *Como é necessário alertar as famílias para saberem se comportar na hora da "morte"!*, pensei. Este trabalho que faço para você, leitor, levou-me a concluir que poucos possuem um comportamento cristão diante de um desencarnado. Aproximei-me de Caio e, para meu espanto, na sua casa

mental passou, como um filme, a sua vida: aos doze anos, iniciou-se na maconha, na cola e nos comprimidos, depois, cocaína e *crack*. E diante dele, presenciamos o estrago que a maconha lhe fizera: afetara sua memória, dificultando sua concentração. Quando adolescente, a ação da maconha sobre a motilidade e vitalidade dos espermatozóides reduziu a sua capacidade reprodutiva. Como ele a consumia cada vez mais, seus brônquios foram afetados e não só eles. Com a ingestão de grande quantidade de tetra-hidro-canabinol (THC), ficou alterada a capacidade funcional do seu cérebro. Depois partiu para outras drogas, quando ocorreu a *overdose*. O desespero daquele menino levou-me a orar junto dele. Olhou-me e indagou:

— Também gosta?

— Gosto muito de Deus. Só Ele pode salvar a juventude.

— Saia daqui! Não basta o coroa fantasiado, ainda vem você com suas ladainhas?

— Engana-se, Caio, eu posso falar porque sou um espírito, há muito deixei o corpo de carne.

— Quê? Você é um "morto"?

— Não, não morri, porque os filhos de Deus não morrem. Ressuscitei para a vida eterna.

— Como eu me droguei! Estou mais doidão que das outras vezes.

— Caio, ore. Já tentou sair desse corpo que apodrecerá?

Ele olhou o seu corpo, o estado da sua fisionomia, notando uma gosma que saía das narinas e da boca.

— Quem é esse doidão?

— É o seu corpo físico.

— Meu? espantou-se, apalpando-se. Como pode? A droga me dividiu ao meio?

— Não, este corpo vai ser enterrado, ele à terra pertence. E este outro —mostrei o seu perispírito — vai acompanhá-lo sempre. É nele que estão registradas as lembranças. Se você brincar vai ser enterrado junto ao seu corpo físico.

— E o que você tem com isso? O corpo é meu e faço dele o que quiser.

— Então não está mais aqui quem falou. Boa viagem e se divirta na cova fria e repleta de vermes.

— Cara, você é mais doido do que eu. Ajude-me. O que posso fazer para decolar e subir aos céus para ganhar umas asinhas?

— Nada, a não ser se arrepender e buscar Deus.

— Como pode um jovem como você falar tanto do coroaõ? O que eu quero mesmo é ir para o inferno e encontrar os meus ídolos. Você, seu coroinha dos diabos, me deixe em paz!

Nisso, Enrico, ao meu lado, já me segurava o braço, retirando-me de junto de Caio. Quando olhamos, os seus amigos afins se acercaram do caixão, dando boas gargalhadas. Em vão, os socorristas tudo faziam para levar Caio para um pronto-socorro de ajuda aos drogados. Fui saindo, devagar, sem olhar para ninguém. Queria fugir dali. Era demais para o meu espírito.

— Calma, Luiz, cada homem recebe de acordo com o que plantou. Agora, tenho pena desses cantores, artistas, autoridades que fazem apologia das drogas, um dia eles terão de pagar ceartil por ceartil.

Olhei Pamela e abracei-me a ela, triste, sentindo-me fracassado, pois não tive condição de ajudar Caio. Enrico se aproximou, procurando animar-me:

— Luiz, nem Deus pode interferir no livre-arbítrio. Caio não deseja a luz. Quando ainda no mundo físico ele só desejava as más companhias. Um dia você terá a oportunidade de ajudá-lo.

— Espero, meu bom amigo. Sofro em presenciar crianças ainda se deixando levar pelas falsas propagandas. Não sabem elas que só se leva da terra o que na terra se faz de bom. As más ações são chagas que corroem os espíritos e fazem deles seres repletos de remorsos.

Olhei para trás e Caio estava rindo muito, pois os seus amigos doidões estavam junto dele. Os socorristas também iam-se retirando. Caio escolhera os tormentos que plantara aqui na terra. Mas espero que um dia ele se arrependa e encontre a felicidade e a paz.

— Como pode, Enrico, alguém que conhece os efeitos da maconha dizer que ela não causa dano ao organismo; se um simples xarope pode viciar... Por que só a maconha não causaria dano?

— O homem, Pamela, pela sua projeção, faz de tudo, até ir contra a vida humana. Mas agora vamos até aquela outra capela

Capítulo XXVI

A MÃO REDENTORA DA CARIDADE

A música clássica tocava suavemente e todos oravam, cônscios da seriedade do momento. O viúvo, lendo *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, não deixava fazerem qualquer barulho, alternando músicas espíritas com orações e passagens do Evangelho. Quem não queria participar daquele momento de oração retirava-se, mas os leais amigos de Catarina ali ficavam, participando daquele banquete espiritual. Onofre e os filhos se revezavam nos cânticos e nas orações, assim como seus amigos de fé. Os "amigos" sociais não se sentiam bem com aquele momento sagrado do adeus. Onofre contava os fatos felizes do convívio com Catarina, assim como todos os que a conheceram.

Nesses momentos, alguns choravam. Era emoção demais. Aquela família espírita dava uma lição de Doutrina, com exemplos de fé e controle emocional. Onofre, bastante sereno, mas com os olhos rasos de lágrimas, despedia-se da companheira de vida em comum e também irmã de fé. Catarina era uma obreira do Senhor, fez da sua existência um cântico de paz para a sua família. Caridosa, ia com o seu grupo de abnegados obreiros até os barracos humildes levar auxílio, uma cesta básica composta de dez quilos de arroz, cinco i quilos de feijão, quatro latas de leite em pó, três pacotes de farinha¹ de mandioca, dois pacotes de farinha de trigo, três latas de doce, sal, maizena, sopas de pacote, sardinha, ovos, carnes e verduras, sabonete, papel higiênico, sabão em barra, sabão em pó, quatro latas de óleo de cozinha, fubá, bolo, biscoitos, macarrão, margarina, aveia, farinha para mingau e outras coisas que nem me lembro.

— Enrico, quantas pessoas, que se dizem espíritas, não dão ao pobre nem um ovo, quanto mais uma cesta básica! E o lema da Doutrina *é fora da caridade não há salvação*. Muitas Casas Espíritas têm na fachada: Deus, Cristo e Caridade. E quem não faz caridade e se diz espírita é um falso profeta, pois é comum os avaros dizerem: *a mais importante caridade é a moral, uma palavra amiga, o perdão das ofensas*. Vivendo no mundo espiritual há alguns anos, podemos dizer que a caridade moral é dever do homem e a material, o remédio para curar as iniquidades da alma avara, orgulhosa, egoísta e ainda distante dos exemplos de Jesus. Podem prestar atenção, todos os que são avessos à caridade, que acham que aqueles que são pobres o são porque não trabalham, e negam o auxílio a quem necessita, são os defensores da caridade moral, que no meu entendimento é a mais fácil, pois as palavras muitas vezes não saem do coração. Entretanto, o carinho e o amor para com os necessitados, às vezes esquecendo-se de si mesmo, é um farol no caminho de quem o faz.

E ali víamos Catarina rodeada de criancinhas, para as quais sempre confeccionou enxovais. Quem visse aquele espírito, já desligado do corpo físico, com os seus laços bem alojados no perispírito, nem acreditaria que menos de doze horas haviam decorrido do seu desencarne. As crianças cantavam:

Sê benvinda ao lar de Jesus, Onde plantaste rosas de luz. Sé benvinda, irmã amada, Força de fé raciocinada. Sé benvinda, querida benfeitora, Nossa amada irmã protetora. Quando tive frio, Vestiste-me, irmã.

Nunca deixaste vazio,
Meu café da manhã.
Sempre estiveste comigo,
Quando de ti precisava.
Deste-me sempre abrigo,
Dizendo que me amavas.
Quantas vezes não tinha
Nem café nem feijão,
Mas sempre vinhas
Acender meu fogão.
Sê benvinda, querida
Filha do nosso Deus.
Começas nova vida,
Nesta estação do adeus.
Sê benvinda,
Sê benvinda,
A vida não finda,
Quando trabalhamos para Deus.

O sorriso de tranqüilidade que se estampava no rosto de Catarina era a luz da caridade clareando o seu caminho. Se Catarina foi uma grande espírita, sua família era um exemplo de respeito e fé. Muitos, de outras capelas, ali chegavam para saber o que estava acontecendo, pois aquela estava muito diferente das

demais. Ali se encontrava uma família sofrida, mas onde a fé silenciava os lábios e o coração repletos de amor. Lamentava a partida de Catarina louvando a Deus. Acompanhada dos espíritos que respeitara quando encarnada, aproximou-se do marido e dos filhos e junto a eles orava e cantava. A capela estava repleta de amigos e irmãos de ideal. Todavia, na parte espiritual, víamos inúmeros espíritos agradecidos pelo que ela fizera de bom na terra, aqueles que ela abrigara no seu coração, a cujas famílias não só dava alimentos, como também providenciava-lhes remédios e médico. Comentei com Enrico:

— Como é feliz um ser que mesmo preso em um corpo físico tem a consciência liberta através da caridade! O bem que se faz a outrem é um bem que pouco a pouco vai-nos retirando as manchas da imperfeição.

Catarina, serena e consciente da nova vida, tranqüila, pois não se separara da família, levava a certeza de que seus entes queridos continuariam sua obra. Além de boa mãe, sempre foi um exemplo de leal e fiel espírita. Os filhos, que desde pequenos conheceram Jesus e os espíritos amigos, foram elucidados sobre o valor da vida espiritual. Viviam no mundo físico, mas não eram escravos dele. O repartir do pão era sagrado, pois foi Jesus quem isso nos ensinou. Pena que o pão de Deus foi transformado em uma hóstia, simplesmente, mas aqueles que estudam o Evangelho sabem que p partir da hóstia e a sua colocação na boca dos fieis simboliza a prática da caridade; que qualquer um, por mais pobre que seja, tem alguma coisa para dar a quem precisa. O pão pertence a Deus e ai daquele que deixá-lo apodrecer e mofar nos seus armários, esquecidos de que ali, bem perto, há alguém com fome. Aquele adeus era um cântico de louvor à Doutrina Espírita.

Catarina era uma trabalhadora da Seara de Jesus. Voltava à pátria-mãe, deixando o exemplo de uma espírita atuante e verdadeira.

— Enrico, fico tão triste quando ouço maridos, filhos e amigos dizerem: *que falso espírita! Você nem parece espírita!*

— O espírita é mais que um homem encarnado. Ele é o representante dos espíritos na terra.

Capítulo XXVII

GANÂNCIA

Encontramos a capela toda decorada com flores e adornos fúnebres. O caixão, o mais caro do país, e para nossa surpresa, um garçom servia as pessoas que pareciam estar em uma festa. Havia até senhoras de chapéu com véu, muito bem vestidas.

— O que estamos fazendo aqui?

— Mais uma despedida para o irmão narrar em seu livro.

— Mas onde está o "morto"? Pamela mostrou os encarnados.

— Todos estes.

— Quantos defuntos lindos! brinqueei.

Enrico lançou-me um olhar muito parecido com o de alguém que conheço.

— Desculpe, é que me assustei com esta cerimônia.

— Olhe o que diz *O Livro dos Espíritos*, Luiz Sérgio!

— Não está mais aqui quem falou.

— Por falar em *O Livro dos Espíritos*, a questão 841 nos ensina:

Para respeitar a liberdade de consciência, dever-se-á deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou poder-se-á, sem atentar contra aquela liberdade, procurar trazer ao caminho

da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios?

"Certamente que podeis e até deveis; mas, ensinai, a exemplo de Jesus, *servindo-nos da brandura e da persuasão* e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. A convicção não se impõe."

— Gente, não estou condenando nada, nem sei a religião dessa família...

— Nós sabemos, Luiz, é que estamos conversando sobre as brigas religiosas e recordamos desse lindo trecho de *O Livro dos Espíritos*. Recordemos também a questão 842, que é um puxão de orelha naqueles donos da verdade, mas que vêm não só atacando as outras religiões como os próprios confrades.

Enrico foi-se aproximando da mesa, onde um senhor de seus cinquenta anos "descansava" o seu corpo físico. Busquei seu espírito que, todo embaralhado nos laços fluídicos, xingava muito. Junto a ele uns quarenta espíritos de aparência trevosa gritavam-lhe palavras duras de vingança. Eric esforçava-se para sair de junto do corpo físico, mas o ódio dos seus inimigos era tanto, que ele cada vez se embaraçava mais. Junto àqueles trevosos, uma figura angelical tentava ajudá-lo.

— Quem é, Enrico?

— Sua filha, que desencarnou aos doze anos.

— Nós podemos ajudá-lo?

— Como, Luiz, se ele é dono da sua consciência?

— Que fez Eric?

— Dono de uma imensa fortuna, sempre lesou seus operários e algumas vezes os levou ao suicídio. Era implacável com os pobres, chegava mesmo a ter-lhes horror;

tinha psicose por limpeza, nenhum operário podia aproximar-se dele, temia contagiar-se.

— Existe gente assim?

— E como, Luiz Sérgio! Temos encontrado pessoas que sentem pavor do humilde, do pobre. Tratam-nos como se fossem portadores de doenças contagiosas, não sabendo que o orgulhoso é que carrega no coração a lepra do egoísmo.

A festa estava sendo regada a champanhe e os mais finos canapés e salgadinhos eram servidos. A esposa de Eric, toda de negro, recebia os pêsames como se estivesse em uma recepção. Enquanto isso, Eric estava sendo vampirizado por suas vítimas.

— Coitado! falou Pamela. E aqui ainda têm poucos, depois é que vai ser terrível!

— Ele tem mais inimigos?

— Se tem! exclamou Plácido. Passou a vida só prejudicando os outros. Acumulou unia fortuna incontável, mas olha o seu fim, igual ao de todos os mortais. Ninguém traz roupas, obras de arte, cartão de crédito, fortuna; nem a carteira de identidade traz. Por que brigar tanto em prol da fortuna?

Alguns técnicos, com dificuldade, separaram Eric do corpo carnal, mas ninguém conseguia retirá-lo dos verdugos.

— E o seu mentor, onde está?

— Eric jamais respeitou o seu mentor, Luiz. Ele era só ele, e ninguém mais.

— Até quando irá sofrer?

— Só depende dele.

Quando os verdugos lhe batiam, ele gritava e partia para cima deles, dizendo as piores palavras, o que os enfurecia ainda mais.

— Enrico, não existe um meio de ajudá-lo?

— Luiz, logo Eric será socorrido, mas o umbral o espera, não tem como se livrar dele. Em toda sua existência Eric gozou de

sua fortuna, mas na hora de beneficiar um operário, lutava para prejudicá-lo. Ele ganhou de Deus a fortuna para dar emprego aos pobres, mas fez dela uma arma contra si mesmo.

— Mas Enrico, ele não sabia.

— Como não, Luiz? Todos os que vêm à terra em tarefa de contato com o povo são elucidados sobre a responsabilidade dos deveres e dos exemplos. Mas ao aqui chegarem iniciam a fuga das responsabilidades. Eric sempre foi terrível, mesmo com as suas babás não tinha sequer um pouco de carinho. Elas eram sempre maltratadas por ele.

— Que diabinho! falei.

— Não, Eric não é um diabinho, é um homem que não escolheu o caminho que nos leva à perfeição: o caminho do Cristo.

— Ele tinha religião?

— Tinha, como muitos têm: apenas nos lábios. É por isso, Luiz, que não podemos atacar esta ou aquela religião, pois todas são dignas, apenas os homens são falhos nas suas atitudes.

Ainda olhamos Eric lutando com seus verdugos, enquanto a capela lindamente decorada era um salão de festa. Comecei a sorrir. Pamela indagou:

— Por que o sorriso?

— Como seria bom se alguns desses materialistas pudessem ver o que está acontecendo ao Eric! Já pensou nos gritos e nas correrias?

Enrico não pôde deixar de sorrir.

— Tem razão, Luiz, Deus é tão sábio que não deu vidência a todos os encarnados.

— Mas não seria melhor?

— Não, o homem tem de lutar para ser bom e buscar Deus, não por medo, sim por amor. A dignidade é uma conquista própria. Nós nunca seremos dignos porque alguém assim o deseja, mas porque nós o desejamos. Eric tinha tudo para ser feliz. Se ele

tivesse tirado uma parte somente do seu império e dado conforto aos seus empregados, tudo seria diferente. Mas muitos homens julgam que a riqueza lhes pertence, não sabendo que tudo é empréstimo de Deus. O homem só possui a consciência, o banco onde deposita iniquidades ou valores.

Um corpo bem vestido, a fina sociedade ali presente, mas por detrás da morte um espírito sofrendo muito. Assim é a vida. Notei uma irmã um pouco gordinha que não parava de comer. Tive de me conter para não lhe pregar uma peça. Mas confesso que gostaria que quando ela fosse pegar um canapé nós o fizéssemos sumir. Acho que ela nem iria precisar de *spa* nem de regime. Só o susto iria livrá-la de alguns quilinhos.

— Luiz, Luiz, vamos ao trabalho, chamou-me Enrico com um sorriso.

— Mas nem ajudamos Eric...

— Não temos condição, e depois você só está narrando o que acontece nas capelas.

Dali fomos para outra cidade, onde um pai tinha assassinado o próprio filho.

Capítulo XXVIII

DESAJUSTES FAMILIARES

Eram tantos os gritos, desmaios e choros, que iniciamos sem demora, junto às equipes do cemitério, preces e mais preces. O ambiente era de revolta. A mãe do rapaz de vinte e dois anos estava indignada, pensando mesmo em assassinar o marido. Para entrarmos na capela foi preciso um tratamento especial em nossos corpos perispirituais, tão pesadas eram as vibrações. O garoto, bem ligado ao físico, pareceu-nos ainda encarnado. Olhamos atentamente e constatamos que nem um

centímetro separava o corpo físico dos outros corpos. O espírito, bastante perturbado, só fixou na casa mental o instante do crime, parecia estar em estado de choque. Um técnico nos explicou que os corpos já estavam desligados, mas a mente espiritual, de tão encaixada no físico, não libertava as rodas energéticas do duplo, que já sofria a falta dos fluidos e das energias. O espírito, o dono dos corpos, não tinha condição de ajudar os técnicos. As pessoas presentes sequer uma oração faziam, impregnadas de revolta e ódio, sem saberem que estavam fazendo sofrer o garoto George, que tanto precisava de preces. Saí à procura de alguém que pudesse nos ajudar e encontrei uma irmã que, intuída, logo iniciou um Pai-Nosso, que nos ajudou muito. Entretanto, a alegria durou pouco. Ao iniciar uma Ave-Maria, louvação à mãe de Jesus, uma das irmãs de George mandou-a calar-se:

— Nós não aceitamos Maria; para a nossa religião ela é uma mulher comum.

Pensei: *como podem adorar o filho e desprezar a mãe? E depois, ali era lugar de alguém ter autoridade para ir contra uma oração?*

A nossa irmã se calou, mas nós insistimos no pedido: ore, ore. E ela começou outra oração, a Prece de Cáritas. Ninguém pode imaginar a força dessa prece. À medida que a irmã orava e nós também, os técnicos puderam separar os corpos de George. Só que algo nos chamou a atenção: notamos que o duplo estava decompondo-se antes do físico. Corri para um técnico, a fim de obter uma explicação:

— O que está acontecendo?

— Nas mortes violentas o corpo físico, o duplo e o perispírito sofrem tamanha agressão que se enfraquecem.

— Então, é melhor nesses casos enterrar o quanto antes o corpo?

— Não se toma preciso, mas gostaríamos de pedir ao irmão que escreva no seu livro que os familiares daqueles que sofrem "morte" repentina devem esperar vinte e quatro horas para enterrá-los, porque é muito difícil separar os seus corpos. Na hora do impacto do desencarne, quando o corpo físico sofre a agressão, eles se juntam num gesto de solidariedade, o que faz com que o espírito se perturbe.

Ainda demorou a se separarem totalmente, mas a Prece de Cáritas, a oração de São Francisco e o Pai-Nosso eram uma chuva de luz, ajudando a separar aqueles corpos doentes e violentados.

— Também, a vibração pesada da capela não ajuda, não é mesmo?

— Luiz, se os encarnados se conscientizassem de como são importantes para o espírito as horas após o seu desencarne, não veríamos o que hoje defrontamos: quase uma festa nas capelas, com risos, comentários e conversas. Poucas vezes alguém profere uma oração, só o fazendo quando o padre ou outro religioso visita a capela. Afora isso, o desencarnado fica exposto à visita, mas poucos oferecem-lhe um abraço de despedida através da prece.

A mãe, que há muito vivia mal com o marido, diante do corpo inerte do filho, fazia aflorar o ódio que sempre sentira, mas que, covardemente, durante anos tudo suportou, por medo de se separar. Nesses anos todos, ele agrediu não só a ela como aos três filhos, chegando ao ponto que chegou: o assassinato de George. Aquela mãe revoltada e sofrida fazia da capela um lugar de vibrações pesadas de vingança.

Enrico saiu, mas logo voltou com um coral de jovens e crianças, cantando as mais belas canções. Uma brisa suave varreu todo o ambiente, como que retirando alguns miasmas

de ira e revolta. Mas George, ainda perturbado, permanecia junto ao físico, mesmo já tendo separados os seus corpos.

Pensei: *se demorar mais um pouco, vai ter "nego" correndo daqui da capela, porque o duplo vai começar a liberar os gases nele contidos.* Confesso que já estava esperando que isso acontecesse, quando vimos alguns técnicos já encarregados de não deixar que ali, diante do público, ocorresse tal fato.

— Por que eles não deixam, Enrico?

— A privacidade do homem deve ser respeitada. Se o duplo etérico de George se decompusesse aqui, seria como se ele se despisse diante de uma multidão. O respeito ao homem é lei na espiritualidade. E George, mesmo perturbado, iria sofrer muito com os comentários referentes ao seu sepultamento.

Ainda assim, muitos sentiram um odor bem forte, tanto que alguns familiares acercaram-se do corpo para verificar se ele não estava decompondo-se. Uma das suas irmãs falou:

— Você está sentindo, mãe, o mau cheiro?

— É das flores.

— Das flores, mãe, não é. É o corpo. Se a senhora olhar bem vai notar que ele está ficando arroxeadado.

Curioso, aproximei-me do caixão e não pude deixar de refletir: *como os encarnados não gostam de pensar na morte!* Na Estação do Adeus está a grande realidade da vida, que mostra a cada homem que a matéria física sem o espírito não é nada, é somente um amontoado de carne que, na temperatura ambiente, se decompõe. E os materialistas, para onde eles pensam que vai o espírito? Que morre com o corpo? E as famosas almas do outro mundo, o que são? Ah! Deixe pra lá, agora vamos ver o que está acontecendo com George, em espírito.

Já separado, ainda se recusava a sair de junto do corpo físico. Era demais para ele deixar a matéria. E não adiantava os mensageiros nem os técnicos o orientarem. Ele saía e voltava para junto do físico, como que desejando vestir de novo o corpo de carne. Era uma cena muito triste, a luta e o desespero de um espírito diante da realidade do desencarne. Vimos uma senhora de cabelos brancos aproximar-se dele.

— Vovó Dada, a senhora aqui? Eu morri mesmo, vó?

— Não, filho, você não morreu, o que não lhe serve mais é o seu corpo físico. Ele, sim, morreu, mas você, meu neto querido, está vivo, bem vivo, porque Deus assim o quis.

— Vovó, estava na hora de eu morrer?

— Não sei lhe dizer. O fato já se deu e agora não é hora de buscarmos culpados, mas de deixarmos de nos sentir vítimas. Caminhe, George, que Jesus nos espera, e não olhe para trás. *Deixe que os mortos enterrem seus mortos*. Para o espírito que desencarnou não é bom desejar ficar junto ao corpo que lhe serviu e presenciar o funeral. É dor demais e perturba quem deseja esquecer.

— Vó, o que faço?

— Lute para sair daqui. Lá fora há um campo e uma colina, por detrás da colina, um sol de oportunidades que irá aquecer o seu espírito.

— E mamãe, vó, o que será dela?

— Acabei de lhe dizer: *deixe que os mortos enterrem seus mortos*. Sua mãe ainda pertence ao mundo físico e a ele deve servir. Sepultará seu corpo, chorará muito, sentirá saudades, enfim, fará tudo o que fazem os encarnados. Você terá de deixá-los cultivar as suas lembranças e sentir saudades, pois seu espírito não mais pertence ao mundo físico. Quando Jesus disse essa parábola, quis orientar a todos os Seus irmãos que na hora do adeus não é dado a quem parte ficar preocupado

com que dinheiro será pago o enterro ou com que roupa vão enterrá-lo.

— Minha família irá sofrer. Quê fazer para consolá-la?

— Ao espírito só restam lembranças e saudades, no mais, ele tem de partir em busca de uma nova vida, a vida livre do espírito, onde terá de recomeçar mais uma vez. O mesmo acontece à criança que retorna em um novo corpo. Ela não pode ficar chorando, desejando voltar ao mundo espiritual em busca daqueles que nele ficaram. E quantas vezes, George, a gente tem de deixar irmãos muito amados que junto a nós estão há milhares de anos! Nem por isso o bebê dificulta a sua vinda ao plano físico. Neste instante, meu neto, você está nascendo no mundo espiritual, vamos nascer com fé e esperança, trazendo no coração a saudade, mas não desejando que o ódio nem a revolta tomem conta do nosso espírito. Se o seu pai chegou a essa fúria tamanha, você, George, também não teve humildade. O boi bravo faz com que o humilde corra dele; quem o enfrenta está armado do mesmo ódio e julga-se tão forte quanto ele.

— Vó, nós estávamos discutindo por causa de dinheiro, ele queria lesar a família.

— Esqueça, vamos esquecer. A porta, que é o túmulo, deve fechar-se para as revoltas e tristezas e, ao adentrarmos nela, devemos dar graças a Deus pela lei do Senhor: *não matarás*. Por isso ninguém morre, porque Ele, o Pai, não mata Suas criaturas.

George abraçou-se com sua avó e ela, repleta de luz, voou, levando-o carinhosamente.

A essa altura, nós não tínhamos mais lágrimas, a emoção tomava conta de todos. Pensei: *quão importante é na vida de um neto uma grande avó!* A avó é alguém que já lutou, já criou seus filhos, já sonhou quando jovem, já se esforçou para

criar uma família. Quando os netos chegam, o corpo já não tão jovem parece que recebe uma nova força, e muitas grandes mulheres renunciam a tudo para se tomarem avós-mães com tal desvelo que os netos as adoram. No caso de George, a vó Clotilde foi a mão de Maria tirando-o da matéria. Feliz da mulher que não fracassa como mãe, como avó, nem mesmo como mulher. Amar é um dom e a mulher que ainda jovem se toma mãe e faz da maternidade um cântico de amor e renúncia é um tesouro para a família. Ainda mais se ela foi sublime como mãe, e como avó mais sublime ainda.

— Luiz, falou Pamela, como você ama as avós!

— Como mãe, a mulher tem por dever criar os filhos. Mas como avó nela desabrocha o que ela tem de nobre no coração: a renúncia. Com o corpo cansado, com um lar para cuidar, o neto chega, exatamente quando ela pode viajar, aproveitar a vida junto de seu marido. Quantas voltam a ser mães dos netos, com novas noites sem dormir, novamente fazendo papinha, lavando fraldas, levando ao colégio, ajudando no dever de casa, enfim, como são sublimes essas mulheres que não dizem "não" a um filho ou a uma filha, quando estes lhe pedem para cuidar dos netos!

— Luiz, mas tem cada avó!...

— Como tem cada mãe!... — rebati.

— É verdade, falou Enrico, a mulher, quando fracassa na sua missão de mãe, jamais será uma boa avó. Feliz daquela que, quando fracassa como mãe, encontra nova oportunidade quando avó e não fracassa.

— Sabe, Enrico, doar amor é um dom divino, feliz daquele que se esquece de si mesmo em prol dos outros, este é um vencedor na vida, um alicerce, que nem o cansaço físico o impede de amar e servir.

O corpo de George nos pareceu petrificado. Agora que seu espírito fora levado, aquela matéria se mostrava fria e inútil. Na parte espiritual, os cânticos e as orações; era o momento da separação corpo e espírito. No plano físico, a dor da separação, a saudade, o desespero, a incerteza. Olhamos aquela mulher que sofrerá a vida toda com o marido. E este, riquíssimo, escravo do dinheiro, jamais havia feito um carinho nos filhos. Achava que o carinho iria enfraquecer sua autoridade. Tratava a mulher como se fosse sua escrava e ela a tudo suportou, até vê-lo chegar onde chegou: ao assassinato. O que parece uma briga de família pode chegar a um ponto tal de agressão, que o fim pode ser trágico: polícia ou cemitério. Tudo por quê? Falta de fé, de amor a Deus, de religião. O lar não é um reformatório e sim uma escola onde todos devem aprender a palavra renúncia.

— Vamos dar uma chegada até a capela ao lado, convidou-nos Enrico.

Capítulo XXIX

MORTE: UMA CAIXA DE SURPRESA

O corpo ainda não estava na capela, mas algumas pessoas da família já se encontravam lá, conversando baixinho. Quando o corpo chegou, o espírito ainda não se havia desprendido, mesmo já desatado. Muito zangado com as flores que lhe cobriam todo, resmungava:

— Detesto cravo-de-defuntos, este cheiro me dá náuseas! E este algodão no meu nariz? Que coisa mais cavernosa! E estas mãos cruzadas, que horror!

Olhei para Enrico, contendo o riso. Sério, ele nada dizia, parecia orar. Jacinto, muito indignado, logo se pôs de pé e tentava, desesperadamente, tirar o algodão do nariz. Reclamava que não lhe colocaram a cueca nem os sapatos. Um dos encarregados o convencia de que tudo aquilo de nada adiantava para o espírito. E ele insistia:

— Como não, senhor espírito? Eu faço questão de um enterro digno! Sempre respeitei os mortos e não acho certo o que acontece nos cemitérios, por isso comprei o meu túmulo e nele fiz um jardim. Eu esqueci de dizer que não queria flores na minha cabeça e no meu corpo. Ainda se fossem rosas vermelhas, mas cravo-de-defuntos, eu protesto!

— Mas isso não é cravo e sim crisântemo, esclareceu o irmão.

— O quê? Crisântemo? É tão feio quanto os malditos cravos! Sempre deixei minha roupa arrumada para esta eventualidade e ao me vestirem não me colocaram a cueca, veja que absurdo! E o pior é que, como eu imaginava, este corpo de "morto" também está sem cueca. Moço, aqui tudo é igual, será que tem uma loja que venda cuecas?

— Irmão, vamos orar, esqueça o que está acontecendo com seu corpo.

— Perdoe, "alma", mas não é certo fazerem certas coisas com quem morre. Estou protestando, não estou satisfeito.

Andava, nervosamente, quando chegou a irmã com quem ele morava e os sobrinhos. Eles nem choravam. Olhando-os com cara de espanto, indagou:

— Por que não estão chorando? Vejam que danados, eles não gostavam de mim...

Aí, sentou-se e chorou muito. Mariana, uma das mensageiras que trabalha nas capelas, sentou-se ao seu lado e disse que se sentia feliz quando via um espírito como o dele, bem longe do

corpo físico, apenas não compreendia por que ele estava apegado às pequenas coisas.

— Dona "alma", sempre fui um homem digno, não casei para cuidar dos meus irmãos. Depois, cuidei da minha mãe, ela era parálitica, com isso, até esqueci de me casar. Ganhando bem, sempre ajudei a família. Morava com Luise e seus filhos. O marido dela se mandou quando Eliane nasceu. Criei Eliane, agora ela tem

dezoito anos, tudo fiz por ela e pelos outros.

— Está vendo como o irmão é digno? Agora vamos deixar de nos preocupar se os encarnados choram ou não.

— Dona alma, como não chorar? Eu sou quase pai deles...

— Qual a sua religião?

— Sou cristão, faço tudo para ser digno do Cristo.

— O irmão crê na vida após vida?

— Claro que acredito, tanto é que nem tive medo da senhora.

— Muito bem, como o irmão está vendo, tudo é igual ao mundo físico, só que os encarnados não nos enxergam. Portanto, não devemos culpá-los se eles nos ignoram. Aconselho o irmão a deixá-los e seguir até a enfermaria para melhor se desligar do corpo.

Observando aquele espírito, constatamos que cada desencarne é um desencarne. Enquanto uns ficam ao lado do corpo, outros nem se lembram de que um dia o tiveram. Não agüentava mais de vontade de conversar com ele. Pedi a Enrico e ele me deu permissão. Aproximei-me:

— Como vai, amigo?

— Como vou? Preparo-me para esse momento, morro, e agora nada está dando certo.

— Pois sinto-me feliz em ver que o irmão não está apegado ao corpo físico, enquanto há muitos espíritos que ficam durante anos no túmulo.

— Não me diga, menino, acontece dessas coisas? Bem dizia minha santa mãe: o cemitério é uma caixa de surpresas, ninguém sabe o que acontece ali.

— Tem razão, a "morte" é uma caixa de surpresas. O homem se despe do corpo carnal e, nu, aflora nele a verdadeira personalidade, que a educação e a posição social escondiam.

— Menino, qual o seu nome?

— Luiz Sérgio.

Ele me estendeu a mão, dizendo:

— Muito prazer.

Falou, olhando umas dez pessoas que compunham a capela.

— Pouca gente, não é mesmo? Respondi:

— Mas essas poucas pessoas que aqui estão são seus amigos de verdade. E muitas vezes a capela está repleta é de curiosos.

— Ah! Isso não aceito: a falta de respeito aos mortos. O que você acha, menino, de colocar flor na cabeça e no corpo todo?

— Nem sei, sabe?

— Acho pavoroso, principalmente em homem. Mulher ainda gosta dessas coisas...

Estávamos conversando, quando o nosso irmão foi levado até a enfermaria para serem dispersados os elementos que o ligavam aos seus corpos. E também os laços não estavam bem alojados no perispírito. Mas logo ele estava de volta, passeando pela capela e sempre preocupado com os poucos amigos que ali compareceram, pois era muito conceituado no trabalho, porém um pouco cricri, queria tudo muito bem feito e alguns desejavam brincar no serviço.

— Será que ninguém vai rezar? perguntou.

Parece que o ouviram. Começaram logo a orar. Ele, ao lado do caixão, todo posudo, a tudo assistia.

— Sabe, moço Luiz, eu cuidei de tudo e minha família vai ficar muito bem. Não quero me preocupar com coisa alguma. Agoíá vou buscar o céu, sei que irei para junto de Jesus, sempre fiz tudo o que Ele manda. Acabada a cerimônia do enterro, vou buscar o "céu". O jovem deseja ir comigo?

— Não posso, vivo ultimamente nas capelas.

— Coitado, é alma penada? falou, rapidamente.

— Não, amigo, escrevemos livros espíritas, e narro o que acontece após o desencarne.

— Ainda bem. Gostei de você e não quero vê-lo sofrer.

Era algo de maravilhoso a simplicidade daquele espírito. Logo ele acompanhava o seu corpo, que era levado por verdadeiros amigos e uma bela e amorosa família. Só não gostou das flores e do algodão no nariz no instante que sempre aguardara: ver seu corpo velado com verdadeiro respeito.

—Por que você respeita tanto o seu corpo de carne? indaguei.

— Graças a ele é que vivi na terra. Agora ele volta ao pó e agradecido eu o louvo, principalmente porque estou de volta ao reino de Deus.

— O irmão conheceu o Espiritismo?

— Não, mas o respeito. Não gosto é de quem faz mal aos outros. Mas tive um amigo, o Sampaio, que é um grande espírito e muito me ensinou sobre o mundo das "almas"

Antes do seu corpo descer à terra, ele o beijou e disse:

— Descanse em paz, porque eu volto a Deus, agora nós nos separamos.

Ficamos encantados com aquele irmão, esperando que um dia ele trabalhe ao nosso lado. Tem muito amor para dar ao próximo.

Íamo-nos despedir dele, quando alguém se aproximou. Que surpresa! Abraçou-se a ela e chorou:

— Mãe, ô mãe, você não está mais parálitica?

— Não, meu bom filho, Deus ama a todos os Seus filhos.

E foi levando-o com o amor que só as mães sabem dar. Ele não nos esqueceu e voltou para se despedir.

— Logo irei visitá-lo onde você ficar, falei. A mãe sorriu, dizendo:

— Será bem-vindo, Luiz Sérgio.

— Já o conhecia, mãe?

— Sim, filho, ele é um trabalhador do Senhor.

Assim se foram e nós voltamos a andar e andar, em busca de outras notícias para você, leitor amigo.

É pena que poucos pensem como o irmão que acabamos de deixar. Julgam que ser espírita é unicamente crer na vida após vida. Não é só isso. Ser espírita é também ser responsável com as coisas referentes à Doutrina consoladora. Como podemos crer nos espíritos que muitos não vêem, se aqueles que vemos não possuem um comportamento divino? "Muito será pedido àqueles que muito recebem". E ninguém, a não ser os espíritos, conhecem o que acontece aos que desrespeitam as leis de Deus. O espírita não poderá dizer: *eu não sabia*, pois todos os dias, oralmente ou através dos livros, os espíritos alertam para o valor da reforma íntima. Mas alguns maus espíritas, apegados à letra, fogem da realidade da terra, onde a fome, o frio, o abandono estão cada vez mais perto, nos barracos e nas ruelas da vida física. Esses espíritas de gabinete e de filas de passes ou de "desenvolvimento" de mediunidade longe se encontram da humildade, galardão daqueles que morrem para o mundo físico para melhor compreenderem o que existe além desse.

— Um dia, Enrico, todos os ditos cristãos irão praticar a caridade?

— Sim, afinal de contas, de que serve a fé sem obras? Quem abre a mão em direção àquele que precisa não está somente

doando ao pobre. Ao abrir a mão, ele toca a mão de Jesus, que está sempre aberta em direção a todos os necessitados.

Relembrei nesse momento o desencarne de Catarina, que me deixou inebriado com sua tranqüilidade e a de sua família. Quanta fé nesses corações!

— Felizes são aqueles que crêem em Deus e trabalham pela Humanidade sofredora. Infeliz daquele que desconhece a miséria, porque jamais sentiu fome; que o excesso de dinheiro o fez um ser distante dos fatos reais da vida. Talvez seja esse o motivo dos gritos e desmaios nas capelas da Estação do Adeus.

— Não sabemos, Luiz Sérgio, cada um reage de uma maneira. Será uma felicidade quando todos descobrirem o Espiritismo e diante das verdades espirituais procurarem desprender-se das coisas materiais, uma delas: o seu próprio corpo físico.

— Acho que é sonhar demais, conhecemos cada um que se diz espírita que é mais ateu do que aqueles que dizem que o são. Há dias conheci Dora, uma mulher que dizia não crer em Deus nem em nada, mas que alma bondosa! Era mãe dos pobres e também respeitava todas as religiões. Ela achava que muitas delas só pregavam, mas nada faziam. E no dia em que Dora desencarnou foi um cântico de amor: as vozes dos beneficiados formaram um coral em agradecimento à sua pessoa. Ela, chorando de emoção, asseverou:

— Mas eu jamais acreditei em coisa alguma. Nunca pensei que existisse um mundo espiritual. E com surpresa descubro que os espíritas têm razão: ninguém morre. Sempre ajudei ao meu próximo, sem pensar que estava construindo uma casa para abrigar o meu espírito cansado de lutar em prol dos desvalidos.

— Não é a religião que salva, Luiz, é o coração. Feliz daquele que pensa mais nos outros do que em si mesmo; na terra poderá ser considerado bobo, mas no Alto o seu nome estará escrito como o trabalhador fiel de Jesus.

— Penso, Enrico, que a religião que não transforma o homem não é de Deus. O fanático vive jogando injúrias nos que não pensam como ele. Hoje, como ontem, a Doutrina Espírita é a mais atacada. Por quê? vamos indagar. Por medo, por ser ela a única que não se esconde nos dogmas. A Doutrina Espírita é límpida e nela encontramos resposta para todas as nossas dúvidas. Quanto às infâmias e injúrias que alguns jornais de outras crenças estão gastando folhas e mais folhas contra a Doutrina Espírita, ela permanece intocável, porque nada como o amanhã, quando aqueles que hoje duvidam dos espíritos terão aprova final. Queira Deus que com isso eles não estejam embaraçando os pequeninos de Deus.

— É mesmo, Luiz, concordou Pamela, talvez até os espíritas ainda não tenham despertado para a realidade dura do hoje, onde ser espírita está sendo tão difícil como no ontem. Os ataques estão muito fortes, porque usam a mentira para criar fatos irreais referentes àqueles que dizem que um dia foram vítimas dos espíritos.

— Espere, Luiz Sérgio, ninguém deve brincar com as coisas do Alto. Logo um grande escândalo irá abalar as estruturas dessas igrejas que falam do Cristo, mas agem contra o que Ele nos ensina até hoje.

— Não me diga, Enrico!

— Espere, irmão, as ondas do mar que embalam as pequenas e as grandes embarcações também molham os pés dos velhos e das crianças. Porém quando estão bravias atingem os rochedos e causam vários danos. O sol aquece toda a natureza, mas também queima os invigilantes e às vezes seca tanto a terra com seu calor, que as plantas morrem e sofrem por demais. Assim é a vida. Hoje o homem pode apertar as mãos, plantar, atirar pedras, a vaidade e o orgulho tomarem conta do seu coração, mas tudo passa e sempre existirão a noite e o amanhecer. Portanto, Luiz, vamos orar, porque se hoje o homem caminha, grita, chora e

atira pedras, amanhã ele sentirá o peso da mão de Deus e terá de prestar contas do seu trabalho. Porque o que planta colhe, e feliz de um templo onde os seus adeptos plantam as flores da paz para um mundo melhor. A finalidade de todas as religiões é amparar o homem na sua caminhada evolutiva; o templo que está preocupado em salvar almas, mas tendo para isso de matar sonhos e esperanças e desmoralizar criaturas está bem longe do Mestre dos mestres, que disse: *não vim para condenar e sim para explicar.*

Enrico ainda falou:

— Vamos agora outra vez à crosta da Terra, visitar um lar atingido por um desencarne prematuro.

Capítulo XXX

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Chegamos a um casarão com quinze quartos, dez salas, muitos banheiros, enfim, um palacete. Os empregados, todos uniformizados. Olhando aquela mansão, ficamos imaginando: *só mesmo a Doutrina Espírita para explicar tantas diferenças sociais*; enquanto ali bem perto o pobre vive em barracos de tábuas ou de papelão lutando pela sobrevivência, neste palacete há de tudo o que se pode chamar de conforto. Entretanto, talvez hoje os moradores do barraco estejam mais felizes, pois, apesar do luxo, esta família chora a volta de Alessandro para o mundo espiritual. Os empregados só comentavam a sua "morte". Dali partimos para o cemitério, a Estação do Adeus. E quando íamos aproximando, paramos, pois a capela estava repleta. Muitos jovens foram chegando, uns mais fantasiados do que outros; as aparências mais estranhas. Quase todos de brinco, tatuados, rabos de cavalo, cabelos soltos, de arquinhos, enfim, era uma juventude diferente. Na capela Alessandro estava sendo

socorrido. Sofrerá um acidente no seu belo carro importado, que quase desintegrou-se, de tão forte a batida. O corpo físico de Alessandro não ficou diferente do carro, e aquele garoto riquíssimo, mimado, filho único, ali estava sem saber o que fazer. Chorava, chamando os pais, mas alguns familiares que dele se aproximavam eram repelidos. Dizia sempre:

— Eu não gosto de você, cara! — e foi assim que se dirigiu ao seu avô paterno.

— Sempre soube disso, sua mãe colocou você contra nós; mas quanto ao nosso dinheiro ela nunca foi contrária.

— Saia daqui, estou delirando, hoje passei dos limites, fiz uma mistura louca.

— Lute, Alessandra, para sair de perto desse amontoado de ossos e carnes, o carro lhe triturou o corpo —pedia-lhe, chorando, a avó.

Olhou para a avó e tampou o rosto.

— Saia daqui, fantasma! Se quando era viva eu não a suportava, imagine hoje, que você já morreu!

—Alessandra, não se esqueça de que nós, os pais do seu pai, estamos sempre orando por você.

— Saíam, saíam, deixem-me em paz!

Os dois foram-se retirando e o menino mimado que tinha uma mesada de dez mil reais sofria junto ao corpo, pois ainda não percebera que desencarnara. A droga, que lhe proporcionara devaneios e fantasias, hoje estava-lhe apresentando um quadro desesperador: a "morte". Gritava os nomes mais estranhos, eram os nomes dos seus colegas: "Cafu, Marreco, John-John, Carlos Bragé, Taíra!" Mas eles estavam do lado de fora da capela, fumando maconha e com uma lata de cerveja na mão. O padre foi chamado; enquanto ele orava, algumas pessoas o acompanhavam, mas outras só comentavam:

— Coitado, filho único, riquíssimo; o pai agora pode deixar de trabalhar, para quem irá deixar tanto dinheiro?

— Também, o filho não era gente: vivia assaltando *shopping*, estuprando garotas, enfim, era um marginal.

— Não fale assim, Constança, o coitado está deitado no caixão, indefeso.

— Tem razão, hoje ele está indefeso, mas antes vivia aprontando; só carro importado eleja destruiu dois. Nunca se ligou aos estudos, foi para a Suíça, para a França e para os Estados Unidos, mas em todos esses lugares ele aprontou, o dinheiro foi a sua destruição.

— Constança, e a mãe, que vive nas colunas sociais, como irá reagir à morte do filho?

— O filho vivia a sua vida, ela quase não o via. O pai é um bom homem, mas dominado pela mulher.

Reparamos o pai: um jovem senhor, muito bem vestido, que chorava em silêncio. Chegamos perto dele e ouvimos o que falava com outro companheiro:

— Nunca pensei que isso viesse a acontecer com meu filho, ele dirigia tão bem!...

— Mas corria muito.

— É verdade, coisas da juventude.

— O mal dessa juventude é que ela não se conscientizou de que cada homem tem de lutar pela própria dignidade.

O pai de Alessandra respondeu:

— Acho, Mário, que você é muito duro com seus filhos. Sendo um homem muito rico, por que coloca seus filhos para trabalhar nas suas lojas?

— Sei que muitos me julgam um mau pai, mas luto para que meus filhos não fiquem deslumbrados com o dinheiro, e tento passar-lhes o valor do trabalho. Até hoje o Júnior não chega tarde em casa; mora ainda comigo e tem de respeitar o meu modo de pensar.

— Ele não se revolta com você, Mário?

— Não, somos grandes amigos, possuo uma família unida. Minha esposa é uma grande mulher e uma grande mãe.

O pai de Alessandro foi saindo devagar e Mário ficou preocupado: *será que falei algo errado?* Eu quis dizer a ele: *você, amigo, falou foi muitas verdades. Quantos Alessandros existem por aí, longe de Deus e dos familiares, passando as noites na rua, embriagando-se ao lado dos pais!*

—É verdade, nunca tinha visto tantos jovens embriagando-se como nos dias de hoje. Parece que isso se tornou normal, garotos de doze anos nos pontos de encontro da juventude, não só consumindo bebida alcoólica, como drogas.

— E os pais, Pamela, onde se encontram?

— Nos churrascos das suas ricas mansões, também se embriagando.

— E aí, se alguém da família tentar dizer-lhes que seu filho anda aprontando?

— Eles dizem: *que nada, ele é um anjo, o que faz são coisas da juventude.*

— Pobres mães, essas mães que nada percebem; que acham chique o filho ficar sozinho nos *shoppings* com os amigos, desde pequeno. Todos os outros podem ser errados, mas o seu filho é um "anjo".

Enquanto nós três conversávamos, Enrico orava e Alessandro relutava em sair do corpo. As conversas dos ditos amigos eram terríveis. Resolveram contar o que Alessandro fazia nas noites de divertimento. Quantas meninas tinha estuprado! Enfim, era um jovem que pensava que fazer o que bem entendia era o certo. Agora ele, o filho do papai, jazia ali no caixão de luxo, que tinha vindo de uma grande cidade — porque naquele lugar não havia um caixão de luxo igual àquele onde Alessandro se encontrava. Os ricos adoraram o caixão, era novidade. E o coitado ria e chorava diante do livro da sua vida. Que livro! De arrepiar a alma. A mãe, muito elegante, recebia os cumprimentos e

procurava ter um comportamento recatado. Estava tão bem vestida e maquilada que mais parecia irmã de Alessandro. As amigas diziam-lhe:

— Como pôde, Jaci, acontecer isso com vocês?

— Não sei, ainda não parei para pensar. O meu filho era um anjo, um amor, e logo com ele isso foi acontecer. Ele tem cada amigo que nem lhe conto... Por que Deus não levou um desses pobres coitados?

— Por que Deus preferiu o seu filho, só os bons é que morrem.

— Tem razão, Alessandro era um anjo de pessoa, Deus o chamou para junto de Si.

Coitado do Alessandro! Estava bem perto de Deus, porque agora, longe do luxo e das irresponsabilidades, ele teria de refletir e procurar melhorar-se.

— Ninguém ora nesta capela? perguntou Plácido.

— Orar... será que eles sabem o que é isso? falei.

— É mesmo, é outro mundo o dos pais de Alessandro.

Olhamos aquela casta, as mulheres lindíssimas, e pensei: *Oh! Deus, por que ainda hoje as coisas materiais têm mais valor para algumas pessoas?*

Aproximei-me de Alessandro. O corpo fora retirado das ferragens e ele pensava que o seu perispírito estivesse igual. Duro foi para ele perceber que havia desencarnado. A cena do acidente, a velocidade, à medida que o carro corria, ele gritava, até que a máquina não suportou tanta inconseqüência e se rebentou toda. Ele recordava a hora do desencarne e por mais que os técnicos fizessem não conseguiam fazê-lo deixar o corpo físico. Nisso, entrou um jovem de seus dezessete anos. Alessandro ficou feliz quando o viu:

— Você aqui, Flavinho? Então é certo que não existe morte?

— Certíssimo. E acho melhor você dar o fora, assim as teias do túmulo irão prendê-lo, falou, sorrindo.

— Você, como está? perguntou Alessandro.

— Eu estou muito bem.

— Também, nem aproveitou a vida, vivia doente.

— Não sei, Alessandro, se eu é que vivia doente ou você, que se suicidava a cada minuto.

— Virou santo, é?

— Não, primo, santo não; mas sendo doente, meus pais, com cuidados, não me deixavam viver somente com os amigos. Hoje vejo que fui resguardado e a "morte" foi a libertação.

— O que devo fazer para não sentir tanta dor? Quero sair das ferragens e não consigo. Aqui, Flavinho, você é meu amigo ou não?

— Infelizmente, eu nada posso fazer, mas a oração pode. Vamos orar.

— Orar? Eu detesto beato!

Flavinho não respondeu, iniciando uma linda prece. Alessandro, chorando muito, foi retirado pelos socorristas. Flavinho o acompanhou. Nós oramos também.

— Quem é Flavinho, Enrico?

— É o filho de uma irmã do pai de Alessandro. Ele teve leucemia com nove anos. Sempre foi um garoto muito bom e amigo de toda a família. Alessandro o adorava, só que ria muito dele, porque não saía para as farras. Dizia que ele era "mulherzinha". Flavinho sorria, respondendo: *um dia veremos quem é o mais homem de nós dois. Você julga que tudo sabe, porque é rico, mas até hoje nem um vestibular você fez. Cuidado, Alessandro, a vida é cheia de surpresas!* E ele retrucava: *seu santo, fecha essa boca!*

Olhando o passado de Flavinho, constatamos que Alessandro não fora muito ruim, porém pessimamente criado pelos seus pais. O dinheiro fez daquele garoto um prisioneiro do mundo material.

No enterro teve até discurso, era o filho de um milionário da cidade que tragicamente desencarnara.

Capítulo XXXI

CONSCIÊNCIA: A BÚSSOLA DA SALVAÇÃO

Dali fomos para uma capela que nada tinha, nem flores nem velas. Era também um garoto de seus dezesseis anos que havia sido assassinado. As pessoas gritavam e choravam, bastante inconformadas. Anderson era filho de uma diarista e de um pedreiro. Desde criança furtava e se metia com marginais. Apesar de presenciarmos desmaios, gritos e impropérios, ficamos intrigados pelo fato de que o coitado do Anderson nem no cemitério se encontrava, só o corpo físico víamos ali.

— O que está acontecendo com esse menino, Enrico?

— Anderson, desde os oito anos, já assaltava e roubava residências. Os marginais o adoravam, era um torturador nato. A família, modesta, mas honesta, não se conformava com o seu procedimento, chegando a mãe a levá-lo à polícia, pedindo que o prendesse. Mas Anderson era tinoso e sempre se livrava, por ser menor, mas era bem adulto para estuprar crianças, jovens, senhoras, enfim, ele era terrível. Mas o seu dia chegou. Tentando assaltar um banco junto a outros companheiros, foi detido pela polícia, reagiu e foi morto. Os jornais atacaram, por ele ser menor, mas ninguém procurou saber o que ele havia feito. No dia do assalto, estava disposto a matar muita gente. Muitas vezes atirou rindo, gostava de matar.

— Enrico, como pode um filho de Deus causar tanto mal a outrem?

— Olhe bem o corpo físico de Anderson.

Pudemos constatar que o tóxico era o instrumento para todos os seus crimes. Observei aquele corpo de carne perfurado de balas e por mais que buscasse o espírito, não conseguia vê-lo. O

ambiente da capela era terrível, os ditos "amigos" da família falavam horrores do jovem. Avó, tia, madrinha, mãe e pai, todos se desesperavam de dor. Enrico convidou-nos a irmos em busca de Anderson.

Por mais que andássemos não o encontrávamos; parecia que ele ia ficando mais distante à medida que a nossa curiosidade se aguçava. Nisso, Enrico mostrou-nos um lugar repleto de lixo, enfim, detritos ali jogados, mas que os espíritos trevosos transformaram em um novo esconderijo. Perguntei:

— Como pode, Enrico, o Anderson ter aprontado bem mais do que Alessandro e estar aqui, longe do seu corpo físico? Como ele conseguiu sair do corpo de carne?

— Cada caso é um caso. Alessandro plasmou na sua casa mental a hora do acidente, esse o motivo da sua prisão no corpo de carne. Anderson sofreu uma desencarnação violenta e foi expulso do corpo cravejado de balas. Ao ser expulso pelo impacto da violência contra seu corpo, seu espírito, apavorado, procurou correr do confronto com a polícia. Só que ele não esperava os seus algozes e estes, como se estivessem há muito em uma tocaia, o aprisionaram. E agora Anderson sofre nas mãos daqueles que ele torturou, que tirou suas vidas físicas e que os delatou para os colegas. São as suas vítimas que o buscavam sem parar e que agora o encontraram.

Era espantoso o quadro: o perispírito de Anderson — se podemos chamar de perispírito — se encontrava deformado, como aquelas cicatrizes que ficam nas pessoas queimadas. E se não bastassem as queimaduras, ainda as vítimas enlouquecidas de ódio vingavam-se de Anderson.

— O que podemos fazer por ele?

— Nada, Pamela, falou Enrico. Anderson plantou espinhos no seu caminho e agora será obrigado a caminhar por eles.

— Enrico, mas ninguém poderá ajudá-lo?

— Não, só o arrependimento do seu espírito e o grito de socorro.

— E por que ele não o faz?

— Anderson jamais pensou em Deus. Era jovem, musculoso, bonito, tinha dinheiro à vontade. Sua profissão era matar e roubar e nada mais procurou saber da vida. Agora aqueles que ele torturou, matou, estuprou, repletos de ódio o torturam também.

— Eu vou tentar fazer algo, disse Plácido.

— Não, nada tente, alertou-o Enrico. A oração agora seria o mesmo que acender uma lanterna e os verdugos nos veriam. São os abutres com a presa e ninguém tem o poder de contê-los.

— E o coitado do Anderson, que será dele?

— Luiz, uma das mais importantes conquistas do espírito é cumprir com os seus deveres. O homem que foge dos seus compromissos para com Deus considera-se repleto de direitos mas, desconhecendo os deveres, vai obtendo vantagens; julga-se vencedor, inteligente e esperto, mas infeliz ele é, porque cada homem recebeu de Deus uma arma que se chama liberdade. Feliz daquele que a usa para o seu crescimento espiritual e para a paz do seu próximo. Agora, o ser que se julga com o direito de matar sonhos e destruir vidas físicas terá de ser julgado. Não por Deus nem por Jesus e Maria, mas pelo reino de sua majestade, que cada homem carrega na consciência. Castigo não existe, Deus é Pai bondoso e amigo e ama a todas as Suas criaturas. O Seu reino nunca será destruído, e feliz do homem que o honrar eternamente e jamais violar a Sua lei. Anderson não só profanou sua consciência, como jamais procurou o presente de Deus, a bússola da salvação: a consciência. Ninguém tem o direito de destruir e o homem que tira o sossego do seu próximo, assaltando, matando, torturando, um dia terá o "ranger de dentes". Anderson agora está diante de uma triste realidade: as imensas folhas do seu livro da vida. Por mais que tentemos, ele

não irá nos ouvir. No mundo que construiu para si só isso existia: drogas, álcool, sexo, sangue e dinheiro. Para um técnico ou um mensageiro chegar perto é difícil demais. Se no espírito sublimado a rede fluídica do amor forma um elo protetor, em um espírito cuja vida foi de ódio, egoísmo, vaidade e orgulho o seu campo magnético apresenta-se de difícil acesso e o seu corpo mostra-se circundado de elementos infectos, de odor forte, fumaças escuras e ventos fortes que circulam como redemoinho.

Quase não divisamos a forma perispiritual de uma alma que só causou dores e sofrimentos no plano físico. Anderson era visível só para as suas enfurecidas vítimas. Para nós era uma avalanche de ventos e fumaças de odor insuportável.

— E os centros de força, por que parecem apagados?

— Você não deixa de ter razão, Pamela. Sendo os centros de força os captadores do fluido cósmico universal, Anderson, como outros mais, com o coração repleto de ódio, maldade e ganância, foi-se tornando tão materializado quando ainda encarnado, que pouco recebia do Alto. As suas rodas energéticas, como diz o nome, abasteciam a sua alma que vivia sem Deus. Só os plexos e as rodas mantinham seu corpo funcionando, vivendo com um mínimo de fluidos celestes. Cada vez mais endurecido, Anderson nada fazia pelo seu espírito que se mantinha encarnado, prisioneiro que tanto necessitava do Alto, mas quase nada oferecia ao seu corpo perispiritual. Em conseqüência, foi pouco a pouco se deformando. O ódio é tanto nessas almas que elas vivem quase que totalmente dos fluidos e energias do plano físico. O perisprito, a veste do espírito, vai ficando como ficam as roupas de seda quando o homem passa por espinheiros e lodaçais e não tem cuidado com elas. Infeliz do espírito que não o mantém limpo e bem cuidado. Se ficar longe do fluido cósmico universal, sentirá profundas deformações. E a alma, mantida pelo ódio e desobediente às leis, vê-se desprotegida e logo sofre por tê-las desrespeitado. Sem proteção, sempre sofre um fim trágico.

O caso de Anderson veio confirmar que aquele que vem ao mundo somente em busca de suas riquezas acaba bem longe da grandeza de Deus.

— Como é fácil, Enrico, pertencer a religiões onde basta pedir perdão para sermos salvos!

— Na Doutrina Espírita temos a certeza de que Deus perdoa a todos os Seus filhos, mas a lei é implacável e aquele que erra terá de pagar por seus erros.

— Não entendi.

— É como um filho rebelde, Luiz, ele pode ser perdoado pela mãe, que o ama, mas se cometer delitos contra a sociedade, a mãe não vai livrá-lo, a lei, sim, irá julgá-lo. Deus perdoa infinitamente, mas Ele jamais vai contra as leis da natureza, que são imutáveis.

— Como Anderson poderá se livrar dos seus verdugos?

— Quando ele se conscientizar de que Deus é o Pai amado e pedir, com o coração repleto de arrependimento, ajuda ao Alto.

— E ele será socorrido?

— Sim, mas se livrará somente dos seus algozes, não dos seus erros.

Calei-me, refletindo: como pode o homem julgar que é dono do seu destino? Será que pensa poder desarrumar a Casa de Deus, mudar os planos que Ele destinou para cada um dos Seus filhos e não sofrer as conseqüências de seus atos? É ser muito ignorante das coisas do Alto!

— Pamela tem razão, quando diz que no dia em que todos os filhos de Deus buscarem o remédio divino para seus espíritos, a Terra será renovada.

— Enrico, o Anderson irá sofrer muito, não é?

— Não sabemos, porque a cada um basta a sua própria consciência.

Olhamos aquela bola de fumaça e enxofre sendo levada por espíritos deformados pelo ódio da vingança. Dali voltamos

para a capela. O corpo, cravejado de balas, era apenas um amontoado de carne; o espírito, sua inteligência, sua força, agora dali distante, colhia o que semeara. Assim é a lei Muitos culpam a polícia. Gozado, o homem tem sempre de culpar alguém. Quando o assaltante adentra o seu lar, os policiais são os primeiros a serem chamados. Mas quando estes se defendem são atacados pela sociedade. Bom seria que todos fossem irmãos e que no mundo não existisse violência, que só o amor perfumasse a todos.

Olhei o campo da saudade, a estação da morte, a Estação do Adeus e pedi ao Senhor que ajude a todos aqueles que pregam o amor e o Evangelho. E que estes se conscientizem de que todas as religiões devem pregar o amor e o respeito, jamais ferindo umas às outras, porque assim não serão templos divinos e sim casas de pedras.

— Enrico, quando iniciei este livro julgava que só fosse falar sobre o proceder nas capelas, e já contei tantas coisas...

— Luiz, se os espíritas lessem mais as obras básicas, a Doutrina seria melhor compreendida. Em *O Livro dos Espíritos*, temos a questão 838:

Será respeitável toda e qualquer crença, ainda quando notoriamente falsa?

"Toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzam ao mal."

— Por que o irmão lembrou-se agora de *O Livro dos Espíritos*, se estamos falando do desencarne de Anderson?

— Porque, irmão, nós comentávamos sobre as outras crenças, onde basta pedir perdão e uma esponja apaga todos os nossos erros.

Fiquei calado. Ele, sorrindo, me disse:

— Luiz, isso ocorrerá até o dia em que as religiões se conscientizarem de que só unidas a Jesus elas serão úteis ao homem. E que ninguém tem o direito de se opor à liberdade de consciência. Uns podem gostar das rosas, outros dos lírios, agora atacar outrem porque ele não pensa como nós é não conhecer o Cristo. Infelizmente estamos voltando à era da barbárie, onde se tinha de calar em relação à sua crença para não ser levado à fogueira. Hoje os ataques são tantos... E o pior é que poucos espíritas estão preocupados com isso. Uma união sincera entre todas as religiões seria tão proveitosa para a Humanidade! Enquanto os líderes se separam, o povo se dispersa e encontra um mundo repleto de violência.

— Enrico, interveio Pamela, as obras básicas são completas, a questão 838 de *O Livro dos Espíritos* é de uma pureza divina. Vejamos outra questão, a 840:

Será atentar contra a liberdade de consciência pôr óbices a crenças capazes de causar perturbações à sociedade?

"Podem reprimir-se os atos, mas a crença íntima é inacessível."

E segue o comentário:

Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando acarretam qualquer prejuízo a terceiros, não é atentar contra a liberdade de consciência, pois que essa repressão em nada tira à crença a liberdade, que ela conserva integral.

O que transforma o homem não são os ataques nem a violência ou os discursos doutrinários, o que toca os corações são os exemplos de um homem de fé raciocinada e de bom senso.

Enrico nos convidou a visitarmos outra capela, em uma grande cidade.

**COLÔNIA LÍRIOS DO SENHOR
SALVAÇÃO DE UM ALCOÓLATRA**

Distanciamo-nos da turma e com pesar constatamos que, à medida que visitávamos aquela Estação do Adeus, observávamos os seus jardins — se podemos dizer assim — muito maltratados. Pensei: *por que as autoridades não preservam os cemitérios?* Nem precisa colocar mármore nos túmulos, somente uma cruz com o nome do desencarnado. E à sua volta, muito verde, flores, árvores, para que os pássaros louvem os corpos, cujos átomos irão compor outras vestes dos que voltarem ao mundo físico.

Mas ali estava a realidade da falta de respeito aos corpos que pertenceram um dia a alguém. Não que isso beneficie ou desequilibre um espírito, todavia, cuidando dos cemitérios, a saúde pública estaria cooperando com a saúde dos encarnados. Um dia ainda veremos as autoridades sanitárias cuidarem com desvelo dos túmulos dos chamados mortos. Algumas campas indicavam a violação por vândalos. Outras em estado lastimável, repletas de detritos. Alguns pagam operários para limpar o túmulo dos seus familiares e estes mesmos operários muitas vezes jogam papéis, pedras, restos de velas, enfim, tudo o que representa lixo nos túmulos humildes, que nem cruz possuem. No meu passeio, a tudo analisava e vi muitas coisas que quero contar para vocês.

Alguns espíritos gostam de ficar nesses lugares para chorar ou rir dos desencarnados. Não são espíritos maus, mas levianos, que gostam de brincar. Muitas vezes conseguem pregar algum; peças aos visitantes dos cemitérios. Um jovem,

de seus dezoito anos, mais ou menos, estava ao lado de algumas garrafas de aguardente. Aproximei-me:

— Como vai, irmão?

Olhou-me, desconfiado. O seu estado era deprimente: roupas rasgadas, aspecto sujo e sofrido.

— Que deseja? Se veio me tomar a branquinha, eu não tenho para repartir.

— Não, estamos só passeando. Mas o que o leva a se embriagar, se você já não pertence ao mundo dos encarnados?

Ele sorriu.

— Ainda bem que você não é nenhum pé inchado. Detesto bêbado. Quanto à sua pergunta, eu adoro beber, bebo desde os dez anos.

— Dez anos? Mas como você iniciou?

— Sabe, cara... Como é mesmo o seu nome?

— Luiz Sérgio.

— Pois bem, sou filho de gente abastada. Minha família recebia muito. Eu e meu irmão muitas vezes nem nos aproximávamos da sala, ficávamos na cozinha. Lá eram feitos os nossos pratos. Meu pai dizia que criança incomoda e ele não gostava que participássemos das reuniões da nossa casa. Dizia sempre: *não apareçam na sala!* E nós ficávamos na cozinha. Cada copo de bebida devolvido à cozinha, a gente bebia o resto. Quando os amigos da família iam embora, nós já estávamos dormindo, completamente embriagados. A comida era geralmente pouca, era festa apenas para impressionar os amigos e chefes dos nossos pais. Recordo um dia quando foi feita uma torta de chocolate e nós estávamos loucos para comê-la; ela era recheada de cerejas e licor. Mas nem podíamos falar que queríamos um pedaço. Quando os convidados estavam no auge dos comes e bebes, eu e o meu irmão entramos na sala; e como se nada estivesse

acontecendo, sentamos ao lado da torta e nos fartamos. Minha mãe tentava, falando baixinho, nos tirar da sala, mas nós só saímos quando acabamos com a torta. Resultado: não estávamos acostumados com essas iguarias e tivemos um desarranjo intestinal, mas antes levamos uma boa surra. Mesmo já nos encontrando dormindo, fomos acordados para apanhar.

— E o outro, seu irmão, o que foi feito dele?

— Também desencarnou com *overdose* de tóxicos.

— Onde ele está agora?

— Não sei e nem quero saber. Desencarnei depois dele e aí você sabe: sofri ainda mais com a indiferença dos meus pais. Com a morte de Diogo, a família me matou pelo esquecimento. Os meus pais, que jamais notaram Diogo, que o ignoraram sempre, com a sua morte viviam chorando, como se fossem ótimos pais. E eu, o pobre coitado, que só tirava notas baixas, furtava para beber e era às vezes agredido pela mãe e pelo pai.

— Como você desencarnou?

— Meus pais muitas vezes me internavam e quando eu saía estava pior. A minha doença era carência, eu precisava de alguém que me protegesse e achava que o álcool era o meu único amigo. Em uma dessas internações, quando saí, fiz um coquetel de bebidas e entrei em coma alcoólico.

— E por que você fica no cemitério, tirando as emanções álcool? O irmão nunca foi socorrido?

Virando mais uma garrafa, falou-me:

— Aceita ou não aceita? Se não aceita, se manda, detesto conselho, saia daqui!

— Você é um bom garoto e gostaria de levá-lo até alguns amigos, se você gostar deles, você ainda irá conhecer outros belosi lugares.

— E lá tem aguardente?

— Muito mais que uma garrafa, tem uma cascata de oportunidades.

Olhei aquelas garrafas e pensei: *como o homem encarnado ainda não conhece o mundo espiritual!* Ele ria, ria, e como se fosse um bicho, se deitava no chão, rolando.

Orei a Jesus: *Senhor, tem piedade deste espírito que perambula pelas sarjetas do mundo físico. Faze, Senhor, que uma luz divina aflore na sua consciência para que ele tenha força para divisar uma nova vida. Sabemos que prometes te ficar ao lado dos maiores pecadores, ajuda-nos.*

Enlacei o ombro de Pedro Paulo e fui levando-o com carinho até o posto de assistência. Uma irmã sorridente nos recebeu:

— Oi, Pedro, sé bem-vindo. Nunca quiseste chegar nem perto do nosso chalé, que bons ventos te trazem?

— Este cara diz que vai-me levar para um alambique e uma refinaria de bebidas.

A irmã olhou-me preocupada, pois não podemos mentir.

— Irmã Emy, trouxe o Pedro porque queria mostrar-lhe que além do túmulo existe uma nova vida, um paraíso. Pois Pedro Paulo desencarnou e não desencarnou, porque deixou o físico mas não adentrou a porta da morte, que é o túmulo, para divisar o paraíso.

— Luiz, o seu grupo o espera no pronto-socorro Lírios Brancos, avisou-me Emy.

Pedro Paulo deixou a garrafa e, com docilidade, foi sendo levado para a sala de banho, mas sempre segurando-me forte, como uma criança precisando de ajuda. Quando chegou no banho, quem disse que deixava alguém banhá-lo? Entramos e, brincando, fomos-lhe dando um bom banho. Pela primeira vez o vi sorrir e nos sentimos como se fôssemos o pai daquele garoto. Falei, com lágrimas nos olhos:

— Como está bonito o irmão! Agora quero levá-lo para conhecer meus amigos.

— E a roupa, não vou tirá-la?

— Você não se importa de vestir uma roupa de internado?

— Não. Quero é me livrar desta.

— O mundo espiritual nos ensina o trabalho, se o irmão logo buscar um, terá condição de adquirir roupas novas.

— Não me fale em trabalho, assim me mando daqui.

— Calma, não está mais aqui quem falou.

Zé Maria, um dos enfermeiros, trouxe uma roupa destinada aos doentes, com que vesti Pedro Paulo. Ele me pareceu bem mais jovem de quando junto àquele amontoado de garrafas, se embebe-dando. Confesso que não estava entendendo a felicidade da mudança de Pedro Paulo, mas na hora em que Emy lhe ofertou um caldo reconfortante, percebi algo estranho: parecia-me que alguém estava por detrás de tudo isso, que nós éramos apenas um meio que os socorristas encontraram para prestar auxílio a Pedro Paulo. Quando nos despedimos de Emy e saímos em busca do nosso grupo, encontramos Samuel, um irmão alto, forte e de vestes brilhantes.

— Obrigado, Luiz Sérgio, pela ajuda.

— Quem é o irmão?

— Somos socorristas do Senhor e há muito tentávamos levar Pedro Paulo para uma colônia. Mas como não podemos forçai] ninguém, hoje aproveitamos o amor e o respeito do irmão para com(ele e o atendemos.

— Mas eu não vou com você, cara, nem o conheço!... — protestou Pedro Paulo.

— Tem razão, comigo o irmão não irá. O Luiz é quem vai levá-lo para o plano onde o irmão será beneficiado.

— Eu vou é para o paraíso. Aqui entre nós: dizem que tem cada bebida!...

Samuel olhou-me, preocupado.

— Irmão Luiz Sérgio, Pedro Paulo sabe para onde vai?

— Com o meu amigo vou até para o inferno, falou Pedro Paulo, rindo.

Samuel lhe disse:

— Não, ele não vai te levar ao inferno, mas sim para o paraíso, como o irmão espera.

Respirei aliviado, mas pensei: *será que estamos fazendo tudo certo ou estamos entrando em trabalho que não entendemos!* Samuel deu-nos algumas explicações. Uns vinte espíritos reluzentes o acompanhavam. São os socomstas, aqueles que abnegadamente ficam nos lugares trevosos retirando os sofredores. É um trabalho de amor, feito por espíritos missionários. Eles descem ao "inferno" para livrar o espírito das chamas do mundo físico.

— Que Deus o acompanhe, Samuel!

Ele parou. Cheguei perto, peguei sua mão e a beijei. Ele me pareceu sem jeito, pois os bons espíritos não gostam de ser louvados.

— Irmão, não sei como lhe agradecer.

— Tome conta de Pedro Paulo e o leve até a Colônia dos Lírios do Senhor, o irmão Irin o espera.

— Irmão, não sei se poderei ir, eu tenho um grupo de trabalho.

— O tarefeiro do Senhor não tem emprego, e depois o trabalho do Senhor é um todo e o irmão é um dos nossos auxiliares.

— Obrigado, mas antes me diga: como pudemos ser úteis?

— Pedro confiou no irmão não só pela sua juventude, mas também porque você fala a linguagem dos jovens.

— A linguagem dos jovens? indaguei, surpreso.

— Deus o abençoe, desejou-me Samuel.

E assim foi saindo devagar, junto aos seus companheiros de socorro.

— E agora, para onde me leva, para a tal cidade dos Lírios? Lá deve ser quente, o chá de lírio derruba mais que bomba atômica.

Não pude deixar de rir.

— Agora vamos sentar aqui e orar. Pedro puxou as mãos:

— Rezar eu não rezo.

— Está bem, você não reza, mas eu vou orar.

Nisso que me preparava para orar, eis que passa um grupo de espíritos enfurecidos e completamente embriagados, cantando uma música — se podemos classificá-la como música. Sentimo-nos preocupados, pois Pedro Paulo saiu de carreira atrás do grupo, tentando tirar a garrafa de aguardente da mão de um deles. Desculpe a comparação, mas me senti como uma mãe que não controla o filho em uma casa de cristais, e este parte para quebrar tudo. Sentei-me, com as mãos na cabeça. Mas Pedro, ao ser visto pelos perturbados espíritos, estes riram, caçoando dele, pois a sua roupa era um pijama muito largo. Pedro tentava esbofeteá-los, mas olhou-me, conteve-se, parando, e mansamente veio para o meu lado.

— Desculpe, amigo, agora vejo que eles são uns loucos. Enlacei o seu ombro e falei:

— Vamos, Pedro, em busca de alegria.

Percebi que Enrico e os outros estavam invisíveis, orando. Foram eles que trouxeram Pedro Paulo de volta. Abracei-me com Enrico, emocionado. Os outros, Plácido e Pamela, abraçaram-se comigo.

— Ê, rapaz, quem são eles?

— Meus amigos, ou melhor, nossos.

— Como vai, Pedro? quis saber Enrico.

Ele não respondeu, procurando ficar ao meu lado, em busca de proteção. Enrico olhou-me e saí com os outros na sua frente. Nessa hora atravessamos o cemitério e fomos até o comboio. Estava lotado. Pude ver nele Samuel e outros socorristas. Não estava entendendo, pois não faço esse tipo de trabalho, quando ouço uma risada: era o Enoque que ali se encontrava levando um grupo de irmãos que haviam desencarnado com *overdose*.

Ficamos mais ^o que contentes. Era o raiozinho de sol das nossas vidas, o garoto-sorriso.

— Que faz aqui, frade? Pedro respondeu:

— Ele está-me levando para passear.

Rayto nada disse, só passou a mão sobre a minha cabeça e, como um pássaro, voou para junto daqueles espíritos perturbados pelo tóxico. Pedro Paulo perguntou-me:

— Quem é ele?

— É o sorriso do amor.

— Quê?

— Esqueça, para mim ele é a esperança de uma juventude eterna.

O comboio estava muito cheio e com pesar constatamos que a maioria era de jovens que estão morrendo de AIDS, droga e álcool. E a sociedade é a maior responsável por tudo isso. Comecei a olhar para os rostos de crianças de seus treze anos, quinze, dezesseis, dezessete, quase todas suicidas inconscientes. Causas das mortes: droga, alcoolismo, excesso de velocidade, irresponsabilidade dos pais. O filho recebe de tudo, só não recebe o Cristo, porque o Cristo ensina a renunciar em prol do próximo. Pedro falou-me:

— Não gosto daqui, desta condução, só tem doido. Sabe, gosto é do álcool, até que comecei na maconha, mas ela não se dá com o álcool, aí a deixei e fiquei só com ele. Detesto doidões, eles vendem até a sogra, falou, rindo.

Um irmão aproximou-se de nós e disse:

— Na estação oitenta e oito os irmãos podem descer.

E assim logo estávamos em um campo. A grama amarelada dava um aspecto estranho ao lugar. Caminhamos, não só nós, mas vários grupos. Chegamos a um lugar florido, cujos portões pareciam de ferro, onde estava escrito: Seja bem-vindo. Colônia Lírios do Senhor. Notamos que Pedro estava adorando o passeio, a sua vida deveria ser muito triste, vivendo junto às garrafas.

Adentramos o pátio. Parecia um tapete verde onde os lírios nos davam boas-vindas.

— Que lugar lindo, Luiz Sérgio! Aqui é que é o paraíso?

— É um pedaço dele, aqui o irmão vai se conhecer melhor.

Irmã Sabrine nos recebeu.

— É Pedro Paulo?

— Como me conhece?

— Samuel já nos falou do irmão. Virando-se para mim, Pedro disse:

— Samuel é aquele homem alto?

— É, ele é um dos mensageiros de Jesus.

— De Jesus? E Ele existe mesmo? É verdade o que dizem os carolas?

— Jesus, o Governador da Terra, é o caminho que nos leva a Deus.

— Você gosta d'Ele, não é Luiz Sérgio?

— Gostar é pouco, adoro Jesus Cristo. Ele é a mão amiga que vai tirando os obstáculos do nosso caminho.

— Pode levá-lo à ala treze, comunicou Sabrine.

— Treze? Detesto treze, falou Pedro Paulo.

Ninguém lhe deu bola e ele, quietinho, acompanhou-nos. Paramos em uma ala que mais parecia um hotel de veraneio, toda florida, mas com muitos doentes.

— Luiz, aqui é um sanatório de malucos e eu não sou maluco.

— Não, meu amigo, jamais nós iríamos fazer algo para você que o prejudicasse, estamos aqui em uma colônia.

Nada mais falou e logo descobriu um colega, correndo para perto dele; como ficou feliz em reencontrá-lo! Aproveitamos para nos retirar. Jamais irei esquecer o olhar de carinho daquele jovem. Ele não encontrava palavras para agradecer-me por tê-lo levado para o "paraíso", como ele dizia. Agora pergunto: *por que a família não apresenta Deus a seu filho, evitando o inferno dos vícios?*

Despedi-me e fui saindo, devagar. De repente alguém me chamou, era ele, Pedro Paulo:

— Luiz, não me esqueça, volte sempre aqui, e por favor, use o seu prestígio para que eu seja bem tratado aqui.

— Pedro, no mundo em que vivemos não existe pistolão, existem deveres e todos nós temos deveres uns para com os outros. Até um dia!...

Ele me acenou. Antes de me retirar, visitei toda a Colônia e me assustei como aumentaram as colônias que abrigam alcoólatras. Tanto quanto as dos dependentes de drogas. Reparei em uma garota que brincava com uma flor. Cheguei perto dela e ela me perguntou o que eu fazia ali. Falei sobre Pedro Paulo e pedi-lhe que lhe desse uma força. Ela prometeu que o faria e me contou como se viciara no álcool. Tudo igual: os pais o consumiam socialmente e ela também. Só que as tristezas da vida a levaram a tentar esquecê-las ingerindo cada vez mais, chegando até a beber os perfumes da mãe. Desencarnou muito cedo, com parada cardíaca.

O homem, se buscasse, ainda encarnado, os lugares onde o ser humano sofre, melhor educaria sua família. Mas ele tende a fugir de tudo o que lhe causa apreensão. E assim, ignorando as causas dos vícios, nem percebe que junto a ele existe um dependente, sem sonhos e sem esperança.

Despedimo-nos dela e fomos até o escritório de Sabine. Ela nos falou da Colônia e ficamos sabendo que cada dia aumenta mais o vício nas mulheres, principalmente nas jovens. A liberdade sexual deste século está mexendo com a cabeça das meninas. Elas ainda não se liberaram das culpas que as trocas de parceiro lhes causam. E o pior é que a mulher cada vez mais está contraindo a AIDS. A liberação sexual está levando a um aumento assustador da doença.

— Sabine, perguntei, esta colônia é só para alcoólatras?

— Sim, Luiz, mas, em geral, um alcoólatra também é viciado em tóxico.

— E a idade dos doentes desta colônia?

— Mais jovens e crianças do que adolescentes. A sociedade, Luiz, não abriu os olhos para o triste fato do alcoolismo. O álcool, a droga liberada, é que causa os estupros de pais em filhos, os assassinatos, as violências. O álcool é tão terrível que mata pouco a pouco e quase toda a população o consome. Os casos mais tristes do alcoolismo são os das mães que amamentam seus filhos e os viciam. Essas mães não sabem o mal que fazem aos bebês. Luiz, a simples cerveja faz o jovem prisioneiro; é um chope aqui, uma cerveja ali, um vinho acolá, e o homem fica prisioneiro do álcool. Não sabemos onde a sociedade irá parar, hoje ela é escrava do modernismo.

— Sabe, Sabrine, acho muito feio uma mulher sentada em um bar, ingerindo bebida alcoólica.

— Hoje, isso é tão comum! O alcoólatra dificilmente se livra do vício.

Ficamos conversando e ela me mostrou cada filme de terror! Mães queimando bebês com cigarros por estarem embriagadas, pais estuprando filhos. O álcool é uma droga silenciosa e permitida, consumida abertamente por executivos, governantes, enfim, autoridades.

— Deveria ser proibido que os meios de comunicação levassem aos lares, em novelas e filmes, cenas de pessoas consumindo bebida alcoólica.

— Irmã, é tudo tão difícil! Por detrás de tudo isso há um interesse econômico muito grande.

— Tem razão, nós somos uns sonhadores, é que cada dia chegam mais espíritos suicidas inconscientes e muitos conscientes, presas do vício do álcool.

— Irmã, existem religiões que proíbem seus adeptos de ingerirem bebida alcoólica.

— Não adianta proibir, o que temos de fazer é elucidar a criança na tenra idade a fugir dos vícios. Não adianta levar um filho à evangelização infantil e os pais não darem o exemplo. Em qualquer festa o álcool se toma o cartão de visita da casa.

Ali ficamos muitas horas e quando saímos, quem encontrei? o nosso grupo. Abraçaram-me e eu lhes perguntei:

— Abraçam-me, por quê? Enrico respondeu:

— Estávamos ao lado dos irmãos o tempo todo, orando e os ajudando, em silêncio.

— Enrico, eu sabia que uma força estranha me embalava o espírito, eram vocês, meus queridos amigos. Agora, por que de um momento para o outro me vi fazendo esse trabalho?

— Porque, Luiz, o chamado chega de várias maneiras e a qualquer hora. Ainda bem que o irmão não disse: "eu não posso, porque faço outro serviço". O irmão se desdobrou e levou um coração para Jesus.

— Não vou contar a vocês o que aconteceu, pois sabem de tudo, não é mesmo, Pamela?

— Não, Luiz, só sabemos das horas em que você precisou de ajuda, fora isso ficamos distantes.

Fitei-a com carinho. Está ficando igual à Karina e às outras: um anjo no meu caminho. Enrico falou-me que agora iríamos visitar as nossas casas, teríamos uns dois dias de folga. Ia dar um grito de alegria, mas me contive. Estava morto de saudade dos meus entes queridos: vovó e vovô. E assim, quando chegamos ao portão da Colônia, cada um foi para suas casas. Encontrei vovó conversando com uma amiga: Julieta. Corri a abraçá-la e ela até chorou de alegria. Deixei-as conversando e fui correr no jardim, olhar as minhas flores, as orquídeas. E uma delas, a mais bonita, ofereci a alguém que amo tanto, dizendo:

— Cuide de mim, segure as minhas mãos junto às suas e vamos escrever um livro de amor eterno. Cuide de mim, não deixe que ninguém escreva o meu nome em vão. Quero que as páginas dos nossos livros formem uma bandeira de amor e esclarecimento, onde eles chegarem. E que as minhas lágrimas, junto às suas, formem um riacho com as águas cristalinas dos ensinamentos espíritas. Amo você. Amo você!

Capítulo XXXIII

A SAUDADE DE JANDIRA

Passei aqueles dois dias em casa com vovó e logo estava de novo trabalhando. Vovó é uma margarida de Deus no jardim do meu coração. Ficar ao seu lado é o mesmo que voltar à infância, aos seus cuidados, ao seu amor. Olhando-a, penso: *para os pais, para os avós, as crianças não se tornam adultas, graças a Deus.* Hoje, recordo o meu passado, a alegria de quando criança; quando adulto, com esta alegria e vontade de viver, chegava a ser desagradável, tal a minha agitação. É que os outros não possuíam capacidade para entender os meus sonhos e as minhas esperanças. Vovó, com o sorriso que só os anjos possuem, gosta de recordar as minhas traquinagens.

Temos de voltar ao trabalho. Vovó nem imagina como as horas, enfim, o tempo, amadureceram o seu bebê. Hoje, convivendo com a dor, compreendo melhor por que sempre fomos tão alegres. Mas deixa para lá e vamos ao trabalho. Pegamos a mochila e nos pusemos a caminho. Nas calçadas íamos pulando, contando os mosaicos do chão. Foi quando divisamos vovô, que vinha visitar-nos.

— Como vai, Luiz?

— Que bom vê-lo, vovô! Já estava com saudades.

— Nós também, só que não temos muito tempo para as visitas familiares, a cada momento a dor aumenta nos dois planos.

Conversamos brevemente e depois nos despedimos. Olhe bem para ele e pense: *como tem aumentado a nossa família no mundo espiritual! Assim é a lei.* Cheguei cedo ao local combinado e ainda esperei um pouco. Aproveitei para estudar *O Livro dos Espíritos e Deus na Natureza*. Quando o grupo apareceu, Pamel falou:

— Que bom aluno, hem? Quando pára, busca o alicerce do conhecimento.

— Vamos, irmãos, o trabalho nos espera, convidou-nos Enrico.

E assim logo estávamos na casa de Oliveira, que contava apenas dois dias de desencarnado. Sua esposa fazia greve de fome. Prostrada no leito, somente fumava, recusando todo e qualquer alimento. Quando chegamos, o médico lhe receitava soro e ela chorava, relutando em viver.

— Eu não quero viver, não vou conseguir agüentar a saudade do Oliveira!

Ficamos olhando Jandira e constatamos o quanto ela brigava com o marido; não o deixava em paz. Era ele quem lhe comprava inclusive os cosméticos, pois tinha preguiça até de pensar. E não era só isso: o coitado jamais podia levar um amigo em casa, ela gritava e o agredia, assim como ao seu colega. Para ela, Oliveira só existia para lhe fazer os gostos. Mesmo dos dois filhos tinha ciúme; para ajudá-los, Oliveira o fazia às escondidas. Jandira, que sempre infernizara a vida do marido, agora estava morrendo de dor pelo seu desencarne.

— Enrico, ela está com saudade dele?

— Luiz Sérgio, Jandira tinha um servo e não um marido, até o dinheiro de Oliveira ela controlava. Por isso ela sente tanto a sua falta. Quem irá servi-la agora?

— Os filhos.

— Não, Luiz, os filhos não suportam a austeridade de Jandira, a nora, ela jamais aceitou. Vai ser-lhe muito difícil conviver com alguém; como o Oliveira existem poucos.

— E ela irá desencarnar? perguntou Pamela.

— Sim, um dia; agora não.

— Queria, neste instante, ter o poder de aparecer para Jandira, dizendo: *sou a morte, vim buscá-la*, falei, brincando.

Plácido e Pamela riram muito.

— Temos a certeza de que ela terminaria logo com a greve de fome.

— Em breve vai compreender que a "morte" não é como muitos pensam, completou Enrico.

— Ela tem religião? perguntou Pamela.

— Sim, só que não a pratica.

— Compreendo. Existem muitas pessoas cuja religião está só nos lábios, não no coração.

O médico deu-lhe um tranqüilizante e Jandira adormeceu. Com muito medo, foi saindo, desprendendo-se do corpo físico. Estava assustada. Enrico a chamou e ela veio para perto de nós.

— Irmã, por que a greve de fome?

— Saudade, não saberei viver sem Oliveira.

— Desculpe, mas não é verdade. As saudades verdadeiras são repletas de amor. E a irmã não amava Oliveira; a irmã não tinha um marido e sim um servo.

— Quem é o senhor para me falar desse jeito?

— Não lhe importa quem sejamos, só queremos que deixe o Oliveira em paz. Com o seu proceder, está perturbando-o.

— Eu o quero bem junto a mim.

— Para quê?

— Para ele me orientar, como sempre o fez.

— Jandira, quem ama não sobrecarrega ninguém. Quem ama caminha lado a lado e não atrás, empurrando ou chicoteando,

sem se preocupar se o outro está cansado ou não. Às vezes, Oliveira chegava do trabalho e a irmã o fazia voltar à rua porque não lhe trouxera o pão.

— Mas eu sempre fui uma mulher trabalhadora.

— A irmã ordenava, mas tudo o mais quem fazia era o seu marido.

— Até logo mais, detesto sermão.

— Espere, a irmã não deseja ver o Oliveira?

— Quê? Posso vê-lo?

— Claro, se o sono não levasse os encarnados até os seus entes queridos, todos desencarnariam de saudades. As visitas são normais entre os dois planos.

— E por que ninguém se lembra?

— Porque se assim fosse, todos os que amam verdadeiramente desejariam viver dormindo.

— Vamos, vamos logo, estou louca para ver o meu marido amado, idolatrado, eternamente meu.

Olhamos uns para os outros, penalizados pelo sofrimento de Jandira. E logo estávamos em um pequeno hospital de recém desencarnados. Depois da permissão de Olinda, adentramos a enfermaria onde Oliveira repousava. Jandira, quando o viu, correu para ele.

— Por que você me deixou, Oliveira? Não pensou no meu sofrimento e no dos nossos filhos? Egoísta, veio para cá numa boa e nós, coitados, sofrendo com a sua ausência!

— Jandira, por favor, deixe-me em paz. Estou cansado. Enrico, aproximando-se dele, esclareceu:

— Oliveira, trouxemos sua mulher porque ela estava preocupando seus filhos, fazendo greve de fome.

— Jandira, pelo amor de Deus, não faça com nossos filhos o que a vida inteira fez comigo: chantagem.

— Chantagem? O que você está-me dizendo? Que eu fazia chantagem com você?

— Sim, Jandira, sempre alegou doenças que jamais existiram, fazia-me sair em busca de remédios a altas horas da noite, depois de um dia exaustivo. Quero avisar-lhe: se você morrer, não vai me encontrar, eu me disfarço, desapareço, fujo de você!

— Eu estou com saudade e você briga comigo desse jeito... — disse, chorando.

— Não, Jandira, eu só quero é a sua saudade e o seu equilíbrio. Busque uma coisa nobre para fazer na sua igreja.

— Você não quer que eu vire espírita?

— Não, ninguém vira espírita buscando a Doutrina Espirite tão-somente pela curiosidade. Só com um estudo sério é que alguém se torna espírita, se não for assim, dificilmente o homem vai amar a Doutrina.

— Mas você sempre lutou para me levar ao Centro!...

— Sim, e você jamais foi e ainda me tirava de todos os lugares onde eu buscava trabalho. O seu ciúme doentio não me deixava parar em lugar algum.

— Perdoe-me, Oliveira, prometo que vou melhorar, ou melhor, vou-me suicidar. Não quero viver sem você.

— Não entendo o seu amor repentino, sempre me considerou cafona, feio, sem educação e agora diz que me ama. Alegou sempre que deveria ter-se casado com seu primo milionário.

Tive muita pena de Jandira. Senti que ela amava Oliveira à sua maneira. Quantas pessoas não conseguem demonstrar amor e o modo delas se fazerem notadas é agredindo! Alisei seu cabelo com carinho. Ela me perguntou:

— Quem é você, meu filho?

— Sou Luiz Sérgio.

— Diga a ele que eu o amo. Veja, ficamos casados vinte e cinco anos e ele diz que eu não o amo!

— Ele, Jandira, também está com saudade, talvez mais do que você e seus filhos. Ao desencarnar, deixou não só a família como todos os seus pertences, e isso é muito difícil para aquele que

parte. A gente vem para o mundo espiritual despido de tudo o que nos pertenceu.

Oliveira segurou a mão de Jandira e os dois se abraçaram, chorando. E nós choramos junto a eles. Enrico segurou Jandira e a convidou a voltar ao corpo físico. Na hora em que Jandira ia saindo do quarto, Oliveira falou:

— Se cuida, querida, os meninos precisam de você.

Quando Jandira se viu no corpo, pulou da cama, chamando a empregada Lourice, e quando ela chegou, contou que sonhara com Oliveira, mas que não se lembrava de nada. Lourice aproveitou para dizer-lhe:

— Então, dona Jandira, vamo-nos alimentar, o "seu" Oliveira não deve estar gostando nada de vê-la como está.

— Tem razão, Lourice, eu sou muito má, fiz da vida do Oliveira um inferno, nunca estava satisfeita.

— O que aconteceu com a senhora? estranhou Lourice.

— Nada, acho que o que sinto é mais que saudade, são remorsos, sabe, Lourice, remorsos. Ontem mesmo lembrei que no dia em que o Oliveira morreu, eu lhe dei uma bronca: saiu para jogar futebol e veio todo suado, com a chuteira suja e, veja que absurdo, jogou a chuteira no meio da casa e a roupa na nossa cama.

— Só por isso a senhora brigou com ele?

— Você acha pouco? E depois, ele, quando não estava no Centro Espírita, estava no futebol e eu, coitada, sozinha, cuidando de tudo.

— Dona Jandira, o seu Oliveira fazia de tudo, até forrar a sua cama ele forrava.

— Você acha isso muito?

— Acho, porque ele vivia correndo de um emprego para o outro, para dar mais conforto à família.

— Lourice, será que foi de tanto trabalhar que ele morreu?

— Sabe, dona Jandira, todo mundo precisa ter uma religião, só assim vai compreender que o mais importante na vida é ser feliz; que não adianta viver correndo atrás do dinheiro, porque da terra nada se leva. Existe mulher que atazana demais a vida do marido, querendo, querendo e querendo tudo.

— Eu não sou assim, eu nunca me importei com dinheiro. O Oliveira é que adorava me servir, ele era um bom marido. As minhas colegas morriam de inveja, acho que foi olho grande, porque existem tão poucos Oliveiras no mundo!...

Esperamos Jandira tomar a sopa e nos retiramos. Quando íamos saindo, perguntei a Enrico:

— E os pertences de Oliveira?

— Olhe ali os caixotes, tudo dele, inclusive seus discos preferidos, tudo ela vai doar.

— Até o porta-retrato da mãe dele?

— Claro, durante a vida toda Jandira não respeitou a sogra, e agora aproveita para jogar fora o seu retrato.

— Enrico, vamos deixar a coitada assim, aprontando e aprontando?

— Sim, vamos deixá-la, mas logo mais ela será levada ao Centro Espírita, onde Oliveira servia e lá ela se tornará, esperamos, uma nova mulher. Irá dedicar-se aos filhos de Deus, aos pobres e desvalidos.

— Ainda bem. Como será feliz a Terra quando todos os homens se respeitarem!

ENCONTRO PELO DESDOBRAMENTO

Dirigimo-nos à residência de Ana Luiza. Logo estávamos em uma casa onde tudo do jovem que desencarnara estava no lugar. Nada havia sido mudado desde que Hugo desencarnara. As músicas que ele ouvia em alto som ainda assim eram tocadas. Falei ao Enrico:

— O povo é gozado: ou oito ou oitenta. Ou dá tudo, sem esperar nem um mês, ou não dá nada. Quem está com a razão?

— Claro que nenhum dos dois casos. O homem tem de ter equilíbrio.

Vimos chegar Manuela, amiga de Ana Luiza. Durante o tempo que ali estive, ela tentou fazer a amiga compreender que fazia muito mal aquele quarto fechado, na esperança de o filho voltar. Ela nada dizia e por mais que Manuela explicasse, ela nem ouvia, chegando a deixar a amiga sozinha, buscando o refúgio do quarto onde sentia a presença do filho que desencarnara por acidente de carro.

— Sabe, Pamela, que até pouco tempo o Brasil era considerado um país de jovens? Hoje eles estão desencarnando tanto que quase não há diferença. Veja o caso de Hugo: filho único, carro d ano, não queria trabalhar nem estudar, vivia na farra. Agora os pai se encontram desesperados. Não teria sido mais fácil se ele tivesse recebido uma educação religiosa repleta de deveres? Mas não, hoje os pais parecem desejar preencher uma lacuna que ocorre porque eles também não têm tempo de curtir o filho. E o que fazem? Oferecem tudo para o filho e este brinca com a vida, procurando na droga, no álcool e na farra o prazer ilusório.

Entretanto, aquela mulher jovem e bonita sofria muito.

— Como se encontra Hugo no mundo espiritual?

— Totalmente perturbado, precisando de socorro.

— Que vimos aqui fazer? indaguei.

— O que fizemos com Jandira. Vamos esperar Ana Luiza dormir e juntos iremos até seu filho.

E foi assim que Ana Luiza, após ter adormecido e saído do corpo, pareceu-nos muito perturbada. Olhava para os lados, tentando várias vezes acordar e por mais que o fizesse só abria os olhos e logo voltava a dormir. Até que, vencida por um sono mais profundo, afastou-se do seu corpo. Enrico aproximou-se e lhe falou alguma coisa. Ela só sacudiu a cabeça; ele a tomou pelo ombro e nos chamou para acompanhá-los. Porém, eram tantas as dificuldades vibratórias, que não sabemos como um ser encarnado tem condição de chegar nesses lugares. Mas notamos que Ana Luiza estava protegida pelo seu mentor e por Enrico. O lugar onde Hugo se encontrava era um pequeno posto de assistência. Quando Ana Luiza viu o filho, correu para perto dele, beijando-o e abraçando-o. As lágrimas afloraram em nossos olhos, pois Ana Luiza, por mais que falasse com o filho, ele parecia abobado, como se não a conhecesse.

— O que aconteceu? indaguei a Enrico.

— Na hora do acidente Hugo se encontrava drogado. Ele ainda não se conscientizou do seu desencarne e isso vai demorar um pouco, sendo esta a causa de termos trazido Ana Luiza até aqui.

No instante em que a mãe abraçava o filho, tentando despertá-lo, algo aconteceu. Ela foi puxada de perto do filho com uma velocidade incrível, sem dar tempo de alguém fazer coisa alguma; somente o seu mentor saiu juntamente com ela. Ficamos ali com Hugo e eu perguntei a Enrico:

— O que aconteceu agora?

— Simplesmente o marido, preocupado com Ana Luiza, a acordou bruscamente.

— Não acredito que isso tenha acontecido!...

— Trabalhando com encarnados, estamos sujeitos a estes fatos.

— Creio que Ana Luiza não gostou nada de ter sido acordada.

— Claro que não, mas o coitado do marido, vendo que ela se encontrava muito serena, resolveu ajudá-la.

Olhei aquele garotão e pensei: *como hoje os jovens estão jogando fora a vida física!*

Enrico conversou com Hugo e Emy, a enfermeira que ali se encontrava. Disse-nos que ele foi socorrido e que estava muito protegido, porque a sua casa mental ainda se ligava com alguns dos seus ídolos. Ele, mesmo sonolento, os buscava. E muitos espíritos que ainda relutam em seguir o Cordeiro esperavam Hugo para compor as suas turmas de perturbadores da juventude.

— Emy, achamos este pronto-socorro muito desprotegido, eles não o invadem?

— Já tentaram várias vezes. O chefe de um pequeno grupo de música, que Hugo adorava, já tentou várias vezes tirá-lo daqui. Mas as nossas paredes são verdadeiras cascatas elétricas, que nos protegem bem.

— E por que eles gostam tanto dele?

— Porque o Hugo sempre aprontava brincadeiras que todo o grupo adorava.

— Entendi. Ele era o engraçadinho, o terror da sociedade. E agora, por que ele foi socorrido?

— Todos o são. O doente não fica jogado na sarjeta, é sempre levado ao hospital. Agora, quando ele sarar, dificilmente ficará

aqui. É bem provável que vá juntar-se à sua turma de perturbadores.

— E Ana Luiza, não pode ajudá-lo?

— Pode, e é isso o que estamos tentando fazer. Mas ela também não é fácil. Toma muitos comprimidos para dormir e esses comprimidos dificultam o desdobramento. Ela tem o sono ou pesado demais e não sai do corpo, ou se sai, volta logo. Se ela fosse uma mulher equilibrada, tudo seria mais fácil.

Hugo gritava, chorava e depois dormia. Enrico falou com Emy alguma coisa e se despediu.

— Serviço perdido, então, Enrico?

— Não, Luiz, nada perdemos em trazer Ana Luiza aqui, principalmente porque ela se sentirá melhor.

— É mesmo?

— Sim, com esses encontros a irmã vai melhorar muito. Os encarnados e os desencarnados suportam a separação porque vivem encontrando-se uns com os outros. É pena que ao acordar os encarnados pouca coisa recordem.

Assim, deixamos aquele jovem e voltamos à casa de Ana Luiza que contava para o marido a sua aventura.

— Sabe, querido, que ao dormir várias pessoas vieram me buscar e me levaram até o Hugo? Ele estava dormindo, pareceu-me muito doente.

— Claro, Ana Luiza, ele vivia se drogando...

— Cale-se, querido, não quero que ninguém saiba que o nosso filho era viciado.

— Ana Luiza, todo mundo sabe, ele vivia aprontando, até furtar carros ele furtava. Um menino que tinha de tudo, até carro importado, e só gostava de gente mau caráter.

— Parece até que você gostou dele ter morrido!...

— Claro que não gostei, mas para ele eu acho que foi melhor, o seu fim seria cruel: em uma cadeia ou com alguma doença grave.

— Não fale assim do seu próprio filho!...

— Desculpe-me. Volte a dormir.

— E você, aonde vai?

— Ler um pouco, ando com dificuldade de conciliar o sono.

— Tome alguns comprimidos.

— Não, detesto comprimidos para dormir, quem os consome está precisando de um bom profissional, quem sabe assim fique forte com a sua ajuda.

Antenor foi para a sala e Enrico com ele. Sentou-se para ler e logo dormiu. Enrico acercou-se dele e com sua mentora falaram-lhe de Hugo. E assim estávamos nós de novo de volta ao umbral. Quando chegamos, Antenor segurou a mão do filho e lhe disse:

— Como vai, filho?

Para surpresa de todos, ele respondeu:

— Oi, pai, onde estou?

— Não sei, filho, só lhe peço que seja bonzinho.

— Pai, onde está a mãe?

— Ela está descansando.

— E a máquina, quebrou muito?

— Sim, vai para o ferro velho.

— Ainda bem que não morri, não é mesmo?

— Não entendo dessas coisas, mas você está inteiro, apesar de termos retirado seu corpo em pedaços.

— Não diga que eu morri!... e quem sou eu agora?

Coitado do Antenor, nada sabia sobre a vida após vida. Enrico explicou:

— Hugo, você corria muito e tendo-se drogado, não foi capaz de segurar o carro. Ele virou uma lata amassada, assim como o seu corpo de carne. Esse que aqui está é o verdadeiro Hugo, despido do corpo físico, mas em espírito.

— Eu não morri?

— Não, o espírito é imortal, você apenas deu um passo e entrou no mundo espiritual.

— Eu não quero morrer!...

—Aqui você viverá. Você morria, sim, cada vez que buscava a droga.

— Cale a boca, o pai não sabe.

— Quem disse que eu não sei? Sempre soube, filho, do seu envolvimento com drogas, cheguei a pagar, para os traficantes que lhe forneciam drogas, muito dinheiro.

— Não está com raiva de mim?

— Os pais sempre perdoam os filhos, sabe por quê? Porque os amam. Os pais sofrem com os filhos, mas jamais deixam de amá-los.

— Queremos, Hugo, que você não busque os drogados daqui, assim não mais verá seu pai e sua mãe. Os viciados levarão você para as zonas de sofrimento, alertou Enrico.

— Não, filho, pelo amor de Deus, procure Deus e tome-se um dos Seus filhos, pediu-lhe Antenor.

Nisso, Hugo foi abraçado pelo pai, que para o corpo físico voltava, chorando de emoção. Hugo abraçou Enrico e pediu-lhe ajuda:

— Moço, quero ser feliz!

Capítulo XXXV

RESPEITEMOS A FÉ ALHEIA

Víamos os dois planos. Em um, Hugo abraçado com Enrico, pedindo que o ajudasse, e no outro, o pai narrando à esposa o sonho quase igual ao dela: tinha visto o filho e falado com ele.

Deixamos aquela família com o coração repleto de alegria por existir os *dois mundos tão meus*⁵. Mais uma vez nos dirigimos à Estação do Adeus. Quando lá chegamos, a capela estava repleta.

⁵ N.E. — Título do 15.º livro da série Luiz Sérgio.

— Quem é o irmão?

— Um conceituado espírita, Luiz.

Estranhei, pois era conversa pra cá, conversa pra lá...

— Espírita? E ninguém ora?

— Não são somente os de outras religiões que não sabem se portar em uma capela, pois isso depende da educação religiosa de cada um. Já vimos pessoas de outras religiões concentradas e respeitadas diante de um corpo físico, assim como muitos espíritas.

— Enrico, não será nervoso, essa falação?

— Não. É falta de conhecimento mesmo.

Esperávamos que alguém orasse. As conversas eram muitas e o barulho, terrível. Junto ao corpo físico José Ricardo orava em silêncio. De vez em quando, olhava seus companheiros, que não paravam de falar. A família nunca aceitou a Doutrina Espírita e ali, ao lado de José Ricardo, as velas permaneciam acesas. Com um olhar tristonho, ele a tudo assistia.

— Só faltava entrar um sacerdote, Enrico. Pamela sorriu, falando:

— Faltava? Olhe quem vem chegando...

Não era um padre e sim um pastor. Aí é que o barulho se fez forte: os colegas, os irmãos de fé de José Ricardo não compreenderam aquela atitude da família, mas nada disseram. O pastor fez a sua pregação, por sinal muito bonita. Só que José Ricardo chorou muito, por não compreender a atitude familiar. Quando a esposa se tornou crente, ele, prevendo o futuro, deixou escrito que no seu sepultamento desejava a presença dos espíritas, as preces e as leituras de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Mas o fanatismo da sua família não dava a ela uma fé raciocinada. Julgando que José Ricardo, como espírita, era presa dos demônios, os familiares desejaram que seu corpo físico fosse exorcizado. No momento

em que o pastor se calou, o presidente do Centro, onde José Ricardo freqüentava, começou a falar sobre a morte. O filho de José tentou fazê-lo calar-se, chegando a segurar seu braço, mas para surpresa nossa, José Ricardo acercou-se de João Milano, o presidente do Centro, e este falava, sem deixar que o interrompessem. No início, a viúva e os familiares estavam furiosos, contudo, foram-se acalmando com a preleção de João Milano. Muitos que se encontravam lá fora conversando acorreram, para melhor ouvi-lo. No final da preleção, disse João Milano:

— José Ricardo é um irmão de fé e o verdadeiro cristão respeita a escolha religiosa do seu próximo. Só os que temem é que levantam trincheiras para atacar a religião do seu semelhante. Quando Cristo veio ao plano físico, Ele não condenou ninguém, veio para explicar e nos ensinar a viver o Decálogo. Qualquer religião que ataca o seu próximo não é seguidora do Senhor Jesus. Ele nos disse: *Bem-aventurados os misericordiosos*, e quem tem misericórdia jogando pedras nos templos dos outros? Disse: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, quem diz improperios ao seu irmão que professa outra crença possui um espírito orgulhoso e vaidoso. Jesus disse: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*. Feliz do homem que buscar esse caminho, sem dificultar a caminhada daqueles que não pensam como ele.

Estava inebriado com o dom da palavra de João Milano, mesmo vendo a manifestação dos espíritos bons sobre ele. Depois que terminou, João pediu desculpas à família e acrescentou:

— Não podíamos deixar de orar por um confrade que lutou, sofreu e injustiçado foi por acreditar na sobrevivência da alma.

O filho de José Ricardo nem deixou o orador calar-se, foi logo fechando o caixão:

— Mamãe, por que você não fez calar esses fanáticos loucos? Não basta termos agüentado o papai esses anos todos se dedicando à casa dos demônios?

— Filho, não sei o que aconteceu, alguém me fez calar e por mais que eu desejasse, não conseguia chegar até o louco do João Milano.

— É, satanás tem força e hoje ele veio buscar a pobre alma do pai!

Olhei para José Ricardo que, em silêncio, acompanhava o enterro do corpo que ele usara durante cinquenta e cinco anos. Como é bonito o desencarne de um verdadeiro espírita! Aquele irmão, que teve de lutar para impor a sua fé dentro do seu próprio lar, agora colhia o que plantara no plano físico, junto a seu pai, um grande espírita do passado, enfim, junto a vários espíritos que vieram recebê-lo. Diante do túmulo, José Ricardo orou a Deus:

— Senhor, obrigado pela indumentária que me serviu esses anos todos; perdoe-me se dela não cuidei como era necessário. Mas sou grato porque procurei respeitá-la como a grande companheira de evolução. Devolvo à terra o que à terra pertence e peço que me seja ofertado o direito de uma nova vida de trabalho e dedicação ao meu próximo.

O barulho e as conversas continuaram, enfim, ninguém respeitava a hora do adeus. José saiu antes do corpo descer à sepultura, sem ver a esposa gritar e chorar. Falei ao nosso grupo:

— Que grito fora de hora... Acho que o momento já passou.

— Luiz Sérgio, deixe a irmã manifestar o seu sentimento, pode até ser remorso, disse-me Enrico.

— É mesmo. Como existem pessoas que infemizam a vida do seu companheiro que professa religião diferente! Sabe, Enrico, não são só os de outras religiões, também há espíritas

que não respeitam a religião do seu próximo. É bem verdade que em menor número, mas que existe, existe. Um dia desses estava observando um irmão fanático: para ele tudo é obsessão e depois, se vê alguém comendo carne, ele entra com a pregação. Às vezes pessoas estranhas estão fumando e ele se mete, desejando doutriná-las. Tudo demonstra saber e não deixa a família respirar a não ser Espiritismo. Será que ele tem razão?

— Não, Luiz, a Doutrina é um perfume e infeliz daquele que o jogar fora. A Doutrina é como a verdade, ninguém a impõe, ela resplandece espontaneamente como o sol. Principalmente com as crianças, nós não podemos ser intransigentes, porque assim elas, quando crescerem, não irão gostar do Espiritismo. A figura do pai ou da mãe repressora estará sempre à frente de Jesus. E foi Ele quem disse *não embarceis os pequeninos*. Qualquer religião imposta pela força não é de Jesus. Ele jamais forçou alguém a segui-Lo, quem O seguiu o fez por amor.

— Mas são os que não forçamos que se perderam nos vícios e na indiferença.

— Quem deseja que a sua família seja cristã tem de dar exemplos vivos de dignidade, de humildade e de fé, principalmente às crianças; elas sabem quando os pais não são sinceros.

Olhamos mais uma vez José Ricardo e ele, compenetrado da sua nova vida, retirava-se ao lado de seus amigos espirituais.

— Enrico, perguntei, por que o barulho na capela?

— Já é comum isso acontecer, poucos se propõem a orar, acham que quem desencarna está morto mesmo. Não sabem os encarnados a luta de alguns espíritos para deixar o corpo físico. E muitos são enterrados junto ao corpo de carne, por julgarem que estão vivos, que ainda precisam do corpo doente.

Dali fomos ao auditório que ficava sobre as capelas, onde o irmão Lourenço pregava sobre o comportamento daqueles que ficaram e o que é bom para aquele que deixa o corpo físico:

— Primeiro, a família deve vestir bem aquele que mudou de plano, com camisa, calça, cueca, meia, enfim, não esquecer suas roupas íntimas.

— Por quê? perguntei a Lourenço.

— Porque se existem alguns que não se importam, há aqueles que ao notar que não estão completamente vestidos, ficam preocupados. Depois, se o irmão ou irmã sofreu uma doença que o deformou, é recomendável não expô-lo à curiosidade dos presentes. O certo é manter o caixão fechado para que seja guardada a imagem que tinham dele quando estava bem; evitar cobrir o caixão com flores. Existem irmãos que se revoltam, muitos não gostam.

— O que fazer? alguém indagou.

— Cobri-lo com um lençol até a cintura. Lembre-se, isto se o irmão não gostar das flores sobre o seu corpo. Se o irmão for espírita, não colocar crucifixo nem acender velas. Evitar conversas inúteis e barulho. Sendo uma hora de dor, os presentes devem respeitar a família e aquele que partiu. O prudente é colocar músicas clássicas para abafar o barulho. Todos devem ler um trecho da Bíblia se não forem espíritas e os espíritas, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e fazerem comentários sobre o que foi lido, para preencher o tempo e evitar conversas; cantar hinos religiosos e nos intervalos orar, orar, orar, continuar orando até o sepultamento; orando e cantando, não deixando os presentes perturbarem a hora do silêncio. Evitar chorar abraçado com os familiares, principalmente quando eles estão sofrendo calados. Lembre-se de que quando vamos despedir-nos de alguém precisamos também consolar aqueles que ficaram. Evitar comentar como

desencarnou aquele que partiu, pois fazem muito mal ao recém desencarnado os comentários sobre o seu desencarne, como também perturbam a paz daqueles que ficaram.

— Por quê? perguntei.

— Porque é muito marcante, para o espírito. O momento da separação do corpo físico fica sempre gravado em sua casa mental. E para que vamos fazê-lo relembrar-se a cada minuto? Quem parte deseja a paz, vai em busca da esperança e da felicidade. Se somos curiosos, façamos força para nada perguntar em uma capela. Esperamos que todos os que aqui trabalham busquem intuir os que aqui vêm. É muito triste a hora do adeus, aquele que parte e aqueles que ficam não têm sossego, porque os ditos amigos não os deixam sofrer em paz. A dor só é amenizada se compreendida, e quem irá compreender se sua alma e o seu espírito estiverem desequilibrados? O certo é não perturbarmos o que parte e os que ficam.

Depois de nos ensinar várias coisas, ao se retirar, alguém lhe perguntou:

— É certo colocar no caixão alguns pertences do que parte?

— Claro que não, para ele não terá valor algum. Às vezes pode até perturbá-lo, levando-o até a ficar guardando os seus pertences junto ao túmulo.

— Irmão, até quando o homem ignorará a morte?

— Ninguém a ignora, apenas a teme. Isso só irá acabar no dia em que todos compreenderem que a morte não existe. O que existe é uma metamorfose e graças a ela o homem não fica inerte no túmulo. Quem não acredita nessa verdade também não crê que o Cristo ressuscitou.

— O que é ressuscitar?

— É o espírito deixar o corpo físico sem olhar para trás; surgir no seu verdadeiro corpo e ganhar a liberdade. Porque

sendo a veste física muito frágil, o homem muitas vezes sofre quando encarnado: é uma dor de barriga quando neném, a dentição... Assim, como vemos, desde bebê o homem sofre no corpo físico por este ser muito frágil. Ele é uma veste que envelhece e se rasga.

Fez uma prece e se retirou. Olhei Enrico e comentei:

— Que aula importante, não, irmão?

— Sim, Luiz, pena que poucos conheçam o valor do equilíbrio e o quanto é bom lutar por ele.

Muitos irão perguntar: *qual a finalidade deste livro, "Na Hora do Adeus"*? E que nós, preocupados diante de tantos chamados para socorrer aqueles que voltam à vida espiritual, resolvemos escrevê-lo. Presenciamos a falta de respeito junto aos corpos inertes, onde a conversação muitas vezes abala a integridade do homem. Muitos contam coisas íntimas que o dito "morto" gostaria de esquecer. Outras vezes ouvimos tristes críticas à vida moral daquele que ali na capela está inerte, sem poder se defender. O absurdo dos bate-papos é um desrespeito. Observando tantas coisas anticristãs é que decidimos escrever este livro, aproveitando os momentos de folga da Universidade Maria de Nazaré. Ele não tem a pretensão de salvar o mundo nem de mudar o comportamento dos que ficam. Mas se uma só família passar a respeitar o seu ente querido que jaz na capela, ficaremos contentes, o livro terá atingido seu objetivo.

Nisso que assim pensávamos, Enrico nos chamou à realidade.

Capítulo XXXVI

UMA VIDA DUPLA

Vimo-nos novamente na Estação do Adeus, nas capelas da saudade. Numa delas se encontrava Pulquério, que sofrerá um mal súbito e era velado por Eunice e seus dois filhos. Lá pelas tantas, chegou Hortência, "a outra" de Pulquério. Foi um disse-que-disse, olhares de um para outro. A esposa de Pulquério fingiu muito bem não conhecer Hortência, que ali mesmo disse haver quinze anos o relacionamento entre os dois. Alguém a advertiu, mas ela continuou:

— Escondi-me durante todos estes anos e agora ninguém vai-me fazer calar. Eu amo você, querido. Por que me deixou? Não sei viver sem você!

A esposa, uma digna mulher, foi saindo de perto do caixão e buscou os filhos que choravam. Hortência, tendo ao seu lado Bruno, o filho de dez anos que teve com Pulquério, estava decidida a lutar pelos seus direitos. Era uma cena patética, pois os colegas de trabalho não paravam de falar, ao invés de orar para que tudo serenasse. Mas que nada, queriam é ver o circo pegar fogo. E isso não demorou. Dona Lindaura, a mãe de Pulquério, partiu para cima de Hortência, dizendo:

— Caia fora, sua descarada! Não bastam os anos que infernizou a vida do meu filho e da minha nora? E agora não tem compostura diante do corpo de Pulquério? Que amor é esse seu que fere e mata sonhos e esperanças? Quem ama não causa dor e na sua vida você tem feito mal às pessoas que diz amar. O pobre do seu filho, Bruno, está aqui assustado, pois ele sabe que o certo é ter vindo ver o pai, mas sem escândalo. E você, Hortência, veio com o fim de se vingar de minha nora

e de meus netos. Odeia-os, porque você não conseguiu separá-los! Veja se dá-se ao respeito, sente-se ali e cale-se, pois os amigos e a família de meu filho não merecem se contaminar com essa sujeira toda!

Hortênciã pegou o filho pelo braço e saiu jurando vingança.

— Coitada, falei. Sim, coitada, para mim o Pulquério é que não foi homem suficiente para assumir uma situação delicada. A mulher sempre espera um desfecho feliz. Na verdade ele enganou duas pessoas ou mais, que o amavam.

— Por isso ninguém deve julgar. Todos estão sujeitos a passar pela mesma situação.

A esposa chorava baixinho, com vergonha ou saudade, não sabemos. Só que o Pulquério, que ali lutava para se ver livre do seu corpo físico, agora se encolhia todo, envergonhado, não sabendo o que fazer. E por mais que os técnicos o convidassem a deixar a antiga morada, seu perispírito permanecia embaraçado, simplesmente porque sua casa mental estava em desequilíbrio.

— Ele foi um bom marido? perguntou Pamela.

— Não, respondeu Enrico. Para com a família ele não teve complacência, dava uma miserável mesada, que obrigava a mulher a trabalhar para dar aos filhos algo melhor. Quando a esposa lhe pedia algum dinheiro, ele a ofendia e às vezes tentava até bater-lhe. E a outra, enquanto isso, vivia nas festas, coberta cie jóias, cairos e apartamentos.

— E por que não se separaram?

— Simplesmente porque Eunice tinha medo de ficar sozinha, estudara pouco e não saberia viver sem o dinheiro do marido.

— É isso o que eu digo sempre às garotas ditas liberadas: ficam aí correndo atrás das preocupações e esquecem de estudar. E quando chega a hora H, cadê preparo para arrumar um emprego?

— Mas quem tem força moral faz qualquer serviço, disse Pamela, jamais prejudica os seus filhos e muitas vezes, negando a liberdade ao marido, fazendo-o ficar ao seu lado, toma mais penosa a sua vida. Tem marido, mas é escrava do seu mau humor. Nada mais deprimente do que forçar alguém a ficar junto a nós por obrigação.

Pulquério sofria com os comentários e com a raiva de seus filhos que, envergonhados diante dos colegas, não sabiam o que fazer para disfarçar o constrangimento pelo qual passaram. Meu Deus, como é triste quem não pensa nos outros! Vivendo os prazeres da carne, amontoam iniquidades sobre iniquidades e não vêem o tempo passar, tempo este que passa tão ligeiro... Um homem que vive vida dupla não tem o respeito dos amigos nem o dos filhos. Felizes os filhos que possuem um pai que assume seus atos e faz com que o compreendam. Mas aquele que deseja enganar a sociedade é um ser sem Deus, que brinca com os sentimentos.

Enrico orou junto aos socorristas, pois a casa mental de Pulquério entrou em desequilíbrio. Não sabia ele o que fazer. Pensava na digna esposa, mãe de seus filhos, a mulher que sempre lavou suas roupas e fez sua comida. E olhava a "outra", que conheceu mocinha, que se entregou a ele, que dele também tanto precisava, pois pouco sabia ler e escrever, mas possuidora de uma rara beleza. Pensou: *como sou mim. Quantas vidas eu prejudiquei!* Os amigos espirituais de Pulquério tentavam ajudá-lo, mas o remorso é uma estrada escura, repleta de salteadores de sonhos e ladrões de esperanças.

Retiramo-nos dali.

Capítulo XXXVII

A VERDADEIRA VIDA

Entramos em outra capela, onde uma jovem de dezessete anos jazia no caixão, coberta de flores, tendo o corpo cravejado de balas.

— Mas ela é tão jovem, o que fez para ser assassinada pelo amante? E quem é ele, Enrico?

— Sérgio, Fernanda era filha de família rica, iniciou-se no vício que não a deixou estudar nem trabalhar; juntou-se a um traficante poderoso e junto a ele não só satisfazia o seu vício, como vivia no conforto. Mas logo gostou de um jovem da sociedade e o traficante, enciumado, torturou-a até a morte.

Aquele corpo, antes belo e jovem, agora estava rendado de perfuração a bala. Orávamos junto a muitos espíritos socorristas. Mas mesmo assim aquela irmã sofria junto ao corpo físico, porque o seu perispírito estava deformado pela má vida que levara. Poucas pessoas ali estavam, somente os seus familiares, que no fundo davam graças por ela ter "morrido", assim não mais os envergonharia. Que estado desesperador o daquele espírito! Seus órgãos sexuais estavam atingidos pelas mais estranhas doenças. Se não fosse assassinada, logo também partiria, pois o seu útero, os seus ovários, as suas trompas, tudo estava infeccionado. Aquele frágil corpo não agüentou a violência do mundo das drogas, onde a mulher é um ser insignificante, usado e maltratado, não só pelos traficantes como pelos próprios viciados. Se as famílias que têm dependentes do tóxico ou que já sofreram perdas cruéis não se unirem em prol de outras vidas, sempre encontraremos vítimas como esta jovem. Agora, esconder que tem um filho viciado ou

que desencarnou com *overdose* é se tornar culpado duas vezes. Uma, com o próprio filho, outra, com os filhos de outros pais. Enquanto isso, o enriquecimento fácil está cada vez mais disputado a bala, ou melhor, a metralhadora, e a maior vítima pode ser o seu filho ou a sua filha.

Ficamos ali prestando socorro àquela jovem, juntamente com seus familiares que tudo faziam para ajudá-la. Entretanto, seus amigos afins, desencarnados, já disputavam sua companhia. Em estado desesperador, ela chamava pelos pais. Agora ela os queria, mas antes eles eram "quadrados"

Um homem público ou um artista tem responsabilidades imensas em passar coisas boas para o público, do contrário, irá sofrer o ranger de dentes. Ninguém tem o direito de levar alguém à queda, principalmente incentivando-o ao vício, seja ele qual for.

Essa menina de boa família foi uma das mais sofridas vítimas do tóxico a quem já prestamos assistência. Com que tristeza constatamos que cada vez mais entram na rota da droga jovens e crianças na mais tenra idade. E ainda existem autoridades lutando para liberar as drogas... Será que não têm filhos? Ou acham que ser dependente de qualquer vício não torna infeliz o homem? Quem defende a liberação das drogas em nada crê, pois se acreditasse em outra vida além da matéria buscaria a Deus, o Criador de tudo, e procuraria respeitá-Lo, assim como a todos os Seus filhos. Mas vai levando a vida julgando estar levando vantagem; mata, rouba e destrói sonhos e famílias. E tudo isso para quê, se a qualquer hora pode deixar tudo no plano físico? Ninguém, desde o mais humilde ser ao mais importante homem que passou pelo corpo carnal, deixou de adoecer e de sofrer a morte do corpo físico. Pelo menos não temos notícia, porque não existe poder nem dinheiro que torne o corpo físico imortal. No entanto, existe a imortalidade do espírito. Somente ele tem de prestar contas de tudo o que fez no plano físico. O encarnado, se

pensasse um pouco mais, nem precisaria de religião para saber da verdade, é só apalpar o seu próprio corpo. Verá que mesmo sabendo que possui órgãos, corrente sanguínea, enfim, a máquina humana, ele ainda não a conhece. Para o homem encarnado, o seu corpo físico funciona de maneira inerente à sua vontade. Se não, vejamos, se ele disser: *eu jamais irei ao banheiro*, o que sucederá? O leitor sabe, não é mesmo? Se ele disser: *eu jamais comerei*, o corpo não suportará. Como vemos, existe algo que comanda o corpo físico, é o Espírito criado por Deus, Espírito imortal, porque o Senhor mesmo disse no Decálogo: *Não matarás*. Nenhum filho de Deus morre, ele nasceu para evoluir e é isso o que vem acontecendo com a Humanidade. Agora, estar no corpo físico e esquecer os compromissos morais com a sociedade é pobreza demais de sentimento. Um ser nestas condições passa pela vida e dela nada leva, a não ser contas a pagar. Ao voltar à pátria-mãe nada levará, porque tudo o que acumulou no plano físico ao plano físico pertence. Como resultado, o relicário do espírito, o seu tesouro eterno, chamado consciência, estará vazio de bênçãos e repleto de iniquidades. Pois os que hoje destróem a família, assassinam sonhos, trucidam crianças e jovens fogem da verdade espiritual, porque elas são muito lindas para os seus corações repletos de ganância. Diz um amigo indiano, muito querido: *o homem caminha sem parar para pensar. Caminha em busca do nada, em busca do tudo*. Às vezes cair toma-se necessário. Será que nessas quedas ele não vai meditar por alguns minutos? Muitas vezes, mesmo no chão, caído e machucado, o homem orgulhoso estende o braço para derrubar os que passam ao seu lado. A Terra só vai tornar-se um planeta de paz no dia em que o homem parar para meditar, trabalhar e estender as suas mãos em busca de outras mãos para a grande caminhada até Deus. E feliz da Humanidade sem culpas que caminha, caminha e crê que logo ali por detrás do túmulo está a verdadeira vida do homem, sem

guerras, sem ambição, sem fronteiras, apenas tendo Deus como o Pai de todos.

— Sérgio, falou Enrico, no que pensa?

— Na morte.

— Na morte? Mas ela não existe...

— Existe sim, Enrico, os que pregam as iniquidades, os que lutam em favor do aborto, os traficantes, os maus políticos, enfim, todos esses vão morrer. Sim, Enrico, é preciso que eles morram várias vezes. Quem sabe assim eles um dia irão ressuscitar para a vida eterna? É muita maldade que esses caras carregam dentro de si para não morrer. Para nós, Enrico, eles já são cadáveres putreficados pelo ódio, iniquidades, egoísmo, orgulho.

— Luiz, está tão amargo, irmão! Qual a causa?

— Como não desesperar, Enrico, quando presenciamos os meios de comunicação desunindo a família, artistas famosos pregando a morte de inocentes crianças, mandando as mulheres lutarem pelo direito de matar seus próprios filhos? Artistas também pregando a liberação da droga, quando a arte deveria ser a expressão máxima da vida? Ah! Enrico, choro de tristeza.

—A cada um basta a sua própria consciência, Luiz. Ninguém ficará impune diante de seus próprios atos. Devemos trabalhar junto aos encarnados sem procurar julgá-los, principalmente os que buscam a fama ou desfrutam dela. Não adianta condenarmos, um dia eles serão "deportados".

— Quando, Enrico, quando? Depois de destruírem muitos lares? De matarem os sonhos das crianças e dos jovens?

— Luiz, ninguém demora muito tempo cometendo atrocidades. Os erros são amarras que vão pregando o indivíduo ao chão e nenhum homem pode viver somente das vibrações da terra. Todos nós precisamos voar até a Espiritualidade Maior, porque ela é o nosso oxigênio. Quem vive cometendo erros quase nada recebe do Alto. Sendo assim, jamais se sentirão felizes.

— Enrico e Luiz, a irmã Jansy nos espera-na Casa Espírita, informou-nos Pamela.

—Ela anda preocupada com os frequentadores da Casa, falou Enrico.

— Por quê? perguntei.

— É que ultimamente têm ocorrido muitos casos de depressão.

— É obsessão, Enrico? indagou Pamela.

—Em alguns casos, sim, mas muitas vezes a depressão chega depois de uma grande tristeza. É a perda de um ente querido, separações conjugais, perda de emprego, enfim, é a doença do final do século. Junto à depressão estão as doenças da coluna e também a inflamação dos nervos. O King, médico ortopedista chinês que também trabalha com a médium desde 1980, já vem dizendo que a doença do século seria a inflamação dos nervos. E hoje, muitas vezes, ela começa depois de uma tristeza. Bem, vamos até Jansy.

Capítulo XXXVIII

DOIS CASOS DE ORIENTAÇÃO A DIGNIDADE DE UM MÉDIUM

E, assim, Jansy nos levou até um auditório, onde vários companheiros falavam sobre doenças nervosas, o que leva o ser a sofrer a doença do pânico, as depressões, as enfermidades que vêm surgindo na coluna, no nervo ciático, enfim, tudo o que hoje sofre a Humanidade. Estava ali pensando: *mas nós estamos tratando da hora do adeus...*

— Sérgio, estamos, sim, falando para os leitores como proceder depois da partida do ente querido. E não é depois da tristeza que vem a dor física? A causa de tantas depressões aparece depois de uma perda. E se nós estamos tratando da

partida do encarnado, precisamos também saber o que fazer para o bem-estar dos que ficam.

—Ah! Desculpe-me, Enrico, só agora estou compreendendo.

A doutora Jansy nos pediu para alertar os espíritas contra uma corrente no Espiritismo que diz que o espírita não pode chorar, que ele tem de ser forte. Uns chegam a dizer que devem até fazer festa, porque o encarnado voltou para o lado do Pai.

—A irmã tem razão, observei. Estamos escrevendo este livro porque ficamos preocupados com algumas orientações que pessoas sem capacidade passam para os irmãos que estão sofrendo. Dizer a uma mãe para não chorar diante do corpo inerte de um filho é como dizer a um botão de rosa: *não se abra, não perfume o jardim*. Isso é ir contra as leis da natureza. Quem deseja chorar que o faça, sem gritos, sem revolta, porque conter o choro provoca no corpo uma sobrecarga energética e os nervos tensos reterão essa energia descontrolada em todo o organismo. Quando a pessoa desejar chorar já será tarde, a doença já estará instalada. Mas dizem que aquele que chora perturba o que partiu.

— Os espíritas têm de compreender que o mundo espiritual obedece disciplinadamente à lei do amor e ninguém é desamparado quando retorna à espiritualidade. Todos os que chegam são resguardados dos fatos terráqueos, principalmente dos referentes às lamentações e ao desespero dos que ficam. É muito errado dizer a quem deseja chorar que se cale. Um coração repleto de amor e saudade jamais fará mal algum a quem partiu.

— Não sei, não, mas fazer festa é demais... retruquei.

— Será que há mesmo quem o faça? inquiriu Pamela.

— Não sei, mas que existe muito maluco, isso existe, falei. Chorar de saudade é o mesmo que plantar uma árvore e esperar o momento da colheita. Demora tanto para o coração secar a tristeza... e as lágrimas são o grito de saudade do coração.

— Luiz, é bom que você coloque no seu livro as orientações para Daqueles que ficam, recomendou-me Jansy.

— É o que nós estamos tentando, não é mesmo turma?

— Irmã, esclareceu Enrico, a cada dia diante de nós surgem vários fatos que julgamos não acontecerem*, mas que estão ocorrendo não só em outras religiões como na espírita. Os que ficam não sabem como proceder: se gritam, se choram, se saem por aí em busca de mensagem ou se esquecem de vez o ente querido.

— O bom seria — continuou Enrico — que todos orassem com o coração repleto de saudade, mas que acendessem a tocha da caridade no caminho daquele que partiu; que as mães que se separaram de seus filhos olhassem os filhos de outras mães e não os deixassem famintos e maltrapilhos; que dessem um pedaço de pão ou uma cesta de alimentos a quem precisa. Em vez de ficarem pelos cantos da casa rememorando os momentos passados, que procurem um templo religioso, onde encontrarão consolo; que não busquem o remédio somente, mas que encontrem, o mais rápido possível, uma ocupação.

— Jansy, como a irmã passa as orientações aos seus médiuns? Como deve proceder um orientador espírita diante daquele que vai em busca da Casa Espírita? interoguei.

— Vamos assistir a um filme e verá o que fazemos.

No filme, Maria Rita, muito triste, buscava a orientação de Alice, em um Centro Espírita:

— Boa noite, irmã, cumprimentou-a Alice.

— Boa noite, repetiu Maria Rita.

— O que a traz à nossa Casa?

— Desculpe minhas lágrimas, mas estou sofrendo muito, perdi meu filho, respondeu Maria Rita, chorando.

— Perdoe-me, a irmã não perdeu seu filho. Ele está vivo, só mudou de plano. Quanto às lágrimas benditas de uma mãe saudosa, são orvalhos no caminho do filho.

— Posso chorar, então? Não irei prejudicá-lo?

— Mãe alguma prejudica o filho com as lágrimas da saudade. O que a irmã não deve fazer é blasfemar contra Deus. Muitas pessoas, quando se separam de um ente querido, costumam dizer: *por que Deus fez isso comigo? Por que Ele matou meu filho ou meu esposo?* Deus não mata, Maria Rita, Ele apenas deseja que cada filho Seu aprenda a lei do amor.

— Não o prejudico, então, se chorar?

— Não, minha irmã, suas lágrimas não vão prejudicar seu filho.

— Mas muita gente diz que não posso chorar, senão meu filho sofre...

— Irmã Maria Rita, mandar alguém que está sofrendo parar de sofrer é o mesmo que mandar parar a chuva. Ninguém tem poder bastante para isso. O que a irmã precisa é orar, só as orações aplacam a saudade e fortalecem a alma. Procure ler alguns livros edificantes e orar o mais que puder.

— Posso ir ao cemitério levar flores para meu filho?

— Pode. Vá e ore bastante, pedindo a Deus que o fortaleça para que tenha condição de logo procurar trabalho e se libertar do plano físico.

— Mas eu não quero que ele vá embora!...— e chorou, copiosamente.

— Mas ele precisa conhecer o mundo espiritual, aprender a ser livre, procurar ajudar os que necessitam. ^

— Irmã, meus pais desejam mandar rezar missa para Luiz Alberto, podem?

— Claro que podem. Prece nunca é demais e feliz daquele que ora.

— A Doutrina não proíbe?

— A Doutrina Espírita é a consolação, não podemos, ou melhor, não temos o direito de proibir nada, pois, se nos propusemos a seguir o Cristo, devemos seguir os Seus passos e

os Seus exemplos. E Ele jamais proibiu algo a alguém, pois veio à Crosta para nos ensinar o caminho da perfeição.

— Posso acender algumas velinhas no túmulo do Luiz Alberto?

— Pode, se assim o desejar. Nós, os espíritas, não acendemos velas; a vela que tentamos fazer brilhar é a da caridade. Agora, se a irmã crê que a vela irá fazer brilhar o caminho do seu filho, que a acenda. O espírita prefere usar o dinheiro das velas na compra de alimentos para os pobres. Mas a irmã é que deve escolher: a vela ou os alimentos.

— Querem que eu dê todos os pertences do meu filho. Devo dá-los?

— Ainda é cedo, um mês para o espírito desencarnado equivale a minutos. Deixe passar um tempo e depois desfaça-se deles.

— Eu não quero dar nada do meu filho.

— Pois então conserve-os.

— Mas não quero prejudicá-lo, e dizem que se eu os conservar ele vai sofrer.

— O seu filho só sofrerá se fez alguém sofrer; só se perturbará se a sua consciência o estiver incomodando. Não serão lágrimas, velas, missas ou roupas que levarão o seu filho para as colônias redentoras ou para algum lugar de sofrimento.

— Eu não quero o meu filho no umbral!

— O umbral, minha irmã, muitas vezes é escola redentora.

— Todos temos de passar pelo umbral?

— Sim, quase todos nós. Uns ficam nos vales de sofrimento, porque não desejam trabalhar para evoluir. Outros estão no umbral trabalhando.

— Meu filho está no umbral? perguntou, voltando a chorar.

— Encontra-se em um hospital de uma colônia e a irmã deve agradecer por ele estar protegido.

— Mas esse hospital está no umbral?

— Não posso responder-lhe onde o seu filho está internado, se em um hospital de uma colônia que presta serviço nos umbrais ou se em um hospital bem perto dos encarnados.

— Explique-me como é isso, por favor.

— Quando desencarnamos, logo que somos socorridos, levados somos a um posto de socorro ou a um hospital espiritual que paira sobre a nossa cidade. Mas muitas vezes somos transportados do hospital local para o da colônia que se afina com as nossas vibrações.

— A irmã pode me dar uma mensagem de meu filho?

— Não, não posso. Não faço esse trabalho. Existem os médiuns escolhidos para essa tarefa digna, que requer do médium uma vida de renúncia e, mais ainda, de humildade. Quem procura um médium que seja porta-voz dos recentes desencarnados, assim o faz por se encontrar em desespero, e nenhum médium consciente do seu dever pode brincar com algo tão sério.

— Após quanto tempo pode o espírito mandar mensagem?

— Depende se quando encarnado ele levou uma vida digna, e também, muitas vezes, do estado em que ficou seu corpo físico na hora do desencarne.

— Mas conheço uma mãe que recebeu mensagem uma semana após o desencarne do filho.

— Como dissemos há pouco, depende do espírito. Se quando encarnado ele era espiritualizado, pode dar mensagem logo, mas é difícil isso acontecer. Geralmente o espírito passa por um hospital, onde recebe orientação e socorro. As famílias devem prevenir-se para não sofrer decepções. Infelizmente, ainda há encarnados que julgam que quem desencarna vira "santo". Na Doutrina Espírita isso não pode acontecer, pois bem sabemos que o perispírito é a veste do espírito e se ela estiver em má condição, como pode o espírito se apresentar em lugares

celestes? Ele se sentirá como um homem mal vestido em uma casa de luxo.

— Mas o meu filho era um doce de garoto, um santo!

Nesse momento, Jansy esclareceu-nos que pela vidência Alice pôde ver como o filho de Maria Rita dera trabalho: não gostava de estudar, chegava em casa de madrugada, às vezes bêbado e maconhado. Só vivia em turma. Enfim, era um anjo para ela, porque para muitas mães os filhos não têm defeito. Mas Alice se calou. Sua mediunidade equilibrada não lhe dava o direito de fazer sangrar a ferida daquele coração de mãe.

Alice, então, perguntou a Maria Rita:

— Seu filho tinha algum vício?

— Não. Deus me livre! Às vezes fumava um cigarrinho, mas não era viciado. Beber, só uma cervejinha com o pai. Meu filho era mesmo um santo!

— Mas a irmã tem de orar por ele. Tendo partido muito cedo, ele não compreende ainda o que aconteceu.

— Meu Deus, ele está sofrendo?

— Irmã, procure estudar a Doutrina para melhor compreender o mundo espiritual. O seu filho mudou de plano e está com saudade daqueles que aqui ficaram. E depois, ele é um doente espiritual precisando de um remédio: a oração. Como seu filho existem muitos, pois hoje as famílias criam os filhos para o mundo e não para Deus. Os jovens pronunciam o nome de Deus, mas poucos sabem o que Ele faz por nós e quais são as nossas obrigações para com Ele. Muitos jovens julgam que jamais envelhecerão e dizem estar aproveitando a vida intensamente, e é aí que está o erro. Todos nós estamos no plano físico de passagem. Todos vêm aqui cumprir uma tarefa e infeliz daquele que nada faz de bom.

— Por que meu filho morreu tão jovem?

— Infelizmente, não sei. Mas hoje muitos jovens estão abusando da sua juventude. Correm demais nos veículos, abusam do

sexo, das drogas e das bebidas alcoólicas. Poucos hoje não se perdem na estrada do desespero: a droga.

— Graças a Deus meu filho era um anjo.

Alice ainda disse algumas coisas, depois orou e encerrou a orientação.

Jansy, olhando-nos firmemente, disse:

— Feliz do homem que multiplica seu talento. Infeliz daquele que brinca com os sentimentos dos outros. Como vimos, uma médium soube exercer a sua mediunidade com Jesus. Agora veremos outro filme, onde será retratada uma médium sem estudo doutrinário.

Assim, projetou-se o filme, onde Álvaro procurava Solange, orientadora de uma Casa Espírita.

— Boa noite, cumprimentou Álvaro.

— Seja bem-vindo. O que está acontecendo? Está mal, hem!

— Sei disso, por isso estou aqui, ando triste, infeliz.

— Sorte a sua ter chegado aqui, se demorasse mais não sei o que iria acontecer.

— Meu Deus, então estou pior do que pensava!...—exclamou Álvaro, apavorado

— Você está péssimo! Precisa urgentemente se submeter a um tratamento desobsessivo. Ninguém pode imaginar como os obsessores atuam sobre as pessoas. Logo que o vi pude constatar como o irmão está sofrendo.

— Mas eu estou aqui buscando consolo!...

— Estou sabendo, tanto é que hoje mesmo o irmão vai tomar um passe especial.

— A saudade, a dor no peito de tristeza, isso é obsessão?

— Claro, você nem imagina o que ela faz!

— Mas eu nunca fui triste, estou assim após a partida da minha querida mãe, o meu anjo protetor. Mas espero logo superar a sua ausência.

Solange levou um susto, ajeitou-se na cadeira e depois falou:

—Você tem razão, depois do passe especial o irmão vai melhorar.

— E por que esses espíritos estão ao meu lado? Sou religioso, cumpridor dos meus deveres, ótimo pai, amigo dos meus filhos, companheiro leal da minha esposa. A não ser pela morte da minha mãe, sou o homem mais feliz da Terra.

— Mas hoje o irmão não está bem e eles aproveitam esses momentos para se aproximar.

Álvaro olhou-a com uma cara!... E ela, meio sem graça, completou:

— Bem, irmão, tome o passe e volte a me procurar na próxima semana.

— E minha mãe, como está? Posso ter notícias dela?

Coitada da Solange! Sua vidência era tão pouca que mal sabia o que estava ocorrendo à sua frente com os olhos físicos, quanto mais penetrar no mundo espiritual em busca de um desencarnado!... Felizmente, o mentor de Álvaro respondeu pelos lábios de Solange:

— Sua mãe está ótima, manda-lhe dizer que não deseja vê-lo triste. Ela, sorrindo, manda-lhe um beijo de saudade adoçado com o mel do amor.

— É ela mesmo! Ainda bem que está feliz. Ela sempre me falava assim.

Se Álvaro estava surpreso, a médium Solange ainda mais. Ela não sabia por que tinha dito aquelas palavras. Despediu-se e Solange, em vez de meditar sobre o que havia ocorrido, dali saiu radiante, pois tinha acertado com Álvaro. Perguntei a Jansy:

— E ela vai continuar nisso até quando, Jansy? Hoje o mentor ajudou, e de outras vezes?

— Esperamos que dali em diante ela tenha procurado falar a verdade ou alguém da Casa tenha tomado conhecimento das suas falhas como orientadora. Todos os trabalhadores espíritas têm de se cuidar, pois não é fácil a tarefa de viver no plano físico, mas

tudo fazer para não agredir a espiritualidade. Como é feio um médium vaidoso e não confiável!

Agradecemos a Jansy a colaboração recebida e nos despedimos.

Abraçado a Enrico, falei, rindo:

— Coitado do Álvaro, se ele não tivesse sido socorrido pelo seu mentor, em vez de consolado ficaria mais triste.

— Sérgio, a responsabilidade dos espíritas é tão grande quanto a dos primeiros cristãos. Ao espírita não se concebe erros, pois ele tem condição de buscar a verdade. Os reais trabalhadores e estudiosos da Doutrina tornam-se apóstolos, dignos da palavra de Deus. Mas os vaidosos, os egoístas, os donos da verdade são os insetos que teimam em retardar a colheita. Mas ai daqueles que não respeitarem as leis de Deus.

— Enrico, por que as pessoas no corpo físico não param para pensar que amanhã será outro dia; que a cada minuto envelhecemos e que existe um Ser que a tudo isso comanda? Por que os homens se julgam com o direito de brincar com Deus, desrespeitando Seus filhos? Até quando presenciaremos um dito espírita faltando com o seu dever para com o próximo, negando-lhe tudo, até um pouco de educação, pregando uma doutrina diferente da límpida Doutrina Espírita, pregando uma doutrina de líderes, de donos, enfim, de doutores da lei? A Doutrina Espírita precisa ser apresentada aos não-espíritas como nos foi entregue por Allan Kardec: uma Doutrina digna para homens que lutam pela dignidade. A Doutrina não precisa de quantidade, sim de pessoas que ao chegarem em uma Casa Espírita sintam que algo está mudando dentro delas; que mesmo vivendo no corpo físico, elas possuam atitudes divinas. Que atitudes são estas? perguntamos.

— Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Nunca ameaçar a felicidade e a tranqüilidade do próximo, respeitando-o sempre. Nunca brincar com os espíritos.

Mesmo não os enxergando, devemos respeitá-los. Lembrar sempre que a Casa Espírita não é uma empresa, onde existe competição, na Casa Espírita todos são operários de Jesus. Jamais desejar sobressair-se entre os irmãos de jornada; jamais mistificar, dizendo-se médium vidente, audiente, psicógrafo, ou que tem todas as mediunidades do mundo. Tentar dar à Casa onde freqüenta um pouco do seu tempo e do seu amor, sem se tornar apenas um freqüentador. Evitar brigar no trânsito, com os professores de seus filhos, com os vizinhos, com os empregados; e no seu trabalho, ser um representante da Casa a que pertence. Jamais dizer a alguém que ele está sendo obsidiado; lembrar o que Jesus disse *em Maíeus*, Capítulo V, versículos 21-22:

Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, e quem matar será condenado em juízo. Pois eu digo-vos que todo aquele que se irar contra seu irmão será condenado em juízo. E o que chamar raça a seu irmão será condenado no conselho. E o que lhe chamar louco será condenado ao fogo da geena.

Se Jesus não chamava ninguém de louco, por que um ser repleto de defeitos pode fazê-lo? Chamar alguém de obsidiado é uma falta muito grande, pois o louco vive em um mundo longe da realidade e merece o respeito de todos. Uma pessoa apenas influenciada por um espírito não está louca, está precisando é de ajuda espiritual. Os espíritas precisam aprender a lidar com os sofridos. Nem tudo é obsessão, nem tudo é doença espiritual. Um bom espírita fala pouco, mas tem no olhar o carinho e o respeito para com o seu próximo.

— Enrico, é muito difícil um homem ainda no corpo físico possuir atitudes de grande elevação espiritual.

— E o que ele está fazendo na Casa Espírita, Luiz? Ela não é hotel de turismo nem clínica de repouso. As Casas Espíritas são colégios, faculdades, hospitais de almas, onde o homem tem a oportunidade de se preparar para a vida espiritual. É na Casa Espírita que se melhora o homem, educando-o. Se ele não se

modificar ao adentrar a Doutrina, é lastimável, porque viu a luz mas não quis enxergar. Sabemos que uma Casa Espírita possui boa diretoria pela transformação que nela ocorre. Se seus freqüentadores, mesmo se dizendo espíritas, vivem se drogando, promovendo festas em suas casas, onde o fumo e as bebidas alcoólicas correm à vontade, que nos desculpem, mas espíritas não são. O espírita passa longe de qualquer bebida alcoólica e procura deixar o vício do fumo.

— Enrico, mas não é proibir demais?

— Não, Luiz, na casa de um espírita os pais têm de dar bons exemplos. E os pais que vivem com copos de cerveja, uísque e cigarro nas mãos, que exemplos estão dando? Achamos que quem ainda gosta do fumo, das bebidas e das drogas deve ficar com Mamon, e não tentar servir a dois senhores. Para o Senhor só têm pedidos, e para Mamon entregam a alma. A Casa Espírita tem por dever ensinar o homem a não se suicidar e principalmente a não embarçar as crianças. Dizer-se espírita e não possuir atitudes espíritas é se tornar um falso profeta. E Jesus, pacientemente, espera que ele se conscientize do chamado.

— É difícil tornar-se espírita, não é mesmo?

— Irmão Luiz Sérgio, existe infelizmente uma maioria que nunca buscou um hospital de almas, que são os templos, seja que rótulo tenham. Achamos que aquele que não deseja mudar, que não deseja ter um encontro com Deus, que se lembra de Jesus Cristo somente na semana santa, esse deve dizer que é ateu, que em nada crê. Agora, viver a vida física longe dos ensinamentos do Evangelho, fazendo do próprio lar uma cantina de bebidas — os ditos bares caseiros — dando festas mundanas, não educando os filhos nas fileiras do Evangelho, e sair por aí dizendo que é espírita, que freqüenta tal Casa, é ser pobre demais de amor. No seu egoísmo, na sua vaidade, nem está percebendo o mal que

está fazendo à Doutrina que diz pertencer, por jamais ter procurado o remédio da reforma íntima.

—É mesmo, Enrico, confesso-me cansado diante dessas atitudes e às vezes envergonhado, porque, infelizmente, existem os que dizem gostar muito dos meus livros, mas nem por isso procuram viver a Doutrina na sua magnitude. Acho lindo alguém dizer que me conhece, que é meu amigo, mas nem por um instante pára pra pensar o quanto está me preocupando e me fazendo triste. Porque, como diz Francisca Theresa: *Como posso desfrutar do paraíso se sei que alguns pedaços da minha alma caminham por uma estrada árida e sem Deus?*

— Perdoe-me, Luiz, não queria entristecê-lo.

— Não, amigo, é que nós, espíritos, enxergamos mais além e por isso às vezes somos até cricris repetindo tanto esse assunto. No nosso caso, sentimos muito por aqueles que só adentraram a Doutrina e até hoje nada fizeram por ela.

— Bem, agora vamos buscar os outros irmãos e dar uma chegada até outro campo da saudade.

Capítulo XXXIX

UM POUCO DE HISTÓRIA

Íamos saindo do Centro Espírita quando Otacílio acercou-se de nós para pedir ajuda. Sua família se encontrava desesperada, pois ele desencarnara de repente e a esposa e os filhos não se conformavam.

— Quanto tempo faz que desencarnou, Otacílio? perguntei.

— Seis meses.

— Só?

Ele sorriu, mansamente.

— Está-me parecendo uma eternidade...

— Por que, irmão? Está com saudades do plano físico?

— Não, não é isso. É que sempre fui um bom chefe de família, cuidava de tudo para a esposa e os filhos e de repente me vi longe deles. O pior é que não me esquecem, choram muito e vivem correndo atrás de médiuns em busca de mensagens.

— Ah! Isso é outra coisa. Sabe, Otacílio, há muito ando preocupado com o desequilíbrio de alguns médiuns. Isso acontece com os vaidosos e sem estudo. Acho uma maldade um médium brincar com coisa tão séria como o sentimento das pessoas.

— Tem razão, Luiz, por isso estou aqui, pedindo socorro.

Henrico ficou conversando um pouco com ele e logo depois nos despedimos, indo à casa de Otacílio. A esposa, Olinda, ainda jovem e elegante, tinha um olhar muito triste e infeliz, mas seus três filhos adolescentes não nos pareceram preocupados. Dela nos acercamos. Estremeceu:

— Cruzes, parece-me que o Otacílio está aqui! Abriu os braços e saiu procurando.

— Otacílio, querido! Otacílio, querido! Sem perceber, abraçou-me.

— Querido, sei que está aqui, a médium Ângela afirmou que você não quer ir embora de casa. Venha, querido, sente-se em sua cadeira, deixe-me sentar no seu colo.

Confesso que era muito triste a cena. Enrico acercou-se dela e foi intuindo-a a buscar uma Casa respeitável, porque Olinda estava sendo vítima de uma médium doente, desequilibrada. No início ela foi ficando desconfiada:

— Penso que estou ficando louca. Otacílio já morreu. Será que Ângela é médium mesmo?

Henrico aproveitou para nos elucidar:

— Aquele que parte tem de primeiro procurar adaptar-se à sua nova vida. Não pode, de maneira alguma, viver junto àqueles que ficaram. É errado a família sair à procura de qualquer médium para pedir notícias. Deve ajudar o ente querido fazendo caridade, orando por ele. Se ele tiver de mandar algum recado, a Espiritualidade Maior fará com que alguém confiável seja o seu porta-voz.

Quem muito procura acha o que não quer. E sabemos que ninguém deseja ser enganado.

— Achamos, Enrico, que as Casas espíritas e as Federações deveriam orientar os espíritas para o perigo desse intercâmbio mal feito, mostrando como é feio o médium sem disciplina, que tudo fala, que tudo vê.

— Luiz, as obras básicas estão aí. *O Livro dos Médiuns*, com seus ensinamentos precisos, é muito pouco consultado. Nas Casas espíritas julgam que estudar é ler todos os livros que são editados, o que não é certo. Ler, meditar e viver a Doutrina transforma o homem que, transformado, respeita a si mesmo e ao seu próximo. Não cai nas teias do ridículo, porque nada mais triste que presenciar a chacota que alguns médiuns sofrem. Nos seus desequilíbrios, vão dando mensagem, prevendo futuro e, infelizmente, levando a Doutrina ao descrédito.

— Quê fazer, Enrico?

— Os presidentes de Centros devem caminhar lado a lado com todos os irmãos, estar presentes em todos os grupos, principalmente naqueles dos aprendizes da Doutrina, não deixando adentrar a sua Casa Espírita algo que vai desequilibrar as crianças de Deus, que são todos os iniciantes que, deslumbrados com os fenômenos ou porque alguém lhes disse que "têm mediunidade", estão buscando explicações.

Nisso que conversávamos, quem chega? Ângela, uma mulher bonita, bem vestida, de seus trinta e poucos anos. Olinda ficou alegre, mas algo a preocupava. Eram as nossas preocupações que estavam chegando até ela. Mandou Ângela sentar-se e esta foi logo se arrepiando:

— Seu Otacílio, o senhor está aqui? Quer falar com sua esposa?

— Otacílio, pelo amor de Deus, fale comigo! pediu Olinda.

Estava louco para intervir, mas Enrico, aproximando-se de Ângela, dizia-lhe muitas coisas. Mas era o mesmo que estar falando com uma pedra, ela nada percebia.

— Ela é médium ou não é, Pamela?

— Claro que é, todos nós não somos? Só, Luiz, que ela está ainda muito deslumbrada, por isso sua sensibilidade não aflorou.

— Ângela, chame Otacílio, solicitou Olinda. E Ângela, de olhos fechados, o invocou:

— Otacílio, Otacílio, nós o esperamos.

Não demorou e o Otacílio chegou nervoso. Só se acalmou com a nossa presença.

— O que aconteceu? Enrico respondeu:

— A médium Ângela está chamando você, irmão. Chegue bem perto dela e vamos ver o que acontece.

Enrico colocou Otacílio colado ao perispírito de Ângela. Eu, junto ao perispírito de Otacílio, e Pamela junto ao meu. Enrico a tudo comandava. Ângela começou a tremer e, apavorada, não ouvia a bela prece que Enrico fazia nem as palavras de Otacílio. Ela tremia tanto que começou a chorar:

— Olinda, por favor, pegue o Evangelho, estou-me sentindo tão mal!

— Deseja um médico? quis saber Olinda, v—Não, não...— disse, tremendo.

Otacílio, com voz embargada, pediu:

— Por favor, dona Ângela, deixe-me em paz, assim como a minha família. Procure um Centro Espírita e estude para aprender a não enganar ninguém. Por favor, diga a Olinda que venda as ações e que leve os negócios para frente e deixe de chorar, pois estou muito bem.

A voz saiu dos lábios de Ângela e Olinda julgou que era a própria voz de Otacílio. Ele falou tanta coisa para ajudar a esposa!... E, para terminar, falando em voz alta para Olinda ouvir, aconselhou:

— Irmã Ângela, deixe os "mortos" em paz, deixe de colocar palavras em lábios que tão pouco podem pronunciar. Pelo amor de Deus, chega de mentir para minha família. Procure um Centro Espírita e aprenda que para dar mensagens daqueles que partem o médium tem de estar preparado para essa missão. Não é qualquer médium que recebe do Alto a permissão de se tornar um carteiro amigo. Deixe os "mortos enterrarem seus mortos". Não queira ressuscitar as lembranças que só pertencem à família. Vá, irmã Ângela, ler, servir na caridade e não fique procurando "defunto", como se fosse uma agente funerária.

Olinda dizia:

— Otacílio, por favor, você está ofendendo a nossa amiga.

— Não, Olinda, estou tentando ajudá-la. Adeus.

O "defunto" se foi. Aí, Ângela fez uma encenação: caiu no chão, chorando, chorando. Olinda levantou-a e ela tentou justificar-se:

— Viu, Olinda, como está sofrendo o seu marido?

— Sinto muito, Ângela, mas não foi isso o que entendi. Ele apenas lhe pediu que estudasse para bem servir.

— Nunca mais venho aqui! Veja o meu estado! Estou acabada! Seu marido é um louco, é um espírito sofredor! esbravejou.

— Desculpe, Ângela, Otacílio sempre foi assim, franco, mas um homem digno.

Ângela chorava e foi saindo ligeiro. Nós, que servimos de ponte para Otacílio, separamo-nos. Virando-se para mim, disse:

— Obrigado, Luiz, agora posso buscar o aprendizado espiritual. Olinda é inteligente e não vai deixar de me ouvir.

— O que será de Ângela? Será que se tornará uma boa médium?

— Luiz, acompanhe Ângela e veja se a ajuda, pediu-me Enrico.

— Nós, Enrico? Por que nós?

— Porque é preciso, ela deve estar envergonhada.

E assim fomos, eu, Plácido e Pamela acompanhando Ângela, que ainda chorava.

— Que vergonha! Estou muito envergonhada! Nisso é que dá mentir! Mas só queria ajudá-los... Meu Deus, perdoe-me. Que vexame! Vou deixar de ser espírita. Pensei que fosse médium, mas eu não sou é nada!

E chorava, chorava. Chegamos bem perto dela e pegamos em sua testa:

— Irmã, que Deus nos ajude.

Ela nada percebeu. Já estávamos quase desistindo quando vimos um espírito celeste aproximando-se. Chegou perto de Ângela e sorriu para nós:

— Obrigada por tudo. Ela precisa de ajuda. Também foi vítima de pessoas que não estudam. Sou Henriqueta, sua mentora.

— Irmã Henriqueta, vimos ajudar Ângela, mas ela não nos percebe.

— Tem razão, ela está muito perturbada, mas é uma boa moça.

— Ela frequenta alguma Casa?

— Sim, foi em busca de orientação porque todos lhe diziam que era médium. Na Casa Espírita, chegou-lhe às mãos uma mensagem, dizendo-lhe que era possuidora de todas as mediunidades. Ficou vaidosa e, médium iniciante, julgou-se portadora de uma mediunidade gloriosa.

Ângela ainda chorava. Henriqueta, bem próxima a ela, falou:

— Ângela, procure a Casa Espírita para curar o seu espírito doente e não para receber aplausos pelo dom que pertence a Deus. Médium desequilibrado é um doente precisando não de críticas, mas de exemplos.

Ela falou alto:

— Hoje mesmo vou pedir para ir para um grupo de estudo. Vou acabar com a sessão que faço em casa. Estou morrendo de medo. Aquele senhor Otacílio... não deixo de ouvi-lo: *Ângela, estude, estude!*

Henriqueta conversou muito conosco sobre suas preocupações com os desequilíbrios da mediunidade. Separamo-nos de Ângela e fomos esperá-la no Centro. Quando lá chegou, foi encaminhada para um grupo iniciante. A sala estava quase vazia. Ela correu e se sentou na primeira cadeira da mesa. Sua mentora baixou os olhos. Falei para Pamela:

— Será que essa moça vai tornar-se humilde um dia?

— Se a irmã Henriqueta segurá-la com mão firme e a Casa orientá-la bem, ela poderá se tornar uma médium normal, que é a que serve em silêncio.

O dirigente chegou à sala e Ângela apresentou-se a ele Delicadamente, o dirigente pediu-lhe para sair da mesa, pois o^ lugares já estavam destinados.

— Tudo errado! Ela, por sentar-se nos primeiros lugares e ele, por mandá-la sair — observei.

— O que você faria? perguntou-me Pamela. Pensamos um pouco e falamos:

— Iríamos esperar chegar o dono da cadeira e eles se entenderiam.

Depois do incidente da cadeira, iniciou-se a aula. Ângela a todo momento interferia, dando sua opinião. E todas erradas.

— Essa moça é um poço de vaidade. Vai ser difícil tomar-se espírita. Como seria linda a Doutrina se todas as suas Casas tivessem somente pessoas equilibradas, disciplinadas e caridosas! observou Pamela.

— Aí não seria Centro e sim o céu. Mas os freqüentadores de uma Casa Espírita precisam conscientizar-se de que estão em um hospital, em tratamento. Os curiosos buscam cartomancia e outras coisas mais. Agora, o espírita, aquele que adentrou a vasta literatura espírita, não pode continuar avaro, egoísta, vaidoso, maledicente, enfim, continuar sendo o mesmo homem velho de ontem. Todos os que entram em uma Casa Espírita precisam curar-se. O melhor médico é Jesus, e o Seu Evangelho, o melhor remédio. Agora, chegar à Casa Espírita e nada fazer por ela e pela própria melhoria é egoísmo demais.

O dirigente do grupo falou, falou, mas muito pouco acrescentou. Ângela foi convidada a levar, na semana seguinte, outros livros que eles estavam estudando.

—Para que tanto? indagou Henriqueta. É preferível uma aula bem dada, consultando alguns livros, do que estudar tantos em uma só aula.

Ali ficamos até o término do estudo. Depois fomos falar com o encarregado espiritual daquele grupo. Henriqueta disse-lhe da

morosidade do estudo e da pouca didática adotada. O orientador esclareceu:

— Tenho levado Aécio às aulas espirituais para orientá-lo, mas ele pouco escuta. Ele gosta de expor suas opiniões pessoais nas aulas e muitas vezes até o que acontece em seu núcleo familiar. E o estudo da Doutrina não é isso.

— Trouxe a Ângela, não que ela tenha uma mediunidade de missão, mas pode tornar-se boa médium. Servindo dentro das normas doutrinárias, alguns orientadores irão receber do Plano Maior as diretrizes de como levar os estudos aos iniciantes. Pediremos *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Em *O Livro dos Espíritos* começaremos pela *Introdução*, e sendo ela a mão amiga que abre o caminho do aprendizado, caminharemos com cuidado, interpretando cada uma de suas perguntas, sem pressa, mas com uma grande vontade de aprender. Com o estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ficaremos sabendo, por exemplo, quem era o imperador dos romanos e quem era o governador da Palestina na época de Jesus. Este estudo é para o evangelizador conhecer os dois Herodes.

Sorrimos e falamos:

— Conhecemos a evangelização infanto-juvenil de uma Casa Espírita que já ensina essas passagens do Evangelho.

— Sim, Luiz, é verdade. Na evangelização infanto-juvenil já se deve ensinar a história do Cristianismo. Mas não esqueçamos que os que vão a uma Casa Espírita estão necessitando de evangelização. E nada melhor do que os estudos evangélicos para mudar o homem.

— Irmã, agora lhe peço que passe para o livro que estamos escrevendo toda a aula das crianças e que hoje deve fazer parte de todos os grupos de iniciantes espíritas.

— Esse trabalho não nos pertence, e sim à Espiritualidade Maior, que anda preocupada com a falta de disciplina dos

médiuns e dos espíritas. Temos de levantar novamente a bandeira: "Amai-vos e instruí-vos". Muita gente está esquecendo isto. Mas se o irmão deseja passar para seu livro o estudo para um grupo iniciante, aqueles que nem sabem o bê-á-bá, acompanhe-nos.

E com que prazer acompanhamos a irmã Henrique tá! Ao nos despedir do orientador do grupo de Ângela, ele também pediu para ir conosco. Logo estávamos em uma bela Casa, onde vários irmãos nossos oravam. Cumprimentamo-los e com que alegria fomos recebidos! Sem demora deu-se início aos estudos que seriam ministrados às crianças e aos iniciantes da Casa.

A orientadora explicava:

— Estamos estudando *O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Antes de adentrarmos *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, vamos conhecer o início da vida de Jesus. No Seu nascimento, quem era o imperador dos romanos? César Otávio Augusto. E o governador da Palestina? Herodes, o Grande, que obteve do Senado romano o título de "Rei dos Judeus"⁹. Com a morte de Herodes, o Grande, o reino foi dividido entre seus três filhos. Quem eram eles? Arquelau, Herodes Antipas e Filipe. Jesus tinha três anos quando Herodes morreu. Herodes Antipas foi quem condenou Jesus à morte, numa sexta-feira, no dia 7 de abril. Foi ele também quem mandou decapitar João Batista, a pedido de Herodíades. Herodes Antipas conheceu Herodíades em Roma e por ela se apaixonou, fazendo todas as suas vontades, uma delas: a cabeça de João Batista. Herodíades era a esposa do irmão de Herodes, Filipe, o único filho de Herodes, o Grande, que administrou com sabedoria a sua região, ao norte do Lago de Genesaré. Porque Arquelau, que, como Herodes Antipas, também não era bom, foi denunciado ao Imperador Augusto

por sua crueldade. O Imperador o depôs e o levou para o exílio nas Gálias.

Depois que a orientadora das crianças falou de Herodes, o Grande, de Filipe, de Arquelau e de Herodes Antipas, passou para o estudo da vida de Jesus. E numa visão rápida mostrou-nos que apenas os Evangelhos de Mateus e de Lucas tratam da infância do Messias. E isso nos dois primeiros capítulos de cada um. E assim ficamos ali, assistindo à preocupação dos estudiosos para bem orientar os iniciantes espíritas, à preocupação do Alto com os que buscam as Casas Espíritas. Não se trata apenas de freqüentar uma Casa. O homem tem de procurar o remédio e o médico de Deus: Jesus, porque aqueles que nada querem, em vez de melhorar, só irão piorar, pois pregarão em nome do Senhor, mas Jesus estará bem longe das suas ações. A espiritualidade está sempre trazendo para as Casas Espíritas um estudo fácil e lindo, só que o homem deseja ser o autor das suas idéias e se distancia das coisas do Senhor, que são simples de serem assimiladas por pessoas novatas na Doutrina.

Fomos saindo, devagar. A médium havia tirado os ensinamentos dos espíritos do papel e estava passando-os para as crianças e os iniciantes da Casa. Pamela falou:

— Quantas coisas bonitas! Felizes essas almas que vêm recebendo tanto, enquanto alguns iniciantes estão sozinhos, diante apenas dos fenômenos!

Bendita seja a alma que tudo faz pelos seus irmãos, principalmente aqueles que chegam assustados à Casa Espírita. Como precisam de exemplos! Infelizes os que os enganam. Ninguém tem o direito de pregar a desunião ou o fanatismo nas Casas religiosas. Todo orientador é responsável pelo bom aproveitamento de quem busca um Centro para entender o Espiritismo.

Capítulo XL

INTRANSIGÊNCIA FAMILIAR

Este livro tem por finalidade implorar aos encarnados que tenham piedade do corpo inerte que jaz nas capelas. Não é porque ele não pode se locomover que vamos desrespeitá-lo.

Naquela Estação do Adeus, presenciávamos a dor e o desespero de mais uma família. Ela voltava das férias e, numa curva, um buraco imprevisto provocou o acidente. Não importa ser o carro importado, fabricado para transitar pelos asfaltos bem cuidados das estradas do primeiro mundo, agora esses carros estão enfrentando estradas brasileiras mal conservadas, quase acabadas, e nelas muitos carros e seus ocupantes têm encontrado o fim. Os seus proprietários, invigilantes, correm adoidados e sempre são pegos de surpresa. A mulher, Magali, chorava desesperadamente. O marido, mesmo já desencarnado, permaneceu junto ao seu corpo físico; as crianças já estavam socorridas. A mulher olhava a capela e não entendia como havia morrido. Por quê? Quem iria cuidar do seu bebê? Não tinha mais sua mãe nem sua sogra. Só uma cunhada, de seus vinte anos, que era criada pelo marido.

— Meu Deus, por que fez isso com a minha família?

Timóteo, um dos encarregados da capela, dela aproximou-se e disse:

— Ninguém segura um carro a cento e sessenta por hora. Seu marido jogou fora a vida física dele, a sua e a dos filhos.

— Quero viver, não quero morrer!

— Irmã, ninguém morre; a irmã apenas mudou de plano.

— Quero meus filhos! Quero meus filhos! Por que eles estão deitados? Estão dormindo?

— Não, só seus corpos estão inertes. Seus espíritos foram socorridos.

— Por favor, quero meus filhos.

Aquela bela mulher, muito bem cuidada, ali estava vendo o espírito do marido, ainda debatendo-se junto ao físico, e ela não compreendia por que estava com dois corpos; e o que agora comandava não era mais o de carne, este estava mutilado. Os encarregados das capelas prestavam auxílio àquele casal. Mas os encarnados que ali se encontravam falavam tanto, faziam tamanho barulho, que o padre ali presente parou de orar e pediu silêncio. Timóteo aproveitou para falar através das cordas vocais do padre:

— Irmãos, os mortos precisam de silêncio. Quando chegamos a uma capela, temos de nos conscientizar de que ali está uma alma preparando-se para a partida. É a hora da verdade, como não ajudá-la? Se desejamos conversar, não nos custa esperar algumas horas, depois das despedidas, quando voltarmos às nossas lides diárias. Em uma capela estamos diante da maior realidade da vida: a morte, e ninguém fugirá dela. Hoje são eles, amanhã seremos nós. Querii se propõe a se despedir de alguém quando parte tem de conscientizar-se de que as capelas são lugares imantados de lágrimas e de dores, por isso devemos apresentar uma atitude digna quando levamos alguém ao túmulo.

O povo, no início, ficou ouvindo o padre e logo iniciou o disse-que-disse. O padre orando, orando e o barulho aumentando. Então, ele ficou furioso, sacudiu a campainha e gritou bem alto:

— Calem a boca, seus hereges, respeitem os mortos, uma vez que não sabem respeitar os vivos! Calem a boca, seus endemoni-nhados, calem a boca, por favor, e orem pelos mortos e por vocês que estão mais mortos que eles!

Confesso que não pude me conter, comecei a rir. Pamela e Enrico iniciaram a prece de Cáritas e outras preces. A capela, repleta de curiosos, foi ficando vazia, mas o padre, inspirado depois por Enrico, orava, orava e cantava. O que antes era um barulho só, agora oferecia paz. O casal estava sendo socorrido, apesar de se encontrar em desespero. A família que ficou contemplava o padre com idolatria, como o salvador. Ele estava conseguindo consolá-la. No lado espiritual, Enrico e doutor Albuquerque eram uma cascata de bênçãos, tentando banhar aqueles espíritos tão angustiados. Se os encarnados pudessem ver o trabalho que eles dão aos técnicos, aos socorristas e quanto os ditos "mortos" precisam de preces...

O padre continuava cantando, orando e pregando o Evangelho. Uma beata falou:

— O que deu no padre José? Nunca o vimos tão enérgico... Pensei: *como seria bom se em todas as capelas houvesse um religioso para orar e impor o silêncio!*

— Luiz, o mal dos encarnados é que eles julgam que jamais irão deitar-se em uma uma funerária, por isso não sabem ainda respeitar aquele que volta para a espiritualidade.

— Se todos fossem espíritas, as coisas seriam melhores, não é mesmo, Enrico?

— O mal é que muitas vezes o espírita não consegue levar a sua família ao Centro e na hora da desencarnação o coitado do espírita é velado com rituais de outras crenças, velas e tudo o mais.

— Um dia desses fomos a um enterro onde um espírita praticante, real obreiro, estava com um terço nas mãos.

— Não diga, Timóteo, e por que eu não estava lá para contar o que estava sentindo o coitado do desencarnado?

— Luiz, você mesmo me diga se os seus livros conseguiram trazer toda a sua família para o Espiritismo.

— Minha mãe sempre foi espírita, meu avô materno era um médium com Jesus.

— E os outros?

— Timóteo, é muito difícil alguém fazer os seus familiares tomarem-se verdadeiros espíritas, mas a gente tenta e confesso que não sossegaremos enquanto não conscientizarmos toda a nossa família a buscar trabalho em uma Casa Espírita. Confessamos que as preocupações não são poucas.

— Como vê, Luiz, é para os espíritas a passagem de *Mateus*, Capítulo X, versículos 34 a 36: *Não julgueis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Porque vim separar o filho do seu pai, e a filha da sua mãe, e a nora da sua sogra. E os inimigos do homem serão os seus próprios domésticos.* Quantos espíritas são chamados de fanáticos, porque vivem preocupando-se com o pobre, praticando a caridade! Como é difícil a nossa Doutrina ser seguida como deve ser seguida. É uma vida de renúncia, de amor ao próximo. Porque posição social, bom emprego, beleza, mocidade, nada disso segura o homem na matéria. E as Casas Espíritas são os hospitais das almas. Feliz do homem que se trata neles, pois não será um doente após o desencarne.

— Tem razão, Timóteo, mas como é difícil conscientizar as pessoas que as coisas materiais pertencem ao mundo físico!

— Por isso, Sérgio, o espírita luta contra as intransigências familiares; se o pai, o filho, a nora, a sogra ou a filha não respeitam o Espiritismo, deve ele ou ela deixar por escrito como deseja ser velado depois de desencarnado.

— Sem padre nem velas.

— Não, Luiz, bendito o padre ou o pastor que ora pelos que estão precisando. O padre deve orar pelos católicos e os pastores pelos crentes. Os espíritas, achamos nós, devem ficar contentes se alguém da sua Casa Espírita orar, ou mesmo os

próprios familiares. Um dia, quando as religiões se respeitarem, não haverá nada de mal em um pastor orar por um católico, ou vice-versa. O perigo hoje é que não existe respeito de uma para com outra religião e na hora da despedida pode haver um ataque à fé daquele que partiu. Agora, se o pastor, o padre ou o espírita forem seguidores reais de Jesus, farão uma prece e ninguém saberá qual religião é a deles, porque falarão a linguagem do verdadeiro seguidor do Cristo.

Abri meu Evangelho em *Lucas*, Capítulo XII, versículos 51 a 53:

Julgais que vim trazer paz à terra? Não, vos digo eu, mas separação. Porque, de hoje em diante, haverá numa casa cinco pessoas, divididas três contra duas, e duas contra três. Estarão divididos o pai contra o filho, e o filho contra seu pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a sua nora, e a nora contra a sua sogra.

Que confusão! pensei. E o pior é que é tão atual! Como hoje isso está acontecendo! Quantas mulheres são quase agredidas pelos maridos, porque freqüentam uma Casa Espírita! Interessante é que as que encontram dificuldades em casa são as que mais trabalham na Casa Espírita, talvez por isso, porque servem a Deus mesmo.

Esses dias fomos chamados para socorrer uma irmã. O marido, furioso, dizia que ela arranjava amante no Centro Espírita, sendo essa a causa dela viver no Centro. Tentamos acalmá-lo, mas quando chegamos perto dele, a vibração do álcool era tanta que nos provocou tonteira. Coitada da irmã! Parecia um passarinho, ouvia os mais terríveis ataques à Casa que amava, mas mesmo assim no outro dia lá estava ela, firme e valente, lutando pela causa que abraçara. Que valor tem para Jesus uma mulher assim, não é mesmo?

Assistindo à luta da irmã, recordamo-nos de Adelaide, outra espírita, que todos os dias recebia críticas de sua mãe e de seu marido. Ela vivia na Casa Espírita com as duas filhas. Enfim, cansada, pediu para afastar-se. O marido reclamava que ela não o acompanhava em seus compromissos sociais. Pois bem, não se passaram muitos anos e certo dia fomos chamados para socorrer uma alcoólatra. Ali encontramos a nossa querida irmã, que cada dia mais buscava no álcool a solução para seus problemas. Apaixonara-se pelo marido de uma de suas melhores amigas e a mãe e as irmãs agora queriam levá-la de volta à Casa Espírita. O marido, cheio de conquistas amorosas, nem se importava com o vício e o desespero da mulher. Só a Casa Espírita o incomodava. As noitadas, as fofocas, as futilidades, nada o perturbava. Mas se um filho, se a esposa ou esposo trabalha para o pobre e está tentando estudar a Doutrina, voltando para casa cedo — porque os estudos em uma Casa Espírita não devem passar de sessenta minutos — a família não aceita. No entanto, o marido pode ficar em um bar duas, três horas e a família nada fala. Entretanto, a esposa que serve a uns pobres coitados, até mesmo fazendo artesanato é criticada. A mulher fútil, que fica no cabeleireiro ou durante quatro horas nas academias, nos chás das fofoqueiras, ninguém critica, porque isso é comum na vida social de cada um. Trabalhar para a Casa Espírita consideram o fim do mundo, todos dão palpites e quantos são desprezados porque são leais ao Cristo! Muitas crianças vivem em turmas embaixo dos prédios onde moram, sem nada fazerem de bom para os outros. Mas irem à Casa Espírita, fazer o quê? diz muitas vezes o pai ou a mãe. Queira Deus amanhã não seja tarde demais.

— Sérgio, você gostou da posição de Timóteo, não é mesmo? indagou-me Enrico.

— Sim, e, confesso, cada vez que esse assunto é tocado, ficamos preocupados. Gostaríamos que todos abraçassem a Doutrina, que é Jesus em ação.

Timóteo enlaçou meus ombros e Enrico começou a cantar:
Venha, Cristo, Venha novamente Tirar do túmulo Quem nele
está. Venha, Cristo, Venha nos levar Para as moradas Da vida.
Queremos passear Nos bosques floridos, Passeamos a cantar:
Venha, Cristo, Venha tirar Do túmulo inerte Quem não sabe
amar. Venha, Cristo, Estamos a esperar.

Capítulo XLI

UMA VIDA VAZIA

Estávamos, outra vez, na Estação do Adeus, onde todos choravam muito. Fábio procurara a morte, atirando-se do quarto andar. Viciado em cocaína, não soubera como livrar-se dos traficantes: não tinha dinheiro para pagá-los e na casa não havia mais nada de valor para ser vendido. O pai era a figura do fracasso e o filho, de vinte anos, um farrapo humano. Olhando aquele corpo inerte, divisamos a luta daquele casal para libertar o filho das drogas. Mas Fábio não encontrou solução para o seu drama. Até em Casas Espíritas buscou ajuda, mas, infelizmente, muitas delas fecham suas portas aos viciados em tóxicos, alegando que os toxicômanos são casos de polícia. Enquanto isso, os lares estão sendo derrubados pelos vícios. A indiferença de alguns adeptos da Doutrina consoladora é entrave ao consolo e à orientação, não só aos jovens doentes como aos seus pais.

Continuei observando aquele corpo, com as veias quase todas necrosadas pelas picadas. Imaginei Fábio, ainda criança, sendo cuidado com todo carinho e amor, resguardado pelos pais, em seu lar e na adolescência, as más companhias, os barzinhos, onde a droga corre solta. Em alguns desses barzinhos o espelho⁶ é disputado a tapa. Os proprietários os colocam para que os

⁶ N.E. — Pedacos pequenos de espelho, usados pelos viciados para aspirar o pó.

usuários da cocaína se droguem. E ainda existem alguns políticos que fazem apologia das drogas... Fábio era um suicida que ali se debatia contra a morte, um morto-vivo, sem oportunidades, sem sonhos, sem esperanças. Não estudava, vivia sujo, com cabelos longos despenteados, brincos, enfim, uma figura estranha. E agora, diante do desencarne, sofria a segunda morte, pois ao querer livrar-se da vida física encontrara a realidade que só o Espiritismo prega: a vida além da vida, que não termina com a chamada "morte". Fábio chorava baixinho, tentando desvencilhar-se do corpo físico, todo quebrado. Mesmo desencarnado, via-se colado àquela matéria.

— Pamela, você está vendo o que eu estou vendo?

— Sim, Luiz. Fábio não consegue libertar-se do drama que viveu na hora em que se atirou do quarto andar.

— Podemos ajudar, Enrico? perguntei.

— Podem, não recordando a fracassada vida de Fábio. O que se torna preciso é orarmos para que ele possa desprender-se dos laços que o retêm junto ao seu corpo material.

Chegamos pertinho de Fábio e começamos a orar. Ele foi como que adormecendo, mas logo os comentários sobre a causa do seu desencarne o acordaram. Andei por entre os amigos encarnados da família, pedindo que orassem, mas ninguém me ouvia. Os pais, coitados, estavam tão perturbados que nem conseguiam orar. Os comentários eram terríveis: *sabe que Fábio batia no pai e na mãe, chegando a levá-los até os hospitais com braços e cabeças quebrados pelas pancadas que sofriam?* Enquanto falavam mal de Fábio, seus pais diziam: *coitado do nosso filho, foram os amigos que o levaram ao vício. Era um bom menino. Quando não estava drogado era um anjo, que a cocaína transformava em demônio.* Vendo que ninguém orava, juntamo-nos, os quatro — Enrico, Pamela, Plácido e eu. Com alegria, vimos que Fábio estava conseguindo afastar-se um pouquinho do corpo físico.

Mas se o homem soubesse mais sobre o suicídio, lutaria para não o praticar. É terrível o estado da casa mental daquele que põe fim à própria vida. O físico era ali velado com flores e velas, e a apenas uns centímetros separando os dois planos, desenrolava-se o desespero de um suicida. Enquanto isso, os encarnados permaneciam indiferentes: uns, por ignorarem o drama dos suicidas, outros, pensando: *por que orar por quem não quis viver mais?*

Estava-se aproximando o enterro e Fábio lutava para sair da cadeia da agonia. Nós tentávamos ajudá-lo, mas confesso que não conseguíamos. Foi quando um espírito muito iluminado se fez presente. Orou a prece de Cáritas, ficando nos nossos ouvidos a frase: *dai a luz àquele que procura a verdade*. O espírito foi orando e nós o acompanhamos. De repente, ouvimos um grito estridente. Confesso que por nos encontrarmos em prece, concentrados, as-sustamo-nos. O grito era de Fábio que, apesar de haver conseguido se desprender do corpo físico, relutava em se levantar. Só lhe vinha à mente a cena fatal. Segurou a cabeça com as mãos e quis sair correndo. Procuramos os laços que ligam o perispírito ao corpo físico. Eles se encontravam esgarçados, triturados pela violência do suicídio. A família gritava. Era o momento de fechar o caixão. O espírito de Fábio, completamente enlouquecido, buscava uma explicação para tudo o que lhe estava acontecendo.

— Ele vai ficar penando no cemitério, Enrico?

— Não, Luiz, os socorristas estão tentando prestar-lhe auxí-

Procurei os socorristas e confesso que não os vi. Perguntei a Pamela:

— Onde eles estão?

— Orando para que Fábio deseje ser socorrido.

Permanecemos em prece, mesmo quando o corpo de carne já descia à sepultura. Nada mais a fazer, Enrico despediu-se. Olhamos para trás, procurando aquele espírito que só deu

preocupação aos pais, roubando-lhes os seus melhores anos de vida, tomando o lar, que o recebeu com amor, em uma casa de sustos, lágrimas e tristezas. Fábio, sem piedade, não poupou seus pais, transformando as suas vidas num inferno. Agora se encontrava debatendo-se na agonia dos remorsos, não sabendo o que fazer, que rumo tomar. Tomo a dizer: a Terra só vai melhorar no dia em que forem ensinadas nas escolas as verdades espirituais. Só assim o jovem se conscientizará de que ele não veio à terra para brincar com os sentimentos dos pais, mas para crescer intelectual e moralmente; para aprender que sem evolução não existe amanhã. Aproveitamos para perguntar: *quando serão construídas as escolas espíritas?*

Dali voltamos para as nossas colônias, onde recebemos muitas orientações sobre o que havia sido visto no plano físico. Passado algum tempo, fomos chamados de volta ao trabalho. Enrico levou-nos à casa de Fábio e, com alegria, vimos os pais mais recuperados; a preocupação havia cessado com o seu desencarne. Aquela família, que antes nem acreditava nos espíritos, agora vivia em busca de notícias. A mãe de Fábio lia uma mensagem onde ele dizia estar muito feliz, que fora socorrido e já se encontrava trabalhando. A carta era longa, o que fez os pais felizes.

— Mas, Enrico, só se passaram quinze dias e o Fábio, que me pareceu tão perturbado no dia do seu desencarne, já está tão bem?

— Luiz, é um sério problema, que não sabemos como abordar. Os pais de Fábio nada conhecem do Espiritismo e encontraram esse médium que diz que a mensagem é do filho. Os pais sonharam com uma vida digna para ele, entretanto, Fábio nada quis fazer de bom enquanto esteve no plano físico. Hoje, quando os pais recebem uma carta dele, dizendo estar estudando e trabalhando é uma glória. Como pode o filho antes preguiçoso, que nada queria com os estudos nem com o trabalho, agora que

desencarnou já parecer outro homem, bom, respeitável e trabalhador?

— Enrico, está certo o médium fazer isso?

— Não somos nós, Luiz, que vamos condenar alguém. Isso acontece com aqueles que nada sabem dos espíritos e encontram médiuns vaidosos, que são adorados por essas famílias sofridas.

— Como desmascarar esses falsos profetas?

— Luiz Sérgio, temos trabalho demais e não seremos nós que iremos desmenti-los. Nada como o tempo, porque ninguém engana indefinidamente. Mas coitada da Doutrina Espírita! Para os incrédulos, quando essa carta for mostrada, quem irá receber os açoitos será o Espiritismo. Qualquer um, por mais antiespírita que seja, sabe que ninguém muda em quinze dias. A "morte" não transforma a personalidade do homem, ela apenas o coloca nu diante da sua consciência.

— Enrico, mas os pais de Fábio estão tão contentes que nem condeno a atitude do médium.

— A atitude do médium é a de um charlatão, Luiz, porque está brincando com os sentimentos de quem está sofrendo. E depois, essas cartas são antidoutrinárias, porque a Doutrina ensina a moral e a responsabilidade de cada um. Se o Fábio, quando encarnado, só causou dores e sofrimentos, e ainda mais se suicidando, como pode com quinze dias estar em paz? Quem ficar a par disso pode dizer: *então vou 'aproveitar "a vida, fazer de tudo, não lutar para ser digno. Posso suicidar-me que serei socorrido e levado para um hospital e de lá mandarei mensagens*, o que é uma tremenda mentira. O espírito, por mais que tenha tido uma vida honrada no plano físico, com quinze dias de desencarne ele ainda está perturbado; imagine um jovem que nada fez de bom e ainda se suicidou... Poucos espíritos, com quinze dias, um mês de desencarne, já se encontram aptos a mandar mensagens. Francisco Cândido Xavier iniciou esse trabalho de mensagens com toda a proteção de Emmanuel.

Agora, um médium iniciante, sem equilíbrio, sem disciplina, desejar iniciar a sua mediunidade já adentrando um dos mais difíceis trabalhos mediúnicos é pretensão demais. Esse médium necessita, urgentemente, buscar uma Casa séria e trabalhar junto aos médiuns equilibrados, que irão analisar os seus escritos antes que eles saiam às ruas. O médium iniciante não deve ter pressa de passar rapidamente pelos grupos de estudos para ser encaminhado aos grupos mediúnicos, com o intento de receber mensagens dos espíritos, principalmente dos recém-desencarnados. O médium que corre ligeiro para pescar pode pegar peixe podre. Tudo tem seu tempo e os grupos de estudo são destinados a preparar os médiuns para uma nova etapa de trabalho junto aos espíritos e aos encarnados. O médium que deseja uma mediunidade gloriosa tem de iniciar a construção do reino de Deus no coração, com as pedras do dar sem receber. Não adianta dizer-se espírita e fugir dos estudos, fugir dos trabalhos da caridade, fugir da auto-evangelização, fugir das inúmeras oportunidades que a Doutrina lhe oferece. Esses fatos desagradáveis só acontecem com os médiuns orgulhosos, que nada sabem da Doutrina. Os médiuns verdadeiros estão ocupados com os seus afazeres e não têm tempo de sair por aí levando mensagens de recém-desencarnados. A Doutrina Espírita chegou para elucidar e não para fermentar a vaidade do homem. Sentimo-nos muito tristes ao constatar as inúmeras mentiras em relação às mensagens de recém-desencarnados.

— Há dias, Enrico, fomos chamados por uma família que desejava agradecer-nos por termos socorrido seus dois filhos. Na verdade, fomos chamados, lá comparecemos, mas nada pudemos fazer. A médium que dizia nos receber não tinha condição de fazê-lo. E quanto aos primeiros socorros, não fomos nós que os prestamos, para isso existem equipes capacitadas. Todas as vezes que pudemos socorrer alguém tínhamos ao nosso lado um espírito preparado para esse trabalho. Nem todos os jovens que

desencarnam são assistidos por nós. Confessamos que não temos esse poder; são inúmeros os jovens que desencarnam todos os dias, hoje eles estão desencarnando mais que os velhos. Muitos julgam que, por trabalharmos com os jovens, socorremos todos os que desencarnam. Gostaríamos que assim fosse, mas a vida espiritual obedece a uma programação divina. Existem muitos espíritos que também trabalham com os jovens e equipes que só cuidam dos desencarnes. O que aconselhamos aos médiuns é buscarem os estudos, só ele modela a mediunidade. Sem estudo, a mediunidade é um barco sem vela. Nada mais triste do que um médium dizendo que vê, mas não vê; que psicografa, mas não psicografa; que ouve, mas não ouve.

— O médium existe, Luiz, para ser o intermediário dos espíritos, emprestar-lhes as suas cordas vocais, as suas mãos e não para brincar com eles. Quem tem coragem de dizer a uma família que seu filho está escrevendo mensagem com um mês ou quinze dias, depois de uma "morte" trágica, não é um trabalhador do Senhor.

— Enrico, você tem razão, não existe "mentira piedosa", existem verdades para serem ditas, e estas têm o tempo certo para serem reveladas.

— Todos aqueles que dão trabalho na Casa Espírita são os que não estudam e não servem ao Centro. Eles estão sempre reclamando de alguém ou da própria Casa. E o pior é que quando eles agem mal, é a Casa que recebe os açoites. Quando o médium liam, nem o jornal. Eram os bonitos, os ricos, os poderosos. Passamos a observar Cristina, que mais parecia irmã de Henrique e Pablo: corpo queimado pelo sol e modelado pelas boas academias de ginástica.

— O que será que essa gente pensa da morte, Enrico?

— Muitos são tão orgulhosos que julgam que só os pobres desencarnam.

A casa, um palacete. Para cada um dos filhos, uma suíte.

—É, Enrico, deram tudo a Pablo e a Henrique, mas se esqueceram da religiosidade e o homem precisa de Deus para bem viver no plano físico.

Oramos naquela bela mansão, depois Enrico e Pamela convidaram-nos para voltarmos à Estação do Adeus. E, assim, logo lá estávamos.

Os corpos dos garotos já tinham sido separados, mas ao lado, na capela espiritual, os dois choravam muito, inconformados com a "morte". Pablo buscava o corpo físico, como que desejando voltar a ele. No entanto, o corpo, cultuado nas academias, ali não passava de um amontoado de carne, triturado pelo impacto do acidente.

— Eu não quero morrer, sou tão jovem, ajuda-me meu Deus! suplicava Henrique.

Pablo gritava pela mãe e pelo pai:

— Papai, você, que tem tanto dinheiro, não me deixe morrer!

Aqueles dois jovens, que julgavam que nada pudesse lhes acontecer porque eram ricos, como se encontravam desesperados! Poucos momentos depois, a mãe, a irmã, enfim, todos foram chegando. Mas os dois espíritos, mesmo desligados do corpo físico, tinham nas suas casas mentais a aflição de agora terem de enfrentar a dura realidade do mundo espiritual, mundo que os gananciosos e os pobres de amor relutam em nele viver ou ensinar aos filhos a descobri-lo. É mais fácil ensinar o caminho do materialismo do que o caminho da perfeição. Henrique, com vinte e dois anos, e Pablo, com vinte, ali deitados, nada estavam compreendendo e o pior é que eles nem imaginavam como tinham ido contra os planos de Deus. A capela era uma sala de visitas, onde os pais estavam recebendo os amigos para a dolorida despedida. Perguntaram à mãe dos meninos:

— Vamos chamar um padre?

— Não quero ninguém, sou comunista, não acredito em nada, nem em Deus.

A avó começou a chorar ao ouvir da filha tal disparate. Olhei aquela bela mulher, que nos pareceu ter saído das páginas das revistas de moda, de tão bem tratada, e não pude deixar de rir. Comunista, socialista, aquela mulher não era mesmo, ela era materialista, um ser sem ideal, um ser para quem só as coisas palpáveis têm valor.

— Será que ela sabe que pobre come? indagou Pamela.

A mulher, que ali chorava, era tão fútil que mesmo diante da dor fazia pose para os fotógrafos. Cheguei perto dos garotos. Eles me olharam com "aquele" olhar de desprezo. .

— Oi, como estão passando?

Pablo olhou para Henrique e perguntou:

— Conhece o palhaço?

— Nem passa por minha cabeça um dia tê-lo conhecido.

— Desculpe-me, mas vocês não poderiam ter-me conhecido, tenho vários anos no plano espiritual; mas eu os conheço porque trabalho contra os tóxicos e vocês dois gostam muito deles, não é verdade?

— Cale essa boca, ninguém sabe de nada! disse-me Henrique.

— Engana-se. Estão nas mãos da polícia todas as drogas que vocês carregavam no carro.

— Por favor, nossos pais não podem saber.

— Sinto muito, mas nós só socorremos os doentes quando eles o desejam, o que não é o seu caso.

— Engana-se, faremos tudo o que você desejar, desde que abafe o escândalo. Era só uma festinha de adolescentes.

— Adolescentes? Com tudo que é tipo de drogas? Só uma festinha?

— E depois, não sei por que temos de lhe dar satisfação, interveio Pablo.

— Acho que ele trabalha aqui, ponderou Henrique.

— E coveiro? perguntou-me Pablo, rindo.

— Não, não sou coveiro. Trabalho com livros espíritas e também com recuperação de drogados.

Nisso, Henrique começou a gritar. Tinham fechado o caixão. Mesmo na enfermaria, ele sentia como se estivesse dentro dele. Pablo também e logo acabou a petulância. Ele se fez manso, chorando, chamando os pais. Quantos pais estão matando os seus filhos não lhes dando educação religiosa! Não importa qual seja a religião, mas todos os jovens necessitam da proteção de Deus, principalmente quando a violência adentra vários lares. Jovem sem Deus', jovem doente. As crianças crescem, sem ao menos dar bom-dia para alguém. Por quê? Os pais não têm tempo de ensiná-las. Dormem e amanhecem sozinhas, porque aquele que nem sabe dizer bom-dia dorme e acorda consigo mesmo.

Quando os corpos desceram à terra, os dois precisaram ser medicados. Pablo gritava o nome da namorada. Henrique, muito estranho, apenas recordava as coisas materiais. E os pais choravam muito. Aquela mulher, que desde o nascimento dos filhos nunca encontrou tempo para cuidar deles, estava sentindo saudades. Cristina jamais passou uma noite acordada com seus filhos, jamais brincou com eles. As babás eram suas mães. Nesse mundo de materialismo é que cresceram Pablo e Henrique. E agora ali, na Estação que iguala os homens, ela devolvia ao plano espiritual os filhos que ela, escrava da vaidade e do orgulho, não soube educar. Desde crianças Pablo e Henrique só sabiam consumir. Agora, aqueles dois espíritos, que tanto necessitavam de oração, buscavam a família, mas esta considerava que qualquer religião aprisiona o homem.

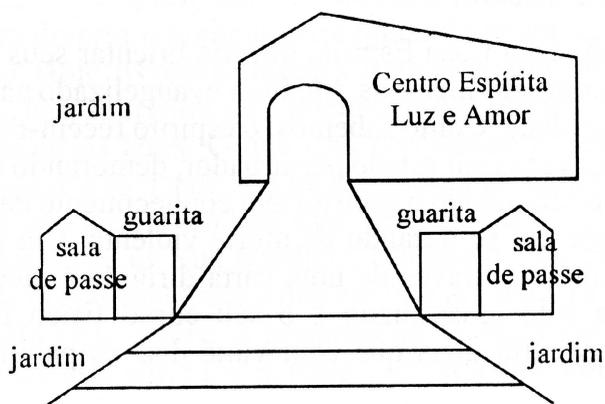
Pamela chegou bem perto deles e iniciou uma prece. Pablo falou:

— Detesto beato, nossos pais nos ensinaram a liberdade.
Pamela calou-se. Fomos saindo, orando baixinho.

Capítulo XLIII

SOCIEDADE SEM DEUS

Enrico convidou-nos a irmos a uma Casa Espírita, pois sempre precisamos fortalecer-nos, principalmente quando passamos muito tempo no plano físico. E assim, logo estávamos no Centro Espírita Luz e Amor. No jardim, fomos recebidos por Natanael, um dos guardiães da Casa. Ali mesmo, na guarita, existia uma sala especial para os passes.



Fortalecidos, adentramos a Casa Espírita onde a irmã Emy esperava-nos. Levantou-se e nos recebeu com aquele SOITÍSO carinhoso. Logo estávamos com ela e outros irmãos que trabalham na parte espiritual do Centro. Ela dizia a Enrico das

imensas dificuldades que a Casa vinha enfrentando. Ninguém queria pagar a mensalidade e quando convidados a fazer um almoço ou um bazar, poucos trabalhavam. O presidente da parte física do Centro tirava do próprio bolso o salário dos funcionários, as despesas de luz e água. Afora isso, a parte doutrinária era perfeita, tudo obedecia aos postulados espíritas: chegando à Casa, o iniciante recebia orientação, seguida do tratamento espiritual; após isso, se apresentavam à primeira fase dos estudos, passando pelas segunda e terceira fases; ao final, a quarta fase. Após examinado por irmãos capacitados, logo era encaminhado a um grupo de educação mediúnica.

— Aqui, dizia a irmã, ninguém tem autorização para falar sobre quem foi quem, em outras vidas. Os orientadores têm de ser simplesmente auxiliares, de acordo com a necessidade de cada um.

— Por que alguns médiuns adoram dar mensagem de recém-desencamados? indagou Pamela.

— Não achamos que seja por mal e sim por uma vontade muito grande de ajudar. Mas nem sempre temos condição de auxiliar, não é mesmo?

— Irmã, cada Casa Espírita deveria orientar seus dirigentes a evangelizarem seus médiuns. Médiun evangelizado nada faz que vá contra a verdade. Como sabemos, o espírito recém-desencama-do fica muitas vezes em estado perturbador, demorando a voltar ao normal, a não ser quando o espírito tem conhecimento da "morte", principalmente em se tratando de morte violenta. Um dia desses fomos consultados através de uma carta dirigida à médium. Um jovem havia sido assassinado e o seu corpo físico ficou todo deformado. A carta dizia que com vinte dias os pais receberam mensagem do jovem, feliz com o desencarne. A carta levou o consolo àquela

família, mas quem conhece a Doutrina sabe que não é verdade. Ele deveria ter sido uma ótima pessoa, excelente filho, enfim, um ser humano bom, quase sem defeitos, para sofrer uma desencarnação violenta e ela não ter atingido o seu espírito. Esse jovem dava trabalho aos pais, vivia embriagado e drogado. Só levava desespero para sua família. Como, de uma hora para outra, sofrerá uma transformação apenas porque desencarnara? É difícil de aceitar, não?

A irmã sorriu.

— Ainda se fantasia muito a morte, Luiz. Ela nada tem de fantástico, é um fato corriqueiro da própria vida. Só quem vive corretamente no corpo físico sabe desencarnar bem.

— Sendo conhecedora do nosso trabalho neste livro *Na Hora do Adeus*, gostaria que a irmã nos dissesse o que mais ocorre com os espíritos recém desencarnados quando são trazidos para esta Casa.

— Hoje, no plano físico, a cada minuto alguém tomba pela violência. É uma sociedade sem Deus, onde se vê a família agredida com imagens fortes de sexo, de violência, quando senta em sua sala para descansar e se distrair. As imagens que o homem leva para a cama, na hora de dormir, não são das mais tranquilas. Antes, a arte existia para divertir o homem, para relaxá-lo de um dia estressante de trabalho. Hoje, os pais de família, fatigados pela corrida aos bens temporais, não se livram da violência e dos abusos do sexo nem em seus próprios lares. O que está precisando urgentemente é o homem buscar a fé. Deus não Se distanciou do homem, o homem sim, é que não deseja lembrar que Deus existe. E sem Deus, sem amá-Lo, sem crer na Sua bondade, o homem fica cada vez mais apegado às coisas materiais e não crê que um dia terá de desencarnar. Quando isso ocorre, a perturbação se aloja em seu espírito materialista e este sofre por demais. Deixar a casa

bonita, o poder, as viagens internacionais, os hotéis de luxo, as jóias, os cartões de crédito, todas essas coisas fazem dele um prisioneiro da carne e do desespero.

— A Doutrina Espírita, irmã, ensina aos seus adeptos a caridade; sem a renúncia dos bens terrenos não existe evolução. Não se concebe um espírita avaro; não se-concebe um espírita orgulhoso.

— É, Luiz, tem razão. Mas a cada dia os homens mais se apegam ao conforto do mundo físico e se distanciam do conforto da fé e do amor a Deus, que é eterno.

— Irmã Emy, sabemos que o presidente encarnado desta Casa encontra dificuldade quando se trata de pedir auxílio não só para os pobres como para as despesas da Casa.

— Seria muito bom se os presidentes das Casas Espíritas jamais precisassem pedir algo aos seus freqüentadores. As Casas Espíritas estão no plano físico e, sendo tão materiais, infelizmente precisam, para o seu funcionamento, das coisas que a Terra tem. E o dinheiro é o óleo que lubrifica toda essa maquinaria. Sem dinheiro pára o progresso material da Terra. Ele é a mola de tudo. Se não pagamos a conta da água, ela é cortada; assim também a energia elétrica; se não trocamos a telha quebrada, que custa dinheiro, a chuva estraga o resto da Casa; se a pintura está ficando velha, temos de repintar o Centro, e com tudo isso se gasta muito. Ignorar as necessidades materiais da Casa é desconhecer a parábola de Jesus. *Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César*. Devemos amar infinitamente a Ele e às Suas criaturas e dar a César o que é de César, saldando todos os compromissos, pagando em dia as contas, cuidando da propriedade. Renegar o que a terra nos dá também não é certo. Temos de respeitar o que é do mundo físico, todavia, tudo devemos fazer para não nos tomarmos seus escravos.

Beijei as mãos de Emy e Plácido e Pamela fizeram o mesmo. Despedimo-nos.

Capítulo XLIV

CONSEQUÊNCIAS DA INFIDELIDADE

O leitor deve ter notado que eu pouco falo de Plácido, é que esse amigo está sempre fazendo as anotações necessárias para o conteúdo deste livro.

— Quero que saiba, Plácido, que aprendi a amá-lo. Você, Pamela e Enrico estão materializados no meu coração. Aprendemos muito com você, Plácido, sempre fazendo apontamentos tão valiosos para o livro.

— Luiz Sérgio, cada companheiro que conquistamos é uma árvore que plantamos. Feliz do homem que jamais fica sozinho, pois sempre encontra uma sombra amiga para abrigá-lo. Preocupamo-nos muito com o comportamento dos encarnados na hora do adeus, sendo essa a causa da nossa presença nesse grupo amigo. Um dia estávamos em uma dessas inúmeras Estações, quando assistimos a uma cena desconcertante: o senhor Lauren havia sido assassinado e suipreso ficamos quando o próprio assassino era quem cuidava de todo o funeral.

— E a vítima, Plácido?

— Seu espírito gritava, acusando-o, mas ele nem se importava, estava feliz pela morte daquele que tanto mal lhe causara.

— É verdade, Plácido?

— Ele não só consolava a esposa, como também se sentia triste pela "morte" do ex-amigo.

— E a causa disso tudo?

— Mulher. O seu grande amigo, que agora jazia ali, inerte, tinha-lhe roubado a filha. A jovem estava apaixonada pelo amigo do pai. E este não aceitava o namoro.

— E foi descoberto?

—Sim. A própria moça delatou-o ao pai. Poucos acreditaram, mas ela contou com detalhes todo o seu romance. A agonia de Lauren diante do seu algoz chegava a ser cômica. Ele gritava e queria correr para enforcar o seu assassino, mas os laços embaraçados o detinham; mesmo assim, ele tentava atingi-lo.

— Plácido, que história mais triste! Como deve ser terrível j descobrirmos que quem respeitávamos não nos era fiel!

— Antes de sermos chamados para este serviço, fazíamos algumas anotações sobre os fatos lamentáveis que ocorrem na hora do adeus.

— Verdade, Plácido, você pode nos contar? Ele sorriu e começou:

—Numa dessas despedidas de conhecido homem público, na hora do sepultamento iniciaram-se os discursos. Discurso aqui, discurso ali, ninguém agüentava mais, quando um bêbado, que estava deitado em um dos bancos de uma sepultura, começou a gritar: *viva o morto, viva o vivo! Viva, viva, viva!* Ele nem precisou completar, era só gente correndo. Dizia ainda o bêbado: *cala a boca, vê se deixa a gente dormir, o morto está cansado. Descanse em paz, companheiro!* Quem discursava calou-se e quem não correu procurou sair ligeiro dali.

Continuou Plácido:

— Outra vez, uma irmã estava sendo velada e seu grupo orava e cantava. Ela, recebendo a assistência necessária, a seu pedido ficou em uma maça deitada perto do caixão. E o povo cantava e orava. A irmã cochilava daqui, dali e em certo momento sentou-se e gritou: *calem-se, estou com sono, quero dormir!* Sua voz, devido à presença ali de vários médiuns, materializou-se e todos puderam ouvi-la. Foi um Deus nos acuda. Era gente correndo e outros até caindo de susto.

— Por que tudo isso? perguntei.

— Medo, muito medo.

— Como isso pôde acontecer, Enrico? Foi uma materialização de voz?

— Sim, a irmã, de tão desesperada, utilizou-se da voz imantada de alguns dos presentes, o que tomou possível a sua materialização.

— A capela ficou vazia? interoguei.

— Sim. Até que foi bom, pois a irmã tirou alguns cochilos.

— Veja como são as coisas: nós pedimos para os que chegam nas capelas que orem ou cantem, para um real desprendimento, e agora acontece isso? falei.

— Cada caso é um caso, mas mesmo assim a oração e os cânticos são bálsamos que muito ajudam os que estão fazendo a grande viagem de volta à "Casa do Pai".

— Conte aquela do bêbado, Plácido, pediu Pamela.

— É, essa aconteceu aqui no Brasil. Durval era um "alcoólatra social". Aqueles ditos grã-finos, que gostam de boteco e lá passam várias horas. Teve um mal súbito e veio a desencarnar. Os amigos foram avisados e o seu velório foi rápido, a família não gostava de enterro. Na hora de levar o corpo à sua morada, os amigos de botequim é que estavam carregando o caixão. Mas estavam tão bêbados que mal suportavam ficar de pé e o caixão era balançado de um lado para outro. Quando chegaram perto da campa, quiseram colocar no chão o caixão, mas o álcool era tanto que eles caíram junto ao caixão, e um deles, meio gordinho, foi parar na cova recém-aberta que, devido à chuva, acumulara alguma água. Esse que caiu na cova gritava e xingava os encarregados da Estação. Muitos riam, outros, preocupados, tentavam retirar o bêbado do buraco. A família desesperou-se ao constatar que o caixão que custara muito caro encontrava-se quebrado. Foi um disse-que-disse... Uns diziam que Durval desejava levar o seu fiel companheiro, aquele que fez uma visita a uma campa,

mesmo ainda no corpo físico. Quando saiu, muito sem graça, o seu temo era barro só.

— Plácido, tudo isso e ainda mais acontece na Estação do Adeus. Feliz daquele que ao levar o seu ente querido o faça com leal procedimento evangélico. O homem, quando se propõe a se despedir de alguém, tem de comparecer bem vestido. Quando dizemos bem vestido não queremos dizer enfeitado, mas sim discretamente vestido. Não se concebe assistir em uma capela a um desfile de modas ou as tais bermudas, minissaias, enfim, roupas do dia-a-dia, não apropriadas para uma despedida, onde as pessoas estão sofrendo tanto.

Pamela contou o seguinte: y

— Há tempos fomos também a um enterro de um político, cuja esposa — segunda ou terceira, não sei — adquiriu um vestido preto para a ocasião e, por sinal, na hora do enterro as câmeras de televisão retrataram uma bela mulher, muito bem arrumada, assim como os que dele foram despedir-se.

— Mas isso não faz mal ao que partiu, não é mesmo, Enrico?

— Luiz Sérgio, mal não faz, mas perturba. Quem desencarna precisa de leais amigos que lhe transmitam esperança na nova vida que irá iniciar.

— E as tais brigas entre a esposa e a "outra"? É filho chegando e o espírito, que até ali soubera contornar tudo, vê-se impotente diante da realidade. Como aconteceu com Elizete. Ela amava Paulo e com ele tinha um casal de filhos. Paulo, homem muito bem cuidado, era excelente pai e marido carinhoso. Elizete nem desconfiava que ele tinha outra. Mas a morte o surpreendeu aos quarenta e cinco anos, trazendo uma confusão que ele jamais podia imaginar. Na hora do adeus, quem chega? Suzana, com dois filhos de Paulo, de seis e oito

anos. A esposa não acreditou no que viu. O desespero de antes cedeu lugar à revolta. Suzana gritou, tendo as duas crianças pelas mãos. A esposa, desesperada, não sabia o que fazer. O filho de Paulo pediu a Suzana que se retirasse. Ela gritou *^ todos estes anos fiquei escondida, agora, nas últimas horas do meu amado, nada me tirará daqui!* Elizete, que antes segurava a mão do marido com carinho, não sabia o que fazer. A filha aconselhou-a a chamar a polícia. Com surpresa, constataram que ninguém podia fazer nada, aquelas crianças eram filhos de Paulo e Suzana, que fora sua companheira durante dez anos. Os amigos a conheciam. Paulo levava Suzana ao supermercado, ao teatro, ao cinema e jamais cruzaram com alguém da família.

— Como pode? E o que aconteceu depois?

— Um amigo de Paulo pediu a Suzana que ela ficasse quietinha, sem provocar escândalo. E ela, como dona do morto, não arredou o pé de perto do caixão. Elizete, olhando pela última vez o marido, foi-se retirando devagar e algumas pessoas a acompanharam. Suzana, a mulher que durante anos foi a "outra", ali assumia o seu relacionamento com Paulo. A filha e o filho de Elizete ali ficaram para manter as aparências. Enquanto isso, Paulo, do outro lado da vida, em desespero, implorava a Suzana que não fizesse aquilo com Elizete, uma esposa perfeita; seu único mal foi tê-lo deixado nas garras de Suzana, que o mantinham preso a ela. Paulo chorava e pedia que Elizete o perdoasse. Suzana, com ar triunfal, mantinha-se ao lado de Paulo, junto àquelas crianças que não tinham idade para compreender o que estava acontecendo.

— Meu Deus, falei, pobre Elizete, naquele momento é que devem ter começado suas dores. Na hora da partilha, o vencimento será repartido, enfim, todos os bens serão divididos,

pois existem menores. É uma briga penosa, onde duas mulheres disputam a herança de um homem.

— Elizete não teve forças para encarar Suzana, deixou Paulo sendo velado por ela. Entretanto, também já assistimos a outro enterro que quando a outra entrou na capela para velar o corpo junto à esposa sofrida, esta, em uma crise de loucura, jogou sapato, vela, flores, coroa, tudo sobre a outra que, apavorada, fugiu. A esposa não saiu dali mesmo diante das caras curiosas de alguns ditos amigos. A partilha foi feita como manda a lei, mas no velório do corpo venceu aquela que lutou por ele.

— Pamela, existem esposas adoráveis e vítimas de maridos infiéis. Mas também existem as "outras" dignas e muitas vezes mais esposas do que as ditas verdadeiras. Há mulheres que se propõem a uma situação desagradável de ser a "outra", e nada desfrutam a não ser o amor do homem escolhido.

— Tem razão, Luiz, quem ama verdadeiramente não leva o ser adiado ao ridículo, mesmo deitado em uma capela, inerte. Achamos que a hora do adeus não é o momento de alguém se considerar dono daquele que desencarnou. O que ama e respeita jamais irá até o cemitério reclamar por direitos que até ali eram desconhecidos muitas vezes pela família daquele que partiu.

— Cada caso é um caso, disse Enrico. Claudine viveu ao lado de Leonel durante vinte e cinco anos. Era a "outra". Tiveram três filhos. Político, vivia viajando. A esposa, Dinorá, não desfrutava da sua companhia, ficavam sempre separados; ela aproveitava a posição do marido para dar festas. Claudine era para Leonel a esposa que trabalhava, lutava para o seu crescimento político. Dinorá, deslumbrada com o poder, só desfrutava dele, era orgulhosa e esposa indiferente. Tivera um único filho, que dele quase não cuidou, largando-o com as babás. Leonel era feliz com Claudine. Dinorá nunca soube, ou melhor, jamais quis saber da vida amorosa do marido. Chegou a "morte" e com ela as homenagens, os jornais. Claudine, uma figura sofrida, juntou-se

à multidão, assim como os seus filhos, e de longe chorou a partida do companheiro. No silêncio da sua dor, tudo fez para manter-se no anonimato. Não seria ela quem iria jogar pedra na figura amada de Leonel. Tudo faria para que o povo continuasse amando-o. Claudine era uma página no livro da história de um grande homem, mas que foi extremamente infeliz na sua vida familiar. O grande amor não é aquele que faz guerra, mas aquele que deposita no túmulo da vida uma rosa silenciosa de respeito àquele que parte. O certo é jamais construir a felicidade com a lágrima ou o desespero de alguém.

Enrico convidou-nos a irmos à casa de Ludmilla.

Capítulo XLV

CORAÇÕES APAIXONADOS

Ludmilla ficara viúva há poucas horas. O marido sofrerá um acidente e ela se viu sozinha depois de trinta e oito anos de casada. Quando lá chegamos, Ludmilla, reclinada sobre a cama, chorando e sentindo-se a mais infeliz das criaturas, era a figura do desespero. Os dois filhos não sabiam o que fazer. Ela só desejava morrer. Dizia: *perdi tudo. A morte desarrumou a minha vida. íamos passear na Europa. Estávamos fazendo tantos planos!...* Olhamos aquela mulher muito bonita, que agora não sabia viver sem o companheiro querido. Pamela perguntou a Enrico:

- E o marido, como está na espiritualidade?
- Muito mal, não se conforma com o desencarne.
- Que religião é a deles?
- Nenhuma, Pamela, pois nunca encontraram tempo para orar. A vida dos dois a eles pertencia. Nem os dois filhos tinham acesso a ela.

— São almas gêmeas?

— O casal, quando se une pelo matrimônio, assume o compromisso de multiplicar e não de estacionar. Esse casal se amou loucamente, mas nem com a chegada dos filhos eles se dividiram. Viviam apenas um para o outro. A nossa irmã era a bonequinha de luxo do marido. Amadeu era apaixonado pela bela esposa e ela por ele. Naquela manhã, ao se dirigir para o trabalho, o carro não obedeceu ao seu comando e bateu em um poste. Em alguns segundos Amadeu deixou o mundo dos negócios, o cargo que ocupava, a vida confortável. Vivia ele bem distante das coisas espirituais. De repente, projetado do mundo físico para o mundo dos espíritos, gritou pela mulher amada. E certificou-se de que aqueles que ele julgava fanáticos religiosos tinham razão: a vida não acaba com a morte. Ao contrário, ela é mais concreta, cobra muito mais do homem. Naquele momento, só desejou consolar a esposa. Cambaleando, ainda olhou o corpo todo destruído pelo impacto. Não quis ver mais. Aquele corpo tão bem cuidado jazia ali estático, sem vida. E quem era ele agora? Que corpo era esse que ele vestia, igualzinho ao que ficara junto a um amontoado de ferro retorcido? Apalpava-se e sentia algo diferente. Desejou comunicar-se com a esposa, contar-lhe antes que alguém o fizesse. Não soube como, mas logo estava ao lado da cama da esposa, que ainda dormia. Beijou seus cabelos, mas ela continuou a dormir. Foi quando a abraçou, que ela acordou, desesperada, gritando:

— Amadeu, Amadeu, meu querido! O que foi que aconteceu?

A serviçal correu para ajudá-la. Ele tentava falar-lhe do acidente, mas o som não saía, era como se falasse e as palavras se fundissem com o vento. Gritou, implorou que a esposa o ouvisse. Mas ela, desesperada, correu até o telefone, tentando ligar para o trabalho de Amadeu. Enquanto ela tentava, um dos filhos, assustado, adentrou o quarto, dizendo:

— Mãe, algo aconteceu ao papai...

— Não quero saber! Não quero saber! exclamava Ludmilla.

Junto ao filho estava o médico da família. Ludmilla gritava que queria o marido. Também não aceitou nenhum calmante. A dor daquela mulher era grande demais, um pedaço da sua alma desprendera-se e ela não sabia como ir atrás. Logo a casa ficou repleta de amigos. E dali em diante a vida de alegria, de sonhos e de esperança cessaria, dando continuidade a outra: de saudade, de lembranças e às vezes de desespero. Enquanto isso, Amadeu tentava dizer à esposa que ele continuava vivo, que o acidente apenas tinha-lhe estragado o corpo de carne. Mas ninguém o ouvia, e ele, aturdido, desmaiou, dando condição de ser socorrido. Quando Amadeu tentava acordar do desmaio, os gritos de Ludmilla o levavam ao desespero. Queria sair correndo para acalmá-la, mas os técnicos socorristas tudo faziam para tranquilizar o seu espírito.

E assim, estávamos vendo agora Ludmilla sentada naquela cama, onde durante tantos anos dormira com o marido. Julgava não ter forças para ver o pedaço do seu coração inerte em uma mesa. Gritava:

— Não quero vê-lo morto!

— Está bem, mamãe, não vamos abrir o caixão.

— Não o quero também no caixão!

— Está bem, mamãe, vamos cremá-lo.

— Deus me livre! Jamais vou queimar o Amadeu!

— Mamãe, precisa encontrar forças, o papai morreu, mas nós precisamos de você.

— De mim vocês não precisam, quem criou vocês foi a Sinhana, vocês não precisam de mim, quem precisa de mim é o Amadeu.

Aí, ela gritava:

— Amadeu, amorzinho, não me deixe!

Henrico convidou-nos a nos retirarmos. E logo estávamos na Estação do Adeus, onde já se encontravam alguns colegas do

falecido. Ficamos ali com a equipe socorrista, mas depois dirigimo-nos ao Instituto Médico Legal, para onde o corpo de Amadeu tinha sido levado. Com surpresa, constatamos que aquele espírito materialista ali se encontrava, presenciando tudo o que acontecia com o seu corpo físico.

— Não há um modo de fazê-lo adormecer? É penoso demais para o espírito tal cena, argumentei.

Reparei em outros espíritos que ali se encontravam e vimos, do lado de fora de uma das geladeiras, um grupo de irmãos socorristas orando pelo espírito que não tinha condição de sair de junto do corpo físico, tão embaralhados se encontravam os laços do seu perispírito. Aqueles obreiros do Senhor velavam o sono do irmão cujo corpo fora ali retido pela própria família, aguardando a hora do sepultamento. Aqueles espíritos eram os chamados "anjos da guarda" dos materialistas, daqueles que desencarnam e não desejam separar-se do corpo físico. Oram e cantam músicas de ninar.

— Se os que trabalham aqui pudessem ver a proteção deste Instituto, buscariam uma Casa Espírita, único lugar que explica a "morte", concluí.

Amadeu foi logo levado para a capela. À medida que nos aproximávamos, a tudo observávamos e, com os olhos cheios de lágrimas, demos continência aos que acabavam de chegar na Estação do Adeus: y

— Sejam bem-vindos, filhos de meu Pai!

Plácido enlaçou meus ombros.

— Plácido, por que os encarnados não procuram estudar a morte? Achamos mesmo que a Doutrina Espírita é o único remédio que pode aliviar a dor da separação que ocorre com o desencarne.

Vendo a capela repleta de flores, comentei:

— Quanto dinheiro jogado fora! Deveria existir uma entidade de amparo a qualquer instituição que se propusesse a receber os donativos referentes ao preço das coroas ofertadas ao desencarnante.

Reparando aquelas quarenta coroas, pensamos: *e crianças famintas em tantas creches!*

— Luiz, e os floristas? Eles também precisam viver, é o seu ganha-pão.

— Eles que vendam flores para casamentos e festas. Aos mortos, ou seja, aos encarnados, as flores, e aos vivos, ou seja, aos espíritos, os gestos sublimes da caridade.

Calamo-nos, porque naquele momento Ludmilla chegava com a família para ver o marido. Não tivera tempo de despedir-se dele porque ela estava dormindo quando ele saía de casa. Ao ver Amadeu deitado naquele caixão, gritou e sucumbiu à dor, desmaiando. Os curiosos diziam:

— Coitada, jamais quis os filhos por perto. Era só o marido que ela amava...

— Tem razão, eles eram uma só alma, nunca vi amor igual. Enquanto isso, um espírito que quando no corpo físico fora muito rico agora era um mendigo no mundo espiritual. Nada tinha feito de bom a ninguém. O mundo dele eram os negócios e a esposa. Os laços, os famosos filamentos do perispírito, com o impacto, estavam em desalinho, o~que levava Amadeu ao desequilíbrio. Ludmilla queria morrer e pensava até mesmo em se suicidar.

E assim, ali na capela, presenciávamos o desespero de uma esposa apaixonada. Do outro lado da vida, um homem que desde cedo encontrara o pedaço do seu coração e fizera dele a sua única razão de viver. Era um quadro muito triste. As forças de Ludmilla se foram, nem água ela queria beber. A tristeza era tanta que todo o seu metabolismo se alterara. O doutor Peter, um

dos médicos que dão assistência aos recém-desencarnados, disseram:

— Se ela não reagir, desencarnará. Veja como as suas rodas energéticas estão descolorindo-se.

Pensei comigo mesmo: *aqueles que amam não sabem viver separados*. Ludmilla preocupava os médicos, deitada em uma sala ao lado e quando tentava ver o corpo do marido, desmaiava de dor. E ele, cada vez que ela se desesperava, era como se recebesse novamente o impacto da hora do acidente. Amadeu estava completamente dementado. Queria ficar perto da esposa, mas o corpo físico ainda era um ímã que o atraía. Quando ele tentava se tranqüilizar, a voz interior de Ludmilla o chamava, suplicante.

— Será que não podemos fazer nada? Amadeu não tem pai, mãe, tios ou avós na espiritualidade? indaguei a Enrico.

— Não, todos estão ainda na carne. É uma família que poucas vezes sofreu a separação de um ente querido.

— Precisamos ajudá-los. Como estão sofrendo, os dois!

— Tem razão, Luiz, disse Enrico. Eles estão sofrendo, mas só eles podem encarar a realidade. Nós somos como os médicos: damos a receita, o doente é que tem de comprar o remédio e tomá-lo, se deseja curar-se. Pelo visto, ainda é cedo para os dois caírem na realidade.

— Esperamos que logo isso venha a acontecer.

Na hora do sepultamento, Ludmilla não teve condições de participar, foi levada para um hospital. Ela estava muito mal. Os filhos choravam baixinho, levando o corpo de Amadeu, executivo bonitão, bem vestido, muito bem na vida, três carros importados, bela mansão, com quadra de tênis, sauna, campo de futebol, vôlei, uma pequena academia de ginástica. E agora, Ludmilla teria condição de ainda usufruir de tudo isso? Não sabíamos.

De retorno à sua casa, andamos pelo jardim lindíssimo; uma pequena floresta com águas e pássaros o compunha. Os salões, muito bem decorados e adornados com quadros de pintores famosos, muitas vezes foram palco de festas comentadas pelos colunistas sociais. Tudo o que se pode falar de bonito e caro aquela mansão possuía. No entanto, uma nuvem negra de dor e desespero abraçava a alma de uma mulher rica, bonita, mas que durante quase toda a sua vida encarnada só se dedicara a um homem, o seu marido. Ludmilla não aprendeu a amai* os filhos nem os amigos. Ela era só Amadeu, e agora não sabia por onde recomeçar a viver. Ludmilla não reagia ao tratamento, não queria viver. E à medida que ela sofria, o pobre do marido fugia do socorro. Ambos estavam sofrendo demais.

— Como vai acabar esta história, Enrico?

— Luiz, não sabemos. Os coitados dos filhos, criados distantes dos pais, agora nem podem trabalhar, a mãe é uma criança que grita e chora de solidão. Estão fazendo de tudo, queira Deus eles encontrem o remédio.

Nisso, a velha serviçal dizia a Ludmilla:

— Senhora, o doutor Amadeu deve estar sofrendo em vê-la se suicidar.

— Sinhana, eu quero é morrer mesmo.

— Será que a senhora vai gostar lá de cima?

— Minha boa amiga, com o meu querido marido eu vivo em qualquer lugar, até no inferno.

— Cruzes, não diga isso! O doutor deve estar muito bem, ele era um bom homem, só não gostava de pobre.

— Também, Sinhana, como poderia Amadeu gostar de pobre? Ele sempre foi muito rico, filho e neto de milionários...

— É, dona Ludmilla, a morte iguala os homens. Não existe dinheiro que retenha alguém no corpo físico.

— Você tem religião, Sinhana?

— Tenho, sim, sou espírita.

— Quê? Macumbeira? Você, a quem confiei meus queridos filhos? E eles também são macumbeiros?

Nisso, Augusto, um deles, entrou:

— Não, mãe, não somos macumbeiros, tentamos compreender a vida e a morte. Somos espiritualistas. Agora, a nossa amada Sinhana é espírita, com conhecimento e prática.

— Meu Deus, vocês, na minha casa, ocultando-me tudo isso?

— Mãe, a Sinhana lê os livros espíritas, poucas vezes ela nos deixou para ir à Casa Espírita.

— É, não deixou porque os levava.

— Não, jamais nos levou, tanto é que não conhecemos a Doutrina que ela professa. Somos espiritualistas, porque acreditamos que existe algo além de nós. Agora, a Sinhana é espírita na alma, nos atos e além da vida.

— O que é isso, filho? interrompeu Sinhana. Não fale assim, sou um ser tão pecador!... Se eu fosse mais espírita teria dado a você e ao seu irmão uma educação religiosa.

— Dando-lhes algo em que não acredito? Considero aqueles que vivem atrás de religião uns fracos, necessitando de bengalas, porque não sabem viver sozinhos, afirmou Ludmilla.

Nisso chegaram uns amigos e o assunto foi cortado. Augusto saiu abraçado com a babá, que disse, sorrindo:

— Ela já está melhorando, começou a brigar novamente com a gente.

E Ludmilla chorava, chorava, junto aos amigos. Perguntamos:

— Será, Enrico, que essa mulher vai sobreviver à dor?

— Claro, Luiz, ela não é a primeira a ficar viúva nem será a última. Deus não deixa ninguém carregar a cruz maior que suas forças. E quando o filho se curva com o peso demasiado da cruz, logo corre alguém para ajudá-lo. Ludmilla em breve

encontrará uma nova razão para viver. Nesses anos todos ela viveu para o marido, jamais foi mãe. Agora ela vai redescobrir o mundo, respirar um novo ar, sozinha. Antes, Ludmilla e Amadeu eram como irmãos siameses, dois em um. Agora ela será ela mesma, e ele, ele mesmo. A morte não separou o sentimento e sim a posse que cada um tinha sobre o outro.

— Queira Deus esses corações apaixonados deixem de sofrer tanto, comentei.

Pamela, abraçando-me com carinho, disse.

— Venha cá, meu último dos românticos.

— Tem razão, Pamela, adoro histórias de amor. Não acredito em um mundo onde pessoas não se amam e temem dizer um ao outro: eu amo você. Quem vai demorar mais a se conformar com a separação, Enrico?

— Achamos muito difícil responder-lhe, Luiz, porque Amadeu vai necessitar do equilíbrio dela e ela do equilíbrio do marido. Para uma melhor compreensão, vamos buscar na bússola dos espíritas o seu livro: *O Livro dos Espíritos*, questão 306:

O Espírito se lembra, pormenorizadamente, de todos os acontecimentos de sua vida? Apreende o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo?

"Lembra-se das coisas, de conformidade com as conseqüências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante. Bem compreendes, portanto, que muitas circunstâncias haverá de sua vida a que não ligará importância alguma e das quais nem sequer procurará recordar-se."

a) — *Mas, se o quisesse, poderia lembrar-se delas?*

"Pode lembrar-se dos mais minuciosos pormenores e incidentes, assim relativos aos fatos, como até aos seus

pensamentos. Não o faz, porém, desde que não tenha utilidade."

Capítulo XLVI

A HORA DO ADEUS

Como vemos, Amadeu pode recordar-se de tudo o que ele passou no corpo físico, mas estarão mais vivas nas suas lembranças as coisas que fez e que hoje, no mundo espiritual, colhe as suas conseqüências. É que Amadeu, como qualquer outro espírito, só se lembrará das coisas que tiverem utilidade para o seu crescimento espiritual, tais como os remorsos. *O Livro dos Espíritos*, questão 307:

Como é que ao Espírito se lhe desenha na memória a sua vida passada? Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que se lhe apresenta à vista?

"De uma e outra formas. São-lhe como que presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros lhe permanecem mais ou menos vagos na mente, ou esquecidos de todo. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. Essa a razão por que, muitas vezes, evocas um Espírito que acabou de deixar a Terra e verificas que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de uma porção de coisas que te parecem importantes. E que tudo isso, pouco lhe importando, logo caiu em esquecimento. Ele só se recorda perfeitamente bem dos fatos principais que concorrem para a sua melhoria."

— Enrico, como é verdadeira esta passagem! Sempre temos dificuldade para recordar-nos de alguns nomes de amigos e familiares, e muitas vezes nem tocamos no assunto referente àqueles que já voltaram para a pátria espiritual. Alguns

familiares acham estranho citarmos pouco alguns parentes e falarmos muito sobre outros. E também porque relutamos em mandar, pelos nossos livros, notícias de familiares recém-desencarnados; não achamos prudente nem importante,

— Sabe por quê, Luiz? Os seus valores já são outros, a sua família cresceu muito e os seus atuais compromissos abrangem uma maior concentração de irmãos.

— Enrico, vemos alguns familiares apegados aos objetos daqueles que partiram. E outros, tão logo o desencarnado deixa o corpo, todos os seus armários são revirados e seus pertences doados. O que é certo?

— Na questão 311 de *O Livro dos Espíritos*:

A veneração que se tenha pelos objetos materiais que pertenceram ao Espírito lhe dá prazer e atrai a sua atenção para esses objetos?

"É sempre grato ao Espírito que se lembrem dele, e os objetos que lhe pertenceram trazem-no à memória dos que ele no mundo deixou. Mas, o que o atrai é o pensamento destas pessoas e não aqueles objetos."

— Enrico, fiz-lhe esta pergunta porque há dias presenciamos um fato muito triste. Uma irmã fazia coleção de perfumes, e mal acabada de desencarnar o marido começou a vendê-los. A cada vidro que saía da vitrine, o espírito chorava de tristeza. Acercando-nos dela, perguntamos: *por que chora se aqueles frascos de nada mais lhe servirão?* Respondeu-nos: *Luiz Sérgio, cada vez que eu comprava, com o meu vencimento, um vidro de perfume, era uma briga. Eu não tinha nenhuma vaidade, era o meu único vício. Mas meu marido odiava minha coleção e o que ele faz hoje é vingar-se de mim. Por isso choro de tristeza, por ele, pela sua maldade, não pelos vidros de perfume.* Enrico, achamos tudo isso muito

complicado: se dá-se, faz mal; se não se dá, faz mal. O que é certo, afinal?

— Tudo na vida obedece à disciplina.

— O que é disciplina?

— Respeito. Portanto, aqueles que respeitam o "morto" não lhe causam dor. Tudo tem sua hora e ter respeito é bom. Não esqueçamos que aquele que partiu tinha qualidades e defeitos, e que ninguém vira santo de uma hora para outra. Respeitar seus objetos é dever de toda a família. Ninguém deve tratá-los como se fossem trastes velhos. Eles estão impregnados dos fluidos de quem os possuía e só o tempo dissipará suas emanções. A espera se faz necessária. Quem ficou não pode ser escravo dos objetos, mas cada objeto que pertenceu ao desencarnado tem um pouco da sua história, e o espírito é sempre grato quando respeitamos a sua ausência.

— Enrico, conheço cada caso que o coitado do espírito ainda está quentinho no cemitério e se iniciam as brigas de partilha; até o chinelo é disputado a tapa.

— É, Luiz, a Doutrina Espírita é o farol das verdades espirituais, e feliz o dia em que este farol clarear os lares e as consciências.

— Todos os espíritas devem ler *O Livro dos Espíritos*, só assim ninguém vai dar conselhos errados. Gostamos muito de ler a questão 320:

Sensibiliza os Espíritos o lembrarem-se deles os que lhes foram caros na Terra?

Muito mais do que podeis supor. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, serve-lhes de lenitivo."

— Entretanto, existem aqueles sem conhecimento, que mandam os que ficaram esquecerem os que desencarnaram. Acho um disparate esses conselhos absurdos.

Se o leitor desejar conhecer melhor o assunto, leia a Parte 2^a, Capítulo VI, de *O Livro dos Espíritos — Comemoração dos mortos. Funerais*. Mas não podemos deixar de transcrever a questão 327:

O Espírito assiste ao seu enterro?

"Frequentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa."

a) — *Lisonjeia-o a concorrência de muitas pessoas ao seu enterramento?*

"Mais ou menos, conforme o sentimento que as anima".

Isto é, se aqueles que buscam a Estação do Adeus o fazem por respeito e amizade àquele que parte. Ir até lá por curiosidade e lá chegando não ter o mínimo respeito pelo "morto", muito mal faz para o desencarnante. Questão 329:

O instintivo respeito que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem consagrou e consagra aos mortos é efeito da intuição que tem da vida futura?

"É a conseqüência natural dessa intuição. Se assim não fosse, nenhuma razão de ser teria esse respeito."

' Hoje, o homem materialista está bem longe dessa intuição, por isso não respeita o corpo inerte que jaz deitado no caixão, muitas vezes coberto de flores. Mas esse respeito toma-se necessário "em todos os tempos e entre todos os povos". Aquele que parte vai despojado de tudo: seus pertences, seus objetos de estimação, sua família. Parte levando apenas a consciência por companhia, sentindo o peso da cruz da verdade sobre seus ombros. Portanto, leitor amigo, o corpo cadavérico que jaz em uma capela pode parecer-nos imóvel, sem vida, mas por detrás dele está um espírito que se despediu, às vezes de repente, precisando do nosso respeito, do nosso amor. Ele está indo sozinho, deixando muito da sua história na lembrança dos seus entes queridos. Como não

respeitá-lo? Como não ajudá-lo? Ele precisa muito libertar-se não só das recordações como de cada objeto que tocou e de cada lugar por onde passou. Agora, mais do que nunca, as lembranças estarão vivas em seu espírito e ninguém tem o direito de perturbá-lo, mesmo não acreditando que ele esteja vivo. Ele, do outro lado do caixão, que é a ponte por onde todos nós teremos de passar um dia, mantém-se vivo, de pé, lúcido, pelas preces dos familiares e amigos. Ele agora só nos pede silêncio e oração. O barulho perturba-o, os comentários infelizes dificultam a sua libertação. Os risos, a falta de consideração, as revoltas trazem-no de novo ao corpo cadavérico, frio igual à nossa indiferença, fato que lhe causa muito mal.

Portanto, leitor, quando você for despedir-se de um irmão, um amigo, um conhecido que está transpondo a porta da morte para a vida, ore em silêncio, dizendo-lhe: *que Deus o acompanhe* e tenha por ele o maior carinho e respeito. Ele levará na lembrança o seu nobre gesto, porque ninguém esquece aquele que um dia lhe estendeu a mão. Os que partem deixam tudo o que até horas antes lhes pertencia, como o chinelo, o travesseiro. Portanto, ninguém tem o direito de lhes causar dores e apreensões. Se você quiser prestar-lhe uma última homenagem, chegue bem perto dele para orar. Saiba que você não só o ajudou, como também será por ele muito lembrado. As capelas estão na Estação do Adeus e quando vamos até elas para despedirmo-nos de alguém, devemos fazê-lo por amizade e com respeito. Não é lugar para risos, barulho e comentários, é onde aquele que nos parece inerte está lutando para sair do fundo do poço, que é o corpo físico, subir as suas bordas e galgar o céu de tranqüilidade, que é o mundo espiritual. Essas horas, após o desencarne, são dramáticas, não só para a família, porém, ainda mais para aquele que retorna

ao mundo dos espíritos. Ele terá de lutar com a surpresa, com a realidade de que a morte não existe, com as verdades do novo mundo, onde já tem condição de ler as almas dos que ficaram. Ele está por demais fragilizado e ninguém tem o direito de zombar do seu momento de dor. Os materialistas, sem sentimentos, não deveriam comparecer à Estação do Adeus, pois é um local que pede a todos misericórdia e complacência. Como diz esta canção:

No silêncio da minha campa Busco o teu olhar de luz. O teu rosto me estampa, Pois é o rosto de Jesus. Nos meus passos de criança, Começando a andar, Trago tristes lembranças Que quero guardar. Cada rosto que fito Parece-me dizer: Agora és um espírito, Precisando crescer. Adeus, meus amigos, Logo estarei voltando. Não se preocupem comigo, Jesus está me levando.

^O Livro dos Espíritos, questão 309:

Como considera o Espírito o corpo de que vem de separar-se?

"Como veste imprecioso, que o embaraçava, sentindo-se feliz por estar livre dela."

Mas, junto a esse corpo, ainda luta o espírito para se adaptar a viver longe de tudo o que o servia.

o O o

Henrico e meus amigos Pamela e Plácido, aqui lhes deixo o meu coração, agradecido pelas horas que vivemos neste livro, que não é um clássico, mas raios de luz de cada um dos espíritos que vimos desamarrar-se dos laços que os mantinham no corpo físico. É um livro que talvez vá ajudar tanto os que partem quanto os que ficam. A nossa vontade é que em cada capela a música suave possa ninar aqueles que estão

despedindo-se. Gostaríamos de embalar em nossos braços todos os que choram de saudade; como não temos capacidade para tanto, quisemos escrever este livro que conta só um pouco do muito que acontece no lado espiritual. E tenha certeza, leitor amigo, que em cada despedida colocamo-nos de novo deitados em um caixão. Presenciando a dor de cada mãe, sentimos a dor do coração da nossa amada Zildinha, enfim, da nossa família. E a hora do adeus parece-nos novamente tão importante, que não podemos deixar de lhe dizer, leitor amigo, quando você for se despedir de alguém e o barulho se fizer intenso, ore, nem que seja sozinho, ajude o que jaz inerte, às vezes coberto de flores, em uma posição diferente da que dormimos aí, quando estamos no corpo físico. Quando dormimos, jamais alguém nos cobre de flores. Todavia, como um corpo rígido, sem o espírito, não pode protestar, ele ali está à mercê dos encarnados que muitas vezes nem o respeitam. Mas você, leitor, que leu este livro, daqui para frente vai saber que do lado do caixão está um espírito lutando para se desamarrar dos laços da vida física. Ore. Os que partem precisam de prece e de amor.

— Luiz Sérgio, onde está você? Luiz Sérgio, onde está você? Querido, você estava tão pensativo que julgamos que nem estivesse aqui.

— Tem razão, Pamela, eu não estava. Encontrava-me não apenas diante do caixão onde repousou meu corpo, mas de todos os daqueles que narramos neste livro.

Enrico me confortou, animando-me:

— Luiz, o seu caminho é um caminho de luz. Você leva a esperança a muitos dos seus leitores, é um aprendiz do livro espírita, sem pretensão alguma de se tomar um mestre, mas queremos que saiba que todos os edifícios necessitam da areia, e você, Luiz Sérgio, é uma areinha cujo brilho provém de

Jesus. Siga o seu caminho e terá sempre ao seu lado leais amigos. Vamos voltar às nossas casas. Espero que todos os espíritos que tivemos a felicidade de conhecer nos ensejem a oportunidade de visitá-los em suas colônias. Vamos, crianças, o jardim da Casa do Pai é a nossa morada.

o O o

E assim nós quatro fomos voltando para nossos lares. Olhá-vamos as árvores, os riachos, os pássaros, as flores que nos pareciam sorrir. Fitei aqueles três amigos e não pude conter as lágrimas. Pedi:

— Senhor Deus, por que não fez o mundo bem menor, onde todos nós pudéssemos ficar abraçados eternamente?

Enrico argumentou:

— Ele nos criou para um mundo sem adeus; nós é que nos separamos d'Ele e uns dos outros.

— Morro de saudades, Enrico.

— Eu sei, meu filho, também sinto muita saudade daqueles que passam pela minha vida. Mas fortaleçamos a fé, porque um dia estaremos juntos na eternidade.

Nisso, muitas folhas caíram sobre nós. Era um quadro encantador. Vimos como se uma imensa árvore jogasse todas as folhas sobre nós. Corri, pegando muitas num abraço. Os três me olharam, carinhosamente. Eu parecia uma criança, brincando com as folhas das árvores de Deus. Como não cessavam de cair, indaguei a Enrico:

— Querido jardineiro de Ângelo e de Jesus, o que quer dizer estas folhas e folhas?

Ele, segurando minhas mãos, respondeu:

— São as inúmeras folhas dos seus livros que chegarão às mãos dos seus leitores, levando o remédio para o doente de

saudade, levando o carinho ao pai de um dependente de drogas, levando ao dependente a esperança de uma nova vida. Algumas dessas folhas você já escreveu, outras terão ainda de ser escritas. Todas elas partem da árvore de Deus. E que Ele o abençoe como também à mão que você utiliza para psicografar, mãos enrugadas pelo tempo, às vezes queimadas, em virtude dos serviços domésticos, mãos sem adornos. O único objeto que as embeleza é o lápis que corre, horas a fio, sem cessar, sem direito ao descanso, sempre ao dispor da espiritualidade, a qualquer hora, mãos simples, que seguram o lápis cientes da sua responsabilidade. Mas para Deus as suas mãos, Luiz, entrelaçadas com as da médium, levam a mensagem de amor e de paz a muitas e muitas criaturas.

As folhas caíam e junto a elas as minhas lágrimas e as da médium com quem trabalho. As folhas cobriam-me todo o corpo.

Quando percebi já estava junto à vovó e ela, muito feliz, me dizia:

— Luiz Sérgio, seja bem-vindo. Veja se descansa um pouco mais aqui, você tem trabalhado tanto!...

Não sabe a vovó o quanto tenho ainda de trabalhar. Mas aqui fico, leitor, querendo dizer-lhe:

— Obrigado pelo seu carinho. Ore por nós.

Para terminar, deixo-lhe os versículos 16 e 17 do Capítulo III de *Sofonias*:

Não temas; não se enfraqueçam as tuas mãos, ó Sião. O Senhor teu Deus, o forte, está no meio de ti; ele te salvará; ele fará em ti o seu gozo e a sua alegria, calar-se-á no seu amor, exultará a teu respeito com louvor.

Luiz Sérgio

OBRAS DO AUTOR ESPIRITUAL

O mundo que eu encontrei — Psicografado por Alaíde de Assunção e Silva
Novas mensagens — Psicografado por Alaíde de Assunção e Silva
Intercâmbio — Psicografado por Alaíde de Assunção e Silva e Lúcia M. S. Pinto
Na esperança de uma nova vida — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Ninguém está sozinho — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Os miosótis voltam a florir — Psicografado por Irene Pacheco Machado
O vôo mais alio — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Um jardim de esperanças — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Mãos estendidas — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Consciência — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Chama eterna — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Lírios colhidos — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Driblando a dor — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Deixe-me viver — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Dois mundos tão meus — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Cascata de luz — Psicografado por Irene Pacheco Machado
Na hora do Adeus — Psicografado por Irene Pacheco Machado

OUTRAS OBRAS PSICOGRAFADAS POR IRENE PACHECO MACHADO

Diálogo com Jesus — Pelo espírito Francisca Theresa
Reflexões de Jacò — Pelo espírito Jacó
Nós amamos você — Por espíritos diversos
Reflexões de Jacò II — Pelo espírito Jacó
Por que as lágrimas? — Por espíritos diversos
Alicerce da fé — Pelos espíritos Lázaro José e João Batista
Sonhos & Realidades — Pelo espírito Jacó
Uma rosa em meu caminho — Pelo espírito Rosália
Corações amigos — Por espíritos diversos
Cântico de paz — Pelo espírito Jacó
As flores também choram — Pelo espírito Jacó

**ATENDEMOS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL ATRAVÉS DO
SEGUINTE ENDEREÇO:**

LER — Livraria e Editora Recanto Ltda.
Caixa Postal 03732 70084-970 Brasília DF

NA HORA DO ADEUS

Luiz Sérgio

Psicografado por Irene Pacheco Machado

Neste livro, Luiz Sérgio demonstra sua profunda preocupação com os encarnados no momento sempre inesperado, apesar de se constituir na única certeza de todos nós: a chamada "morte".

Aos leitores de seus livros não causará surpresa o cuidado desse Espírito amigo com o bem-estar dos que vão e dos que ficam. Em todas as suas obras Luiz Sérgio tenta nos ajudar, velando por nosso adiantamento.

Luiz Sérgio nos ensina, em **Na Hora do Adeus**, a não temermos o desencarne. É muito bom saber que Espíritos treinados para o socorro de recém-desencarnados imediatamente se apresentam, acompanhando-os desde o processo de desprendimento até sua total libertação do plano físico. E essa assistência se estende a todos, evoluídos ou não, do mais virtuoso ao mais imperfeito, mostrando que realmente ninguém está sozinho.

ISBN 978-85-86475-13-9



9 788586 475139